



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO-PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS-CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-PPGEL
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA**

JOSÉ MÁGNO DE SOUSA VIEIRA

**A PROPAGAÇÃO DE UMA IDEIA: EMBREAGENS PARATÓPICAS
CONSTITUINTES DO *ETHOS* DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO
NILISTA NO DISCURSO LITERÁRIO DE *MEMÓRIAS DO SUBSOLO***

**TERESINA
2017**

JOSÉ MÁGNO DE SOUSA VIEIRA

**A PROPAGAÇÃO DE UMA IDEIA: EMBREAGENS PARATÓPICAS
CONSTITUINTES DO *ETHOS* DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO
NILISTA NO DISCURSO LITERÁRIO DE *MEMÓRIAS DO SUBSOLO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí-UFPI como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Linha de Pesquisa: Linguagem e Discurso:
Análise e Variação**

Orientador: Prof. Dr. João Benvindo de Moura

**TERESINA
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

V657p Vieira, José Mágn0 de Sousa.
A propagação de uma ideia: embreagens paratópicas
constituintes do ethos do sujeito de enunciação niilista no
discurso literário de Memórias do Subsolo / José Mágn0 de
Sousa Vieira. – 2017.
224 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do
Piauí, 2017.
Orientação: Prof. Dr. João Benvindo de Moura.

1. Parasita. 2. Sujeito de Enunciação Niilista. 3. Ethos. 4.
Paratopia. 5. Memórias do Subsolo. I. Dostoievski, Fiodor
Mikhailovitch. II. Título.

CDD 891.73

JOSÉ MÁGNO DE SOUSA VIEIRA

**A PROPAGAÇÃO DE UMA IDEIA: EMBREAGENS PARATÓPICAS
CONSTITUINTES DO *ETHOS* DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO
NILISTA NO DISCURSO LITERÁRIO DE *MEMÓRIAS DO SUBSOLO***

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Benvindo de Moura (UFPI)
Presidente

Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (UFPI)
Membro Externo

Prof^ª. Dr^ª. Maraisa Lopes (UFPI)
Membro Interno

DEDICATÓRIA

À minha tribo, à minha família, à minha mãe Magnólia, à minha cara Lanna, aos amigos, aos colegas. Vocês me tornam paratópico para poder estar em todos e não me fixar em nenhum por todo o tempo. Onde eu estou, no espaço que ocupo sem me estabilizar, lá vocês também estão. Minha tribo tem poucas pessoas e elas estão em mim como estou um pouco nelas.

AGRADECIMENTOS

A um ser invisível e perceptível em minha vida, que conspira a meu favor, o ocidente o chama de Deus e ele representa a todos nós.

À Magnólia Reute de Sousa, minha mãe, que amo tanto, de amor discreto e intenso que me estimula a vencer por ela.

Às minhas irmãs, Josélia de Sousa Vieira, Josaine de Sousa Vieira e Juliane de Sousa Vieira, entes queridas da minha família.

A meus sobrinhos, Deborah, Marjorie, Mikaelly, Lucas, Stefany, Yuri, Amanda e João Lucas, sua alegria e constante barulho fizeram eu me concentrar ainda mais para escrever.

A tia Ducarmo, pela ajuda dada de coração.

À Lanna Caroline Silva de Almeida, minha companheira, de amor indiscreto e intenso, pessoa essencial colocada por Deus em minha vida, a quem aprendi a amar e não desaprenderei nunca.

Ao João Benvindo de Moura, mais que orientador, um amigo, por acreditar na possibilidade desta pesquisa e me ajudar a seguir pelo tipo de discurso que escolhi analisar, pessoa indispensável nesta caminhada e que respeito tanto.

Aos meus colegas e amigos da turma 2015.1, pelos dois anos de convívio, compartilhamento, aprendizado e pelos laços de amizade construídos em nossa caminhada rumo à pesquisa com docência, em especial, à Deislândia, ao Francildo, à Gláucia, à Jonnia, à Layana, ao Lucas, ao Rodrigo e ao Sérgio, amigos conquistados que pretendo levar para todo o sempre.

Aos amigos com quem compartilhei as inquietações da minha pesquisa, os quais torceram pelo meu êxito, em especial Alody, ao casal Bia e Hérderon, à Denise, ao Herbert, à Marise e ao Thiago, pelas conversas, descontração, confidências e ajudas mútuas que tivemos. Vocês foram colegas de espera e amigos de uma viagem já de alguns anos e que durará o tempo de uma vida.

À família Almeida, nas pessoas de Dona Alice, Samya e Seu França, pela estadia dessa temporada de introspecção à qual eu tive que me submeter. Vocês a tornaram bem mais instigante com o aconchego desse bom lar.

Aos professores Auxiliadora, Catarina, Iveuta, Marcelo e Wander, pelo saber compartilhado e pela confiança dispensada.

À professora Maraisa, pelas três leituras de minha pesquisa, ao professor Luizir pelas contribuições dadas na qualificação de minha dissertação e ao professor Cássio pela leitura desta versão de defesa de minha dissertação. As contribuições oriundas do contato de vocês com isto que manifesto pela escrita resultarão no meu aprimoramento enquanto pesquisador.

À Capes e à Fapepi que, com o financiamento mediante bolsa tornaram a execução desta pesquisa muito mais cômoda.

E ao PPGEL-UFPI como um todo, por possibilitar a pesquisa sem necessidade da saída.

A todos, o meu muito obrigado!

O pessimismo pode ser considerado uma protoforma do niilismo porque, em seu primeiro sentido (mas não o único), niilismo significa o valor de nada assumido pela vida na medida em que é negada, depreciada; a ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, a vontade de nada que se exprime nesses valores superiores.

Vitor Ceí, 2016

O homem gosta de criar e de abrir estradas, isto é indiscutível. Mas por que ama também, até a paixão, a destruição e o caos?

...

As dignas formigas começaram pelo formigueiro e certamente acabarão por ele, o que confere grande honra à sua constância e caráter positivo. Mas o homem é uma criatura volúvel e pouco atraente e, talvez, a exemplo do enxadrista, ama apenas o processo de atingir o objetivo, e não o próprio objetivo.

Fiódor Dostoiévski, 2009

[...] o campo literário vive dessa tensão entre suas tribos e seus marginais. Através do modo como gerem sua inserção no campo, os escritores indicam a posição que nele ocupam. Existem obras cuja autolegitimação passa pelo abandono do mundo, outras que exigem a participação em empreendimentos coletivos.

Dominique Maingueneau, 2001

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as marcas discursivas que emergem da obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, verificando como o sujeito de enunciação Homem do Subsolo constrói seu *ethos* niilista. Para desenvolvimento da análise, são exploradas noções como embreagem paratópica, parasita, sujeito, *ethos*, cronotopo, heterotopia e paratopia. Os pressupostos teóricos tomam como base as discussões levantadas por Pecoraro (2007) e Volpi (2012), no que se refere ao niilismo; Maingueneau (1996a, 1996b, 2001, 2014a), quanto às categorias de paratopia, parasita, nômade e embreagem paratópica, dentre outras, relacionadas ao discurso literário; Bakhtin (2006, 2013 e 2014), no tocante às noções de palavra, evasiva e cronotopo; Foucault (2009) e sua noção de heterotopia; além de teóricos como Maingueneau (2014b), Eggs (2014), Adam (2014) e Viala (2014) no tocante à noção de *ethos* nos estudos do discurso. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa para a qual foram selecionadas 50 (cinquenta) sequências discursivas (SDs) analisadas de acordo com as teorias já mencionadas. Como resultado, pode-se apontar que as embreagens paratópicas presentes nas sequências discursivas levantam marcas discursivas com forte tendência niilista para o *ethos* do Homem do Subsolo. Este sujeito de enunciação movimenta-se no tempo-espço de modo paratópico o que permite vê-lo manifestando-se em diferentes lugares ao emanar seu discurso e, por meio dele, a ideologia niilista.

Palavras-chave: Parasita. Sujeito de enunciação niilista. *Ethos*. Paratopia. *Memórias do subsolo*.

RÉSUMÉS

L'objectif de cette recherche est d'analyser les marques discursives qui émergent des l'oeuvre *Mémoires du subsoil*, de Dostoïevsky, vérifier que le sujet de l'énonciation Homme du Subsoil construit sa philosophie nihiliste. Pour le développement de l'analyse sont explorés des notions telles que l'embrayage paratopiques, parasite, sous réserve *ethos*, chronotope, hétérotopie et paratopie avec la base des objectifs de la recherche. Les hypothèses théoriques en prenant comme base les discussions soulevées par Pecoraro (2007) Volpi (2012) en ce qui concerne le nihilisme; Maingueneau (1996a, 1996b, 2001 2014a) à l'égard des catégories telles que paratopie, parasite, embrayage nomade et paratopiques, entre autres, en rapport avec le discours littéraire; Bakhtin (2006, 2013 et 2014) concernant les notions telles que mot, évasif et cronotopo; Foucault (2009) et sa notion d'hétérotopie ainsi que théorique Maingueneau (2014b), Eggs (2014), Adam (2014) et Viala (2014) en ce qui concerne la notion d'*ethos* dans les études de discours. Ceci est une littérature et de la recherche qualitative pour laquelle ils ont été sélectionnés cinquante (50) séquences discursives (SDs) analysés selon les théories mentionnées ci-dessus. En conséquence, on peut noter que les présents embrayages paratopiques dans les séquences discursives jusqu'à marques discursives avec une forte tendance nihiliste à l'*ethos* de l'Homme Subsoil. Ce sujet de l'énonciation se déplace en mode de l'espace-temps qui permet de le voir manifester dans des lieux différents émaner de son discours et paratopique à travers lui l'idéologie nihiliste.

Mots-clés: Parasite. Sujet de l'énonciation nihilistes. *Ethos*. Paratopie. *Mémoires du subsoil*.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução..... | 12 |
| CAPÍTULO 1: AS RELAÇÕES ENTRE DISCURSO, LITERATURA E FILOSOFIA..... | 16 |
| 1.1 Um afresco sobre Dostoiéski, seu incursão na literatura russa e a obra <i>Memórias do subsolo</i> | 16 |
| 1.2 Por uma tentativa epistemológica de conceitualização do <i>ethos</i> Niilista..... | 26 |
| 1.3 A filosofia niilista na literatura..... | 60 |
| 1.4 De Parasita a sujeito: uma atualização possibilitada pelo <i>ethos</i> | 64 |
| CAPÍTULO 2: AS INSTÂNCIAS DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO..... | 66 |
| 2.1 Uma primeira instância da constituição do sujeito: o parasita..... | 67 |
| 2.2 O percurso de transmutação do parasita..... | 70 |
| 2.3 O cronotopo de Bakhtin..... | 72 |
| 2.4 A heterotopia de Foucault..... | 80 |
| 2.5 A Paratopia de Maingueneau..... | 83 |
| 2.6.1 O emergir do sujeito de enunciação como niilista por meio das embreagens..... | 101 |
| paratópicas..... | 101 |
| 2.6.2 O máximo e o mínimo da embreagem paratópica..... | 108 |
| CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA DO <i>ETHOS</i> DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO NIILISTA E DAS TOPIAS PELAS QUAIS TRANSITA.. | 109 |
| 3.1 Preâmbulo analítico: as <i>Memórias do subsolo</i> , de Dostoiévski por um prisma bakhtiniano..... | 109 |
| 3.2 O <i>ethos</i> niilista do Homem do Subsolo..... | 119 |
| 3.2.1 Marcas discursivas do niilismo..... | 123 |
| 3.2.2 O <i>ethos</i> transmutador do parasita em sujeito..... | 134 |
| 3.2.3 O <i>ethos</i> do Homem do Subsolo..... | 144 |
| 3.3 O sujeito de enunciação niilista Homem do Subsolo..... | 157 |
| 3.3.1 O parasita niilista..... | 157 |
| 3.3.2 A transmutação do parasita em sujeito niilista..... | 167 |
| 3.4 O cronotopo do sujeito de enunciação niilista Homem do Subsolo..... | 179 |
| 3.5 As duas topias do Homem do Subsolo..... | 189 |
| 3.5.1 A heterotopia do Homem do Subsolo..... | 189 |
| 3.5.2 A paratopia do Homem do Subsolo..... | 200 |
| Considerações finais..... | 211 |
| Referências..... | 214 |
| ANEXOS..... | 217 |

Introdução

O discurso literário nutre-se de elementos externos que contribuem para sua formação discursiva. Sua localização não é delimitada a não ser por razões externas necessárias para a garantia de certa estabilidade que permita que o dizer seja dito. O *ethos* do sujeito niilista analisado neste trabalho encontra-se alojado no discurso literário formado. Um sujeito de enunciação, como veremos, só pode ser legitimado discursivamente se o seu discurso emanar de um espaço discursivo que permita que o dizer seja dito. Isto faz com que um discurso tenha força, não pelo sujeito, mas pelo lugar de onde ele sai para se instaurar enquanto movimento para o âmbito sócio-histórico em que ele está propagando a si próprio. A Paratopia permite que os sujeitos, mesmo que encenem papéis semelhantes a outros já realizados no passado, não encenem nunca os mesmos papéis.

No que se refere à proposta deste trabalho, as noções de espaço e pessoa dão subsídios importantes, estas por permitirem delimitar melhor a apropriação do sujeito pela linguagem na construção do discurso niilista, aquelas por auxiliarem na noção de espaço linguístico para a compreensão da Paratopia. Para a análise proposta, foram selecionadas 50 (cinquenta) sequências discursivas (doravante SDs) do *corpus* que subsidia este trabalho, as quais proporcionaram a materialidade discursiva necessária para que vissemos pelas embreagens as enunciações niilistas do sujeito de enunciação que se caracterizam como niilistas.

As SDs são enumeradas na ordem crescente de 1 (uma) até 50 (cinquenta) usando como critério a ordem em que aparecem, ou seja, a numeração das páginas em que estão localizadas no objeto de pesquisa, *Memórias do Subsolo*. Enquanto parasita, o sujeito vive de seu parasitado, o discurso literário, buscando nele os elementos necessários para fazer emanarem seus posicionamentos, suas convicções. A maneira como o Homem do Subsolo constrói seu *ethos* contribui sobremaneira para os processos de significação e de progressão dos objetos de discurso. No que concerne aos subsídios metodológicos, esta análise baseia-se, dentre outros, em Maingueneau (1996a; 1996b; 2001; 2014a; 2014b) que traz elementos enunciativos para o estudo do texto literário. O objeto de análise desta pesquisa é o discurso literário de *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski.

O objetivo da pesquisa é inserir o sujeito Homem do Subsolo em dois pertencimentos, um máximo, em que ele centraliza sobre si a origem de suas enunciações e um mínimo em que ele apresenta um parasita para fazer emergir seu *ethos* niilista por meio de sua própria enunciação sobre o ELE. O sujeito niilista Homem do Subsolo é entendido como um nômade

discursivo acompanhado por um parasita que sofre ações do niilista evidenciando as características com as quais ele procura revestir seu *ethos*. Ele ocupa a posição de enunciador que fala de si e de outrem. No máximo ele se coenuncia ao falar de si, é o EU da enunciação. No mínimo ele coparticipa ao falar de ELE em sua enunciação.

Pretendemos adentrar nesse jogo enunciativo, focalizando não o escritor, ou o autor, mas no enunciador que se traveste de escritor e se diz autor das *Memórias do Subsolo*, o Homem do Subsolo propriamente dito, bem como o modo como ele permite ou não que personagens outras adentrem em seu discurso e perpassem a cena que ele enquanto enunciador toma para si. As marcas discursivas que identificam o parasita no discurso literário *Memórias do Subsolo* são entendidas como embreagens paratópicas, marcas do enunciado no discurso que permitem verificar nelas o acionamento de evidências enunciativas comprovadoras do niilismo no discurso analisado. A análise pôde identificar termos que servem como embreantes, isto é, palavras que acionam o avanço das marcas niilistas no nível discursivo, permitindo uma progressão enunciativa que apresenta o parasita tanto como aquele que se utiliza do sujeito niilista para nutrir-se quanto como aquele que permite a progressão de sua imagem niilista.

O trabalho está estruturado em dois capítulos teóricos e um analítico que se subdivide em três subtópicos nos quais se vê repercutida a discussão teorizada sobre o *corpus* analisado. Elementos e categorias discutidas como a ideia de parasita, sujeito, *ethos*, cronotopo, heterotopia, paratopia, embreagem e niilismo dentre outras permeiam o que chamamos “Homem do Subsolo”, sujeito de enunciação que, por meio das embreagens oriundas das SD selecionadas, marca-se enquanto niilista. Desse modo, a primeira investida analítica desta pesquisa intitulada “O *ethos* niilista do Homem do Subsolo” busca características niilistas no sujeito de enunciação. A dividimos em três subtópicos que buscam identificar as marcas discursivas do niilismo e a mudança do parasita em sujeito de enunciação.

O segundo tópico, “O sujeito de enunciação niilista Homem do Subsolo”, se subdivide em outros três sub-tópicos, nos quais investigamos o parasita niilista ainda sem legitimação para dizer e o sujeito de enunciação em si, já dono de voz e constituidor de um *ethos* por meio dos quais dirá o niilismo. Além disso, também testamos a pertinência do cronotopo para verificarmos a relação tempo-espço em que o sujeito de enunciação se marca para proferir caracteres que o marquem enquanto niilista o que fazemos ao identificar as embreagens. No último sub-tópico, “As duas topias do Homem do Subsolo”, buscamos a heterotopia, ou seja, os múltiplos espaços, lugares que o Homem do Subsolo visita e revisita para instaurar suas enunciações vencendo a finitude que o tempo tenta incutir e fazendo-se propagar

atemporalmente.

Além disso, investigamos a instabilidade do Homem do Subsolo ao se colocar entre mínimo e máximo por meio das embreagens paratópicas que faz emergirem em seu discurso. Nas Considerações Finais, fazemos um último comentário sobre as análises feitas no intuito de buscar uma guisa de conclusão da pesquisa desenvolvida.

Para proceder à análise dos dados direcionamos nosso olhar para o modo como o Homem do Subsolo se mostra duplamente enquanto ocupante dos *topoi* nas quais encena, ou seja, procuramos identificar o sujeito de enunciação niilista em dois graus um máximo, em que ele intenta inserção no mundo de legitimações e um mínimo no qual ele se deslegitima enquanto enunciante de um sub-lugar. Percebemos desse modo, que o máximo e o mínimo das embreagens paratópicas de que Maingueneau (2014) fala se assemelha com o que Charaudeau (1996) chama de duplo espaço de significação e que divide entre interno e externo. A diferença entre estes dois olhares está no foco, pois, Charaudeau estabelece essa duplicidade dentro de um quadro do ato de linguagem enquanto Maingueneau bifurca o “duplo enunciativo” por meio da materialização oriunda da emersão das embreagens que remetem ao mesmo tempo ao lugar (*topia*) e a relação instável (o paradoxo) de pertencimento do sujeito de enunciação com relação ao lugar de enunciação no qual ele enuncia.

Desse modo, partimos do contrato de comunicação enquanto algo já instaurado, sobre o qual o *ethos* fala e mostra-se por meio de sua enunciação literária confessional. As SDs são partes de enunciados mais globais, elas são elementos formadores do corpus analisado que nos permitem ver nelas as marcas que chamamos embreagens que mostram o sujeito de fala, a situação em que ele fala, a imagem que nos mostra, as saídas que busca para manter-se em construção frente aos seus interlocutores e acima de tudo enuncia o niilismo.

Ao utilizarmos as embreagens paratópicas, pretendemos observar como o Homem do Subsolo lança, propaga, de seu subsolo, de seu mundo de enunciação, o niilismo sobre o mundo físico dos que contemplam suas memórias, suas notas, seu diário, suas confissões. Entendendo a linguagem como algo empírico, nas análises discursivas desta pesquisa, nós fazemos conforme, Charaudeau (1996), a manipulação em virtude de nossa interpretação, no intuito de determinar os cortes, representados neste trabalho pelas SDs, para por meio desses cortes, ou seja, das SDs, os embreantes, as palavras que acionam o direcionamento da interpretação.

Assim sendo, os efeitos de sentido surtidos são manipulados no intuito de comprovar, através das palavras embreantes, a ideologia niilista enquanto aflorada da enunciação do Homem do Subsolo. Desse modo, categorias como *ethos*, paratopia, cronotopo, heterotopia,

embreagens paratópicas e parasita servem para indicar as marcas discursivas que emergem das enunciações presentes nas SDs que selecionamos no intuito de formar um discurso niilista oriundo dos dizeres do sujeito de enunciação Homem do Subsolo.

CAPÍTULO 1: AS RELAÇÕES ENTRE DISCURSO, LITERATURA E FILOSOFIA

Neste capítulo, fazemos uma explanação a respeito da vida e da obra de Dostoiévski no intuito de contextualizar o objeto de análise de nossa pesquisa, *Memórias do Subsolo*. Para tanto, apresentamos o escritor russo dentro de uma conjuntura sociocultural e histórica que vemos repercutida em sua obra e que entendemos como marcada por questionamentos de uma época de revoluções. Com isso, acreditamos ser possível contextualizar o *corpus* analisado. A seguir, apresentamos o conceito de discurso diluído em uma associação entre literatura e filosofia o que, para os nossos propósitos analíticos, caminha para a relação que se dá com a filosofia niilista manifestada no discurso literário *Memórias do Subsolo*. Conforme veremos, A ideologia niilista encontra no discurso literário o ambiente favorável para ser repercutida pelo sujeito de enunciação niilista intitulado Homem do Subsolo, narrador-personagem a quem é atribuída a autoria das memórias que Dostoiévski distancia de si. Por meio do presente capítulo, pretendemos sustentar a ideia de que o discurso literário é um lugar de enunciação niilista, o que poderá ser verificado nas análises.

1.1 Um afresco sobre Dostoiévski, seu incursão na literatura russa e a obra *Memórias do subsolo*

Antes de nos atermos sobre o *ethos* e a Paratopia que lhe envolve precisamos situar o contexto, as características da obra em análise e seu autor. Não é nosso foco fazer neste trabalho uma análise da obra completa ou do autor Dostoiévski, mas do *ethos* que se manifesta em *Memórias do Subsolo*, não atribuindo nossas compreensões a ele, mas ao sujeito de enunciação que se propaga como personagem e narrador. A imagem de si que analisamos é a imagem do sujeito de enunciação, não do autor. Entretanto sem uma explanação sobre a obra que constitui nosso *corpus*, o contexto em que foi publicada e seu o autor não é possível avançar no entendimento do niilismo que aflora da enunciação de *Memórias do Subsolo*.

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em Moscou em 30 de outubro de 1821. Era filho de um médico severo com quem teve desavenças que posteriormente foram confundidas com as presentes no seu romance mais extenso e complexo *Os irmãos Karamázov* cujo enredo gira em torno do parricídio e é tido por Freud¹ como o maior romance já escrito na

¹Freud (1927-1931, p. 109) assim se expressa sobre essa obra: “O artista criador é o menos duvidoso: o lugar de Dostoiévski não se encontra muito atrás de Shakespeare. Os Irmãos Karamassovi são o mais grandioso romance jamais escrito...”. *Dostoiévski e o parricídio* in *O Futuro de uma Ilusão: O mal-estar na civilização e outros*

terra. Sua família era grande e vivia isolada. Seus primeiros estudos foram repassados em casa e depois em um pensionato privado. Aos dezessete anos, o pai o levou para São Petersburgo e o ingressou numa escola militar de engenharia, onde se formou após cinco anos. O choque cultural o tornou introspectivo. Não se interessava pelas ciências exatas e se dedicava muito à leitura, o que o fez ter acesso aos principais escritores russos e estrangeiros e, conforme Chostakowsky (1948), provavelmente nessa época, iniciou sua carreira literária. Em 1844, pediu demissão do cargo de subtenente da seção de engenheiros militares de São Petersburgo, apenas um ano depois de assumir o cargo. O autor publicou seu primeiro romance *Gente pobre*, em 1846, e, tendo sucesso imediato, ainda jovem, deixou a fama lhe subir à cabeça, não conseguindo a mesma receptividade do público nas publicações seguintes, o que Chostakowsky (1948) acredita ter sido auxiliado pelo fato de escrever com urgência, já que nessa época vivia somente da escrita.

Três anos depois, Dostoiévski foi preso por envolvimento no caso que ficou conhecido como processo de Petraschévski, nome do líder de um círculo de jovens intelectuais que se reuniam para ler e discutir na casa de Petraschévski que era funcionário do Ministério das Relações Exteriores. Nessas reuniões, o assunto mais discutido era o socialismo francês. De acordo com Chostakowsky (1948), Dostoiévski participava das reuniões às sextas-feiras e versava geralmente sobre a libertação dos servos e a censura. O filme *Demônios de São Petersburgo* (2008), do diretor italiano Giuliano Montaldo, retrata bem esse episódio, bem como parte da vida conturbada de Dostoiévski. Chostakowsky (1948) não acredita que Dostoiévski ou mesmo os demais participantes das reuniões de Petraschévski estivessem planejando algum atentado como foram acusados. Mesmo assim, Dostoiévski e mais vinte e um companheiros foram condenados à morte em 22 de dezembro de 1849. Nos instantes que antecederam a execução, chegou uma comutação dada pelo tsar Nicolau I convertendo a pena em prisão perpétua. Devido a essa mudança, temos a existência de *Memórias do subsolo*. No entanto, Dostoiévski não ficou mais que quatro anos preso e, conforme Chostakowsky (1948, p. 230):

[...] Do presídio de Omsc, Dostoiévski retornou à vida com o corpo fortalecido, os nervos serenados, o cérebro mais equilibrado. Não obstante, o castigo foi extremamente pesado, tanto pelas condições materiais da existência no presídio como pela absoluta ausência de relações com pessoas cultas. Seus companheiros de pena pertenciam quase todos à plebe; o contato íntimo com eles proporcionou-lhe um conhecimento estupendo do povo russo[...]

Nos anos em que ficou confinado, Dostoiévski teve uma visão verdadeira do povo russo que ele transformará em eixo central de suas obras. Serão personagens que viverão em sua literatura. Durante os anos de prisão, Bushkovitch (2014) afirma que Dostoiévski abandonou o socialismo utópico, porque acreditava que esse movimento era muito afastado do povo e começou a se voltar para a ortodoxia que, para ele, era a religião do povo, inclusive seu apego à leitura da Bíblia reflete isso. Esse período é um divisor de águas em sua vida pessoal e literária, o que será perceptível nas publicações seguintes do escritor russo. Uma metamorfose criadora se apossou de Dostoiévski que, no entanto, não deixou de ter uma vida conturbada no período pós-presídio e, conforme Bushkovitch (2014), uma das sequelas dessa época foi o início de sua epilepsia.

Em 1854, Dostoiévski foi mandado para uma cidade chamada Semipalátinsk, ainda na Sibéria para servir como soldado raso, depois foi promovido a oficial e, nesse período, retomou sua carreira literária com a publicação, em 1857, de *O pequeno herói*, obra escrita em 1849, mas que devido à prisão do autor não fora publicada. Em 1859, ele recebeu anistia e pôde apresentar demissão e voltar à Rússia, especificamente, a São Petersburgo, onde juntamente com seu irmão Miguel começou a editar a revista *Vrêmia* (tempo) e publicou duas obras em 1861. A tendência de *Vrêmia* era eslavófila e mesmo disputando leitores com revistas já consagradas e de tendências ocidentalistas e, de acordo com Chostakowsky (1948), teve sucesso.

Bushkovitch (2014) vê nas obras de Dostoiévski uma variação do eslavofilismo, em que o escritor conclama o retorno ao solo russo e às suas tradições, o que significava a ortodoxia e, por tabela, o respeito ao regime tsarista. Entretanto, em 1863, sua publicação foi censurada, segundo Chostakowsky (1948), devido ao fato de um artigo de Dostoiévski ter sido mal interpretado. Com a morte de Miguel, Dostoiévski assumiu as dívidas ficando em uma situação financeira precária. Contudo, três anos depois sua obra mais famosa *Crime e castigo* foi publicada. Ele casou-se pela segunda vez, com uma estenógrafa e depois secretária chamada Ana Gregórievna Svítquina, Dostoiévski, fugindo dos credores que não permitiam que ele escrevesse, foi embora da Rússia e passou quatro anos entre Genebra, Milão, Florença e Dresden.

Nesse período, ampliou sua experiência ao mesmo tempo em que, de acordo com Bushkovitch (2014, p. 260): “[...] também confirmou sua visão cada vez mais negativa da sociedade moderna e individualista, irreligiosa e dedicada sobretudo à ganância”. Em meio à nostalgia e ataques epiléticos surge em 1868 *O idiota*. Em 1871, conforme Chostakowsky (1948), ao voltar à Rússia, Dostoiévski inicia o período mais tranquilo de sua vida, pois é a

partir daí que sua vida financeira e seu prestígio melhoram. Além disso, a sociedade russa (Op. Cit, p. 234): “[...] começa a considerá-lo como o porta-voz da consciência pública”. Entre 1876 e 1877, Dostoiévski edita sua revista *Diário de um escritor* e nela versa sobre os problemas sociais e políticos mais variados, inclusive Chostakowsky (1948) diz que nas edições russas completas de Dostoiévski geralmente o *Diário de um escritor* contempla todos os artigos publicados em diversos periódicos que antecederam a publicação dessa revista. Bushkovitch (2014) informa que antes de se tornar revista, o *Diário* era uma coluna regular do jornal *O Cidadão*, e o escritor russo aproveitava a oportunidade para criticar, dentre outros aspectos, a Rússia reformada.

Dostoiévski frequentava o salão político do príncipe Meshcherskii, amigo próximo do então herdeiro do trono russo, Alexandre, que se opunha às reformas do então tsar.² O próprio herdeiro do trono pagou as dívidas de Dostoiévski para que ele pudesse escrever sua coluna sem preocupações financeiras e zombasse por meio de sua escrita das reformas contestadas pelos conservadores, dentre os quais o próprio Dostoiévski, por sua vontade ou não também se enquadrrou, fato que segundo Bushkovitch (2014) só ficou conhecido na década de 1990. No *Diário de um escritor*, há muitas das reflexões das personagens de Dostoiévski feitas por ele mesmo, as quais levantam suposições a respeito da posteridade do povo russo.

Alguns críticos do *Diário de um escritor* concebem um ar profético e identificam nele, conforme Chostakowsky (1948, p. 236): “[...] uma clara previsão do irremediável de uma revolução, de uma comoção social, encarada como fato inevitável, positivo, de acôrdo com o espírito russo e de significado universal”. Das citações sobre as quais Chostakowsky fala, apresentaremos apenas uma: (DOSTOIÉVSKI, 1877, *apud* CHOSTAKOWSKY, 1948, p. 236):

[...] E, quem sabe! Senhores estrangeiros... Pode ser que a Rússia esteja predestinada a esperar até que vós acabeis; compenetrando-se, enquanto isso, de nossas aspirações; combinando vossas ideias, elevando-as a um nível de significado universal, para entrar por fim, com o espírito livre e de desembaraçado de interêsses particulares de classes e de solo, em uma atividade nova, ampla, desconhecida na história, começando por aquilo em que ides terminar e arrastando-vos a todos atrás dela [...]

Esta passagem do *Diário de um escritor* nos faz perceber o pensamento de Dostoiévski com relação ao estrangeiro, à “velha Europa”, ao ocidente. Ele não vê como Pedro, o Grande, vantagem para o povo russo em uma aproximação com o ocidente se ela

² Conforme veremos, a Paratopia do escritor insere o mesmo na condição de parasita da sociedade que precisa nutrir-se nela para dela falar.

existir. Se alguém tiver algo a ensinar ao outro esse alguém são os próprios russos, ou seja, nesses “ismos” não há eurocentrismo, mas “eslavocentrismo”. São os pensamentos efervescentes, uma tendência socialista em meio a uma Europa que se aproxima cada vez mais do endeusamento do capital que devem ser a moeda de troca russa. Podemos dizer que não era bem à Europa que Dostoiévski direcionava essa consciência, mas aos próprios russos. Para Chostakowsky (1948), esse ideário de ataque de Dostoiévski permite a compreensão de sua pouca popularidade entre os ocidentalistas, “protótipos neoliberais” de seu tempo, que protestavam contra seu pensamento. Um mês depois de Dostoiévski proferir o enunciado aqui citado ocorreu a libertação dos servos e nessa época a Rússia era (*op. cit.* p. 236) “considerada um país atrasado e meio selvagem” e ouvir um pensamento desse tipo, advindo de um russo, causava, de acordo com Chostakowsky (1948), perplexidade aos críticos russos ocidentalistas.

Entre 1879 e 1880, é publicado *Os irmãos Karamazov*, considerada a obra prima de Dostoiévski, a qual Chostakowsky (1948) adjetiva como a mais extensa e profunda obra do escritor russo. Em 1880, Dostoiévski profere um discurso antológico em que apregoa ser missão pan-humana do povo russo ressuscitar a moral da Europa. A repercussão desse discurso que, segundo Chostakowsky (1948, p. XX): “[...] nem sequer o êxito extraordinário de os irmãos Caramázov... conseguiu eclipsá-la”. A publicação da obra prima foi também o marco final da vida de Dostoiévski que morreu em 28 de janeiro de 1881, sem concluir o projeto que tinha de continuar o romance que o consagrou. Pouco mais de um mês depois, um niilista matou o tsar Alexandre II.

Cruz (2012), concebe Dostoiévski como filho do século que retrata em suas obras. O escritor russo era na visão de Cruz (2012, p. 93) “[...] filho da descrença e da dúvida” assiste a ascensão do capitalismo na Rússia e à dissolução de valores da antiga sociedade³”. Embora não intentemos analisar o niilismo de Dostoiévski, não deixamos de notar as influências dessa filosofia em seu modo de ver o mundo, sua autodefinição é niilista por si e essa característica é repassada a suas obras. Ele foi acusado de ter participado de um atentado contra a monarquia tsarista e por conta disso, passou anos preso na Sibéria fazendo trabalhos forçados.

Para Cruz (2012, p. 93) a obra de Dostoiévski:

[...] captou um aspecto básico da vida moderna: “ tudo que é sólido desmancha no ar”, como sintetizou Marx no Manifesto comunista (1848). Com a morte de Deus, esteio dos princípios éticos, a moderna humanidade encontrou-se diante da falta de um sistema de valores. O sujeito também se viu cindido entre uma saudosa interioridade e uma realidade exterior que lhe era indiferente. Como outros grandes

³ O termo entre aspas da citação anterior está presente na auto definição que Dostoiévski fez em carta que enviou a uma amiga em fevereiro de 1854 e que consta na tradução de Paulo Bezerra da obra *Crime e Castigo*, publicada em 2001 pela Editora 34. A citação consta na nota de rodapé número 75 de Vassoler (2012).

autores, o escritor russo colocou em cena o advento do niilismo, fato da modernidade [...]

Bushkovitch (2014, p. 260) acredita que *Memórias do subsolo* foi “[...] um ataque violento ao utopismo [...] mas não era uma obra calculada para cair no gosto popular; de fato sua fama só veio no século XX”. Conforme veremos nas análises, o Homem do Subsolo, fala sobre filosofias de vida que em seu tempo de enunciação estão esquecidas como o que ele chama de “vida viva”, sobre a qual ele se mostra saudosista. A desconstrução dos valores antes apregoados como morais é constantemente atacada pelo Homem do Subsolo que se mescla entre uma crítica positiva e negativa a tais valores. Cruz (2012) apresenta também o pensamento que entende o romance como a voz do moderno, seu tribunal e sua contestação e vê no romance de Dostoiévski a multiplicidade de vozes que permeia a narrativa com ideologias oriundas de campos discursivos como o social, o ético, o político e o filosófico dentre outros.

Cruz (2012) também diz, ancorando-se em Boris Schnaiderman (2009), principal tradutor de Dostoiévski no Brasil, que “[...] a fala agressiva e desordenada de um de seus mais famosos personagens, o homem do subsolo, é ouvida[...] em obras de muitos escritores da modernidade”. O que Bakhtin (2013) considera herói na obra de Dostoiévski, como veremos adiante, Cruz apresenta enquanto anti-herói, um atributo oriundo de uma linhagem, que Andrade em 2001, como afirma Cruz (2012, p. 94) seriam oriundos: “[...] da tradição do romance russo do século XIX, repleta de exemplos daqueles que se recusam à ação e isolam-se como forma de contestação”. (CRUZ p. 94, 2012) e apregoa que “Nestas personagens é notável o esfumamento das separações entre delírio interior, manifestando-se sob a forma de vozes que estilhaçam a identidade dos sujeitos, e a realidade exterior, sempre avaliada como ameaçadora e medíocre”. Como notaremos *a posteriori*, quando apresentarmos as análises, essas características niilistas são presentes no Homem do Subsolo que as embreagens muitas vezes materializam, apenas por uma questão de marcação discursiva características que “têm cheiro”, “temperatura” e (“mal”)gosto” niilista.

Não consideramos necessário para nossos objetivos de pesquisa proceder a uma fortuna crítica sobre os dizeres a respeito de Dostoiévski que vão de Freud a Nietzsche, bem como do entusiasmo que a leitura do escritor russo despertou no correr do tempo. Passamos agora a explorar o capítulo X, intitulado “A consciência de Dostoiévski” presente no *livro História da literatura russa: desde as origens até os nossos dias*. A própria ortografia da palavra “Dostoiévski>Dostoiévski” já denuncia que o tempo da enunciação que propaga um percurso até os nossos dias não é atualizado, a tradução desse texto vem do castelhano e

chegou ao português em 1948, mas é no nosso entender um lançar de olhos coerente além de ser um dos poucos disponíveis, ao menos em português, sobre a trajetória do escritor russo. Chostakowsky (1948) afirma que no final do século XIX surgiu em russo um termo que explica a enorme popularidade de Dostoiévski. A palavra é *dostoiévschina*. Esse termo foi utilizado para designar a complexidade da alma humana.

A consciência de que esse estado da alma não tem solução aparente por meio da qual entram em choque paixões, vícios, virtudes e abnegações que só são encontrados na vida e nos romances de Dostoiévski. Essa palavra de pronúncia difícil, segundo Chostakowsky (1948) quer dizer que Dostoiévski pertence a toda a humanidade e acredita que a popularidade do escritor russo só se tornou possível porque suas obras tinham, conforme Chostakowsky (1948, p. 225); “[...] o dom de tocar as cordas mais secretas do coração humano, sejam quais forem a nacionalidade, a religião, a classe social, e, em consequência, a mentalidade de seus leitores”. Desse modo as obras de Dostoiévski atingem a consciência e suas cadeias cognitivas, as “gavetas” em que o conhecimento se deposita em seções. A escrita de Dostoiévski revira todas essas gavetas, desarruma o que o ser humano ordena, desfaz qualquer ideia de estabilidade, provoca todas as experiências incutidas nessa alma, que superam o já feito, o já testado e convidam, sacodem estapeiam o homem bem regrado e todo o “engravatamento” que impõe a ordem.

Segundo Chostakowsky (1948, p. 225),

[...] É verdade que para muitos ocidentais suas obras parecem produto de pesadelos; porém aos russos tão pouco a leitura de Dostoiévski se apresenta fácil, sobretudo no princípio. É que não somente a obra, mas cada herói de Dostoiévski é um mundo, e o cérebro, como o coração, se cansa de receber impressões tão emocionantes e violentas ao virar cada página... desde sua primeira palavra, Dostoiévski indica sua pretensão, indica o caminho que quer seguir: “esgaravatar e arrancar fora as raízes” da alma humana; o que conseguiu realizar de modo magistral e nisto reside o segredo de sua imensa popularidade[...]

O caráter multifacetado das múltiplas vozes que permeiam e habitam o discurso literário *Memórias do subsolo* é esse lançar sempre para frente constante característico de Dostoiévski. Não há espaço para surpresa ou suspense. Os crimes são premeditados e a narrativa também, aliás, essa gira primeiramente em torno da consciência. Até mesmo nos devaneios, o que ele pretende mostrar é a efervescência inconstante do pensamento. O caráter violento da narração supera tudo, é impactante. Ao invés de podar os galhos, ele pretende arrancar as raízes, matar qualquer possibilidade de escurecimento que possa se apoderar da alma, da consciência. Para Chostakowsky (1948), o vigor presente em Dostoiévski é sua

grande marca de estranhamento e perpassa a ele, suas obras e as personagens que as habitam. O vigor estranho aos autores ocidentais diferencia Dostoiévski deles. Chostakowsky (1948) acredita que Dostoiévski fez uma “operação cirúrgica” na alma humana. O escritor tinha um certo desprezo pelo pensamento ocidental, ao eurocentrismo que ostenta a velha Europa bem ao contrário do Imperador Pedro, o Grande, fundador de sua São Petersburgo, constantemente retratada em suas obras, que mudara a capital de Moscou para um ponto mais próximo daquilo que se concebia Europa de fato.

O mesmo recurso que Bakhtin (2006), conforme se verá *a posteriori*, chama de antecipação da prévia da fala do interlocutor, do outro visto nas personagens, é praticado com a mentalidade ocidental, fato que Chostakowsky também apresenta ao dizer (1948, p. 226) que, “Nunca Dostoiévski, em nenhuma de suas obras, quis fazer concessões à mentalidade ocidental; seu mundo nada tem que ver com o Ocidente, e se às vezes se nota algum contato, alguma aproximação com êste, é só para afirmar sua independência em relação à civilização ocidental [...]”. Ao falar sobre o ocidente a ênfase de Dostoiévski recai sobre aquilo que é recorrente nessa parte do globo e que está começando, em seu tempo a se impregnar na parte da Terra que ele habita. Entretanto, se ambos os lados do planeta são habitados por seres humanos, em todos os seres humanos existem aspectos e caracteres comuns, assim sendo, há, em todos, defeitos e virtudes morais os quais todos os humanos compartilham.

Assim o *russismo* presente nas obras de Dostoiévski serve de polarizador, de refletor, conforme Chostakowsky (1948, p. 226) “[...] cuja luz permite iluminar os rincões ocultos da alma humana; ou, lançando mão de outra imagem, é o meio de atingir suas profundezas”. O Homem do Subsolo, materializa a profundidade vigorosa da escrita de Dostoiévski que tanto atrai o leitor. A escrita dostoiévskiana é uma experiência e ninguém passa por ela alheio ao que ocorre na consciência coletiva e individual, embora não reside, visita o subsolo da alma. Isso é natural aos russos e experimentado pelo ocidente.

O principal fator, como podemos notar, que Chostakowsky (1948) atribui a Dostoiévski é a consciência. Bakhtin (2006) apresenta dentre as várias características desse escritor, a polifonia. Acreditamos que é justamente pela consciência que se atinge a polifonia, ou melhor, só nos apercebemos das diversas vozes que habitam o discurso de Dostoiévski, porque ele nos apresenta a consciência bruta e angustiante da natureza humana. Chostakowsky (1948) afirma que Dostoiévski baseou-se no “humilhado e ofendido passivo” de *O capote*, de Gógol, para apresentar heróis também humilhados e ofendidos, só que desempenhando papéis ativos de indignação com o estado de coisas em que viviam. Nisso acredita que Dostoiévski atingiu o realismo, pois conseguiu mostrar por meio de sua

enunciação, até que ponto podem chegar os sofrimentos oriundos do vício e das virtudes do ser humano, e intenta provar sempre que até o ser humano mais humilde é capaz de praticar das mais baixas às mais nobres atitudes da alma humana, desde que se deixe levar pela consciência.

Chostakowsky (1948) afirma que, durante os quatro anos em que ficou preso na Sibéria, Dostoiévski guardava debaixo da almofada um exemplar do Evangelho que lia todos os dias. Essa era a única leitura permitida na prisão e acredita que a “luz do Evangelho” juntamente com o sofrimento que vivenciou na prisão o fez se livrar da hipocrisia humana e atingir o conceito de vida sincero que se propaga em suas obras. Dostoiévski defendia, e isso se manifesta em suas obras, que apenas o arrependimento total poderia salvar o homem que assim atingiria a mais alta moral e se distanciaria da mais baixa característica da existência humana que é o apego ao material.

Os pobres, os humildes, aqueles que são párias da sociedade são muitas vezes retratados em suas obras como os de caráter e moral superiores a qualquer nobre. Ao percebermos em suas obras tantas vezes uma apologia à desestabilização das normas, ele o faz justamente para que a consciência tome conta de tudo, ou seja, para que se entenda que um nobre e um pobre podem ser ambos virtuosos e deploráveis em termos de moral e ética dentro da sociedade. Chostakowsky (1948) vê em todas as personagens e em todas as obras de Dostoiévski uma consciência “lúcida e ativa”. Por meio de suas atitudes, veem tudo o que cerca a vida em sociedade, e a “ativa” das personagens não se dá por meio de atos heroicos, mas através da consciência que eles têm do que é no homem e do que desperta nele os sentimentos que vivem.

A consciência, segundo Chostakowsky (1948), antes de Dostoiévski era desconhecida na literatura, ou melhor, às personagens que não fossem nobres era vedada uma atuação consciente, somente os heróis poderiam lidar com o baixo “clero” porque detinham uma “moral inabalável”, eram “incorruptíveis”. Dostoiévski, segundo Chostakowsky (1948), levou aos párias a possibilidade de pensar, de lutar com a consciência, além disso, interessava ao escritor russo algo além das questões estéticas, que era fazer chegar até seus leitores as vozes da consciência dos heróis de suas obras para que esses refletissem sobre o que está por traz do modo como Dostoiévski escreve. O estilo de Dostoiévski, segundo Chostakowsky (1948, p. 228),

[...] é apressado e nervoso ao extremo, como se lhe faltasse tempo para reler o que sua mão impaciente esboça, alongando-se em dissertações que parecem intermináveis, e até supérfluas e inúteis, que tantas vezes são pesadas ao leitor, desde que este não percebe aonde o leva o autor [...] quando, de repente, numa volta

do caminho escabroso, uma luz inesperada surge e ilumina o quadro inteiro, dissipando as trevas de uma noite de pesadelos[...]

Tais características ficam ondulando nos efeitos de sentido que surtem em quem recepciona a obra de Dostoiévski e a angústia que o enunciador sente toma conta das sensações do leitor. É como se ele quisesse copiar o estilo das linhas tortas, percebemos um tremor na escrita, os mesmos impactos que se vê na vida se lê na obra literária. A incoerência no discurso de Dostoiévski é uma aparência, não uma evidência. Um devaneio sempre diz mais do que materializa. Ler Dostoiévski é um teste de resistência à dureza, ao embate consigo mesmo, é um tomar consciência do que se é e não se quer ser ou vice-versa. É como se alguém em quem confiamos nos dissesse o caminho e o seguíssemos fielmente, mesmo pensando que esse alguém estava errado até nos depararmos com o destino e percebemos que o errado éramos nós mesmos. A angústia se esvai e a clareza das ideias antes inconcebíveis passa a ser tão forte que nos ofusca os olhos.

1.2 Por uma tentativa epistemológica de conceitualização do *ethos* Nilista

A palavra *ethos* etimologicamente vem do grego *eto/ethos*, significando o costume, o uso, as características, o modo de ser, o temperamento, as disposições interiores, aquilo que é de natureza emocional ou moral. O espírito que anima uma coletividade, instituição. Na visão aristotélica, *ethos* tem a ver com a "honestidade" que um orador mostra no discurso, ou seja, o caráter honesto que exhibe para ser digno de nota apreciativa do auditório. Eggs (2014) defende que o *ethos* é inerente a todo discurso humano. De fato, é impossível falar sem por meio desse ato de fala externar algo de si mesmo, se a fala é, como na própria visão de Saussure (2011), um ato fisiológico que perpassa o psíquico e o lógico, ao lançar fora de mim as palavras, algo de mim sairá com delas.

O tom da minha voz dirá sobre mim, tanto quanto a inserção da palavra no contexto dirá da história em que me insiro ou tento me afastar. Meu tom de voz será comparado com meu corpo, minha face, meu eu e junto com as impressões que surtirão em toda essa conjuntura que me constituem em *ethos* no outro que contempla os efeitos que me revestem. Porém, mais do que dizer e falar por meio do discurso o sujeito se constitui.

Para Moura (2012) além de ser a imagem de si que rumo à persuasão de um outro, o *ethos*:

[...] corresponde à construção de uma imagem de si destinada a influenciar um determinado público e, assim como o *pathos*, consiste num recurso utilizado para desencadear a emoção através do discurso. Numa acepção mais ampla, a noção de *ethos* está diretamente ligada à noção de comportamento, ou melhor, a uma imagem do orador fomentada por um conjunto de normas éticas que regulam a conduta do indivíduo na vida social[...] (MOURA, 2012, p. 57)

Eggs (2014) localiza o *ethos* dentro do *logos*. Para ele, se *ethos* é imagem de si, *logos* é fala, discurso, mas é também a razão e seu exercício, é lógica por meio da qual o orador se mostra de acordo com os elementos que elenca para se tornar visto. Nesse sentido devemos revisitare *A Retórica*, de Aristóteles, nos atendo às suas discussões em torno dos argumentos por meio dos quais o orador intenta persuadir os interlocutores, bem como a *phrónesis* enquanto prudência e constituinte do *logos* e ao conhecimento aprofundado, a *areté* enquanto virtude que expressa o *habitus* positivo e pertencente ao *ethos* e a *eúnoia* enquanto benevolência e pertencente ao *pathos*. Moura e Mello (2013) dizem que toda situação comunicativa, mesmo que não tenha a intenção de convencer, pois querendo ou não, exercem de algum modo influência ao tempo em que orientam modos de ver e de pensar. Quanto à persuasão, os autores afirmam que a mesma função nela presente pode ser atribuídas à

argumentação (MOURA; MELLO, p. 16): “[...] assim como a argumentação começou a ser praticada no instante em que o homem lançou mão da comunicação e da linguagem no mundo”. Desse modo, a linguagem tem dentre suas funções, dentro de um processo de interação fazer com que um EU por meio de sua argumentação influencie um TU por meio da persuasão que é uma característica da retórica das línguas.

Eggs (2014) vê um problema terminológico quanto a um equivalente em português para a *eúnoia*, entretanto, aproxima a ideia que esse termo aglutina semanticamente recaindo em nossa língua sobre palavras como *obsequiosidade*, *amabilidade*, *simpatia* e, principalmente, *solidariedade*. O outro que simpatiza com o locutor, sujeito falante de uma dada enunciação, se dispõe a lhe prestar serviços no intuito de agregar contribuição ao ideário que este “EU” apregoa caso precise. Entendendo enunciação nos moldes Ducrotianos como (DUCROT, 1987, p. 89) “[...] a ação que consiste em produzir um enunciado, isto é, dar a uma frase uma realização concreta”, temos que enunciação é uma ação que produz um resultado, o enunciado para que ela possa ser vista no plano da materialidade discursivo-enunciativa. Assim para prestar um favor, sendo amável e comprando a simpatia do “EU” que fala aquele com quem se fala demonstra solidariedade à causa.

Quanto à *phrónesis*, Eggs (2014, p. 34) defende que o orador a mostra quando: “[...] encontrar argumentos e conselhos *razoáveis*, isto é, apropriados a uma problemática concreta e, por princípio, única. Ele persuadirá mais à medida que o ouvinte tiver a convicção de que ele parece expor esses argumentos com “virtude”, isto é, *honestamente* e *sinceramente*”. Assim, quando diante de um tópico discursivo levantado, o orador trazer argumentos convincentes que cubram o imbróglio que o tópico traz à tona de um modo que provoque nos demais partícipes a aderência convincente e do orador aflorar a “verdade” mais límpida significa que sua argumentação saiu a contento.

O tópico discursivo é um tema marcado, ou seja, é um lugar no discurso a ser rodeado de elementos que o façam seguir seu caminho, sua progressão. O tópico é uma referência, um norte da bússola, que nos faz idealizar a terra firme onde o sentido precisa se sustentar. É sempre por meio da remissão ao tópico discursivo que o núcleo se faz. O tópico pode ser fisgado quando o embreante surge, mas mesmo surgindo e ressurgindo, mesmo se formando e reformando, se transformando, a constituição de um *ethos* é sempre um ir para frente deixando marcas de derme no caminho.

A *areté*, como já associamos alhures, remete à honestidade, que Eggs (2014) atravessa pelo termo *epiēikeia* e associa ao *ethos* propriamente dito. A tendência da *areté* que tomaremos doravante por *ethos* é partir do gancho de verdade em que a *phónesis* se ancora

para fisgar de lá também a honestidade, a ética que constitui a sinceridade da argumentação. O *ethos* deve ser honesto, verdadeiro para que os partícipes por meio da aderência convirjam com ele. O *ethos* é, de acordo com Eggs (2014, p. 37), “[...] disposição ética por excelência, garante que os conselhos sejam justos, equânimes e apropriados a cada situação [...]”, ou seja, aquilo que o orador, que tenderemos a chamar de sujeito de enunciação, constrói como lógica, dá ao discurso a qualidade que vem da prudência no dizer que transmite aos partícipes honestidade e verdade, valores oriundos da *phrónesis*, ao que diz ao mesmo tempo em que torna os conselhos presentes em sua argumentação equilibrados atraindo para si uma imagem virtuosa, honesta, sincera.

O emergir discursivo desses pontos é imprescindível para a argumentação, do contrário não pode o sujeito de enunciação lograr êxito em sua construção argumentativa e, por tabela, não cativa o interlocutor naquilo que se não é ao menos deveria ser comum aos dois por meio do discurso, as tópicas, isto é, as normas que fazem o outro inferir sobre o que se diz.

Eggs (2014) faz uma ressalva quanto ao caráter do convencimento oriundo do *ethos* que para ele não é o mesmo que manipulação, pois o sujeito de enunciação não se dá a aparência de honestidade e sinceridade, mas se apresenta como tal servindo quase que de instrumento para que a verdade (*phrónesis*) e o justo (*areté, epieikés*) se imponham. Segundo Eggs (2014), os *topoi*, ou seja, as regras de inferência, interagem nos atos de “aconselhar o verdadeiro e o justo” no sentido de inspirar confiança sendo inatos a todo discurso humano e para ele (*op. cit.* p. 39): “[...] é preciso *se mostrar, apresentar-se e ser percebido* como *competente, razoável, equânime, sincero e solidário*. Quando um orador consegue manifestar essas dimensões, eu falo de *integridade discursiva e retórica*”. Por meio desse caráter, diríamos “persuasivo”, o *ethos* age no outro e repercute nele um apanhado de verdade e justiça que incute nas crenças e saberes que já estão nesse Outro um quê de valoração daquilo que não é novo, mas que depois de enunciar-se pelo EU torna-se consciente em ambos. Nesse ponto, o Outro se vê como co-partícipe do estado de coisas que o orador traz à tona, mas que sempre os envolveu.

Eggs (2014) afirma que para realizar o *ethos* moral devemos realizar, por tabela, o *ethos* neutro, essa neutralidade, conforme veremos ao tratarmos da *palavra* na visão de Bakhtin, não significa que o *ethos* opera no vazio, sendo um mero recipiente em que são incutidas etiquetas que o constituem, mas como o elemento que ao ser recontextualizado deixa encobertas as marcas de um outro contexto para repercutir outras, ou seja, um *ethos* não pertence a um só mundo de sentidos, mas a muitos. Utilizamos um *ethos* moral em um

contexto dado para atingir um propósito dado, mas que não será jamais o mesmo em outro lugar, em outro tempo, em outro sujeito.

Para persuadir o Outro, o *ethos* precisa ser neutro, no sentido de se desvencilhar de amarras que o prendam e o limitem a dizer mecanicamente apenas uma coisa quando inumeráveis coisas a se dizer o habitam. O objetivo traçado em um momento particular será o foco a ser atingido, assim o *ethos* convencerá por meio do discurso e as estratégias traçadas devem ser lúcidas e objetivas para que no debate das ideias apresentadas repercutam bem a moral. É nesse sentido que Eggs (2014, p. 39) apresenta a concepção aristotélica que defende que, “[...] o homem tem uma tendência natural para o verdadeiro, o bom e o justo”. Ele se ancora no pensamento aristotélico para parafrasear a ideia de que é mais fácil provar e convencer o que é melhor e verdadeiro. Daí a relatividade da verdade, já que uma mentira pode se travestir de verdade e vice versa por meio do modo como o *ethos* a apresenta. O sujeito tem uma tendência para o parecer digno de nota que rumo ao apresentar-se honesto. Ele intenta sempre deixar de parecer para o que de fato se apresenta como aquilo que é verdadeiro. Mostrar-se verdadeiro, mesmo que esse mostrar-se seja “mal” e “bom”, é o único jeito que o *ethos* tem para poder argumentar.

Maingueneau (2014b) acredita que o *ethos* ultrapassa os limites persuasivo e argumentativo. Para ele, há uma adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva que dentro de dada reflexividade enunciativa provoca uma relação entre o corpo e o discurso. Maingueneau (2014b) vê uma insuficiência na instância subjetiva que se instaura via discurso quando o analista enxerga nesse processo apenas o papel desempenhado sem se ater também para o modo como o sujeito se manifesta como “voz” e “corpo enunciante” que deve ser circunscrito em um contexto histórico específico. A enunciação que emerge de todo esse aparato, para Maingueneau (2014b), validará ao tempo em que faz progredir a imagem.

Ao refletir sobre o *ethos*, Maingueneau apregoa que haja um processo de incorporação no que tange à relação de constituição do *ethos*. Para Maingueneau (2014b), o ato de persuadir pelo *ethos* envereda para o mostrado, ou seja, embora a enunciação não permita a explicitude incontestável do dito é por meio dela que ele pode ser vislumbrado. Maingueneau (2014b) também salienta que devido ao caráter “mostrado” do *ethos*, pois o outro constrói representações dele antes mesmo que ele fale. Ao atentar para a noção de *ethos* discursivo, o autor propõe que todo discurso escrito tem uma vocalidade específica que remete a uma fonte enunciativa particular, e é o tom com que esse discurso é proferido que diz de quem ele sai, que mostra quem o disse.

Ao se determinar a vocalidade, indica-se também um corpo do enunciador, e nesse ponto Maingueneau (2014b) faz uma ressalva ao dizer que quando trata desse corpo não o associa ao do autor efetivo. Para exemplificar isso, podemos dizer dentro de nossos propósitos, que o corpo do Homem do Subsolo não é o corpo de Dostoiévski, do mesmo modo que o tom do enunciado daquele também não é o mesmo desse, mais insistentemente apregoamos também que a fonte da enunciação de que o Homem do Subsolo emerge não é Dostoiévski, mas as ideologias que permeiam todo o fazer discursivo de um autor, um enunciador, um inscritor, um escritor que não podem fazer muito mais que selecionar para a feitura do que materializam.

Na leitura daquilo que se materializa em discurso e em enunciado surge o fiador que por meio do *ethos* que pode vir a extrapolar a dimensão vocal e adentrar nas instâncias físicas e psíquicas que a coletividade atribui à personagem (orador), aqui mais direcionada ao sujeito enunciador. Esse fiador, aquele que agregará garantia ao *ethos*, se torna evidente, público e notório por meio das marcas e indícios textuais e lexicais, e isto nós aproximamos à noção de palavra de Bakhtin (2014) e de embreagem paratópica de Maingueneau (2001, 2014), adquirindo corpo ou melhor corporalidade com postura, modo de vestir, falar, andar pelo espaço físico e social, assim sendo, visualizamos sua Paratopia, sua inconstância em permanecer em um lugar só, mas de ficar em dado espaço ao menos para que se tire uma foto que nos permita construir dele um *ethos* para dar-lhe corpo quando já não estiver em nossa frente.

O caráter está associado aos traços psicológicos enquanto que a corporalidade tem a ver com o físico e ambos estão relacionados ao *ethos* que para ser construído deve se ancorar em construtos sociais valorizados ou não em que a enunciação se sustenta para reforçar ou transformar. Nesse sentido, o *ethos* se adequa às situações em que adentra atraindo para si características que se encaixem no polo positivo ou negativo com o objetivo geral de constituir sua imagem por meio do reforço ou da transformação nunca abrupta, mas contínua, mutante e aprimorada.

A incorporação para Maingueneau (2014b) está presente no modo como o coenunciador se relaciona com o *ethos* de um discurso que dá um corpo ao fiador, permite que o coenunciador incorpore características específicas ao se relacionar com o mundo por meio do próprio corpo que habita. O corpo do fiador e a incorporação do coenunciador que se relaciona com o mundo da enunciação por meio de um corpo que já possui, permite a eles e à pretensa comunidade com que se relacionam e compartilham ideias levando essa comunidade a aderir a um discurso. Esse pensamento de Maingueneau (2014a) nos permite entender um

esquema em que: o corpo do fiador se constrói por meio da enunciação; o coenunciador que já tem um corpo e adentra na enunciação que gera o corpo do fiador e com ela se relaciona experimentando todo um conjunto de conjecturas que lhe são apresentadas e que tendem a fazê-lo aderir ao ideário que por meio delas se propaga para por fim acordar com o fiador e propagar com ele todo o ideário de que passam a compartilhar por meio do discurso que juntos apresentam à comunidade discursiva.

Conforme defende Maingueneau (2014, p. 73):

[...] O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela “doutrina”; as “ideias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido. O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer[...]

Desse modo, podemos compreender como o *ethos* deixa perpassar nele os efeitos de sentido. O texto está além da contemplação, além da atividade passiva de uma estabilidade ilusória que o torna imanente sempre certo e de sentido unívoco e inalterado. Texto é atividade de interação, de enunciação, e nesse âmbito apenas por meio de um vínculo entre participantes e não entre contempladores ou meros espectadores, ele se movimenta, faz um percurso que pode começar em mim e chegar ao outro disparando uma carga significativa que vai de encontro ao corpo em que se propaga e que o absorve em parte e lança de volta a filtragem do contato entre dois seres comunicantes e por meio deles atinge o audível.

Os sentidos que o discurso propaga quando um sujeito diz se espraiam no mundo da enunciação como no mundo físico ancorando-se no *ethos* e nas ideias que seu construto elenca para formar o discurso. Não saímos da imaginação no discurso, mas este imaginário é o modo que o sujeito encontra para realizar-se no domínio enunciativo, onde não há corpo físico e o corpóreo só se manifesta pelo dizer sobre onde o mostrar-se é enganoso, onde os meandros de um percurso são instáveis e as certezas só podem ser buscadas por meio das palavras inseridas em discursos que elevam lapsos de enunciações.

Imaginando um discurso como o fenômeno que se dá em uma barreira, a enunciação é o que vai de encontro a essa barreira, até que algo eleve o nível do volume. Tudo o que se dá no volume é condição para que a superfície exista. Os sentidos dos discursos não são a barreira, nem o volume, muito menos o nível, mas está em tudo isso impregnado. No volume constam a história, a cultura, a língua(gem), a ideologia. Na superfície estão as embreagens,

as palavras, os enunciados, enfim, está a colheita. O sujeito, emergindo e submergindo no volume sinuoso que se forma e permite o vislumbre, é aquele que usa a materialidade oriunda dos usos daquilo que se vê na superfície e no volume e permeia de modo paradoxal, nos tópicos, nos cronos, nas subjetividades sempre indo para frente, mesmo quando olha para trás não apaga nada, apenas remete ao já vivido enunciativamente.

Ao usar um dêitico, remete sem estar lá no remetido, mas como se já lá tivesse pisado antes. Ao caminhar para frente o sujeito olha para trás e para o que ainda não está visível, premedita o que pode ver, mas sempre está indo, nunca voltando. Se uma palavra diz mais do que o que está dito, não é nela que reside o dizer, mas nos outros. Nesse sentido, é que ela é neutra e os sujeitos não o são. O *ethos* depende dos outros para dizer. Alguém deve dar garantia de que ele é justo e digno de nota. A Paratopia é a possibilidade que o sujeito tem de habitar no mundo sem se fixar ao tempo em que deixa rastros sobre outros rastros que uma arqueologia futura poderá identificar, que uma interpretação vindoura poderá desvendar, essas marcas lhe dão vida na enunciação e sobrevida no mundo físico em que ele pode dizer algo desde que haja algum fiador que lhe dê segurança para dizer, que o dê, frente aos outros, o poder que lhe falta e sobre o qual poderá recair toda a culpa do que o *ethos* mostrar. O fiador é a garantia que o mundo impõe, é a ponte que o sujeito precisa para mostrar-se por meio do *ethos* e por ele dizer ao mundo os pensamentos que querem sair dele que já não os suporta sozinho. Enunciado, fiador e sujeito de enunciação formam uma “trindade” que garante a passagem das ideologias do mundo das ideias para o mundo real.

O fiador permite que a noção de *ethos* extrapole os limites impostos pela dicotomia oral/escrito, pois, conforme Maingueneau (2015), adentra na articulação entre corpo e discurso. Tradicionalmente, o *ethos* é vinculado à oralidade, à voz daquele ser subjetivo que profere inserido em cenas e cenografias sem se separar nem por um instante do corpo enunciante tido como um construto histórico determinado. Maingueneau (2015) defende o alargamento do conceito de *ethos* de modo a também adentrar nos textos escritos, esse intercâmbio permite uma mina de efeitos de sentidos a ser explorada.

De acordo com Maingueneau (2015), o texto escrito sempre apresenta vocalidade e esta se manifesta por meio de um leque de tons que, por sua vez, se associam à caracterização do corpo do enunciador e a um fiador cuja imagem o destinatário constrói por meio de índices, arestas, embreantes que a enunciação libera sobre os outros para que eles fiquem a imagem, o sentido, o tom, etc. O *ethos* assim se recobre de “carne”, é encarnado e pode transitar no mundo físico e discursivo quando seus resquícios são lançados nos mundos físico e enunciativo. Ele deixa de ser somente verbal e se transfigura em físico e psíquico, ele se

mostra e tem como protetor e validador aquilo que Maingueneau (2015) chama de fiador, o responsável por atribuir ao *ethos* caráter e corporalidade.

As características que são lançadas sobre o *ethos* são para Maingueneau (2015) uma espécie de feixe que lhe mostra a face psicológica enquanto que a corporalidade permite uma compleição física bem como uma vestimenta. Além disso, o *ethos* se move no espaço social por meio de seu comportamento e, nesse ponto, conforme salienta Maingueneau (2015, p. 19): “O destinatário [...] a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica [...]”.

A corporalidade necessita do destinatário, do outro para que o *ethos* se faça visível e valorizado no intuito de que a adesão repercuta nos partícipes da interação. O *ethos* aciona um mundo ético que se vincula ao fiador. Este, por seu turno, serve de ponte, de ligação, entre aquilo que o constitui, o que faz parte dele e ao que permite ao outro acessar por meio de si mesmo. Nesse ínterim, as situações estereotípicas, aquilo que é trivial de ocorrer em dadas circunstâncias, são acionados na memória coletiva dos interlocutores e fazem com que os partícipes tenham um comportamento adequado ao que se preconiza por convenção ao momento ou que o deturpe, mas sempre conscientes do comportamento apropriado e que deve(ria) ser seguido.

A incorporação é, para Maingueneau (2015, p. 18): “[...] a maneira como o intérprete – audiência ou leitor – se apropria desse *ethos*”. A incorporação é vista por Maingueneau (2015) entrelaçada com a corporalidade que a enunciação da obra, aqui vista enquanto aquilo que, por meio do discurso, se torna em constituinte, assim podemos dizer que a enunciação atribui corporalidade ao ser manifestante, enunciante presente em um discurso literário, filosófico, religioso, político, científico, etc que lhe permite um posicionamento corpóreo. O *ethos* incute um quê de físico que possibilita um estar entre os seres corpóreos e os objetos que habitam e fazem parte do mundo.

Por meio da corporalidade manifestada pela enunciação, Maingueneau (2015) afirma que o fiador adquire um corpo por meio do qual ele transita sob regras que não pertencem a ele e por meio das quais ele pode existir no mundo, proferir no mundo, nos moldes de Austin, dizemos que no ato de proferimento, de enunciação, o ser que fala é um ser que faz, um ser de existência. Se o ser habita o mundo, ele também habita o próprio corpo e, por meio dele, o destinatário incorpora o que vem de fora dele e do Eu, o social, o convencionalizado que lhe

permite a assimilação do que Maingueneau (2015) chama de “conjunto de esquemas” que são compartilhados pelos membros de um grupo.

Estamos diante de dois modos de incorporação: um que se inscreve na enunciação da obra e que dá corpo ao que valida aquilo que o *ethos* defende, e outro, que provoca a aderência do destinatário e faz com que o dizer de um EU da enunciação tenha valor provocando nesse EU e em seus OUTROS uma sensação de “ter razão”. Há assim uma incorporação de um corpo que se espraia no EU de “meu corpo” que não é a marca, mas aquele que fala da marca e sobre ela impõe uma imagem e um corpo sobre o qual, via aderência, o discurso age e forma um discurso outro mesclado num discurso que ao invés de ser só “meu” passa a ser “nosso”, passa a ter valor, passa a circular em um grupo. O discurso incute no destinatário as impressões que sensibilizam e fazem os demais aderirem ao dizer por meio do que é dito.

Conforme Discini (2015, p.36):

[...] Para os estudos do discurso, o ato de enunciar e a imagem decorrente do enunciador vinculam-se ao conceito de mimese... a mimese compreende toda e qualquer representação de mundo, simbólica por excelência. Mesmo o mundo é entendido como enunciado construído pelo homem¹. Os textos, sejam, por exemplo, da esfera literária ou da esfera jornalística de circulação de sentido, subentendem a mimese. Por isso o *ethos*, que se dá a perceber numa totalidade de enunciados, confirma-se como representação e mimese. O *ethos* decorre da imagem do orador construída pelo auditório e veiculada pelos textos proferidos por esse mesmo orador. Mas a língua na qual os textos são criados é um sistema de representações, já que a palavra não substitui as coisas que ela nomeia; ela as cria. Determinado conjunto de enunciados constrói o *ethos* como o que há, segundo a faculdade humana de simbolizar... ator da enunciação é o sujeito do estilo, o *ethos*[...]

Entendendo a mimese aqui rasteiramente/suscintamente enquanto a representação da realidade, aproximamos essa ideia da que rodeia o discurso no transcórre do ato de enunciação que ele media e arbitra. O discurso não é uma representação do mundo, está mais próximo da órbita das ideias que o permeiam e que se imbricam com o mundo. Nesse emaranhado de interrelações cujos sentidos sensibilizam, afetam, surtem efeito. O mundo em si não é uma construção do homem, mas um dá-se conta da existência do mundo que se externa por meio de atos elocucionários.

O homem constrói enunciados na tentativa, sempre vã, de dar conta de tudo o que o permeia e que na verdade ele permeia. Desse modo, o homem crê, às vezes, ser o mundo um enunciado que ele criou, e, se assim não proceder, o sentido não surte efeito no outro. Assim, Discini (2015) vê uma permanente relação entre a mimese e os textos sobre os quais os discursos posam e propagam seus sentidos. Os textos tendem a “representar” algo que está fora deles e neles”. A mimese permite a representação da “realidade” sem jamais sê-la. Se o

ethos não é real na vida, ele o é no discurso, na enunciação. Ele representa o corpóreo no subjetivo. O *ethos* se deixa perceber nas enunciações e as representações do que há no mundo são a confirmação do *ethos* por meio do discurso. Ao tempo em que os textos representam uma realidade, nisso está a mimese, eles dão os elementos para que a incorporação do *ethos* seja manifestada.

O orador é o sujeito enunciativo de uma situação de enunciação. A imagem que constitui esse sujeito é o *ethos* e essa “corporalidade” que se visualiza recebe do auditório “poções” imagéticas que juntamente com o próprio discurso que é proferido constroem a imagem de si desse EU da enunciação. O texto que se materializa nesse interim interacional serve também de caminho para o *ethos* passar com o discurso. Discini (2015) apregoa que a língua enquanto sistema constituído por elementos que permitem no máximo a representação não deixa que a palavra substitua o que representa, mas que recrie a coisa em um outro mundo. O mundo da enunciação. O *ethos*, nesses moldes, segue o mesmo caminho que as palavras na língua, a de simbolizar, por meio do que materializam mediante a faculdade humana, o que deve ser construído para fazer sentido. O *ethos* simboliza a imagem de si no discurso, mas não é a imagem em si.

A imagem é corpórea. Desse modo, o *ethos* precisa de elementos como a incorporação para se fazer presente no “entre-mundos” que se estabelece em suas manifestações discursivas. Ele está entre a enunciação e o físico e é formado por ambas instâncias, a do palpável e a do enunciável. O sujeito é o *ethos* que ganha corpo e transita entre os outros que falam, que se utilizam de tons distintos para atingirem propósitos distintos que tem como finalidade nuclear, atingir o outro, inculcar nele ideias, provocar nele questionamento, adesão, chamar sua atenção, fazê-lo ir com ele.

Mainueneau (2014b) vê o discurso como um acontecimento inscrito na história, na sociedade e que não pode se desprender da legitimação que só a cena discursiva permite. Se todo acontecimento histórico, seja real ou fictício só pode existir para as pessoas quando o discurso que representa enunciativamente o que se deu de fato no real, o discurso está escrito pela língua e pelo que se vivenciou e inscrito na história da sociedade por conta do acontecimento que o gerou ou foi gerado por ele. A inscrição é o cravar em “madeira”, é a marca histórica que repercute no sensorial e o “pintar” sobre o cravado é a escrita que permite a vida do agora no amanhã marcado na língua e no mundo que se torna vivido, sentido e “discursivizado”.

Mainueneau (2014b) também apresenta uma ideia instigante de *ethos* que extrapola o oral com corporalidade que podemos aglutinar aos nossos propósitos. Trata-se do *ethos*

escritural que se contrapõe ao verbalismo do primeiro, pois desprovido de um corpo tal *ethos* não tem senão a enunciação para dizer no/para o mundo. Enquanto o *ethos* oral detém o poder da fala imediata que se propaga em um locutor de carne e osso, encarnado, o segundo só tem existência com o auxílio direto do outro e de sua imaginação que atrai para ele indícios textuais oriundos do conhecimento que compartilham com o mundo e a cena que representam. O *ethos* escritural puxa o embreante que, por seu turno, também o puxa. Os embreantes acionam ideias que remetem a textos outros, a discursos outros e geram a inter-relação entre aquilo com que eu me deparo e aquilo a que eu chego e que me chega, um carregamento de sentidos incessante a espera de serem vistos.

Maingueneau (2015) considera “trivial”, “simples” a explanação que geralmente serve de âncora para as discussões sobre o *ethos*, a de que ele é a “representação” que o locutor faz de si mesmo e que tenta controlar. Para Maingueneau (2015), essa característica que chamamos aqui de primordial do *ethos* é intuitiva e permeia o senso comum. A noção de *ethos* é uma espécie de sustentáculo de todas as discussões que envolvem o ato de enunciação. Dentro dos propósitos comunicativos que envolvem a persuasão, o *ethos*, na visão de Maingueneau, não está para o indivíduo, mas para um grupo de indivíduos.

Não interessa agradar ou convencer pelo *ethos* a um, mas a vários. Nos mesmos moldes que na visão saussuriana, é só na massa que a língua se constitui de fato, é também só na “massa” que o *ethos* tem valor persuasivo, através da aderência de um público, de um plural que o *ethos* provoca um chamamento. Se um vocativo não é um falar de um sujeito, mas um falar para alguém que não se mostra em ação num enunciado, o *ethos* não intenciona proferir discurso a um indivíduo, mas ao conglomerado de pessoas que se abram e já estejam pendendo para o seu dizer.

Por esse meandro, podemos ver Maingueneau (2015) focando o *ethos* tomando a frente de um acontecimento enunciativo e concebendo o ser imagético enquanto uma instância por meio da qual irradiam, se propagam sequências de imagens atualizadoras da inscrição daquilo que um sujeito apresenta, mostra, vivencia.

O *ethos* está na enunciação sendo sempre discursivo porque se constrói por meio do discurso na interação com o outro, na influência que incute no outro e que se manifesta sempre em uma conjuntura socio-histórica que se dá em uma situação de comunicação delimitada, por conta disso Maingueneau (2015) apresenta o *ethos* como noção discursiva, processo interativo e noção fundamentalmente híbrida. O autor vincula o *ethos* a uma reflexão sobre o processo de adesão.

Maingueneau (2014b) acredita que o *ethos* recebe uma grande atenção no discurso literário e que esse discurso proporciona uma transfiguração de outros tipos discursivos que permite que nele o *ethos* aflore vigorosamente ao paço que em outros tipos discursivos como o filosófico o *ethos* pode ser “profanado”, “violado” pelo interesse e a intenção “dissecativa” que ruma sempre para a explicação. O autor vê, por exemplo, o *ethos* profético de Nietzsche distanciando do que caracteriza o discurso filosófico, provavelmente, o Zaratusa nietzscheano só profere do modo como o faz porque está desvencilhado do que é marca do discurso filosófico e é abrigado pelo tipo discursivo literário. O sujeito enunciativo se desapega de vestimentas discursivas fixadas pelo crivo científico e adentra no tom que permite que sua natureza instável se locomova fugindo da fixidez tendenciosa que priva o mesmo sujeito no outro tipo discursivo de ao menos querer ser dono do seu dizer. Para Maingueneau (2014b, p. 75):

[...] O enunciativo não é um ponto de origem estável que se “expressaria” dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado... o *ethos*... é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência[...]

O enunciativo é paratópico, dialógico, fala de um lugar, de um contexto, é legítimo, precisa de um suporte para que seu enunciado circule e propague. O enunciativo está atrelado ao *ethos* sem sê-lo de fato e ambos são constituintes da cena de enunciação que o discurso media. O que Maingueneau (2014b) denomina “vocabulário” associamos à “palavra” de Bakhtin e às próprias embreagens, por meio das quais o sujeito enunciativo que fala no *ethos* e por meio deles difunde as implicações de sua existência enunciativa. A relação entre sujeito enunciativo, as palavras enunciadas que servem de embreantes, o *ethos* que esse sujeito constrói, o tempo e o espaço que lhe embaçam o discurso, mas que também lhe seguram na mão, são todos atravessados pela enunciação, pela cena que marca o momento pela palavra, pelo tom, pelo sujeito e inscreve, instaura o sentido que a todos abala, comove, irrita.

A instabilidade é como se fosse um trem em movimento que só sai do lugar porque a locomotiva ou o puxa ou o empurra. Ao puxar temos um embreante ou um dêitico, ao empurrar, temos uma Paratopia e se não houver todos eles, a enunciação se esvai, porque ninguém mais a leva. Os enunciados circulam porque na interação os sujeitos os trocam e o mercado ideológico das palavras trocadas entre sujeitos constrói *ethe* diversificados que a ação do tempo na enunciação segue marcando, sobrecarregando-os, deixando sua

corporalidade pesada e os forçando a se refazerem sob pena de ficarem para trás, sendo puxados pelo já ido ao invés de irem para o lugar paradoxal e incerto que valida a enunciação.

O *ethos* pode assumir uma cenografia derrotista como o que se mostra por meio do Homem do Subsolo. Maingueneau (2014b) diz que os gêneros literários exigem sempre uma cenografia de duplo valor. Primeiro enquanto uma noção nos moldes do teatral acrescida da “grafia”, ou melhor, da “inscrição” por meio da qual a enunciação se inscreve, se caracteriza, se legitima no lugar onde ocorrem as inter-relações. Segundo, a enunciação se instaura por meio da progressão enunciativa. A grafia é tanto o quadro em que se dá a formalização quanto o processo que se desenrola no quadro e fora dele e que o influencia a formar discursos.

Maingueneau (2014b) apresenta o desenvolvimento da cenografia dizendo que ela própria controla até onde se desenvolverá garantindo um distanciamento entre ela e o coenunciador que não pode agir repentinamente sobre o discurso, o que Maingueneau observa com nitidez na modalidade escrita em que o coenunciador não pode intervir no modo como o enunciador fala nem sobre o que ele aborda, já que este enunciador não está fisicamente presente. O discurso escrito já está formado e materializado em forma de texto.

Conforme Maingueneau (2014b, p. 77), “Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”. O lugar e o tempo da enunciação na cenografia só podem se dar por meio da enunciação e esta se utiliza da escrita.

Quando falamos de discurso literário, ele é manifestado por meio da escrita com que se inscreve na obra. Este é o mundo da “grafia” e que a 'ceno', 'crono' e 'topo' ajudam a compor, atestando que a linguagem intenta trazer para si o que também pertence ao mundo. As embreagens marcam no mundo da enunciação os elementos que são visíveis no mundo real. Para que o sujeito mostre-se real, ele deve estar inserido em um tempo e em um espaço que a enunciação no discurso constrói e ilude o leitor, mesmo que este saiba que o que lê não é real em seu mundo, mas em um outro em que os estados de coisas transcendem qualquer impossibilidade, o mundo que se encena no discurso literário. Isso não significa que a enunciação só se dê na escrita, mas como para os nossos propósitos analíticos estamos aqui tratando do *ethos* escritural achamos oportuno encarar mais essa possibilidade de aplicabilidade.

Maingueneau (2014b) também acredita que o discurso “supostamente” surja na “cenografia”, já que a enunciação no discurso não faz mais que propagar nele algo que a habita e precisa tocar o discurso para sentir o mundo real que visa refletir, mas esse surgimento não

pode se fazer interpretado ou mostrado se no cenário da enunciação também não existir a representação do tempo(crono) e do espaço(topo) por meio do instrumento gráfico, da palavra, da embreagem que constrói muito do elemento discurso e da cena por meio da qual o discurso se propaga para os interlocutores.

Um ator é um fiador e assim sendo o *ethos* enquanto imagem de uma marca que se exhibe, se mostra para um grande público. Ocorre um entrelaçamento entre a marca, ou melhor a credibilidade, o fiador e o *ethos* que se dá na cenografia ao mesmo tempo realçadora deles que lhe dão funcionalidade e existência, ou razão de ser. Maingueneau (2014b) vê a cenografia como uma espécie de origem do discurso que se mostra engendrado ou fundido nela. É como se houvesse uma via de mão dupla onde as trocas de favores são a manutenção da subsistência do discurso e da cenografia. Um empresta ao outro e por tabela, um é dependente do outro de modo que a cenografia legitima o discurso que deve legitimá-la também. Assim a cena em que uma fala, um dizer se propaga é de acordo com o que se esperava dela, como se um contrato tivesse sido firmado e o tipo discursivo houvesse encomendado uma fala de acordo com as convenções de seu espaço discursivo. Maingueneau (2014b), desse modo, entende que o conteúdo que o discurso desenvolve particulariza e valida a cena e o *ethos* que nela fala e é na cena e pelo *ethos* que os conteúdos se propagam nos interlocutores.

Maingueneau (2014b) entende a expressão do *ethos* por meio do tom que pode ser pacífico, doce, amargo, etc, que vai se distinguindo dos demais por meio de sua cenografia e do próprio *ethos* que se apoia em uma representação corpórea enunciante, incorporada em sua enunciação. Um *ethos* da doçura como o que Maingueneau (2014b) analisa em São Francisco de Sales ou um *ethos* do niilismo como o que analisamos neste trabalho, se apoiam na exposição do corpo enunciante. A interação entre aquilo que se manifesta por meio da enunciação e o leitor que o *ethos* atrai para a cenografia o fazendo vê o que o *ethos* inscreve em seu “mundo” vai aderindo de modo progressivo a esta instância enunciativa que constitui o dito mundo que ao constituir uma enunciação particularizada exclui todas as outras anulando as possibilidades de não aderência do leitor/interlocutor ao que se propaga no discurso e este legitima o dizer ao desenvolver o universo de sentido ao elencar cadeias de possibilidades enquanto constituintes de seu processo de formação⁴ discursiva que para

⁴ De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 240) “A noção de formação discursiva foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro a análise do discurso”. Neste trabalho a tomamos por seu uso menos restrito. Desse modo, seguimos a premissa de Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 241-242) para quem o termo formação discursiva: [...] permite designar todo o conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos

Charaudeau e Maingueneau (2014) em uma concepção interdiscursiva só se constitui e apenas se mantém pelo interdiscurso⁵. A leitura é uma forma de imersão no universo de sentidos da enunciação em que e que o *ethos* encena e no/do qual o discurso quer participar e por isso faz surgir.

Maingueneau, (2008, p. 177) afirma que:

O discurso sempre se confunde com sua emergência histórica, com o espaço discursivo no interior do qual se constituiu, com as instituições através das quais se desenvolveu, com os isomorfismos em cuja rede ele foi envolvido. Se uma dessas condições faltar, a identidade de uma posição enunciativa se desfaz. A reedição das obras humanistas devotas faz delas um fragmento de uma formação discursiva, aquela a cujo serviço foram incorporadas; ela não pode suscitar uma ressurreição.

Isso significa que o discurso está sempre imbricado em toda uma conjuntura da qual ele emerge. Se ele estava dentro de algo, germinou da terra e se desenvolveu nutriu-se e se instaurou em alguma instituição cujos elementos constituintes compartilham substâncias. Para Maingueneau (2008), a possibilidade de enunciar se vê imbricada em todos os elementos constituintes do discurso e se torna impossível enunciar plenamente sem uma de suas partes. Uma obra literária é um “fragmento” de um discurso que pertence a um universo imensurável de possibilidades discursivas. Assim sendo, se um tipo discursivo como o literário ao sair de outra instância discursiva, limitar-se a refletir sua origem, rendendo-se a seu domínio, não deixará de ser dela uma parte que a orbita, ou seja, será uma parte de uma instância mais abrangente e possuidora de outros domínios, uma nova formação discursiva, que dela se servirá.

A formação discursiva sob o prisma de Maingueneau (2008) incorpora fragmentos de discursos outros e os coloca a seu serviço, a seus propósitos e essa relação é meio durável na cena de enunciação em que se aloja e passa a significar e a delimitar num momento específico, um grande afloramento de discursos já ditos dos quais o discurso do “agora” se alimenta e ressignifica. A origem de um discurso: “não é a primeira, apenas uma como qualquer outra que não morreu, nem foi substituída e que mantém sua função de levar até o caule os

proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos padrões, dos camponeses etc.”

⁵ Em Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 286), o interdiscurso é visto de modo mais abrangente seria: “[...] o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero*, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita. Esse interdiscurso pode dizer respeito a unidades discursivas de dimensões muito variáveis: uma definição de dicionário, uma estrofe de um poema, um romance... [o] “sentido discursivo” [vale] tanto para as locuções ou os enunciados cristalizados ligados regularmente às palavras, contribuindo para lhes dar “um valor simbólico” [...] quanto para unidades muito vastas. (grifos nossos).

nutrientes de permanência” (VIEIRA, 2015, p. 181). Há um atrito entre o já dito e o que se virá a dizer com o que o já dito disse. A formação discursiva é também na visão de Maingueneau (2008), uma espécie de terreno de sentidos:

[...] pobre, sem cessar dragado e redragado. Por pouco que se autonomizem os enunciados em relação a sua inscrição histórica, é-se levado a um universo sem pontos de referência, sem laços estáveis, o mesmo da história das ideias tradicional, em que tudo pode remeter a tudo em uma vertiginosa gratuidade. Maingueneau (2008, p. 177)

Os sentidos são potencialmente ligados aos elementos constituintes da formação discursiva na qual, em um primeiro momento, tudo é significativo para tudo e nada está preso a nada. Mesmo incipiente, o terreno das formações discursivas não deixa de ser explorado pelos produtores de discurso. No intuito de buscar gerar efeitos de sentido em seus interlocutores eles absorvem, se preciso for, até o último limiar significativo restante.

As formações discursivas, na visão de Maingueneau (2008b), são unidades não tópicas, ou seja, não é possível indicar fidedignamente o ponto onde começa nem onde termina uma formação discursiva. O autor entende que unidades como o discurso racista e o discurso colonial, por exemplo, são delimitados apenas por fronteiras estabelecidas historicamente por quem os estuda. Maingueneau (2008b) diz ser possível falar em formação discursiva quando um pesquisador mistura *corpus* de arquivos distintos, essa inclusive é para ele a mais adequada aplicabilidade para o termo, que geram *corpora* heterogêneos que por sua reunião em *corpora* ganham uma unificação de nível superior que terá um único foco que tenderá a fazer com que os diversos textos por meio dos quais o discurso se materializa venham a convergir. Assim sendo, imaginamos que *Memórias do subsolo* é um arquivo de onde foram retiradas as sequências discursivas analisadas nessa pesquisa que unificadas por um único propósito, a análise, constituem o *corpus* analisado. As sequências discursivas são, ao serem unificadas em um foco único, uma formação discursiva por meio da qual se investiga o objeto de análise, isto é, o *corpus* possibilita encontrar o niilismo que “governa a fala dos locutores” do discurso literário analisado.

Para explicar melhor essa concepção de formação discursiva, Maingueneau (2008b) atenta para o significado do termo “formação” no intuito de distanciá-lo de uma mera derivação de “forma” ou “formal” por considerar a “formação” discursiva não estática. O enfoque do analista quanto à natureza da formação discursiva, na visão do autor é dicotômica. De um lado as formações discursivas unifocais, em que existe a onipresença de foco em um único tema governando a fala dos locutores e do outro as formações discursivas plurifocais em que mais de um conjunto discursivo compartilham uma visão de mundo, porém pertencem

a gêneros e a tipos discursivos diferentes. Esses dois tipos de formações discursivas, no entanto não se excluem, pelo contrário, corroboram entre si mutualmente. Podemos dizer que uma obra como *Memórias do Subsolo* e a temática niilista de um Pecoraro ou de um Volpi não têm os mesmos propósitos comunicativos, mas compartilham em certos termos, de uma mesma visão de mundo. De algum modo, conforme Maingueneau (2008b), para que se proceda a uma análise que gere uma formação discursiva com *corpora* diferentes dos quais se extraia o *corpus* de uma pesquisa,

[...] relacionar [...] dois conjuntos de textos seria produtivo de um ponto de vista da análise do discurso, sem que fosse necessário postular que tais conjuntos constituíam a manifestação de um mesmo princípio escondido [...] dois focos estavam ligados (do contrário, o fato de relacioná-los seria arbitrário), mas suas diferenças não eram anuladas em proveito de uma unidade superior (MAINGUENEAU, 2008b, p. 19).

Dois “arquivos” diferentes podem compartilhar um mesmo assunto. Essa característica, ou seja, o fato deles abordarem um mesmo assunto sob prismas diferentes, faz com que tratem de uma mesma visão de mundo. Assim sendo, uma mesma temática, como o niilismo, é encontrada em diversos tipos discursivos tais como: o discursos filosófico e o discurso literário. A diferença é que na presente pesquisa o discurso literário é onde tiramos o *corpus* e o discurso filosófico é onde tiramos parte de nosso aporte teórico. O que alia os tipos discursivos em uma unidade superior, uma formação discursiva é o foco analítico discursivo. Ambos se coadunam para justificar a análise. Vilela-Ardenghi (2014, 192) ao tratar da dicotomia das formações discursivas afirma “Postular “um mesmo sistema de regras” para um conjunto de textos aí reunidos é, assim, uma das possibilidades na unifocalização” e diferencia esta da plurifocalização da seguinte forma:

[...] a diferença entre a plurifocalização e a unifocalização residiria no fato de que as análises neste cenário teriam por objetivo central mostrar, ou até mesmo justificar, o princípio que originou o agrupamento, enquanto na plurifocalização – considerando que em momento algum se tentou “unificar” os materiais reunidos – o analista deve “apenas” responder as questões inicialmente propostas (VILELA-ARDENGI, 2014, p. 193)

Com isso, percebemos o quanto a concepção de Maingueneau de formação discursiva se direciona para os pressupostos metodológicos da pesquisa em Análise do discurso. Por meio da formação discursiva unifocal ou plurifocal se define o *corpus* a ser analisado. Mas como dito alhures, uma escolha de análise não exclui a outra. Uma pesquisa pode ter interesse tanto em saber os princípios geradores do conglomerado enunciativo de um *corpus* quanto a

um questionamento como o que norteia essa pesquisa. A diferença será a importância maior ou menor dada aos dois caminhos disponíveis.

Existe uma espécie de olhar sobre a maneira como um sujeito de enunciação evoca aquilo de que compartilha e sugerir por meio dessa invocação o *ethos* do enunciador. Ao falar para um público cristão, o locutor/orador/sujeito de enunciação utiliza o exemplo de Cristo, e este passa a ser seu fiador quando a evocação é utilizada para o compartilhamento de ideias. A aderência ao ideário que se envolve com o *ethos* e a cena de enunciação resulta em um discurso efetivo que Maingueneau (2014b, p. 82) entende como sendo: “[...] aquele que, pelo discurso, os coenunciadores, em sua diversidade, constituirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos”. Assim o que se mostra (o *ethos* mostrado) e o que se diz (o *ethos* dito) pelo discurso são possibilidades de contribuintes do *ethos* que a depender dos outros com quem estabelecerá uma relação, uma interação poderão ser tidos como explícitos ou implícitos, mas na realidade serão mais não explícitos porque não extrapolam plenamente suas pretensões ao dizerem.

Para mostrar-se por meio do discurso, a incorporação intenta dentre outras coisas fazer com que seu interlocutor, leitor, ouvinte, assimile o que o corpo pretende mostrar por meio da sua esquematização corpórea, atrair o interlocutor para que ele adentre no mundo imaginário que está sendo propagado enunciativamente, via embreagens, palavras e *ethos* para o mundo real e partilham das mesmas ideias sobre a visão de mundo que está sendo contestada ou aprovada por meio da enunciação. Assim apregoa Maingueneau (2014b, p. 88): “Os diversos *ethé* que evocamos atuam necessariamente em conjunturas “carregadas”, que permitem a incorporação de um leitor tomado, por seu próprio ato de leitura, no movimento de enunciação”. O *ethos* passa por um processo de assimilação imagética em sua constituição envolvida em diversos contextos em que caracteres diversos se precipitam sobre ele a cada movimento sempre 'zigzagueado' da enunciação.

O leitor, ao se ver envolvido pelo discurso que seu ato de interação com a leitura provoca, torna-se partícipe desse movimento e agregador do *ethos* efetivo, ou seja, daquele por quem o sujeito de enunciação perpassa para chegar ao mundo físico em que se configura como *ethos* mostrado por meio do qual ele passa a ter direito a proferir palavras.

No tocante ao discurso literário, Maingueneau (2014b) acredita que o *ethos* tem um papel importante, pois está em sua natureza a instauração de mundos tornados sensíveis através do processo de enunciação. O *ethos* é participante da vida imaginária do corpo enunciante que ocupa no discurso literário. O corpo e a experiência de mundo estão entrelaçados na construção do *ethos*. Há uma necessidade de o enunciador assumir-se como

alguém para denunciar uma conduta, para defender uma doutrina, para posicionar-se frente às possibilidades e elencar os caracteres de sua constituição para progredir discursivamente.

As ideologias não param diante de uma cena e começam a desenhar uma imagem que as representa, elas tentam ainda que de modo frustrado uma aderência naquilo que já é vivo no entre-mundo, no entre-lugar, faíscas ideológicas saem da verbalização desde que o sujeito de enunciação permita que elas saiam por meio dele e se propagam nos outros juntamente com outros ideários de que ele também compartilha. Assim sendo, o sujeito de enunciação não é só um instrumento, mas também participante de um processo que o revigora e reformula o *ethos* ininterruptamente a cada cena de enunciação de que participa.

Os mundos em que o *ethos* e o discurso literário que ajuda a constituir se tornam em efeitos de sentido, são sensibilizados e não obrigados a compartilharem da enunciação e do que a impregna. Assim, também o sujeito de enunciação é sensibilizado pela ideologia e tem arbítrio para aderir ou não ao que lhe é compartilhado. Maingueneau (2014b) acredita que o leitor participa “fisicamente” do mundo da enunciação, do mundo do fiador e é captado pelo discurso do *ethos* que inscreve, implica, insere o seu coenunciador na cenografia “ethérea”. Maingueneau traz ainda a fala de Meschonnic que diz (1993, *apud* MAINGUENEAU, 2014b, p. 90): “[...] pela voz, a significação precede o sentido e o marca. As palavras estão na voz. Como a relação, precede e marca os termos. É o que faz a entonação”. A voz é o processo acústico que se propaga ao sair de dentro de um ser físico e nesse âmbito fônico residem as palavras e a relação entre elas e as coisas embora, esteja antes dos termos precisa marcá-los por meio de uma associação “nome>aquilo no/do mundo” inscreve-se neles e na memória coletiva que os pereniza como designando o que são, mas que também não são.

O tom com que a palavra é proferida reconfigura a palavra adaptando seu uso a um contexto dado e ela em cada inserção enunciativa estará sempre sendo outra em uma materialidade linguística inconstante, entretanto, mais estável que o uso que dela é feito. Assim, a palavra ao ser incutida na entonação não só da voz, mas também da escrita, a palavra se torna inscrição que se ressignifica por meio do tom em que é usada. Entendemos a subjetividade enunciativa, como Maingueneau (2014b, p. 91):

[...] Por sua própria maneira de se enunciar, o discurso mostra uma regulação eufórica do sujeito que o sustenta e do leitor que ele pretende ter. O *ethos* faz passar esquemas que se supõe que agem à margem dos conteúdos, mas que impõem uma figura à fonte do verdadeiro: o universo do discurso toma corpo ao colocar em cena um discurso que deve encarnar sua verdade por meio da enunciação, que não pode ser acontecimento e persuadir, a não ser que ela permita uma incorporação[...]

Como podemos ver, o modo de enunciar o discurso evidencia o ideário do sujeito, bem como a destinação, ou melhor, o coenunciador que é sua vontade ter. Como não fala ao léu, o

enunciador previamente imagina um público-alvo que possa concordar com o que ele está dizendo. Desse modo acreditamos que “a subjetividade é o modo como o ser físico, a pessoa física se apropria da linguagem para, a partir dela externar-se como sujeito. É o modo como o sujeito se veste da linguagem para ter valor e com este valor ter vez no âmbito da enunciação” (VIEIRA, 2015, p. 184). O Homem do Subsolo, acreditamos, mesmo quando age zombeteira, irônica e insanamente no trato com o leitor, não quer que ele o abandone, mas que se desvencilhe daquilo que o enunciador critica. Os leitores pretendidos são os que tornem-se conscientes e sigam pelo mesmo caminho que ele. A “verdade” do enunciador vem à tona quando um corpo se mostra, quando um *ethos* encena na cena de enunciação o discurso que encarna suas convicções, que o caracterizem como um ser que se mostra verdadeiro pelo que diz, pelo que enuncia e que só pode interferir no percurso do outro, persuadi-lo, acontecer no outro, gerar mudança quando seu corpo deixa que todos os outros atributos constituintes do processo de formação discursiva repercutam no sujeito, incorporem nele.

Adam (2014) traz o *ethos*, o *pathos* e o *logos* enquanto componentes indissociáveis que constituem a argumentação. Para ele, a persuasão é polarizada por uma tríade por meio da qual a pirâmide argumentativa se instaura. A argumentação tem como propósito “apaixonar” nos termos aristotélicos, ou convencer, persuadir os interlocutores, o auditório. Evidentemente que dependendo do texto a tendência a priorizar ou o *ethos* ou o *logos* ou o *pathos* interfere na composição, no estilo e na verbalização, ou seja, qualquer esquematização discursiva se inscreve no modo como a tríade de polos se circunscreve dinamicamente por meio do norteamento tendencioso que caminha para um dos componentes da argumentação. É como se a argumentação estivesse cercada pelo *ethos*, o *logos* e o *pathos* e eles a protegessem e sustentassem garantindo enquanto recipientes que seu conteúdo, a argumentação, não transborde até atingir seu propósito de apaixonar, manipular, iludir, persuadir, convencer etc. Assim, argumentação e persuasão e/ou manipulação não dão no mesmo.

Por meio da palavra proferida temos o *ethos* do orador; pelo *logos* a razão por meio de argumentos que tendem ao incontestável e o *pathos* entendido como sendo o método, ou melhor, os procedimentos retóricos que acionam ou incutem a paixão, a persuasão dos interlocutores.

Adam (2014) também ao tratar da esquematização discursiva, conceito associado à ideia de representação por meio do discurso do que seria um “acontecimento” inscrito na história e escrito no discurso que também o inscreve. Por meio do conceito de esquematização discursiva, Adam (2014) acredita ser possível aproximar as teorias da análise do discurso, inseridas na perspectiva linguística, à da retórica e argumentação. A esquematização

discursiva, devido ao nosso enfoque, adentrará prioritariamente sobre o *ethos* do sujeito de enunciação. Para Adam (2014, p. 96):

[...] Qualquer “atividade discursiva” origina uma esquematização; remetendo esse último termo tanto a um processo quanto a um resultado. Definir o objeto da análise de discurso menos como um *enunciado*, um *texto* ou um *discurso* do que como uma *esquematização discursiva* é, deliberadamente, reunir, em um mesmo termo, a enunciação como processo e o enunciado como resultado. A substantivização do verbo “esquematizar” enfatiza o duplo sentido de um objeto que os termos enunciado e enunciação separam, e que os conceitos de texto e de discurso não comportam absolutamente[...]

A enunciação é vista assim como um processo, como uma esquematização que, na visão de Adam (2014), é o objeto da análise do discurso. O ato de “discursivisar” traz à tona a esquematização, ou seja, em detrimento daquilo que seria uma forma preconiza a análise das relações, em nosso caso, entre *ethos*, *pathos* e *logos* e as funções de cada um no processo, na enunciação. Há dessa forma um “sistema discursivo”, cujos elementos acionados no processo que permite gerar produtos, os enunciados que são o resultado das atividades que ocorrem dentro da esquematização discursiva. O esquema permite sintetizar o que se processa no percurso é o cerne da questão que envolve o discurso. Para Adam (2014), a esquematização permite atrair para seu núcleo a enunciação e o enunciado assim como o texto e o discurso que passam a orbitar o esquema ao invés de delimitarem-se em suas fronteiras.

Dentre as características das palavras, podemos dizer que está a de segregação, isto é, nos moldes de Saussure (2011) um signo é o que um outro signo não é, desse modo uma palavra é usada para tentar dizer o que uma outra não pode por ser desprovida da mesma semanticidade daquela que é trazida para a cena de enunciação. Desse modo, o ato de dar nome a algo tende sempre a diferenciar por meio de termos, de palavras, as coisas, pelo que umas têm de atributos que falta em outras.

O que Adam (2014) propõe é que o termo esquematização discursiva englobe, sem encapsular (sem separar do mundo da enunciação), dentro do esquema que o discurso inserido na atividade interacional que o contempla, o processo gerador de enunciados que materializam o discurso mostrando um *ethos*, os argumentos convincentes que se amparam numa aparência de lógica e racionalidade, numa retórica bem sucedida, ou seja, nas expressões “cristalizadas” testadas, aprovadas e exitosas de que outros já se utilizaram e lograram a aderência, o convencimento para que os interlocutores seguissem os seguissem e se afastassem deles por qualquer pretensa crise de identidade que incomode a zona de conforto de uma dada área.

Ao invés de andar com cautela entre domínios epistemológicos distintos com medo de os confundir no que lhes pretendem tornar mais distintivo que os traços fonológicos, a

esquemática traz para seu domínio os termos enunciação, enunciado, texto e discurso no intuito de utilizar-se deles pelo que eles podem contribuir para atingirmos nossos objetivos e naquilo que não puderem, podemos deixá-los em paz e seguir caminho buscando diálogos com outras áreas.

No trato com o discurso, Adam (2014) observa a impossibilidade de separar um discurso sem correr riscos, já que todo discurso está ligado a outro(s) e pertence a uma cadeia discursiva em que o analista intenta focar sua pesquisa sobre um “planeta” dentro de uma constelação. O discurso é uma espécie de fonte de remissão a diversos outros discursos. O discurso está na história, na sociedade, na vida pujante ou vegetativa, dialogando constantemente com outros discursos. Adam (2014) entende que a representação discursiva, ou seja, o esquema constituído que a esquematização simboliza o escopo, o recorte de uma realidade, assim, todo discurso funciona como um “microuniverso”. Adam compartilha do pensamento de Grize (1996) para quem (ADAM, 2014, p. 102): “Uma esquematização tem [...] sempre uma dimensão descritiva. Mesmo arriscando-se a uma descrição cujos elementos são imaginários, o autor deve, em todos os casos, se dedicar à escolha dos aspectos que representará, ele deve selecionar os traços pertinentes de sua referência”. Por meio do esquema podemos focar em unidades discursivas de um discurso sem nos atermos ao isolamento desse recorte para com os outros, mas para por meio dele descrevermos e elencarmos as características que atribuem, por exemplo, a um *ethos*, como o que estamos analisando nessa pesquisa como sendo um niilista. Embora seja uma imaginação, o discurso literário, por ser uma manifestação enunciativa de uma realidade provável, mas não vivenciável fidedignamente no mundo real.

Entretanto, o discurso literário representa por meio dos enunciados que saem da enunciação caracteres que permitem fazer referência ao que intentamos apalpar sem poder, mas visitar sem estar necessariamente lá, mas emergidos pelo processo de interação leitor enunciação que permite ao discurso literário enquanto constituinte, legitimar seu dizer. A dimensão analítico-discursiva se vê desse modo, inserida numa descrição dos elementos que representam algo ligado pela enunciação ao mundo físico e ao que a obra permite que se tenha acesso ainda que aos lapsos de memória que dele e por ele se manifestam para os que dialogam, interagem com o discurso literário.

Cada ponto identificado, materializado no discurso deve passar pelo processo de esquematização discursiva no intuito de ancorarem-se em noções que façam os interlocutores seguirem no mesmo direcionamento e provoquem a transformação e a evolução das próprias noções analisadas. O *ethos* do sujeito niilista analisado em nossa pesquisa sofre as

transformações, atualiza a premissa de niilismo de que partimos no intuito de constituir-se enquanto tal sem necessariamente ter consciência de que se mostra niilista por querer, mas pelas ações e tomadas de consciência que tem.

Abrimos aqui uma ressalva sobre o que Adam (2014) denomina signos linguísticos e preferimos chamar de embreantes nos termos de Maingueneau (2014a) e de palavra na perspectiva bakhtiniana⁶, para não seguirmos apenas utilizando as terminologias enquanto sinônimas. Para nós a parte relevante desses termos é o fato de que elas servem de atualização do *ethos* em seu percurso no discurso literário analisado. Desse modo, não iremos adentrar nessa perspectiva de Adam (2014), apenas a aproximamos daquelas sobre as quais nos debruçaremos *a posteriori*.

Viala (2014) apresenta um elemento que contribui para o entendimento do modo como os interlocutores aderem ou não ao que o *ethos* a partir de seu posicionamento apresenta e intenta convencer pelo que mostra, a saber: a adesão, sobre a qual assim inicia sua discussão (VIALA, 2014, p. 167): “... em sentido amplo... conjunto dos efeitos de crença em uma opinião e, em sentido mais estrito, consiste em atribuir uma crença à posição na qual alguém se encontra”. Ao opinarmos sobre algo incutimos a crença de que o ponto de vista que defendemos é o adequado e intentamos formar o nosso discurso com o propósito de convencer por meio da argumentação que além de crença, lidamos com uma “verdade” comprovável pela argumentação lógica e racional que procuramos sempre incutir no *ethos* do sujeito de enunciação.

Antes de prosseguirmos no trato da adesão e da eloquência galante de Viala (2014), achamos oportuno fazer algumas explicações a respeito da crença e do saber no que se refere aos estudos enunciativos que enveredam pelas modalidades apreciativa, deôntica e epistêmica, nos atendo principalmente sobre esta última. Acreditamos que, dessa forma, seremos mais exitosos no trato da adesão associando-a a crença.

A modalidade pode ser definida didaticamente enquanto ponto de vista do sujeito falante sobre um dito ou conteúdo proposicional sendo constitutiva da significação fundamental (CERVONI, 1989). A modalidade apreciativa: “se refere à atribuição, por parte do enunciador, sem juízo de valor em relação ao estado de coisas expresso pela relação predicativa” (NEVES, 2009 *apud* NEVES, 2012). Esta autora também entende a modalidade epistêmica enquanto dependente daquilo que o falante sabe sobre o mundo e só assim tal

⁶ Iremos discorrer sobre a visão de Bakhtin (2006, 2013, 2014, 2016) adiante.

modalidade pode ser possível e, parafraseando Ilari e Basso (2008), apregoa também que a noção de verdade deixa de ser absoluta para ser necessária e possível.

A modalidade deôntica está relacionada a normas e por conta disso acaba se materializando linguisticamente em enunciados que expressivamente apresentam um caráter de obrigação, proibição etc. Ao que parece a modalidade deôntica é manifestada enunciativamente de modo impositivo indicando tanto obrigação quanto inclinação. A modalidade epistêmica caracteriza-se pela validação enunciativa e a interrogação retórica. Nesta modalidade, o falante se distancia do valor de verdade que seu enunciado possa ter, pois tal valor deve ser validado pela própria enunciação através de elementos linguísticos como os léxicos. Tal validação da assertiva proposicional nesta modalidade sofre gradações verificadas linguisticamente que associamos às noções de embreantes e palavra que discutiremos em outro momento.

Segundo Cervoni (1989), o termo epistêmico vem do grego e significa conhecimento. Este autor afirma ainda que a modalidade (CERVONI, 1989, p. 61) “[...] é uma determinação que concerne à verdade da proposição que ela afeta... o linguista deve sempre dar a máxima atenção à morfologia, à sintaxe e ao léxico, enquanto o lógico não está preso a esta obrigação.” Este pensamento de Cervoni (1989) permite-nos direcionar a atenção para a modalidade epistêmica, tendo em vista que dentre as apresentadas esta é a que mais se embasa na noção de verdade enquanto premissa a ser alcançada.

Um acréscimo ao caráter epistêmico assegura que “A modalidade epistêmica, assentada no eixo do saber, do conhecimento, expressa a avaliação do falante sobre a probabilidade de ocorrência de um estado-de-coisas, situada em um contínuo que vai do certo até o possível” (GUIRADELLI; SANTOS 2010, p. 50). Para essas autoras tal modalidade pertence ao nível da predicação, nela o falante não se responsabiliza pelo valor de verdade de seu enunciado, mas assume comprometimento com o que manifesta em seu enunciado utilizando-se de meios linguísticos, como os lexicais para descrever e avaliar a realidade.

Dall'Aglio-Hattne (1996) defende que quando o falante situa a qualificação epistêmica no nível da predicação, se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado e quando situa a qualificação epistêmica no nível da proposição, assume o seu enunciado em diferentes graus. Isto significa que o comprometimento do falante com relação ao enunciado que profere é mediado por ele, falante que, quando deseja engajar-se menos ao conteúdo que profere aproxima sua construção enunciativa do nível da predicação, ou seja, a própria materialidade linguística por si só evidencia um valor de verdade. Entretanto, quando

o falante opta por um maior comprometimento do que profere, assume-se mais mesclando-se em seu dizer, ele tende a construir seu enunciado mais voltado para o nível proposicional.

Ao tratar do comprometimento do falante quanto ao enunciado, Dall'Aglio-Hattne (1996) afirma que ele pode escolher entre duas instâncias da modalidade epistêmica. Na primeira, situada na predicação, ele se utiliza de meios linguísticos para fornecer ao seu co-enunciador a descrição de um enunciado, assim a descrição cumpre o papel de apenas dar a descrição daquilo que o falante tem como provável ou possível. Na segunda ele situa-se na proposição, o falante utiliza os meios linguísticos para expressar sua atitude quanto ao seu ato de fala.

A lógica da argumentação está relacionada ao encadeamento que vai da conjunção à finalidade, entretanto, segundo Moura e Mello (2013, p. 15):

A passagem de uma asserção à outra pode se dar de acordo com uma inferência estabelecida entre premissa e conclusão, gerando uma ligação que pode estar no domínio do *possível*, do *necessário* ou do *provável*. Tais domínios encontram-se organizados em dois eixos: o *eixo do possível* e o *eixo do obrigatório*. Por fim, faz-se necessário analisar o escopo do valor de verdade existe nos vínculos modais entre as asserções “para todos os casos” (*generalização*), “para um caso específico” (*particularização*), “para um caso suposto” (*hipótese*).

Desse modo, podemos agora adentrar mais aprofundadamente na adesão, entendendo-a como um elemento vinculado à crença que se ancora na dicotomia de que há dois lados a serem seguidos e um deles, o apresentado pelo enunciador, é o “certo”, “o correto”, “o bom”, “o verdadeiro a ser seguido” e os argumentos trabalham na formação discursiva no intuito de convencer os alocutários de que o contrário do que é dito não é positivo.

Viala (2014) apresenta a galanteria enquanto modelo de comportamento social surgido na França no século XVII. Antes desse modelo comportamental haviam o herói e o homem santo, os quais Viala (2014) apresenta em declínio enquanto o *Honnête Homme* que traduzimos livremente por homem honesto, estava em ascensão e tinha como qualidades ser honrado, leal, distinto e culto. Viala (2014) vê ascendendo nesses parâmetros uma espécie de superlativo a que chama *galant homme* que ele entende como (VIALA, 2014, p. 169): “A galanteria é, pois, a honestidade acrescida à arte de agradar. Pois se pode ser *honnête homme* sem por isso ter a arte de agradar e, pelo contrário, ser até mesmo desagradável”. Nem todo honesto agrada, pois o agrado é uma arte e a adesão ou não ao honesto está diretamente ligada à arte de agradar que o locutor apresenta ao ser amável ou antipático aos olhos dos outros.

A galanteria, segundo Viala (2014), é a nova moda dos novos “ricos” que compensam sua falta de distinção das origens sociais de que são oriundos. Pela cultura, pelo modo de falar,

de vestir, de andar se distinguem e por meio dessas se valorizam e aderem à conduta legitimadora e valorizadora da nova posição social que ocupam. A galanteria é estética, é maneira ou modo, é bom gosto, seus adeptos formam um grupo a ser seguido, a ser almejado e que adentra nas diversas manifestações artísticas pelas quais a sociedade se expressa. (2014) acredita que o principal valor da estética da galanteria é o “ter espírito” em que os modos se adequam às pessoas a quem são destinados.

Há uma maior fluidez, uma maior proximidade à mundanidade, improvisação, o “erro” pode ser contemplado. O ser galante, não fala de si, mas dos outros no sentido de que é sua intenção principal agradar aos demais. Viala (2014) diz que ele é um camaleão que não quer ser notado e por isso se camufla para passar despercebido enquanto os outros são os contemplados. A imagem de si, o *ethos* do galante homme de que Viala (2014) fala não deve existir, é inconstante e despreocupado de si. Entretanto, o próprio Viala (2014) diz que embora o sujeito galante não fale de si, o grupo galante não fala de outra coisa senão de si mesmo.

O que aproxima a galanteria dos propósitos do *ethos* seria uma característica que Viala apresenta, a eloquência. Como falar somente de si é algo que para os outros pode ser tedioso e em uma conversação não se pode causar tédio. Desse modo, ao invés de se falar sobre o que o sujeito falante considera importante ele deve falar sobre o que é importante para os outros. Elencando princípios do que pode agradar aos outros, o galante(ador) não deixa de mostrar-se e nisso mesmo que se distancie de vangloriar-se perante um auditório o máximo que pode não faz mais do que se mostrar.

Como questiona Viala (2014, p. 175): “Definir o que é a boa maneira de falar – pouco, mas com espírito – e mostrar que aquele que fala tão bem pensa melhor que os outros, o que é isso senão definir, em termos retóricos, um *ethos*?” Viala (2014) apregoa que a minoria das pessoas tem espírito e por meio desse atributo apregoa-se o verdadeiro, e é nele que as normas se insurgem para alimentar o espírito dos pobres que constituem a maioria por meio da fala.

O honesto e o galante descortinam a elite e revelam quem não pertence a ela. Viala (2014) chama a atenção para a diferença significativa entre o homem galante em francês e em português. Lá a galanteria tem a ver com honestidade, polidez, civilização, em saber agradar enquanto que em português o homem galante é ardiloso, geralmente intenta a ilicitude para com as mulheres. Viala (2014) vê na literatura o lugar em que se diz, “[...] não apenas[...] quem é galante e quem não é, mas também[...] dentre os galantes, quais os “verdadeiros” e os “falsos”. (VIALA, 2014, p. 175). Parece que na galanteria ocorre uma amplificação do *ethos*, que em detrimento de falar somente de si, o que pode acarretar um ar pedante a sua

argumentação ele fala de seu mundo para os demais que dele não fazem parte, esse mundo o representa e é sua imagem ampliada.

O mundo do *ethos* galante que fala não de si próprio, mas de seu mundo próprio é uma possibilidade de mostrar os falsos e os verdadeiros, os que alimentam o estado de coisas e os que são alimentados e que também alimentam o mesmo estado, embora inconscientemente. Para Viala (2014), o *ethos* é constituído pelo espírito, o jeito de ser, o modo de pensar e as maneiras de se portar. O *ethos* de Viala é coletivo e não individual. Ele enuncia um mundo que ressoa nele e ele acredita que por meio do *habitus*, do modo de ser, o *ethos*, com os quais os demais membros do grupo concordem e vejam corroboração é possível que o grupo reconheça, legitime e integre o *ethos* antes individual no coletivo de sua massa restrita.

A identidade do grupo se forma pela exclusão dos demais, pela repressão com a qual lidam com os que não fazem parte do grupo, o que se dá por meio da discriminação, da exclusão, da formação de valores que compartilham e impõem aos demais que apesar de não quererem e não admitirem em seu grupo não abrem mão de dominar.

Viala (2014) acredita que a disposição é oriunda da adesão. Os que aderem ao que ele chama de máscara ideológica, uma ação social que realiza a discriminação por meio da galanteria afastando os demais de seu grupo quando, por exemplo, elenca modos de ser inalcançáveis, apresenta uma meritocracia intransigente para todas as camadas sociais como a única forma de ascender socialmente. Desse modo, conforme Viala (2014, p. 176): “[...] a posição objetivamente interessada – ocupar postos de poder – é deslocada, discursivamente, para uma disposição aparentemente desinteressada: uma maneira, uma estética”. Ao desviar o foco de seu real interesse, por meio da galanteria, o sujeito de enunciação mostra-se honesto e sincero, sua posição, ou melhor dizendo, sua aparência esconde aquilo que fica disposto, os reais interesses. Conforme os demais vão aderindo ao que por meio da galanteria o *ethos* apregoa, vão se posicionando em dissimulações que, por vezes, aparentam ser o que não são.

Segundo Viala (p. 178-179),

[...] o que faz com que permaneçamos unidos a uns e contrários a outros é uma maneira de sentir comum ou diversa, uma parte irracional, portanto, do não defensável em termos de provas... Entendo a retórica também em sentido amplo: as maneiras de discorrer para persuadir... o risco implicado em toda tomada de decisão, que existe em qualquer uso de linguagem. Para dizer de outro modo, tudo faz discurso, e a retórica está presente, quer seja explícita como em uma defesa, que seja implícita como na conversação galante, e mesmo reduzida a seu princípio, como no silêncio eloquente[...]

A adesão permite que a rixa discursiva continue a se desenvolver entre os concordantes e os dissonantes ao pensar sobre algo e possibilita também que ao vermos o

outro em uma peleja que consideramos irracional, tentando levantar argumentos contra o que já consideramos uma “verdade” com fatos, unamos diversas vozes e convirjamos com elas para divergir da outra que insiste em defender o que cremos ser indefensável. Os movimentos retóricos que elencamos para persuadir o outro a concordar com um pensamento que temos como lógico é um terreno que precisamos nos arriscar em seguir, mais crendo no que será do que sabendo o que será de fato a certeza. Nesse percurso tudo é discurso. Ao calar o outro ou perdeu o debate ou consentiu com o emaranhado argumentativo que lhe foi imposto e com o qual aderiu, convenceu-se e agora converge.

O galanteio se fez amável e aderente. Para Viala (2014), o discurso se “aninha” em tudo, “até no silêncio” há algo dito. Na visão do autor, o discurso une as palavras e as tensões oriundas das trocas languageiras são as grandes mantenedoras da argumentação. Ele entende o discurso enquanto manifestante da adesão. O ato de argumentar segundo Viala (2014, p. 181): “[...] consiste, muito frequentemente, em confirmar uma opinião já adquirida. “Só se prega aos convencidos”, diz o provérbio, e penso que [...] a adesão transforma uma posição em tomada de posição, e tomada de posição em “algo óbvio”. A argumentação é uma espécie de lançar de água sobre o monjolo permitindo a movimentação para frente que garante a proteção da opinião, resguarda e defende a mesma ao tempo em que constitui a si própria e garante a ininterrupta formação do discurso.

O termo “convencido” é tão ambíguo quanto o “homem galante”, os convencidos a quem se prega são tanto os crédulos e fiéis interlocutores que compartilham do ideário que um *ethos* galante propaga pelo discurso quanto os próprios proferidores do discurso que intentam aderência, os que se vangloriam do que dizem que ao mostrarem pelo que enunciam podem beirar à petulância. Por meio de um entroncamento que lida com posição e tomada de posição temos a primeira alheia ao sujeito, num nível próximo do ideológico imaterial que se vislumbra no adentramento do histórico, na tomada de posição, o sujeito se posiciona e toma partido por uma causa ideológica que já está nele e ele nela também já está.

A adesão é a metamorfose que processa e manifesta na permutação da posição estática à tomada de posição ativa e partícipe em que o sujeito de enunciação se aloja, age como galante(ador) e perpassa a argumentação que sensibiliza os interlocutores e os faz aderir ao ideário que o discurso impregna nas palavras, no *ethos*, nos sujeitos, na história, enfim, em todos os elementos que constituem a cena de enunciação. O ponto de contato entre duas visões de mundo, entre duas perspectivas destoantes é extravagante e, nesse momento a eloquência dos partícipes que se revestem em representantes de duas “verdades” em que uma receberá mais adeptos que a outra, as ações se dão de modo tenso e o auditório ao se deparar

com o conflito de ideias tende a direcionar sua crença ao que por meio do discurso constitui um *ethos* coerente que enuncia mostrando por meio do próprio dito a coerência das ideias, como se fosse o porta-voz do espírito, da razão, da verdade.

O termo *ethos* é designado por Charaudeau e Maingueneau (2014) como a imagem que o locutor constrói de si em seu discurso para influenciar seus alocutários. De acordo com os autores citados, o enunciador, em seu discurso, atribui a si uma posição institucional marcando sua relação a um saber e se deixa apreender como detentor de “*uma voz e um corpo*” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.220). Para eles cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis determinantes em parte da imagem de si do locutor que pode escolher mais ou menos livremente sua “cenografia” que lhe apregoa a postura a ser tomada. O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno (*ethos* prévio ou pré-discursivo) fundamenta a imagem que ele constrói em seu discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014).

Os discursos não são fixos, se movem e sofrem transformações, que os acompanham social e politicamente. O sentido não é imanente, sendo produzido face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. É por isso que uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos conforme o lugar sócio-ideológico daqueles que a empregam. Há uma pluralidade de sentidos integrantes e decorrentes de diferentes discursos. Essa pluralidade é oriunda, sobretudo, das ideológicas⁷ de diferentes grupos sociais.

A língua se insere na história e a constrói para produzir sentido. Um termo que significou algo no passado, em sua origem, significa ou a mesma coisa no presente ou outra coisa e pode continuar a significar o mesmo agora ou não. Conforme Fernandes (2008, p. 15): “O estudo do discurso toma a língua materializada em forma de texto, forma-linguístico-teórica, tendo o discurso como o objeto. A análise destina-se a evidenciar aos sentidos do discurso tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção”. O sentido depende também das tomadas de partido (bem como das funções sociais que eles ocupam) dos sujeitos envolvidos na enunciação, pois, como o próprio autor explica, a enunciação tem

⁷ A teoria das ideologias foi desenvolvido na análise do discurso francesa dos anos 60-70 pelo filósofo marxista Althusser. Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 267), ancorando-se em Althusser, veem-na enquanto representante de “[...] uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se caracteriza materialmente em aparelhos e práticas [...] a ideologia está ligada ao inconsciente pelo viés da interpelação dos indivíduos em Sujeitos”. Tratamos de ideologia neste trabalho aproximando esse conceito ao niilismo.

um sentido e não outro dependendo da posição ideológica manifesta na enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia e para quem se enuncia.

O *ethos* na perspectiva deste trabalho articula corpo e discurso no sentido que Maingueneau (2014a) dá a essa inter-relação. O sujeito que o *ethos* pretende construir imagética e enunciativamente se manifesta discursivamente tanto por meio do estatuto, ou seja, da ideologia que dele emana quanto por meio da voz que se associa ao seu corpo enunciante. Para o autor, “[...] todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma *vocalidade* específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciador... a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito[...]” (MAINGUENEAU, 2014a, p. 271, grifo nosso). Desse modo, o *ethos* é um elemento encarnado que extrapola a dimensão verbal ao adentrar em determinações físicas e psíquicas mediadas pelo tom, pois esse serve tanto para o escrito quanto para o oral, conforme Maingueneau (2014, op. cit).

As características do *ethos* vinculam-se a uma posição variante dependente do texto e aparecem relacionadas ao psicológico enquanto a corporalidade direciona seu interesse ao modo como o *ethos* constrói-se imagética e verbalmente quanto ao seu físico. O sentido nessa perspectiva, fica a cargo do destinatário ou co-enunciador que identifica no *ethos* discursivo materializado por meio de elementos enunciativo-textuais que representam de modo irradiador características sociais e as avalia negativa ou positivamente e as confirma, renega ou modifica a fim de construir sentido. Para Maingueneau (2014a), o *ethos* recebe do fiador, ou seja, daquele que valida o que o *ethos* mostra, um corpo que para ser legitimado deve ser incorporado pelo co-enunciador.

Os estereótipos apresentados pelo *ethos* após avaliação do co-enunciador suscitam ou não a adesão deste. Maingueneau (2014a) acredita que as ideias do discurso das obras literárias: “só se apresentam nas obras através de um modo de dizer que remete a um modo de ser, ao imaginário de uma vivência [...] trata-se de atestar o que é dito convocando o coenunciador a se identificar com uma dada determinação de um corpo em movimento [...]” (MAINGUENEAU, 2014a, p. 274). Como pode ser observado, o entrecruzamento do *ethos* e do processo de construção de sentido do que se encontra materializado parcialmente no texto não é fixo permitindo ao *ethos* sempre atualizar o sentido pelos movimentos que faz ao remodelar-se por meio da enunciação que irá apreender, conforme Maingueneau (2014a), o corpo a uma contextualização histórica. Caso o co-enunciador não se identifique com o que o *ethos* intenta mostrar por meio de si, este pode atualizar-se por meio de mecanismos enunciativos reconfigurando sua imagem intentando adesão que lhe garanta a existência na

instância discursiva e se não sua materialidade textual visível ao menos o vislumbre da silhueta de seu corpo.

Cavalcante (2011) defende o objeto discursivo como uma construção cognitivo-discursiva que linguisticamente explícita ou não no contexto não deixa de constituir os processos referenciais. A mesma autora apresenta uma definição bem esclarecedora sobre o que vem a ser referente. Segundo Cavalcante (2011, p. 15),

[...] referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais... é na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação - sempre instável - dessas entidades a que se denominam *referentes* [...]

Ainda segundo a autora, fazer referência a algo ao se reportar a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, dentre outros, em Linguística de Texto é substantivar, tornar o referente essência ao falar ou escrever.

A referenciação defendida nessa pesquisa é a que se une à coerência, definida como: “[...] o modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a construir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos... é resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação [...]” (KOCH, 2013, p. 52). Além disso, para a autora citada, atuam conjuntamente para garantir a coerência uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional. Pode-se inferir, portanto, que a referenciação é de onde os sentidos emanam, e a coerência é o maestro dos sentidos coerentes materializados em seus contextos sócio-históricos.

Tais fatores podem ser, por exemplo, muitas coisas não ditas, mas que são usadas para interpretar um texto, conforme Marcuschi (2008). Esse autor afirma ser a coerência “[...] uma relação de sentido que se manifesta entre os enunciados, em geral ‘e’... providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos... se dá por razões conceituais, cognitivas [...]” (MARCUSCHI, 2008. p. 121). O autor afirma também que a coerência é um trabalho do leitor sobre as possibilidades que o texto oferece ao ser interpretado e ele deve permitir acesso a ela para garantir o entendimento, pois como o sujeito-leitor é histórico e social, a coerência é tanto articulação de vários planos do texto, quanto princípio interpretativo que está muito mais na mente do leitor e no ponto de vista do receptor que no interior das formas textuais.

A relação entre discurso e gramática é denominada por Martelotta (2012) como sendo uma espécie de simbiose. Provavelmente, tal relação seja semelhante a que se instaura

entre o texto e o discurso, haja vista que através dessa inter-relação é que o sentido se instaura. Assim, “O discurso precisa dos padrões da gramática para se processar, mas a gramática se alimenta do discurso, renovando-se para se adaptar às novas situações de interação” (MARTELOTTA, 2012, p. 64). O mesmo autor apresenta o termo ‘sociocognitivismo’ para enfatizar a importância do contexto nos processos de significação. Para ele, os significados resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento e o sentido está na interpretação da entidade e resulta de uma atividade conjunta associada a operações de projeção e transferência entre domínios.

Quanto à significação, o autor citado se expressa da seguinte forma: “A significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido...” (MARTELOTTA, 2012, p. 181). Posteriormente o referido autor afirma que os significados são construídos a partir do contexto discursivo e situacional através de uma rede de espaços mentais que operam um sistema de referência entre domínios cognitivos que é responsável pela compreensão e produção dos significados.

Acredita-se, portanto, que o discurso também renova o texto e reconfigura os sentidos nele contidos assim que seja recontextualizado, ou seja, o texto se res-significa, se referencia e não se suporta sozinho. Por vezes funciona como suporte do discurso, embora não o suporte completamente.

O sentido do texto não está só nele, mas além de sua materialidade. Assim como o texto pode ser abrigado por suportes, os discursos são abrigados em textos e o sentido emerge justamente da incapacidade plena, da qual o texto é desprovido se entendido como elemento autossuficiente, de abarcar todo o discurso como também as ideologias impressas em sua ‘tabula rasa’. O uso do termo ‘tabula rasa’ visa entender a inter-relação texto/discurso. As marcas discursivas materializadas via suporte textual, ou seja, as ideologias permitem ver parte do significado, mas não tudo. A incisão ideológica na ‘tabula’, isto é, no texto, é apenas uma parte que permite fazer ligações com outros discursos. Assim como o papel em branco que deixa de ser branco ao contato dele com o lápis, a tabula deixava de ser rasa ao contato do estilete com a cera que a cobria.

As palavras impressas nas tabulas, assim como as palavras escritas no papel materializam parte de uma prática ideológica para o discurso por meio do texto, mas há algo além da ponta do iceberg a espera de ter suas possibilidades de sentido sendo contempladas.

De modo semelhante o contato entre os discursos e textos permite que eles não sejam mais somente eles, mas o ‘inter’ que lhes encaminha rumo à construção de sentido. Desta forma, o sentido precisa ser assegurado e o usuário da língua procede à sua interpretação por não conseguir o texto/suporte sozinho enunciar toda a ideologia presente no que é lido.

Parece ser a língua um campo de batalha no qual o usuário alia-se aos recursos que sejam necessários para proceder à uma progressão que permita ampliar por meio de argumentos a construção do sentido emanado por meio do que foi materializado textualmente. A interpretação textual parece ser o principal artifício utilizado para o resgate do sentido, pois, como o texto sozinho não dá conta de comportar todo o sentido, algo fica fora da tessitura textual, provocando o que Koch (2010) denomina progressão referencial, evidenciando a incapacidade de o texto sozinho dizer tudo o que pode ser dito com base somente nele e sua capacidade de explicitar aquilo que pode ser dito e interpretado de acordo com o contexto de quem o recebe em dado momento, já que “Os aspectos da interpretação dos enunciados... são eminentemente interacionais e requerem o conhecimento de práticas sociais.” (MARTELOTTA, 2012, p. 64).

No que diz respeito aos aspectos cognitivos envolvidos no processamento textual, é de extrema relevância apreciar o pensamento de Koch (2010) sobre o tema. Para a autora a mente humana recebe, armazena, recupera, transforma e transmite informações e a Ciência Cognitiva defende que o homem representa o mundo que o cerca mentalmente, sendo que o conhecimento consiste em habilidades para operar sobre os conteúdos de experiência e utilizá-los na interação social.

Evidencia-se desta forma a relevância do estudo da referenciação, visto que por meio dela, se verifica como a cognição, os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional se direcionam para um mesmo ponto em comum: a construção do sentido. Tal construção é explicitada através da contribuição dos processos referenciais presentes nos textos e na interação verificada nos múltiplos discursos que eles abrigam com os diversos sentidos que deles emergem delineados coerentemente.

Após as explanações teóricas que embasam este trabalho, pôde-se, enfim, testar a aplicação prática a partir da seleção dos fragmentos da obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Este livro deixa transparecerem muitas características do discurso niilista, entretanto, nela não há nenhuma passagem que afirme de maneira contundente esta corrente de pensamento que deixou marcas profundas na sociedade, especialmente na que

primeiramente recepcionou esta obra do escritor russo. As noções analisadas como esquecimento, formação discursiva e a ideia de acontecimento desenvolvida por Pêcheux, inter-relacionada com o niilismo são eixos norteadores desta pesquisa. O sujeito a emanar a ideologia niilista, conforme veremos, apresenta diversas características como sofrimento, desespero e morte, que andam junto com ideias de salvação e redenção, apresentando-se polarizado.

1.3 A filosofia niilista na literatura

O termo niilismo deriva do latim *nihil*, nada. O primeiro sentido do conceito remete a um pensamento fascinado e obcecado pelo nada. Os estudos mais importantes sobre o tema separam nitidamente os conceitos de nada e negação. O nada sendo o niilismo considerado como fenômeno histórico, evento ligado à realidade e à sua crise. O niilismo no sentido estrito, tal como surgiu na filosofia do século XIX e depois como imensa força contaminadora, no século XX, é orientado por uma série de pressupostos. As primeiras ocorrências do termo niilismo remontam à Revolução Francesa para designar os grupos que não eram a favor nem contra a revolução. O barão de Cloots declarou em discurso de 26 de dezembro de 1793 que a República dos direitos do homem não é nem teísta nem ateia, mas niilista, conforme Pecoraro (2007).

Pecoraro (2007, p. 52) chama teóricos niilistas como Derrida de “mestres da suspeita” por considerar que eles buscam “[...] desmistificação e desmascaramento dos valores e das verdades tradicionais, das imposições de sentido, finalidade, princípio, presença”. Assim sendo, um niilista busca descortinar preceitos absolutistas inalcançáveis que beiram a divindade “moral e cívica” tornando-os estritamente reais e humanos. A áurea mística e as aureolas angelicais não mais servem de adorno e deixam de simbolizar aquilo que já não mais existe e que camadas sociais sacralizaram por gerações no intuito de justificarem suas estáveis “topias” sociais. Os ídolos são desmascarados e o que antes fora belo se liquefaz perante as massas desacreditadas cujas ilusões se tornam perdidas. As imposições dos cânones são destronadas e a instabilidade de tudo opera sobre os valores, a tradição. Nada mais tem um fim uno e unívoco. Não existe mais nada sempiterno. Pecoraro (*op cit*) afirma que:

Não é possível, [...], tomar posição, estabelecer prioridades e transformar um destes termos em princípio ou fundamento da realidade. [...] É impossível indicar, pôr um fundamento, um sentido, fundar a realidade em um princípio único e supremo: o forte impacto niilista dessa posição é evidente”.

O niilismo é uma era volátil, efêmera e os seres assim também são definidos. Como os tronos estão sendo corroídos pela descrença, se há algo a ser almejado pelo niilismo é o vislumbre de tudo e todos na lama, no lodo. Para ele em tudo existe malícia. O Homem do Subsolo suspeita de tudo e de todos. Não se ama, nem se gosta por acaso e a suspeita levanta as orelhas para o perigo que ronda. O Homem do Subsolo, se comparado com um esquizofrênico ou como um sujeito polifônico, como queira, vê suas múltiplas vozes ou polaridades não como doença ou patologias. Seu niilismo vê nisso quase uma graça, ou uma

dádiva que não foi dada pelo divino, mas pela ciência, pela inteligência, pelo questionamento, pelo ser crítico que o habita. Parece que uma “afirmação do Múltiplice” que Pecoraro (2007) discute supera a esquizofrenia e atinge a potência, ou seja, o Ser é um ser que é tão múltiplo que não cabe em um só.

Volpi (2012) entende que o ponto alto do niilismo foi alcançado quando o pensamento de Nietzsche se juntou com os ‘relativistas do materialismo histórico’ e a chamada “filosofia da vida” e as inúmeras críticas à civilização nas primeiras décadas do século XX. O que para o autor se manifesta é um antagonismo entre a vida e o espírito, entre a natureza e a cultura, entre a alma e as formas pelas quais a vida é “capturada”. A rixa se dá entre aquilo em que a ciência não contestaria a existência e o não palpável idealizado. Para Volpi (2012, p. 68) o que se evidenciou no pensamento foi uma

[...]generalizada desconfiança acerca das pretensões de síntese da razão e a um correspondente apelo a outra dimensão da “vida”. A vida, dizia-se, devia ser captada em seu nível originário, em suas características próprias e não conforme as modalidades teóricas tradicionais que objetivando-a, a reificam, impossibilitando-lhe uma compreensão genuína.

O niilismo suspeita de tudo, até mesmo daquilo que ele aparenta buscar. Para um niilista a verdadeira vida seria semelhante à “vida viva” do Homem do Subsolo, aquela simples e distante de toda a teorização ou artefatos facilitadores e que no prelo são viciadores de todo um mal estar de que os seres vivos acreditam não conseguirem viver sem. Desse modo, a investigação da vida nos moldes categorizadores tradicionais deturpa toda a simplicidade, toda a complexidade que reveste a visão de vida deve ser demolida para que ela seja sentida em sua gênese.

Segundo Volpi (2012), todas as manifestações humanas que vão do mito à arte, da religião à ciência geram brigas irreconciliáveis, pois buscam uma autonomia, uma propriedade. Nos parece que um estruturalismo autônomo que atravessa todas as áreas lhes confere a característica de autonomia, mas todas buscam alguma relação com a vida. Para o autor o niilismo enxerga o fato das diversas instâncias provocarem na vida uma necessidade de seleção de verdades a serem postas aos vivos por lhes serem úteis e uma seleção de mentiras a serem afastadas dos mesmos. Tudo é produto da vida que tudo cria. Nisso reside a distinção entre a vida subjetiva, a do sujeito e a vida objetiva, a do objeto. Nesse ponto, Volpi apresenta a voz de Simmel (1985) para dizer que toda a objetividade se concentra contra a subjetividade. O sujeito não faz uma conta matemática, porque um objeto, a calculadora a faz por ele. A lei do menor esforço é um mal que abre duas possibilidades: a primeira é a de atrofiar a mente para uma dada habilidade, a segunda é a possibilidade de gastar energia com

outras coisas já que o objeto resolve um problema com o qual não é mais necessário se preocupar. No entanto o quê objetivo é criação da subjetividade e esta última na visão niilista tem perdido espaço na modernidade para aquilo que criou.

Como toda corrente de pensamento o niilismo a depender do contexto e do lugar do qual questiona modifica seus preceitos. Volpi (2012) vê em Weber, por exemplo, um novo modo de conceber o niilismo. Se o que chamamos aqui didaticamente de niilismo da subjetividade questiona e rejeita o objeto criado pelo apuramento humano, nesse novo contexto o da primeira guerra mundial, vê a modernidade como defesa garantidora da racionalização. O risco porém não é tirado de vista e Volpi (2012) diz que Weber alertava sobre o perigo de a modernidade racionalizar tanto a humanidade a ponto de criar “especialistas sem espírito” e “hedonistas sem coração”. O espírito e o coração estão desmembrados do humano moderno e só encontram refúgio naqueles que ainda rogam ao místico que não anula a possibilidade do real. Se antes havia criação no tempo do agora só existe desconstrução. Para Volpi, frente à época sombria que outorga todos os graus do mundo “[...] restava apenas a razão, como único heroísmo possível, dizer adeus às lembranças de tudo o que se perdera e das expectativas globais de salvação” (VOLPI, 2012, p. 75). A razão, é o apelo final de Weber, pois,

[...] apelava antes ao senso de responsabilidade do intelectual e do cientista e convidava a viver virilmente, sem profetas nem salvadores, o destino do relativismo e do niilismo de nossa época, seguindo, na labuta diária, o “demônio” que tece as teias da própria existência. A quem não se atrevesse a tanto só restaria sacrificar o intelecto, retornando aos braços sempre misericordiosamente abertos das confrarias e das igrejas: que o discípulo procure novamente o profeta e que o crente retorne a seu salvador. Mas para os que assumiram a razão como guia da própria existência, permaneceria como única virtude o exercício radical dessa mesma razão [...] (VOLPI, 2012, p. 75).

Assim, a ciência mostra-se como a grande arma, a salvação do ser moderno que após desconstruir tudo o que o passado fez e impôs à posteridade agora se vê, como sempre, dependente de mais uma “crença”. Depende da responsabilidade de um ente agora com plenos poderes para decidir o destino de todos. O medo de vê a ciência como um novo Deus e os cientistas e intelectuais como os novos profetas foi apenas uma transferência “interinstancial” de um ser que domina a todos porque detém o conhecimento e pode dizer que sabe o que é melhor para todos. Nesse dilema ou se vai além com o que se implantou no mundo ou se busca por meio do saudosismo um mundo que já não existe. O Cristo já ressuscitou e subiu aos céus e seus seguidores seguem blasfemando no plano terreno a míngua. O que nos alcança

agora é a “razão” por mais irracional que possa parecer, pois a ciência não deixa de ser uma casta inalcançável para muitos e praticável para poucos.

Na Rússia, o niilismo passa do âmbito filosófico e literário para o social e político designando um movimento revolucionário contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade e seus valores. O que nos ocupará dentre estes âmbitos é o literário, especificamente, o russo, em que o discurso de Dostoiévski aflorará. Na Rússia, o niilismo, além do já exposto, representa um conflito entre gerações, valores e perspectivas que demole ídolos e antigas certezas. Pecoraro (2007) em sua síntese do romance *Pais e filhos*, de Turgueniev, verifica a definição de niilista designando o homem que não se curva diante de nenhuma autoridade, não admite nenhum princípio de fé.

O termo niilista, na Rússia, após a libertação dos servos, começou a ser associado à condenação e infâmia. O niilismo ético-metafísico de Dostoiévski representa um momento fundamental na história das ideias contemporâneas. Influenciou enormemente a cultura literária e filosófica da época. O homem e Deus, o mal e o ser rivalizam em uma rixa suicida. Dostoiévski e suas personagens, talvez, mais do que ninguém exprimiram a laceração em que o mundo afundou. Opostos inconciliáveis, o duplo e seu próprio EU. Pecoraro (2007) define as obras de Dostoiévski como um afresco niilista e ético-metafísico, cujo significado não pode ser comparável com nenhum outro. Neste afresco, o sofrimento, o desespero e a morte andam lado a lado com a salvação e a solidariedade. Dentre as máximas deste niilismo ético-metafísico estão assertivas como a que defende ser Deus uma invenção, um artifício necessário para se viver sem se matar, que existe apenas como terror. Segundo Pecoraro (2007), Dostoiévski evoca uma renovação que só é plenamente realizável quando o bem e o mal morrem da alma humana que os abriga.

Volpi (2012) apresenta Nietzsche como um observador entusiasta do ponto de vista aberto por Dostoiévski, inclusive sendo ambos marcantes tanto na literatura quanto no clima espiritual da Europa do início do século XX. Volpi (2012) identifica nos livros de Dostoiévski, fenômenos como a dissolução de valores enquanto crise corrosiva da alma russa. Para Volpi (2012) ao mesmo tempo em que a escrita de Dostoiévski exhibe o mal e suas consequências como o crime e a perversão sem ter como premissa instruir para tais condutas seu sucesso literário favorece a difusão do niilismo no sentido de corromper normas estabelecidas.

1.4 De Parasita a sujeito: uma atualização possibilitada pelo *ethos*

Eis que chegamos na ponte de transição do parasita em sujeito, que como defendemos é mediada pelo *ethos* devido ao fato de este elemento da cadeia discursiva permitir que um dado objeto de discurso se atualize e progrida rumo a possibilidade de surtir um efeito de sentido em outrem. Para Maingueneau (2014a), o parasita é acusado de improdutivo. Assim como um sanguessuga absorve de quem o aloja nutrientes necessários a sua subsistência periférica e seu inquilino o tolera contra sua vontade. Seu inquilino é um lugar de transição cuja ânsia de expeli-lo independe de sua vontade. O momento em que as vozes de personagem e narrador se mesclam ocorre no âmbito discursivo e é emblemático, pois, ao identificar-se com a personagem por meio de suas enunciações, ocorre uma espécie de sedução por meio de signos, o que para Maingueneau (2014a), provoca uma embreagem que integra personagem e narrador ao discurso.

No tocante ao que fazemos nesse trabalho, a personagem principal também mescla sua voz ao discurso literário com tanto afinco que adentra nele, nutre-se dele, habita nele e materializa-se também enquanto personagem que em sua pretensiosa insignificância significa a grandeza dos outros em detrimento da própria. Porém, ao fazer isso, toma para si a responsabilidade de enunciador, fazendo-lhe suprir as próprias pequenices ao permitir-se falar delas.

O parasita equivale, para Maingueneau (2014, p. 127), ao “[...] pária redentor[...] a comunidade dos miseráveis, dos sem lugar na sociedade. Nesse lançar de olhos, o romancista[...] mediador entre a humanidade sofredora e Deus”. Como o nosso parasita não está no mundo social 'maximizado', ou seja, não fazemos aqui análise do discurso focada em Dostoiévski, mas daquele que enuncia em uma das obras cujo autor é esse escritor russo, e sim na entidade que tornou-se parasita e almeja ser sujeito no discurso enunciado, o pária, o redentor, o mediador será a personagem em sua relação com a instância de discurso e não com o autor de *Memórias do subsolo*, aquele ser físico, Dostoiévski, mas no homem do subsolo que na obra analisada é o Homem do subsolo.

As características atribuídas ao sujeito por meio das atualizações que o *ethos* sofre no transcorrer discursivo possibilitam na ponte 'etheréa' vislumbrar uma cenografia que envereda para uma materialização discursiva com tendências niilistas. Quando o parasita passa a sujeito começa a se tornar parasitário de outros parasitas que nutrem-se dele enquanto lhe servem de contraste, ou seja, quando o parasita ganha a forma de sujeito de enunciação, passa a centralizar sobre si as atenções já que é por meio dele que as ideologias ganham sua

roupagem. Assim, outras personagens se tornam necessárias para realçar os caracteres do sujeito. Embora não possam habitar um sujeito constituído, nutrem-se dos discursos que dele emanam ao mesmo tempo em que remodelam a imagem dele. São periféricas, parasitas, mas sem elas não é possível ver o sujeito marcado. Tais personagens periféricas têm sua existência no discurso no fato de que o sujeito precisa delas para se constituir e progredir discursivamente. Elas passam de assunto a seres da interação com a finalidade de permitir a existência do sujeito.

Do mesmo modo em que uma mansão e um casebre lado a lado delimitam fronteiras, o sujeito e as personagens periféricas contrapõem sua 'sub-imagem' da imagem oficial, a do sujeito. Esses tipos de parasitas servem de realce para o que no momento em que se encontram, se separam. Do mesmo modo, em que o tido como paradigma de belo entra em atrito com o novo que *a priori* será o feio, o sujeito oficial será valorado como o legitimado e seu transeunte o que apenas existe, mas não serve de medida. Como no pensamento lógico de um Protágoras, guardadas as devidas proporções, conforme Cavalcante (2011), um está no mundo e por isso apenas vegeta, o outro transita no mundo por meio do discurso, por isso, é digno de apreciação e quiçá adoração.

É no ínterim da transição entre o parasita e o sujeito, nessa metamorfose, que o *ethos* age. O sujeito que em suas origens tenha sido parasita não pode mais cumprir tal papel, mas pode fazer com que outros o exerçam. Há nesse contrato velado uma simbiose em que o sujeito para progredir por meio do *ethos* precisa da presença das personagens do discurso literário para se propagar subjugando-as mesmo que se mostre o subjugado ao mesmo tempo em que elas nutrem-se de suas sobras. Há nisso uma ajuda mútua, mesmo que ambos os lados não a percebam e talvez essa ignorância quanto à simbiose existência é que seja o segredo de sua permanência.

CAPÍTULO 2: AS INSTÂNCIAS DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO

Maingueneau (2013) clareia a noção de *ethos* afirmando tratar-se de um fenômeno que, por meio da enunciação, revela a personalidade do enunciador em um processo no qual o enunciado deixa o *ethos* transparecer e junto com ele um tom que “permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do corpo do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2013, p. 107). O tom juntamente com o fiador dão ao dito uma espécie de autoridade legitimadora do que é proferido. Este *ethos* nunca será a coisa ou o sujeito em si, mas a imagem que se constrói dela ou dele por meio dos elementos ou enunciativos.

Quando o *ethos* age sobre o coenunciador, Maingueneau (2013) fala em incorporação. Para ele, por meio da enunciação, o coenunciador é levado a conferir um *ethos*, a dar um corpo ao fiador, ou seja, ao validador, legitimador do que é dito. Este mesmo coenunciador absorve e assimila os elementos que possibilitam sua existência no mundo e esse grau de absorção, captação, assimilação do *ethos* associa-se aos aspectos ideológicos em que os interactantes estão envolvidos.

A noção de sujeito é necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito, enquanto locutor, com relação à sua atividade linguageira. Ela traz consigo relações entre o sujeito e os dados da situação de comunicação em que ele se encontra, os procedimentos de discursivização, os saberes, opiniões e crenças que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Sua competência não é tanto linguística quanto comunicacional e discursiva (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2014). Charaudeau (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) também defende que o sujeito do discurso é parcialmente sobredeterminado pelos condicionamentos de diversas ordens e livre para operar suas escolhas no momento de focalizar seu discurso. É coagido pelos dados da situação de comunicação que o conduzem a se comportar discursivamente de certa maneira, e livre de se individualizar, o que o leva a usar estratégias.

O sujeito do discurso é polifônico, carrega consigo vários tipos de saberes, conscientes, não conscientes e inconscientes, desdobrando-se na medida em que é levado a desempenhar alternativamente o papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a relação de seu interlocutor e do sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que

produziu esse ato. No primeiro caso, ele exerce o papel de codificador; no segundo, o papel de decodificador, ambos os produtos de inferências (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2014).

2.1 Uma primeira instância da constituição do sujeito: o parasita

Uma das explicações de Maingueneau (2014a) sobre a ideia de parasita vem associada com a de nômade, que para ele trocam de poderes de modo constante. Tal parasita pode, na visão de Maingueneau (2014), ser manifesto por meio de um exílio ou mesmo como uma manifestação dos espaços presentes na sociedade oficial. Dizendo de outro modo, estes parasitas ou nômades discursivos não habitam a sociedade, marginalizam nela. Eles são desprovidos de um lugar no âmbito do prestígio e se tornam periféricos desse macro-lugar. Utilizando ainda uma metáfora poderíamos dizer que no entorno de um lugar em que a sociedade oficial se instaura, os parasitas servem de periféricos, habitantes da periferia em moldes abrasileirados. Assim sendo, os parasitas são planetas que permeiam em uma relação de interdependência, um lugar que irradia para eles e os nutre de energia. O sol está para sociedade oficial como os planetas estão para os parasitas. É impossível habitar o sol por questões alheias à vontade. Mas não é impossível habitar um planeta.

Trazendo para uma primeira explicação, a ideia introdutória dos termos nômade e parasita, do mesmo modo como podemos dizer, com ressalvas, que antes de uma imagem existe uma imagem prévia dela própria, há antes de um sujeito constituído um parasita a nutrir-se dos elementos discursivos que um lugar, aqui, nos moldes dessa proposta, entendido como o discurso literário, permite que ele absorva para se constituir. Acreditamos que a primeira instância do sujeito é a de parasita. O que o *ethos*, visto aqui como um processo que permite ao parasita metamorfosear-se em sujeito, faz é remodelar, revestir esse ser instável que tenta obrigar o discurso a aceitá-lo em si mesmo. Já que o discurso é também lugar de enunciação.

Entretanto, esse parasita, embora possa um dia dizer-se sujeito, nunca o será de fato, pois isso independe de sua vontade. Assim como um burguês pode vir a ser um conde por comprar o título de um nobre falido, os outros nobres jamais o considerarão um deles por unanimidade, seu sangue nunca será azul. O parasita será sempre um tender a ser sempre instável revestido por uma casca frágil que camufla algo líquido. A solidez será para ele sempre inatingível. A casca que reveste esse parasita é o *ethos*. O que fica aparente é o sujeito. O que pode derramar é o parasita. Assim, como a propriedade desconstitui o nômade do que o caracteriza, o vir a ser sujeito desconstitui o parasita do que é seu caráter. Um parasita nutre-se do discurso e os nutrientes alimentam sua imagem, seu *ethos* e a sua instabilidade lhe

obriga a continuar a sugar do terreno discursivo, ininterruptamente, as propriedades que rebocam as paredes rachadas da casca que mantém sua forma, seu *ethos*.

Um exemplo romano pode exemplificar essas assertivas. A família Bórgia não era aceita pela nobreza romana da Renascença por serem de origem hispânica, eram nômades, antes de se estabelecerem em Roma e nunca, mesmo que tenham sido a família mais poderosa do período, (Alexandre VI foi papa, Lucrecia Bórgia se tornou conhecida em todo o ocidente e alimentava diversos artistas com sua proteção foram importantes na unificação daquilo que viria a se tornar a Itália), foram aceitos plenamente pelos romanos. Nunca deixaram de ser forasteiros em outra terra. Não conseguiram evitar que seu parasitismo transbordasse com as demasiadas investidas sobre o revestimento, a casca que construía sua imagem.

Maingueneau (2014a) utiliza as Fábulas de La Fontaine para explicar os parasitas. Nesse exemplo, o pertencimento paradoxal do parasita confunde as noções de autor que enuncia e de personagem que acaba por ter entre suas funções alheias à sua vontade o enunciar de tal autor. Foquemos no contraste entre a cidade e o campo em que, no exemplo trazido por Maingueneau (2014a), o autor se nutre pelos importantes e a eles dedica o que escreve. La Fontaine seria um exemplo disso. Há em suas fábulas sempre uma relação de contraste em que um lado mendiga e se retira do mundo, desvia, engana, é errante, nômade, instável etc, enquanto o seu oposto traz o outro lado. Há sempre uma relação de ter e almejar ter algo do outro. O eu e seu duplo estão em conflito permanente. A necessidade de um precisa da falta que o outro apresenta. A insuficiência de um é satisfeita no momento em que este percebe que no outro também falta algo.

Para Maingueneau (2014a), os parasitas se dividem entre os da sociedade em que ele cita clérigos, juizes, príncipes, reis etc e os parasitas deles próprios dentre os quais insere o próprio escritor que, patrocinado por um nobre pode escrever por meio de elogios àquele que lhe permite nutrir-se dele para por meio dele poder enunciar um tipo discursivo tido como literário.

Utilizamos a denominação tipo de discurso ou tipo discursivo para o discurso literário ancorando-nos em Maingueneau (2013) que defende que todo texto pertence a uma categoria de discurso, suscintamente a um gênero de discurso. Um termo como 'tragédia', "narrativa" ou "romance sentimental" serviria para categorizar a variedade dos textos que uma sociedade produz. Nesse ponto, estamos em um espaço de heterogeneidade e em um ponto mais próximo do senso comum. Para Maingueneau (2013), quando as pessoas em geral vão a uma livraria não se baseiam nos mesmos critérios de um crítico literário que domina um vocabulário específico para proceder em suas buscas profissionais. Logo, o modo como um

grupo especializado, como um analista do discurso apreenderá um livro levanta critérios mais rigorosos do que as pessoas em geral. Assim, as tipologias entram em cena.

Nesse sentido, Maingueneau (2013) levanta a discussão entre a diferença entre gênero e tipo de discurso. Existem diversos gêneros de discurso para um número limitado de tipos de discurso e os gêneros estão no interior dos tipos de discurso. Assim, gêneros como narrativa, tragédia e romance sentimental habitam um tipo discursivo mais amplo em que muitas vezes os gêneros se mesclam e hierarquizam as características que se sobressaem e o local habitado por esses gêneros de discurso é o tipo de discurso.

O tipo de discurso literário, o tipo de discurso filosófico, o tipo de discurso religioso, o tipo de discurso midiático, para Maingueneau (2013) estão para o discurso assim como os setores da saúde, educação e pesquisa estão para a sociedade. Tais setores, para o autor, correspondem aos tipos de discurso, pois, é por meio destes que eles proferem discursos sociais tidos como literário, midiático, filosófico etc.

Por meio do caráter parasitário da obra, seu autor abriga-se nela e edifica sua obra. O parasita constrói sua imagem, seu *ethos*, por meio dos nutrientes permitidos a ele sugar de seu abrigo, o discurso. Por conta disso, o que irá enunciar não é totalmente livre, pois depende da vontade de outrem, para ultrapassar seu superior. Aquele que pertence de fato à sociedade oficial, deve ser iludido por meio de artifícios, como os elogios, para por meio do que eles permitem, subir à tona superficial do discurso, proferir dizeres outros, às vezes inalcançáveis para as pessoas de seu tempo e só vislumbráveis em uma época à frente de seu tempo.

Maingueneau (2014a) não se utiliza do termo parasita nos moldes que intentamos fazer neste trabalho. O parasita é entendido do nosso ponto de vista, em nossos propósitos analíticos sob a égide micro-analítica⁸. Enquanto Maingueneau (2014a), o vê habitando a sociedade e materializando-se por meio do discurso, em nossa filtragem de seu aporte teórico que nos subsidia, o vemos habitando o discurso e materializando-se por meio de elementos embrionários de suas movimentações, ou seja, como termos acionados na materialidade do discurso a partir do momento da enunciação em que as marcas discursivas põem-se à vista, como a ponta de um iceberg e a ponta é a embreagem do efeito de sentido que o parasita tende a propagar no discurso. O parasita não quer ser visto como tal. Por isso, reveste-se de caracteres que o camuflam. Ele quer ser visto como sujeito constituído de elementos legitimadores para inserir-se no âmbito oficial, pelo menos é isso que ele almeja.

⁸ O que chamamos de micro-analítico aproxima-se do que Maingueneau divide entre o máximo e o mínimo. Esse nível Mínimo de análise é o que seguimos nesta análise. Ver tópico 2.6.2, p. 92 do presente trabalho.

2.2 O percurso de transmutação do parasita

No intuito de provocar uma metamorfose que anule a visibilidade parasitária que lhe confere o status de parasita, a entidade que habita o discurso literário e pretende tornar sua enunciação aceitável, para, por meio dela propagar sua ideologia, vai ver no lugar discurso literário, um suporte que não suportará plenamente seu dizer e nem permitirá que tal entidade comprometa a estabilidade do próprio discurso sob pena de comprometer o caráter constituinte que o legitima. O parasita não quer ser notado, pois isso pode comprometer sua nutrição. Ele ao se alimentar, ao sugar o parasitário, não lhe ajuda em nada, por conta disso pode ser expulso facilmente do lugar. É nômade. Mas para proferir a ideologia que lhe é alheia ao mesmo tempo em que precisa dele para irradiar-se por meio do discurso, propõe uma negociação ao discurso (visto nesse ponto como semelhante a uma instituição que o abriga): o discurso precisa propagar ideologia, e a ideologia precisa do discurso para materializar-se discursivamente.

O sujeito pode mediar a materialidade discursiva de que precisa para que a negociação exista. Para isso, a entidade precisa deixar de parasitar o discurso e tornar-se corpórea. Nesse ponto, o *ethos* começa a trabalhar e configura uma imagem para a entidade que ainda abriga a ideologia e que precisa parasitar o discurso a fim de contatar com o real. Ao atingir o discurso e nutrir-se dele para subsistir, aquilo que era entidade passa a parasita e, quando começa a utilizar-se do discurso para não mais nutrir-se, mas constituir-se imgeticamente deixa o caráter de parasita e torna-se sujeito que agora enuncia, profere e tem retorno do outro. Eis que o parasita antes impossibilitado de enunciar e desprovido de uma imagem e de um corpo, passa a ter seu *ethos* reconfigurado e a atualizar sua imagem no intuito de progredir discursivamente.

A partir das considerações acima, podemos com Maingueneau (2014a), conferir ao parasita uma característica: a de ser acusado de improdutividade, por conta disso, é praticante do parasitismo. No entanto, deve desvincular esse caráter de si no momento em que emerge como sujeito. Uma diferença entre o que estamos concebendo aqui como parasita e o que Maingueneau (2014a) defende está no fato de que o parasita não é central no processo, mas faz emergirem outras pessoas no discurso. Personagens secundárias servem para delinear as personagens centrais, nesse sentido, o parasita serviria para chamar a atenção para a protagonista. A aproximação entre esse olhar e o que estamos apregoando está no fato de que para nós o parasita também não é central, mas pode vir a ser ao tornar-se sujeito de enunciação.

Outra semelhança se instaura entre nossa tentativa de pesquisa sobre o parasita, o fato de que a personagem protagonista do *corpus* analisado, aqui intitulada homem do subsolo, encena, às vezes, a função de parasita e de parasitado. Ele se mostra no discurso ora como vítima quando centraliza as ações sobre outras personagens, ora como algoz quando traz sobre si as mazelas das vítimas de sua maldade. Sua consciência, como se verá demarca seu niilismo. Para nós, no momento em que o proferimento enunciativo se veste do EU, o parasita torna-se sujeito de enunciação. Mesmo que sua localização seja instável, ele consegue marcar-se por meio dos embreantes que profere.

O posicionamento do sujeito de enunciação não é estável justamente por conta da polifonia presente no discurso. A instabilidade do discurso não permite ao sujeito sentir pisar em terra firme, pois, a qualquer momento ele, caso não se ancore no que o discurso que lhe abriga permite que seja dito pode voltar à condição de parasita ou até mesmo de ser expelido pelo organismo sinuoso que se configura em discurso.

Nesse tocante, o *ethos* se torna imprescindível, uma vez que permite ao sujeito comportar-se como um camaleão linguístico, nos termos de Faraco (2012) (guardadas as devidas proporções), que ao sentir necessidade de mudar o tom de seu discurso, remodela sua fala e reconfigura sua imagem, o que lhe permite continuar no 'recinto' discurso. O *ethos* reconfigura o sujeito, atualiza sua imagem para que ele possa progredir discursivamente suas enunciações.

2.3 O cronotopo de Bakhtin

Bakhtin (2014, p. 282) apregoa que o romance deve ser analisado: “como entidade una, penetrada pela unidade de sua ideologia e do seu método literário”. Assim sendo, podemos defender, baseados nessa premissa, que uma obra literária se vê atacada pelas ideologias que influenciam na estilística, que por sua vez permite por meio da expressão literária a manifestação ideológica.

Se a obra surge na sociedade, as ideologias que a circundam veem na literatura uma possibilidade de se materializarem nas literaturas que dizem, como nos diz Amossy (2014), a sociedade de seu tempo. Há uma necessidade que supera a impossibilidade de consciência no que concerne à manifestação literária. O romance visto enquanto entidade é tido como um lugar em que perpassam a ideologia e a estética que permite uma identidade do dizer, ou seja, no acionamento da necessidade de manifestação literária existe uma co-participação da ideologia e da estética no escritor que se incorpora ao que lhe é externo, resultando no discurso literário, visto enquanto tipo discursivo cujas regras, máximas de instauração, não podem ser comparadas com a de nenhum outro tipo discursivo, isto é, a constituição uma da entidade romance literário não se dá nos mesmos moldes da que se verifica em outros tipos de discurso.

A situação paratópica do escritor, segundo Maingueneau (2001, p. 36),

[...] leva-o a identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América..., de acordo com as circunstâncias. Basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para sua órbita. M. Bakhtin mostrou desse modo o importante papel que a contracultura “carnavalesca”, que pela irrisão visava subverter a cultura oficial, desempenhou para a criação literária. Os extravasamentos pontuais da festa dos loucos, assim como a literatura que nela se apóia, não tem realmente um lugar designado na sociedade, tiram sua força de sua marginalidade[...].

A sociedade é contra ou a favor de sua natureza efetivamente segregada. Os seres que o escritor vê no mundo acabam por ser representados pelo holograma tridimensional que lhes insere na Paratopia literária. A mesma instabilidade que vê na posição ocupada pelos judeus, boêmios, mulheres e índios dentre outros na sociedade se deixa transparecer no discurso literário. Assim como a sociedade cria uma situação paratópica, acreditamos que o discurso representa tal situação em si por meio da enunciação que ele delinea.

Mulheres prostitutas, homens sem escrúpulos, servos zombeteiros, homens superiores, o Homem do Subsolo habitam o discurso literário, por ele transitam numa localização instável cujo percurso só é visto pelos olhos do sujeito enunciador que narra a história e que mostra-se

partícipe dela. No fim das contas, apenas o Homem do subsolo está atravessando o discurso, os outros apenas o realçam, pois ele, por meio dos outros que traz à tona, intenta mais mostrar-se pelo que os outros são e pelo que não vê de si nos outros. As outras *personas non gratas* são paratópicas e não podem fixar-se no discurso por muito tempo para não correrem o risco de aparecerem na cena de enunciação mais que aquele que toma para si o poder de enunciador.

O Homem do Subsolo, como veremos, é a órbita de toda a enunciação que o discurso literário de *Memórias do Subsolo* delinea. Suas características impregnam e propagam toda a enunciação que por meio do discurso formado constrói para ele o *ethos* niilista. O niilista, tido como um consciente assim como o índio, o boêmio etc é também um pária sem lugar nem vez no discurso, do mesmo modo como aqueles não tem lugar nem vez na sociedade.

O niilista intenta contra a normalidade como o adepto da contracultura carnavalesca de Bakhtin (2014) intenta contra a cultura oficial. Tudo o que a sociedade não comporta transborda do mesmo modo que tudo o que o discurso não permite deveria sair dele como de fato o sai. O que está às margens é o que não está dado no texto materializado. Os sentidos outros intencionam orbitar um núcleo e caso não sofram aderência do estipulado criarão um microcosmo próprio circundando o núcleo habitado pelos legítimos. O niilista também provoca irrisão, zomba do normal com ironia e com esse ato, anula qualquer pretensa neutralidade em sua enunciação.

O caráter entidade do romance em Bakhtin (2014) torna nítida a complexidade do discurso literário, o que Maingueneau (2014a), chama de paradoxal. Não há um corpo físico no discurso literário, e quando se fala em materialidade discursiva não o fazemos do mesmo modo que se faz em outras ciências. Não podemos ver o que se materializa no discurso linguisticamente do mesmo modo que podemos ver uma bactéria. A visão a olho nu não permite nada além do vislumbre, mas o vislumbre não anula a existência.

O discurso literário é uma ondulação incessante, uma coluna vertebral maleável e incontrolável e mesmo que abramos o corpo que o reveste não poderemos atingir a ideologia que nele se instaura, pois, no momento em que tentarmos apalpá-la ela se esvairá e somente o vislumbre de sua presença será notado. O romance, enquanto entidade, não tem um corpo e está além do alcance e o discurso literário presente no suporte que o livro, produto, nos dá como possibilidade de visualização não é o tópico em si, mas o falar sobre o tópico, a tentativa sempre frustrada de alcançar aquilo de que só resta o efeito de sentido.

Bakhtin, ao tratar de Rabelais, afirma que (2014, p. 284) “as coisas e as ideias estão unidas por meio de relações hierárquicas falsas, hostis à natureza delas, estão separadas e

distantes umas das outras por diversas camadas intermediárias de um ideal de outro mundo, que não as deixam entrar em contado vivo e carnal”. Não só para Rabelais, mas para qualquer discurso, romance literário, a hostilidade é uma essência da constituição do discurso e contribui para o legitimar. A relação de contato entre os elementos que formam um discurso arranham-se e adentram-se umas nas outras apenas nesse contato agressivo, pois ao mesmo tempo em que são elementos do discurso, do romance, intentam-se, demarcarem-se pelo que têm de diferente dos outros para que sirvam ao propósito que os une, a formação discursiva. Entretanto, o grau de importância de cada uma é dependente do momento.

O linguístico que materializa resquícios do que de fato seja o discurso, não pertence ao mesmo mundo do ideológico. O embreante, a palavra e sua ressignificação provoca efeitos alheios aos que a lançam sobre o outro. Há a coisa, a entidade, a ideia e a palavra que não pode furtar-se a lançar-se ao ser lançada sobre elas para que se reformulem ideias, para que se diga algo sobre as coisas e para que se dê algo à entidade que permita que se diga algo sobre ela. Aquilo que o analista traz à tona não é verdadeiro nem carnal, uma sequência discursiva não é o discurso, ele não é vivamente corpóreo. Ela é a forma de que se dispõe a inferir.

A cadeia do romance e/ou discurso nos é alheia, dela dispomos apenas de sequelas daquilo que foi proferido por meio da língua que nunca diz tudo sobre um tópico discursivo, por isso a busca humana pela construção de um sentido maior que o manifesto é incessante. Segundo Bakhtin (2014), a língua é impregnada de mentiras que dão às palavras ligações falsas entre as “magníficas palavras reais e as ideias efetivamente humanas”. Esse é um ponto convergente com a ideia que Maingueneau (2014a) apresenta de embreagem paratópica, em que, como veremos, elementos de diversas naturezas são partícipes tanto do mundo quanto da situação instável com a qual o escritor constrói seu mundo imerso no elemento literário que se instaura por meio da língua. No nível discursivo-literário, uma personagem atravessa tanto instâncias espaciais sociais inserindo-se em níveis mínimos e máximos em uma ambivalência que insere as personagens à margem ou no topo de um grupo social, assim como os sujeitos do mundo podem ser párias ou nobres.

A falsidade que se incorpora à língua é emitida por meio dos usos feitos pelas palavras e a ligação igualmente falsa entre a palavra e as ideias permite a ressignificação dos sentidos que atribuímos às palavras. O questionamento sobre a natureza da palavra ser real e as ideias serem efetivamente humanas aclara a ideia de que uma palavra considerada embreagem aciona no mundo das ideias humanas, por meio dos usos que os sujeitos fazem das palavras, uma pseudo-colagem que intenta primeiramente a uma etiquetagem quando na verdade as

palavras não se relacionam com as coisas como se fossem meras vestimentas com as quais estas se utilizam para significarem e se tornarem humanizadas.

Quando pensamos em uma palavra ou expressão enquanto embreagem paratópica, estamos vendo por meio do termo paratópico o 'para' como paradoxo e o 'tópico' como lugar, Paratopia é sinônimo, ainda que imperfeito, de paradoxo do lugar, por conta da natureza do lugar em discurso literário ser instável, inconstante. Portanto, ao falarmos aqui de falsidade no uso das palavras o fazemos no sentido de não podermos prender uma palavra a uma coisa ou entidade, mas de verificar aquilo a que a palavra não fidedignamente referenciar no mundo por meio da língua que se dá sempre momentaneamente e nunca podermos considerar as palavras enquanto rios perenes cujo curso só pode remeter a uma única ideia.

No uso que fazemos de uma palavra, a inserimos em um contexto, que nunca será mais que uma encenação e encenação não é realidade, mas o que podemos fazer para ensaiar algo sobre aquilo que nos é inatingível. De um modo mais generalizante, dizemos aqui que o uso que se faz de uma palavra em um contexto dado, não é um uso real, mas dissimulado pelo fato de que uma palavra não pode fazer mais que tentar representar o real, na verdade quem tenta representar algo com a palavra é o ser que a utiliza, ela em si está próxima da entidade extra-corpórea que a lança e é lançada por ela.

O homem do subsolo, sujeito narrador-personagem observador e partícipe da cena de enunciação, não utilizou a palavra niilismo como embreagem de sua personagem aqui analisada, mas por meio de outras embreagens, outras palavras, é que tentamos aglutinar esse *ethos* encapsulando-o no termo que o resume, o sujeito niilista.

O cronotopo, como o próprio Bakhtin (2014) apresenta, é um termo que significa sinteticamente tempo-espaço. Foi utilizado primeiramente dentro da teoria da relatividade de Einstein e remodelado por Bakhtin (2014) em suas investidas analíticas do romance. Bakhtin (2014, p. 211) chama de cronotopo em crítica literária “[...] à interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura [...] nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço)”. Crono é tempo, topo é espaço, e ambos são indissociáveis das relações que se estabelecem no discurso literário. Interessante notar a assimilação que Bakhtin faz do tempo aglutinado ao espaço, como sendo um elemento pertencente aos propósitos do espaço.

O tempo se condensa, fica pesado e visível enquanto o espaço penetra nele, no enlace que os une por meio da história narrada. Para Bakhtin (2014), o tempo transparece no espaço que por sua vez é sentido e medido com o próprio tempo e é esse elemento que conduz o próprio cronotopo e este último, por tabela, determina o *ethos* do sujeito no discurso literário,

o que Bakhtin (2014, p. 212) diz, em sua perspectiva, como se segue “O cronotopo como categoria conteudística-formal determina (em medida significativa) também a imagem do indivíduo na literatura; essa imagem sempre é fundamentalmente cronotópica”. Ainda nessa linha de raciocínio, Bakhtin (2014) puxa uma nota de rodapé afirmando que tempo e espaço são mais do que indispensáveis ou transcendentais de qualquer conhecimento, mas como formas pertencentes à realidade efetiva.

Como Benveniste (2011) apregoa, é Ego quem diz EU e este o faz no AQUI e o faz no AGORA. Essa tríade é indispensável para qualquer possibilidade de dizer um discurso no mundo por meio da língua. O EU de uma enunciação estará sempre inserido em um lugar/espaço/tempo e essa é uma máxima que vai de Kant a Bakhtin, de Benveniste a Maingueneau.

Bakhtin, ao analisar o romance *Gargantua* de Rabelais, apresenta assertivas que servem de subsídios não só para essa obra, mas para a análise do discurso literário, senão como um todo, ao menos quando um tipo discursivo como este apresentar entre suas características o propósito de desconstruir padrões da normalidade do tempo que nelas se vê manifesto. Para Bakhtin, as combinações de palavras em Rabelais, mesmo quando não apresentam objetividade, aparentam em um primeiro momento ser absurdas, têm um propósito evidente, coeso e coerente de tenderem antes a (2014, 291):

[...] destruir a hierarquia de valores estabelecidos, a reduzir o que é grande e a aumentar o que é pequeno, tendem a destruir a perspectiva habitual do mundo em todos os seus detalhes. Porém, ao mesmo tempo, ele resolve um problema positivo que orienta de modo definido todas as suas associações verbais e imagens grotescas: dar um corpo ao mundo, materializá-lo, juntar tudo às séries espaço-temporais, medir tudo pelas escalas humanas e carnais, construir um novo quadro do mundo no lugar do que ele terá destruído. As vizinhanças mais insolitas e imprevistas de palavras são marcadas pela unicidade das aspirações ideológicas de Rabelais[...]

O *corpus* analisado neste trabalho também apresenta tal propósito, como se verá na análise, o sujeito manifestante, o narrador personagem Homem do Subsolo, direciona sua formação discursiva enveredando-se no meio dela com uma clara evidencia de questionar a realidade de seu tempo. O discurso com caracteres de revolta tende a questionar o que intenta destruir. A explosão de uma ideia grande e corroída pelas próprias inconsistências mesmo sendo um hábito corriqueiro de uma sociedade. O discurso proporciona a possibilidade de, por meio das palavras, tornar uma ideia estabelecida grotesca.

Quando Bakhtin fala em dar um corpo ao mundo para materializá-lo, podemos direcionar essa prerrogativa não ao mundo físico, mas ao mundo das ideias, das ideologias, ao mundo habitado pelas entidades que ininterruptamente querem adentrar no físico, primeiro

nutrindo-se e adaptando-se de elementos que lhes são alheios para tornarem-se membros instáveis ao que não pertence à sua natureza, mas dela agora fazem parte. Aquilo que se sobrepõe a todos por ser o grande, a lei em vigor a ser combatida, passa a ser questionada recebendo da parte do alheio a ela um ataque imagético formulado pelas palavras que lhe são lançadas como armas corrosivas de sua constituição e imagem. O normal ao passar a ser visto como grotesco é o belo que se torna feio e a aderência da sociedade à nova concepção destrói a norma estabelecida.

O pequeno é enaltecido e destrona o que fora grande assumindo seu lugar no tempo e apregoando não se tornar o que foi destituído. O novo agora é corpóreo e está incorporado à nova conduta. O novo é a nova ordem surgida da desordem que causou para surgir. O novo erigiu o solo sobre o qual se assenta. O novo provoca ao se tornar corpóreo uma nova falsidade nas palavras que não serão mais referenciadas nos moldes do que apregoaram por meio delas quando ainda estavam no plano das ideias, elas já não são mais ideias, mas corpos. Os corpos, por natureza deturpam as palavras e os sentidos que delas e nelas emanam. A palavra 'amor' é deturpada pelo que ama e diz amar.

O tempo é o grande responsável pelo amadurecimento de uma ideologia em um lugar. O sujeito é um pouco fruto desse processo de maturação da ideia no espaço em que habita. O tempo é o senhor de tudo e de todas as transformações no espaço e em seus constituintes, dentre eles, do ser que o habita, o sujeito. Como defendemos aqui, antes de haver sujeito há o parasita e antes de haver parasita existe a entidade. O percurso dessa evolução se dá no espaço e o processo de amadurecimento dessas instâncias se processa no tempo. Bakhtin (2014) ao versar sobre os fundamentos do cronotopo, o faz partindo dos parâmetros folclóricos. Ele apresenta tais fundamentos utilizando-se também de Rabelais.

Nós apresentamos essas premissas bakhtinianas afastando-as do que for possível de sua análise sobre esse escritor, atendo-nos ao que pode ser extraído de epistemológico e logo, aplicável não somente a Rabelais, mas ao discurso literário, sem confundi-lo com o romance propriamente dito, já que é sobre este último que Bakhtin debruça seu olhar analítico.

Bakhtin (2014) defende que apenas com a agricultura o tempo pode se tornar perceptível. O tempo sócio-familiar, as festividades, as cerimônias, o trabalho, as estações, as horas, os dias, os estágios de desenvolvimento das plantas e do gado, enfim, todos esses fatores passaram a encontrar um reflexo na linguagem. O tempo nesses moldes é coletivo, não há sujeito, mas sociedade. O tempo está do lado de fora do ser e só tem valor nessa exterioridade. Se o jogo que tem valor é o do trabalho, assim o tempo é medido em torno dele. O trabalho luta contra a natureza e sempre perde dela.

Por mais que produza nunca consegue vencer o cair da noite. É nessa luta que Bakhtin (2014) diz que nasce o tempo. Para ele, o tempo do crescimento produtivo é o tempo da vida vegetativa, da multiplicação, da proliferação. É um tempo quantitativo cuja qualidade é a multiplicação das coisas, não interessa a ele produzir um bem feito de cada vez, mas muitos de uma só vez. A entidade torna-se parasita e este torna-se sujeito porque amadurece. A tríade temporal presente, passado e futuro é subjugada pela pretensa pseudo-imanência do presente. O presente é o tempo/espço de se produzir para o porvir. Tudo que se faz no hoje tem como meta o amanhã. Plantamos no presente para colhermos no futuro e essa premissa está presente em todos os tipos de discurso, quer no religioso, no político, no filosófico, no clínico, enfim, o tempo é tendencioso, penso para o futuro.

O tempo é espaço e este é concreto. Estão fundidos um no outro e nessa imbricação um se materializa por meio do outro. A terra e a natureza o exteriorizam. Bakhtin (2014) vê esse tempo de fora para dentro, ou seja, o ser mensura o mundo por meio da natureza, utiliza esta para medir seu mundo e todo esse processo está subordinado ao trabalho. Conforme, Bakhtin (2014, p. 318):

[...] A vida humana e a natureza são percebidas nas mesmas categorias. As estações do ano, as idades, as noites e os dias (e suas subdivisões), o acasalamento (o casamento), a gravidez, a maturidade, a velhice e a morte, todas essas categorias-imagens servem da mesma maneira tanto para a representação temática da vida humana como na representação da natureza (no espaço agrícola). Todas essas representações são profundamente cronotópicas. Aqui o tempo está mergulhado na terra, semeado nela, aí ele amadurece. Em seu curso une-se a mão laboriosa do homem e a terra, e é possível criar esse curso, apalpá-lo, respirá-lo (os aromas que se alternam do crescimento e da maturação), ve-lo. Ele é compacto, irreversível (nos limites do ciclo), realista [...].

Tempo e espaço se fundem. O espaço é atravessado pelo tempo. As coisas da natureza são usadas para cronometrar as coisas da vida humana. O espaço é físico e o tempo adentra nele arranhando os elementos que o constituem. A velhice representa o cronotopo. Não se pode apalpar o tempo, mas as rugas de um rosto tornam seu efeito visível. O rosto está em um lugar que o tempo abala. É por meio do espaço que o tempo se materializa e pode ser apalpado, não do mesmo modo como um ser toca outro, mas como um ser sente o que o vento ou a água fazem com uma rocha com o passar do tempo.

No tocante à literatura, o tempo é uma unidade que individualizou o coletivo, ou seja, após esse primeiro estágio do cronotopo vinculado ao fato de que o tempo está fora do sujeito, alheio a ele e só ter valor naquilo que o circunda, há a necessidade de olhar para um âmbito menor, o dos partícipes do tempo. O foco temporal e espacial sai do coletivo, do social e passa-se ao privado. O tempo se associa ao tema, ou seja, no tempo coletivo não havia

problemas particulares, no tempo uno sim. Problemas como ter ou não comida estavam relacionado com as condições de trabalho, à luta contra a natureza e suas intemperes, à guerra. O tempo uno é instável.

2.4 A heterotopia de Foucault

“Os deuses enviaram os infortúnios aos mortais para que eles pudessem contá-los.” Com essa paráfrase de *A odisseia*, Foucault (2009) inicia uma explanação a respeito da relação entre linguagem e infinito. Para ele, o fato de ter consciência da morte e de sua inevitabilidade faz com que as pessoas preencham o vazio de incertezas por meio do ato de falar. Entretanto, a tentativa de tornar os infortúnios intermináveis se dá por meio do ocultamento que as palavras permitem antever e não querem calar. Os problemas não se resolvem, mas com a invenção da escrita, Foucault (2009) acredita que a linguagem pode aspirar certa continuidade e adverte quanto à palavra que “[...] é também, porque ela não queria morrer que decidiu um dia concretizar-se em signos visíveis e indeléveis” (2009, p. 48). O autor associa a linguagem e a morte de modo a evidenciar a pressa perene de, num processo de escrita que materializa, tornar visíveis e inapagáveis as enunciações que se dão por meio do elemento linguagem.

Não à toa, Foucault (2009) partilha seu pensamento por meio de Homero. A narrativa de *A odisseia* é creditada a um autor que para alguns teóricos da literatura apenas utilizou-se da tecnologia escrita no intuito de salvaguardar as histórias narradas oralmente de geração em geração e que, por conta disso, poderiam não seguir adiante e sumirem, perdendo-se para sempre na névoa do passado. As aventuras de Ulisses não saíram da imaginação de Homero, nós é que temos acesso à tal narrativa por meio da enunciação atribuída a ele. Desse modo, o discurso literário não morreu e foi garantido para a posteridade. Foucault (2009, p. 49) assevera que:

[...] a morte é... o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro): no dia em que se falou para a morte e contra ela, para dominá-la e detê-la, alguma coisa nasceu, murmúrio que se retoma, se conta e se reduplica ininterruptamente, conforme uma multiplicação e um espessamento fantásticos em que se aloja e se esconde nossa linguagem de hoje[...]

A escrita, para Foucault (2009) não significa a coisa, mas a palavra por meio da qual pode-se, partindo da segmentação, da materialidade ofertada pelo texto, chegar ao menos perto do que pode significar um signo. A escrita é de certo modo, uma maneira de combater a morte das ideias que se propagam por meio dos sujeitos que se manifestam pela linguagem. Ainda ancorados no exposto de Foucault (2009), vemos a perseguição da morte através da palavra, que serve de arma para que o dizer não morra, que o dizer transcenda o esquecimento e seja visto pela posteridade.

O discurso é uma possibilidade de ver apenas os posicionamentos cujos interlocutores estão encobertos pelo passado. Desse modo: “O discurso é resultado de uma sucessão de posicionamentos tomados no curso do tempo e da história cujo primeiro enunciador foi apagado no passado para sempre e o máximo que se pode identificar no perigo que o passado encobre é a manifestação ideológica” (VIEIRA, 2015, p. 181). Neste ponto, podemos adentrar na obra literária sem enxergá-la como produto fechado, mas como um processo contínuo cujos efeitos de sentidos precisam ser oxigenados através do contato com os alocutários para a garantia de sua existência e de sua atualização e contextualização.

A obra é atemporal, não se restringe apenas à sociedade de seu tempo, não há pertencimento fixo. É no fato de a obra ancorar-se em sua gênese que não a sustenta mais sozinha por conta da distância, que ela se atualiza por depender do outro para nele provocar um efeito por meio da interação. Foucault (2009) acredita que a obra é inacessível ao tempo. Nesse ponto a obra literária deixa de pertencer ao ser físico que a escreveu, pois ele não é dono do que torna acessível ao outros, nem dos efeitos gerados pelo que os outros tinham e a mistura do que foi acessado por eles na obra.

A obra mesma se configura, ela mesma se torna visível, ela mesma se distancia do tempo primeiro em que emergiu em sua gênese. Ao alcançar seu caráter atemporal podemos, para os propósitos aqui defendidos, revestir o termo *obra literária* de um outro, *o discurso literário*. Por meio do discurso literário, a palavra se prolonga até interlocutores não idealizados. O termo obra, não consegue permear o eixo que atravessa o concreto, ou seja, a obra é puxada a significar o produto, a completude. O discurso atravessa esse concreto sem destruí-lo, mas afetando-o no sentido de que deixam marcas em ambos durante o choque, o embate, o processo. O curso do dito tem como meta a formação, não a produção. Intenta construir e esse ato permite a movimentação, a incompletude da ânsia de res-significar tomando por base o pronto materializado para, por meio dele, adentrar naquilo que fica interdito e que espera ser contemplado pelo interlocutor e que embora exista nem sempre é visto.

Orlandi (2006), ancorando-se em Pêcheux, apresenta duas formas de esquecimento no discurso. O primeiro, esquecimento número 1, esquecimento ideológico, inconsciente que provoca nos sujeitos a ilusão de ser a origem de seu dizer, quando na verdade apenas retornam a sentidos preexistentes. Os discursos se realizam por meio dos sujeitos, mas o modo como estes se inserem na história e na língua é que permite a produção de sentidos. Para essa autora, o esquecimento número 2, enunciativo, traz à tona mesmo que implicitamente, outros discursos. É da ordem da formulação. Orlandi (2006) afirma que o sujeito esquece que há

outros sentidos possíveis. E que ele não é da ordem do inconsciente, pois produz a impressão da realidade do pensamento, como se houvesse uma relação literal entre o dito, o pensado e o real “de referência”.

De acordo com Orlandi (2003), as palavras adquirem sentido segundo as posições a partir dos quais elas são empregadas. Para essa autora, a noção de formação discursiva auxilia na compreensão da produção de sentido e dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A formação discursiva se define a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, uma formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito. Para a autora citada, o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas significam a partir das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. Tudo que dizemos está marcado ideologicamente.

Acrescenta-se ao exposto a noção de acontecimento apresentada por Pêcheux (2002), que considera que o discurso pode ser apreendido enquanto acontecimento, que deve ser trabalhado contextualmente atualizando-se no espaço da memória que ele evoca e conseqüentemente reorganiza. O confronto discursivo, na visão do autor, prossegue através do acontecimento. O acontecimento é materializado discursivamente e é esta materialidade que dá ao analista a possibilidade de encontrar na opacidade do acontecimento as marcas discursivas que aludem ao fenômeno discursivo investigado.

2.5 A Paratopia de Maingueneau

O discurso literário provoca uma existência enunciativa daquilo que já existe fora do literário, no mundo físico e que procura se não adentrar, ao menos permear esse mundo mágico da narrativa. O país das maravilhas e o Eldorado são possíveis na enunciação discursivo-literária e não no mundo real e palpável.

A Paratopia é uma noção introduzida por Maingueneau em 1993 para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre lugar e não lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (2001, p. 28). Esse estatuto paradoxal resulta da especificidade desses discursos que só podem *autorizar-se* por si mesmos: se o locutor ocupa uma posição *tópica*, ele não pode falar em nome de alguma transcendência, mas se não se inscreve de alguma forma no espaço social, não pode proferir uma mensagem aceitável, conforme Maingueneau (2001).

A noção de Paratopia, independentemente dos produtores de textos, pode-se aplicar ao próprio campo discursivo que funda seu direito à fala: um profeta ou um filósofo são paratópicos na medida em que os discursos religioso ou filosófico o são. A Paratopia, na visão de Maingueneau (2014a), assume aparências muito variadas segundo os lugares e as épocas: a “República das letras” do século XVIII não é a boemia do século XIX, o profeta bíblico não é o ‘televangelista’ contemporâneo. A Paratopia pode se reduzir a um estatuto sociológico; neste nível, há apenas paratopias *potenciais*: não basta ser exilado ou órfão para ser criador. Para que a Paratopia interesse ao discurso, é necessário que seja estruturante e estruturada pela produção dos textos: enunciando, o locutor se esforça para superar seu impossível pertencimento, mas esse impossível pertencimento, necessário para poder enunciar desse modo, é confortado por essa própria enunciação, conforme Maingueneau (2001).

Maingueneau (2001) defende a impossibilidade de se produzir enunciados reconhecidos como literários sem se colocar como escritor, sem se definir com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição. Bourdieu em 1992⁹ mostrou que o “contexto” da obra literária é em primeiro lugar o campo literário, que obedece a regras específicas. Para Maingueneau (2001), o escritor alimenta sua obra com o caráter radicalmente problemático de sua própria pertinência ao campo literário e à sociedade. O

⁹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

escritor é alguém cuja enunciação se constitui através da própria impossibilidade de se designar um “lugar” verdadeiro, deste modo é que Maingueneau (2014a) defende que,

O campo literário faz parte da sociedade, mas a enunciação literária desestabiliza a representação normalmente feita de lugar, que contrapõe um dentro e um fora. Não é possível falar de uma corporação de escritores como se fala de uma corporação de hoteleiros ou de engenheiros. A literatura define um lugar na sociedade, mas é impossível designar-lhe qualquer lugar. A menos que o escritor se afaste do que é esperado dele, produzir obras literárias, a menos que se torne parasita, ele não produz obras literárias. O campo literário enquanto lugar, resulta de uma negociação difícil entre lugar e não-lugar. É uma localização parasitaria, isto é, corre riscos perenes de perder os elementos de que se nutre para que a obra literária seja formada [...] (MAINGUENEAU, 2014a, p. 92)

Lemos (2008), em sua tese de doutorado, levanta o questionamento de Maingueneau (2001) em que a Paratopia contribui para separar lugar e território. Nesse ínterim, a etimologia da palavra auxilia, pois, 'para' é ao lado de, e 'topia' é lugar, logo Paratopia designa a obra literária ao lado da sociedade e não dentro dela. Isso significa que a obra literária não está localizada em um território fixo dentro da sociedade, pois sua instância não é a mesma da arquitetura, por exemplo. Uma personagem paratópica está ao lado, margeando uma sociedade e não dentro dela. Muito mais interessa uma personagem nômade por ser instável do que uma personagem nobre, pois é mais fácil que essa adentre na marginalidade daquela do que o contrário. Desse modo, uma personagem pode até definir, assim como a literatura, um lugar na sociedade, mas jamais um território, justamente pelo fato de que a instabilidade da ambivalência de pertencimento não proporcionar a fixidez do território.

Pode-se habitar um lugar por um tempo, mas a não perenidade do ser não é a perenidade do território. Um posto de papa ou de monarca é uma espécie de território ocupado por diversas pessoas no curso do tempo, ele é perene, os ocupantes são paratópicos. A Paratopia nos moldes que estamos traçando aqui, no entanto, não busca uma análise do autor, mas da personagem central de *Memórias do subsolo* a quem é atribuída uma voz por meio da qual se materializa o discurso literário. O Homem do Subsolo se impõe como o autor de suas memórias e vivenciador dos fatos que enuncia, mescla-se sobre esse *ethos*, portanto, a figura de autor, personagem, enunciador às vezes co-enunciador. Ele é o pária que se faz sujeito de enunciação literária que por meio dele repercute. Quando ele dá corpo enunciativo a uma prostituta, a um funcionário público, a seu servo, a um militar etc faz com que seu discurso seja habitado por diversas vozes, provoca a percepção de existência na obra de pessoas do mundo real, cuja reflexão provocada pela obra literária traz à consciência.

2.6 A função marcadora das embreagens paratópicas

O modo como um escritor de romance diversifica o desenvolvimento de personagens provoca no discurso gerado, pelo modo como o enunciado é tecido, toda uma situação de verossimilhança ou não com o real. O gênero literário não é físico nem palpável, e o discurso não é completamente interpretável. Entretanto, ao materializar-se no nível textual, provoca certa manifestação discursiva que emana interpretabilidade.

Cavalcante (2012) no intuito de justificar tal assertiva bakhtiniana resgata a tese platônica relacionada à lógica contrapondo a entidade e o objeto à coisa em si presente no mundo. Segundo essa perspectiva, a entidade em si não é um ser corpóreo que possa ser completamente descrita ou materializada por meio de palavras da mesma forma que o objeto não pode ser completamente representado pela palavra. A palavra pode ser deste modo, comparada à escrita, tida não como o retrato fidedigno do que seja real, mas como uma tecnologia que permite sintetizar as coisas no mundo por meio de palavras. Esta é inclusive uma grande ressalva: as palavras são o “meio” não o objeto ou a coisa em si. As palavras não são físicas, mesmo que sejam visíveis. Escreve-se e, no entanto, não se pode apalpar a palavra “caneta”, como se pode apalpar a coisa a que se atribui o nome caneta.

Bakhtin (2006) entende o domínio do ideológico e o domínio dos signos coincidindo entre si, pois onde um está com ele se encontra o ideológico. Os símbolos ideológicos são o reflexo, a sombra e um fragmento da realidade. Para Bakhtin (2006, p. 33), “Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer... Um signo é um fenômeno do mundo exterior”. O autor continua (op. cit), “O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior”. Assim o fenômeno real que no signo encontra possibilidade de adentrar no simbólico, no semiótico, tem ao mesmo tempo uma encarnação física, sonora no mundo exterior à enunciação, mas que no mundo particular das ideias também ganha feição que lhe garanta a existência.

Bakhtin (2006) acredita que um signo só é compreendido quando no processo de sua explicação ele chama outros signos. A cadeia ideológica que permeia a configuração dos signos ideológicos se faz de uma consciência individual a uma outra e é no processo de interação que essa cadeia de troca e de conjunção que o signo emerge, e mesmo uma consciência individual, na visão de Bakhtin (2006) também está repleta de signos e o lugar do ideológico é o material social dos signos que o homem cria.

Os signos aparecem em interlugares, pois é nesses que as trocas se dão, e esse interlugar precisa de dois sujeitos que compartilhem social e organizadamente os atributos de um mesmo grupo, assim suas individualidades podem ser compartilhadas e os signos vêm à tona formando um sistema de signos compartilhado e possibilitador de efeitos de sentidos compreensíveis entre os interactantes. O resultado de todo esse processo compartilhado é a consciência que é alimentada pelos signos esses, por sua vez, que devem ser acompanhados sempre do conteúdo semiótico e ideológico, do contrário todo o processo se esvai, é o indivíduo quem guarda e aciona o coletivo e se ele não for ideológico “não sobra nada”.

Conforme salienta Bakhtin (2006), a ideologia é um fenômeno e este fenômeno ou é ou resulta na palavra e esta é absorvida por sua função de signo, de elemento sintetizador de uma ideia/ideologia e, além do signo a palavra não consegue abrigar mais nada, mas remete a algo que lhe é exterior. A palavra, para Bakhtin (2006), é o centro de todo o estudo das ideologias e é também signo puro e neutro no sentido de que se particulariza, a depender da função ideológica, ao campo de discussões em que é utilizada e desse modo, a palavra (BAKHTIN, 2006, p. 37) “Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa... o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra”. Cada campo discursivo toma uma palavra sem retomá-la, pois, as palavras não são utilizadas do mesmo modo em ambientes discursivos diferentes, elas significam distintamente em mundos enunciativos divergentes.

Bakhtin (2006) pensa a palavra enquanto instrumento da consciência. Ele não enxerga a palavra substituindo signos, símbolos, mas co-participando do rito socializado em que se congregam. As palavras nunca podem substituir completamente todos os gestos, nem tudo se explica por meio de palavras e elas também não são a mais correta e adequada forma de representação e/ou substituição pelo verbal daquilo que está no mundo físico ou psicofisiológico. Entretanto, Bakhtin (2006) preceitua que, embora as palavras não digam tudo sobre o mundo, todos os signos ideológicos estão nelas apoiados na teia de relações entre o que elas intencionam dizer e o material palpável no mundo. É por meio das palavras que o mundo se torna enunciativamente vislumbrável no discurso. Para nós a embreagem aciona por meio de palavras a possibilidade de alcance da ideia e da coisa no mundo que a palavra garante.

A metáfora bakhtiniana bem elucida isso, ou seja, o “canto e seu acompanhamento musical” não são a mesma coisa, mas sem um, o outro não surte o efeito de sentido intencionado, um sai do ser, o outro da coisa que esse ser produziu para se assemelhar e não ser a mesma coisa que dele sai, mas que por meio dele expressa e cuja beleza é tão linda

quanto. Por meio da consciência coletiva que as palavras permitem, é que o sentido pode ser repassado.

A interação social por meio das palavras perpetua todos os signos, suas ideologias, sua semiologia. Não seria possível um “dó” representar uma nota musical sem que o sentido dele se instaurasse no outro e em outro outro. Caso não haja um grupo dentro de uma conglomerado de grupos, para garantir que o “dó” continue resguardado pelo símbolo que lhe aglutina esse sentido, se perderia da coletividade. Os embreantes ao acionarem os sentidos quando trazem a ideia que a palavra representa ainda que mais opaca que transparente, permitem que os sujeitos compreendam o compartilhamento das ideias e o que elas remetem.

A escrita é uma tecnologia que permite à humanidade, sem adentrarmos aqui em uma seara que povoe esta discussão de elementos demasiado externos ao que é de fato linguístico, seguir no curso do tempo, do espaço e da subjetividade deixando um legado que permita à posteridade um olhar, um vislumbre por meio do já dito, do já vivido, do já passado. Não chega-se a acreditar que a existência das palavras seja comparável à tese de “As viagens de Gulliver” em que as coisas eram levadas com as pessoas porque não tinham palavras para denominá-las em outras línguas, em outras culturas. Esta perspectiva pode até ancorar-se mais nas teorias de tradução que apregoam ser impossível traduzir fidedignamente uma concepção sobre um objeto em uma língua, a não ser representando-o do mesmo modo em outra.

Bakhtin (2006) insiste na importância da palavra, mesmo que alguns especialistas defendam que o termo traduzido do russo para o francês e deste ao português não fosse de fato o mesmo que ‘palavra’, mas foi o que o francês tinha como receptáculo que abrigasse a gama significativa que compõe, ainda que não fidedignamente todo o conglomerado que o termo russo pudesse ter.

Bakhtin (2006) defende que as palavras penetram em todas as relações sociais e ideológicas dentre outras que se estabelecem entre os indivíduos. O autor apregoa que as palavras são tecidas por:

[...] uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais[...] (BAKHTIN, 2006, p. 42)

Enquanto signos ideológicos, as palavras podem remeter a ideias presentes em todos os tipos de espaços discursivos tangíveis da sociedade. Elas são a seda do bicho de seda, o tesouro com o qual se tece o tecido das significações. A palavra reveste um *ethos* como nenhum outro artefato simbólico pode fazer. A palavra permite o vislumbre de uma imagem que ainda está na névoa assim como a evasiva que solta aos olhos na presença de uma contradição que também emerge por meio da palavra e do seu contexto. Quando um fato novo desponta no mundo, é uma palavra que o ser humano busca para recobrir o real que não fora lapidado, e resgará sempre o tecido que a palavra representa. A palavra não protege do frio, fala do frio para quem o sente.

A cada ação temos uma tentativa frustrada de dizer sobre ela algo fidedigno, mas é impossível, só o que temos é a palavra, esse valor de *pi* infinito, mas por meio do qual podemos mensurar com exatidão temporária aquilo que não nomeia com exatidão, mas que também não permite que se perda. Tudo o que passou e que registramos se dá no mundo ao vislumbre pelas palavras, o que nos acontece agora é dito por meio delas, as profecias são proferidas com palavras. O tempo, o espaço, o sujeito são construtos que só se tornam possíveis porque temos palavras, mas às vezes não temos palavras para dizer tudo, não conhecemos todos os números, mas onde quer que cheguemos na grandeza infinita deles os nomearemos por palavras. O que a coisa no mundo real ou abstrato incute no sujeito ele nomeia com esse núcleo elementar da significação, da referenciação, da discursividade, da enunciação que é inerente ao ser de linguagem. É no plano da palavra que Bakhtin (2006) acredita que se deem os nascimentos dos temas e das formas e é nesse plano que estes são facilmente observáveis.

O ser que se reflete no signo se reflete e se refrata na palavra. É na palavra que as alterações da existência social se dão. Por meio da palavra, o sujeito luta no discurso, defende um ponto de vista, levanta argumentos. Ao morrer na arena das lutas que se dá pela palavra, uma ideologia se apaga, se desmaterializa e a não ser que um ser se torne sujeito, não há como propagar as ideias que os signos almejam serem ditas por meio de palavras.

Os esquimós têm cerca de cem tipos (denominações) de neve, enquanto que os habitantes de terras tropicais só têm uma porque aqueles convivem com a neve, enquanto que estes apenas ouvem falar. Mas a tendência dos seres humanos é taxar de nomenclaturas as coisas e as entidades no mundo. Não é por acaso que os papagaios apenas reproduzem palavras enquanto que nós as produzimos e enquanto objetos são produzidos ou compartilhados pelas diversas culturas, as palavras surgem e ressurgem na boca das pessoas que se utilizam de uma linguagem. A entidade no mundo não é a pessoa no mundo.

O próprio termo pessoa tende a denominar o ser que pode ser corpóreo ou simbólico. A palavra “João” não define um ser, o denomina, enquanto que a palavra ‘humano’ define por diferenciar uma espécie de outra. E assim as palavras vão sendo criadas pelo homem. A cultura, a história e a inserção social nas duas primeiras é capaz de concretizar por intermédio da palavra todo um aparato de conhecimentos vivenciados e compartilhados. A cultura proporciona um diálogo entre o sujeito e o contexto em que vem inserido. A história insere o sujeito na cultura e história e cultura inserem o sujeito na sociedade. Pode-se verificar que Bakhtin (2006), por meio da palavra, não deixa de relacionar os gêneros com a polifonia que envolve o discurso.

Uma polifonia é composta de dizeres e os dizeres estão inseridos na cultura e na história, Nisto está à ponte de ligação entre tantos conceitos. Tanto a história é contada por meio de palavras quanto às palavras denominam ainda que momentânea e culturalmente as coisas e as entidades no mundo. Um discurso também é gerado por palavras.

Um escritor não escreve sem palavras, precisa externar um pensamento complexo por meio de palavras e por meio destas vai tecendo seu texto. Uma renda começa a ser formada através de diversas conexões que as linhas proporcionam e um discurso como o literário vai sendo costurado por meio de diversas linhas de pensamentos que não dão ao escritor a validação sobre o que diz, mas permitem que ele seja a autoridade responsável pelo que suas palavras professam. Maingueneau (2014a) compara o escritor ao profeta que precisa sair para o deserto para que suas palavras sejam válidas. Ele não valida seu dizer se não dialogar com uma entidade sobre-humana. Ele precisa sair da tribo, e suas palavras tornam-se válidas por isso. Pelo fato de seu interlocutor não ser visto, mas ser válido. É pela palavra que o escritor convence e é pela palavra que Deus cria.

Sem novamente, intencionar entrar em searas estranhas ao pensamento de Bakhtin (2006), pode-se verificar que o verbo, a verbalização sempre despertaram fascínio. Foi justamente pelo modo como verbalizaram as palavras, que os hebreus impuseram entidades e que juízes proferem sentenças. Veja-se como é ao mesmo tempo simbólico e real o uso da palavra. Antes mesmo de uma palavra existir, as coisas que elas tentam vestir de significado já existem. Antes mesmo de uma palavra significar algo, o algo já significa no mundo. A palavra vive um paradoxo, ao mesmo tempo em que é necessária a comunicação é dispensável à vida. Uma palavra esquecida pode ser substituída por outra. Termos para cumprir esse papel não faltam às línguas.

O português tem coisa, negócio, problema etc, mas o termo não opera no vazio enquanto que a palavra por vivenciar seu paradoxo não precisa existir, mesmo que o homem

não exista sem a palavra. Mesmo que a palavra exista sem o homem. O motivo pelo qual Bakhtin (2006) dedica todo um livro praticamente para versar sobre a palavra não cabe em si do mesmo modo que a palavra não abriga o mundo significativo que a envolve. Uma palavra nas palavras de Bagno (2013) morre no momento em que entra em um dicionário. Mas mesmo que morra, a palavra meio que ressuscita, haja vista que o usuário volta a ela para ressignificá-la no uso. Este é o dilema do dicionário.

Ele tenta abarcar palavras, mas não abarca significados. É como se uma palavra fosse um ímã que atrai significados, isto gera nelas a polissemia. Uma palavra que não evolui com a língua que a abriga, sai da língua e dá espaço a outra. Este fato é explicado pela Teoria da Otimidade¹⁰, que tenta explicar o porque da hierarquização dos termos. O uso provoca um efeito pirâmide, haja vista que os significados vão disputando lugar entre si. O vencedor entra em cena ao receber a adesão dos usuários da língua.

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.

Para os linguísticos estudiosos da enunciação o ponto importante é o acontecimento enunciativo que: “deixa vestígios observáveis que ele deixa no enunciado.” (MAINGUENEAU, 1996a, p.6). Maingueneau (1996a, p. 6-7) também acredita ser importante que: “[...] a “língua”, enquanto rede de regras disponíveis para qualquer locutor, se converta em “discurso” deste ou daquele sujeito”, para que isso seja possível Maingueneau (1996a) diz que os locutores devem se apropriar do sistema linguístico no intuito de produzir enunciados particulares.

O sujeito se torna presente no EU que toma algum tópico discursivo como tema de sua enunciação, o que para Maingueneau (1996a) permite que todo o desenrolar do acontecimento se organize a partir da marca discursiva proferida, que é o elemento linguístico materializado por meio da enunciação do sujeito tomado como EU. O proferimento de uma marca que materialize a tematização, o tópico discursivo, aquilo de que se fala, permite que o EU possa se tornar particular, indivíduo, sujeito de enunciação, um locutor tomado como materializador,

¹⁰ Ou teoria da Otimidade é um modelo fonológico desenvolvido na década de 1990 por Prince e Smolenski (1993) e McCarthy e Prince (1993) que propõe uma gramática fonológica enquanto resultante da interação de restrições violáveis que seriam universais. Segundo Cristóvão Silva (2011, p. 210): “O ranqueamento das restrições é específico de cada língua, é determinado avaliando-se as relações de fidelidade e de marcação entre realizações fonéticas (outputs) possíveis em competição e as representações fonológicas (inputs)”.

enunciador. Esse EU enunciante ao ser inserido em um contexto toma a posição do que profere a materialização discursiva que circunda o tema. Como afirma Maingueneau (1996a), dentro da perspectiva enunciativa, a língua se destina a tornar a enunciação possível, isto é, a materialização do tema, só se torna vislumbrável por meio da apropriação da linguagem por parte do EU que nesse sentido é tido como um elo entre a língua e o mundo externo que se contextualiza também por meio da enunciação que o torna linguageiro.

O caráter variável das palavras, ou seja, as mudanças de sentido que as palavras sofrem no uso feito delas, está relacionado ao contexto de uso das mesmas. O sentido dos embreantes que Maingueneau (1996a) apresenta está ancorado nas discussões de Jakobson que utilizou o termo inglês 'shifter' para designar a articulação do enunciado à situação de enunciação, conforme Maingueneau (1996a). O termo inglês significa mudar, trocar. Esse termo foi traduzido para o francês como *embrayeurs* para designar a classe de palavras variável de acordo com a situação, contexto, em que são empregadas, conforme Pires e Barbosa (2008). As autoras afirmam que Benveniste seguindo a perspectiva de Jakobson: “[...] empregando *embrayeurs*, e denomina os dêiticos por indicadores da subjetividade ou índices da enunciação ou do discurso” (PIRES e BARBOSA, 2008, s. p). Assim sendo, precisamos considerar os embreantes em sua inter-relação com os dêiticos e, para isso, Maingueneau (1996a) apresenta uma distinção entre dois tipos de enunciado: tipo e ocorrência. O primeiro é uma abstração que não ocorre no plano empírico, das vivências e nesse tipo de enunciado todos os enunciadores que proferirem um mesmo enunciado produzirão, materializarão enunciativamente o mesmo enunciado-tipo, ou seja, enquanto proferimento é coletivo qualquer falante pode dizer um enunciado X. O segundo é individual, particular, precisa estar associado a uma conjuntura, a um contexto, a uma situação. Ao contrário do enunciado-tipo, o enunciado-ocorrência não são palavras ao léu que qualquer um pode dizer.

A língua tende a se concentrar, as embreagens e a carga semântica que uma palavra congrega e não comporta evidenciam isso. Ao mesmo tempo, também a língua se expande e suprime alguns usos ao aferir centralidade a outros, no fim das contas o que sempre se verá na língua é a concentração.

Charaudeau e Maingueneau (2014) também fazem um percurso etimológico do conceito de embreador e desembocam em Jakobson em seu *Ensaio de Linguística Geral* (1963). Os autores afirmam que o debruçamento de Jakobson sobre o *shifter* permitiu a construção do conjunto de operações que veio a se chamar nos estudos da enunciação de embreadores. Os autores apresentam a categoria embreador de Jakobson em quatro tipos

possíveis inseridos entre o código e a mensagem, que são percursos “perlocucionários” de um “circuito enunciativo” oriundo da situação de enunciação que se forma na interação entre EU e TU que sintetizamos por: mensagem > mensagem = discurso citado, código > código = nomes próprios, mensagem > código = embreadores e código > mensagem = autonomia, em que símbolo (>) representa o remeter a, o encaminhar-se a algo ou alguém.

Nessa perspectiva, Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 182-183) afirmam que “[...] a significação de um embreador não pode ser definida fora de uma referência à mensagem[...] por exemplo, no código da língua portuguesa, tu (você) designa necessariamente o destinatário da mensagem em que ele se encontra”. Quer isso dizer que embora um embreador ou embreante ou embreagem tencione remeter a algo fora do enunciado materializado não pode fazê-lo fora do próprio plano enunciativo que constrói.

O embreador é ponte e escada, é estrada de ferro e sua carga significativa é uma locomotiva que precisa passar por cima da linha férrea para que seu peso significativo conclua a etapa de construção do que por cima dela passará, o sentido. Um EU não pode transpor um andar, uma instância significativa sem que um TU seja o destino da enunciação de EU e a escada desse percurso que EU transcorre para atingir TU é a enunciação que se materializou e instrumentalizou o enunciado. A mensagem cria uma instância enunciativa pela qual perpassa no intuito de atingir TU.

Em Charaudeau e Maingueneau (2014) apresenta-se a ideia de Kleiber (1986), defensor da premissa de que esse fenômeno rebatizado por nomenclaturas como dêiticos, expressões sui-referenciais, token-reflexíveis, símbolos indexicais sobre os quais tanto linguistas quanto filósofos debruçaram seus olhares, não deixaram de considerá-los sob duas égides, uma que acentua o fenômeno “sobre o lugar e o objeto de referência”, nisso temos o embreador e outra que acentua o interesse “sobre o modo de atribuição do referente”, nesse ponto presenciamos o dêitico ou a expressão referencial. O que tiramos dessa discussão é que mesmo com tantos olhares sobre o fenômeno do “remeter(-se)/encaminhar(-se) a algo ou alguém por meio da língua” é que tanto é imprecisa na teoria quanto na prática analítica discursivo-enunciativa.

Entretanto, na ausência desse fenômeno linguístico não se pode entender o lugar do tempo e a temporalidade do espaço, ou melhor, o paradoxo contraditório e sem o qual não é possível explanar nada sobre a Paratopia, já que, a ânsia de dizer manifestada no ato de escrita é acionada no ir para frente da enunciação, está imbricada no ato de remeter que os embreantes e os dêiticos permitem. Não há como manifestar um discurso sem atribuir, sem

remeter, sem ir para frente e não há como ir para frente sem olhar para o já feito, para o que está no passado.

O ato de ler da esquerda para a direita ou vice-versa e depois de algum tempo voltar atrás no percurso já feito nos mostra o quanto percorremos e o que deixamos de ver do percurso enunciativo que contemplamos. Volta-se às páginas passadas quando se perde a linha do sentido para entender o estado atual e seguir na angústia da busca incessante pelo acabamento da leitura ou da escrita. Não é possível fazer nada disso sem acionar uma embreagem, sem remeter a um já dito, sem fazer associações, referências ao já materializado.

Em Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 183) também é lido o que segue:

[...] Em português, a categoria dos embreantes recobre particularmente os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas e os possessivos correspondentes (meu, teu...), um grande número de designações demonstrativas (este+Nome; isto...), de advérbios e de locuções adverbiais locativas (aqui, à esquerda...) e temporais (amanhã, daqui a dois dias, há cem anos...), as categorias do presente, do passado e do futuro (o que não se deve confundir com os paradigmas de conjugação: pretérito perfeito, presente, imperfeito...)[...]

Conforme dito acima, os embreantes em português materializam-se em diversas formas, cada classe gramatical é uma forma diferente, com características diferentes que a seu modo cumprem a mesma função enunciativa, a de embreantes. Os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, EU, TU e suas variantes englobam em termos enunciativos todos os outros exemplos dados, pois, eles encapsulam os demais. Quando dizemos MEU, na verdade este pronome possessivo está encasulando um EU em si que lhe dá força e validação para dizer “mEU”. O EU está sempre presente na cena propagada pela língua. Quanto aos demonstrativos, compreendemos que são proferidos também por um EU que fala de algo ou alguém que neste ato se configura em assunto do qual EU diz.

Os advérbios e as locuções adverbiais locativas e temporais são formas de EU inserir-se ou inserir o assunto de sua enunciação no tempo e no espaço que irá conferir um valor de verdade ao dito. Ao usar uma bússola e verificar se está a norte ou a sul de um dado lugar, a intenção primeira é saber em que lugar não se está. A pergunta seguinte que envolve uma cena é saber em quanto tempo se fará o percurso para não estar mais onde se está. Tempo e espaço são, portanto, categorias cujas embreagens remetem ao tempo que são remetidas por elas.

Ainda sobre essa a questão, Charaudeau e Maingueneau (2014) apresentam um fato interessante relacionando embreador e texto, pois segundo eles (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 183): “[...] os embreadores devem ser analisados levando-se em

conta a cena* de enunciação instituída pelo discurso. Por exemplo, em um texto filosófico ou em um texto político, “hoje” refere-se a um momento definido pelo discurso, que constrói sua própria temporalidade”. O discurso é o responsável pela cena de enunciação e o tempo referido em um texto está delimitado pelo discurso e sua temporalidade depende do modo como o embreante liga a cena de enunciação e o que o discurso permite por meio de sua contextualização dada nele e na história sobre o tópico discursivo sobre o qual gira toda a formação discursiva encenada. Um discurso num contexto dado toma um embreante como “hoje” com uma gama de sentido peculiar temporal e espacialmente.

O enunciado-ocorrência é singular e está imbricado ao EU, e por isso, está atrelado à subjetividade, pois, o dito depende do autor, do espaço e do tempo para fazer sentido. A cada vez que EU profere um enunciado-tipo, esse enunciado será uma ocorrência e seu sentido repercutirá em TU de um modo novo. Os dêiticos espaciais e temporais permitem que a luz do farol discursivo veja os enunciados-ocorrência enquanto embreantes que individualizam o dizer. Cada vez que um dizer é dito é único porque os momentos não se repetem.

Como nos diz Maingueneau (1996a, p. 10):

[...] o valor referencial do embreante só pode ser estabelecido em relação ao contexto espaço-temporal de sua ocorrência, signos como janela ou tulipa possuem uma “definição”, permitem, fora de qualquer emprego efetivo, delimitar a priori uma classe de objetos suscetíveis de serem chamados janelas ou tulipas. O mesmo não ocorre com os embreantes: fora desta ou daquela enunciação, não existe classe de objetos suscetíveis de serem designados por “eu”. Em última instância, é “eu” aquele que diz “eu” em determinado enunciado-ocorrência; para ser “eu” é necessário e suficiente proferir “eu”. A “definição” dos embreantes faz assim intervir de maneira crucial a circularidade, a reflexividade.[...]

Como dito acima, o caráter dos embreantes está próximo do enunciado-ocorrência. No momento em que EU diz algo, o faz por inserir-se na língua e no mundo que só é possível na situação de enunciação que lhes engloba. O referente a que o embreante se relaciona tem uma natureza diferente da sua, não são todos os que podem se revestir de EU, pois o EU não possui uma definição nos moldes de um substantivo. EU está dentro de um circuito restrito à situação de enunciação. Esse circuito inicia-se em EU e termina em EU, no percurso do circuito está ELE sempre de frente para EU. Maingueneau (1996a) diz que um nome próprio difere de EU porque designa qualquer um que leve tal nome, enquanto que EU não.

Maingueneau (2014a) subdivide a subjetivação em uma tríade composta pelas instâncias da pessoa, escritor e inscritor. Para proceder assim ele divide ainda a literatura em dois regimes, um delocutivo e outro delocutivo. Quanto à tríade o autor afirma que não há

coincidência entre o indivíduo físico e o narrador de um romance. Dostoiévski não é o mesmo Homem do Subsolo. Maingueneau chama de enigmática a diferença entre as instâncias do escritor e a do narrador e a compara com a encarnação de Deus em Cristo da Igreja católica que está além do entendimento humano, mas nem por isso está anulada. Maingueneau (1996b) parte da premissa de que um escritor é uma categoria e uma figura sobre a qual é associada uma obra. O autor é aquele que garante a obra do indivíduo escritor. Tudo que envolve subjetividade não pode escapar da enunciação. Assim o enunciador imbricado nessa discussão, segundo Maingueneau (1996b) tanto como instância interior do enunciado quanto o indivíduo locutor, produtor de discurso.

Nessa discussão, Maingueneau (1996b) adentra na questão do lugar, do espaço, pois, segundo ele, a enunciação desestabiliza as tópicas do que o texto revela sobre o que está fora dele. Assim Maingueneau (2014, p. 135) afirma que

[...] O sujeito que mantém a enunciação, e se mantém por meio dela, não é nem o morfema “eu”, sua marca no enunciado, nem algum ponto de consistência exterior à linguagem: “entre” o texto e o contexto, há a enunciação, “entre” o espaço de produção e o espaço textual, há a cena de enunciação, um “entre” que descarta toda exterioridade imediata[...]

O “entre” não é o que está fora da cena e da enunciação constituinte da instância discursiva, o “entre” é um lugar, um espaço que não pertence nem ao dentro, nem ao fora e só existe porque a enunciação e o que não o é, a linguagem, existem. Acreditamos que esse sujeito é a entidade que adentra o discurso e que fora parasita dele. O mantenedor da enunciação se reveste de um EU e com essa roupagem consegue enunciar e a tessitura dessa roupagem é composta dentre outros aspectos pela linguagem.

Para Maingueneau (2014a), a pessoa, é o indivíduo do estado civil, o ser que no mundo tem uma vida privada. O escritor é o ator que tem uma trajetória na vida literária. O inscritor aglutina tanto a subjetividade enunciativa falada do texto quanto a subjetividade do gênero através do qual profere o texto. O inscritor é para Maingueneau (2014, p. 136): “[...] tanto enunciador de um texto específico como, queira ou não, o ministro da instituição literária, que confere sentido aos contratos implicados pelas cenas genéricas e que delas se faz o agente.” Pelo exposto, o inscritor pode ser comparado a uma ponte entre o que diz e o que legitima o sentido “oficial” do dito enquanto fundador.

Maingueneau (2014a) entende essas três instâncias como atravessadas umas pelas outras e por conta disso não podem ser vistas ocorrendo em uma ordem fidedignamente seguida. No momento em que uma está emersa as outras duas submersas a sustentam. Por meio do inscritor, a pessoa e o escritor enunciam e Maingueneau (2014a) ao mesmo tempo em

que vê inscritor e escritor vivendo na pessoa, enquanto que por meio do escritor a pessoa e o inscritor traçam a trajetória a ser percorrida no espaço literário.

Quanto aos regimes da literatura, Maingueneau (2014a) os ilustra com Chateaubriand, o que não o faremos e assim como procedemos no tocante ao cronotopo de Bakhtin faremos a esse respeito, limitando a explanação ao que sirva de epistemológico para uma análise não apenas a Chateaubriand, mas a outros autores e principalmente ao da obra que compõe o *corpus* aqui analisado. O inscritor de *Memórias do subsolo* é ao mesmo tempo mostrado como um escritor e como um personagem. Assim, conforme Maingueneau (2014a) mostra assumindo mais de um papel na subjetivação, o de estilista que ao escrever traz para a cena de enunciação que encena sua encarnação de realista.

Ao mesmo tempo em que a personagem narra os fatos que se manifestam em sua escrita, também faz a obra. Os fatos narrados estão no espaço literário que surgiu no momento em que a enunciação foi materializada, mas remetem também ao espaço que é alheio ao fictício, aquele do mundo exterior à linguagem ao qual os embreantes remetem para que o sentido se faça presente.

Maingueneau (2014, p. 139) assim se expressa quanto ao caráter complexo da noção de lugar que a Paratopia engloba:

[...] Mais do que traçar a impossível fronteira entre o que seria propriamente literário e o que estaria fora da literatura, é realista admitir que a literatura mescla dois regimes: um que se poderia dizer delocutivo, em que o autor se oculta diante dos mundos que instaura, e um regime elocutivo no qual “o inscritor”, “o escritor” e “a pessoa”, conjuntamente mobilizados, deslizam uns nos outros. Longe de ser independentes, esses dois regimes, o delocutivo e o elocutivo, alimentam-se um no outro segundo modalidades que variam a depender das conjunturas históricas e dos posicionamentos dos diferentes autores[...]

Não é importante identificar a fronteira entre o literário e o exterior da obra, pois a literatura engloba tanto o dentro quanto o fora da enunciação que a instaura, um não vale sem contraposição ao outro, como na noção de valor de Saussure. Quando o delocutor se oculta camuflando-se no mundo que cria mediante seus atos enunciativos, ao criar sua imagem, seu *ethos* insere-se em algo que ele afasta mesmo contra sua vontade. O mundo que a enunciação não comporta extravasa do literário que não consegue o conter por completo. O paralelismo dos mundos manifestos pelo regime delocutivo, o do ocultamento, nele o autor reboca as paredes e esconde os tijolos com as quais a constrói. Nesse regime, o produto toma a cena e ofusca o processo de sua constituição. No regime elocutivo, as instâncias constituidoras do

ato que permite a enunciação se mesclam em turnos coletivamente tendo em mente possibilitar a fala enquanto o delocutivo prioriza a possibilidade da cena.

A Paratopia é um estar na sociedade, um estar no discurso, um estar do tempo no espaço que o atravessa. A mesma relação paradoxal de pertencimento que se impõe a um escritor na sociedade é percebida pelos personagens que habitam o discurso. A Paratopia é como Maingueneau bem salienta (2014, p. 109)

[...] Nem suporte nem quadro, a paratopia envolve o processo criador, que também a envolve: fazer uma obra é, num só momento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra. Logo, não há “situação” paratópica exterior a um processo de criação: dada e elaborada, estruturante e estruturada, a paratopia é simultaneamente aquilo de que se precisa ficar livre por meio da criação e aquilo que a criação aprofunda; é a um só tempo aquilo que cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento. Intensamente presente e intensamente ausente deste mundo, vítima e agente de sua própria paratopia, o escritor não tem outra saída que a fuga para frente, o movimento de elaboração da obra[...]

O ato de escrever é o ato de se livrar da escrita por meio da enunciação para que a escrita passe a existir com independência, ganhe vida própria assim como os pais criam os filhos para o mundo e não para si mesmos. O lugar mesmo inconstante que a Paratopia significa envolve o sujeito de enunciação. A Paratopia só tem existência porque no momento em que alguém se torna um EU uma energia se propaga e ele, este EU que vos fala, não a absorve toda. No momento de enunciar, produzir um enunciado o enunciador também materializa o lugar que passa a existir aos seus olhos quando a luz se acende mesmo que antes da chegada da luz o lugar sempre já lá estivesse.

A Paratopia representa o navio desancorado do discurso. O lugar em que o discurso se materializa é a oficina do ferreiro onde ele produz tanto a espada quanto a marreta com que trabalha. A Paratopia é um espaço em que o tempo anda para frente e o sujeito enunciador tenta seguir esse tempo, tenta superá-lo. Mas é impossível superar o tempo e o que fica é uma ânsia de se livrar do serviço, de se livrar do instrumento, de se livrar da escrita, acabar com ela, pois só assim ela passará a ter existência e a não pertencer mais a ele, já que só fora é que a obra tem valor. Ao sair de EU e passar ao TU o discurso pode sofrer a mesma angústia pela qual seu outrora curador passou. A escrita se torna acessível aos demais e deixa de pertencer apenas ao autor. O presente só permite vislumbre do futuro. O escritor deve seguir o percurso e construir nesse percurso o lugar que amanhã já não será o hoje, o agora. As marcas da enunciação só marcam o passado. O tempo impregna o espaço com sua tríade que não se pode aplacar nem apalpar.

Salles (2004), estudiosa da crítica genética, ao tratar dos rastros deixados por um escritor durante seu processo de criação, afirma que os vestígios que os artistas deixam em tal processo possibilitam a captação de fragmentos do funcionamento do processo criativo do artista como um todo. Para ela, o contato do geneticista com o material deixado pelo escritor, uma rasura, uma supressão uma adição, estas duas últimas inseridas na primeira “ [...] permite entrar na intimidade da criação artística e assistir -ao vivo- a espetáculos, às vezes, somente intuídos e imaginados. O registro material de processos criadores permite discutir, sob outra perspectiva, alguns temas clássicos ligados ao fazer criador” (SALLES, 2004, p. 19). Embora a vertente da crítica genética seja outra, uma coisa chama atenção no que Salles define como rastros. Se esses rastros são elementos materializados em uma versão da obra ainda não publicada, por isso inserem-se no processo criador, sua materialização na obra enquanto livro, produto disponível no mercado, mais especificamente na materialidade discursiva e enunciativa de uma obra, podemos associar os rastros aos embreantes paratópicos, pois no momento em que uma palavra é suprimida ou acrescentada por meio de uma rasura, ela toma vida no discurso e aciona novos efeitos de sentido.

Os embreantes acionam no ser de linguagem a possibilidade de existir por meio da língua e habitar no mundo por meio da situação de enunciação. O pertencimento do sujeito de enunciação a um contexto socio-histórico-cultural está atrelado aos elementos enunciativos, aos embreantes que permitem sua inserção no lugar de enunciação. Espaço, tempo e pessoa são elementos garantidores, são embreantes que acionam e materializam-se juntamente com os indicadores de si próprios. As embreagens se manifestam em palavras e acionam o sentido que delas extrapola para o que elas significam na língua e no mundo, mas somente inseridas em uma enunciação elas tem existência. Ao mundo elas remetem ao passo que na língua significam. Os embreantes possibilitam que um enunciado-tipo passe a enunciado-ocorrência, pois permite que o imanente se torne acontecimento, transcorra o proferimento e se ressignifique.

Lemos (2008, p. 54) entende as embreagens paratópicas como sendo a presença de elementos diversos que, enquanto signos linguísticos (embreagens) fornecem meios de “[...] o enunciado está ancorado numa situação de enunciação, constrói uma ponte entre condição ficcional e condição real, no caso através da perspectiva da Paratopia.” É de um lugar que o sujeito enuncia e toda a cena enunciativa desse sujeito o configura imagetivamente, constrói seu *ethos* e os embreantes ligam aquilo que é linguístico ao real cuja embreagem tenta acionar por meio daquilo que o linguístico pode dispor, as

palavras. A cena enunciativa intenta uma representação do lugar, Paratopia em que os acontecimentos presentes no discurso ocorrem.

Rosa (2013) defende que o ser do literário é a linguagem e esta transmuta o cotidiano no intuito de criar um mundo próprio, pois para ele, a linguagem é também a imagem da linguagem do homem em que eles se instauram como discursos. Assim, o literário é um lugar que na visão de Rosa constrói os processos discursivos instaurando-os em si mesmos, no homem e no mundo. O cronotopo nesse mundo particular erguido pela enunciação provoca o ranqueamento de seus próprios referentes e valores que o valoram e são validados pelos sujeitos ao interagirem no espaço-tempo, cronotopo e ao lado da sociedade, Paratopia.

Na perspectiva de Rosa (2003, p. 88) o literário é “[...] uma atividade que faz o mundo imaginário da literatura construir relações filiatório-identificatórias, instaurando subjetividades e se historicizar ao adquirir sentidos, construir efeitos, promover devires”. O que ele chama de literário, chamamos de discurso literário, o que ele chama de mundo imaginário chamaremos de espaço ou Paratopia, pois acreditamos que a manifestação discursiva inserida no tipo discursivo literário de fato constitui um mundo paralelo a um mundo real sobre o qual não é possível falar senão por meio da enunciação que se propaga no discurso. As embreagens paratópicas permitem que por meio das relações filiatório-identitárias que as personagens da obra literária sejam lançadas para o exterior da obra ou que permaneçam nelas.

A embreagem paratópica proporciona essa possibilidade, a de associar o linguístico ao que se constata no mundo. Uma outra explanação de Rosa (2013, p. 88) apregoa que há na discursividade literária uma “[...] atividade dos discursos que se desenrolam sobre a base material desse espaço do existir como-vida”. O espaço no discurso literário permite uma representação corpórea de vida por meio do *ethos* que configura uma personagem permissionária do sujeito de enunciação. Por meio desse existir 'como-vida', percebemos as embreagens paratópicas remeterem a valorações, verdades defendidas .

Tempo e espaço são categorias analíticas que permitem a existência das ideias que a linguagem tida por Rosa (2013) como ser, como vivas e repercutidas na inconstante localização que ziguezagueia no discurso. Só se pode existir 'como-vida' no discurso, se houver um lugar para gestar a existência e um tempo que lhe permita ser vista no deslocamento de sua vida e na finitude da contemplação de sua instabilidade de posicionamento. A Paratopia provoca e desloca o sujeito e esse movimento amplia a enunciação, pois faz com que a linguagem derrame por onde passe e os embreantes

paratópicos, como grãos de pão que marcam o percurso de uma formação discursiva que se não forem notados não remetem à língua e ao mundo garantidora da construção de sentido.

O existir 'como-vida' de Rosa nos serve de metáfora para o entendimento de que a entidade do âmbito ideológico atingindo o liame discursivo enquanto parasita e propagando o niilismo já como sujeito é paratópico e existe, vive e habita o discurso literário sem fixar residência para não correr o risco de ser expelido pelo macro-organismo do discurso literário. Rosa (2013) afirma que há deslocamentos, movências e descontinuidades no âmbito estético da literatura. Nós acreditamos que tais coisas corroboram para a defesa de que o travestimento da entidade até atingir a instância de sujeito de enunciação é resultado justamente da impossibilidade de fixidez de quem enuncia.

A estética se formula reformulando inconstantemente o discurso, retifica e ratifica o dito, polindo o dizer. Os embreantes paratópicos, entes linguísticos que ligam o mundo discursivo ao real remetem às coisas, às palavras sempre com a ressalva de que fazem também isso, mas não só.

Rodrigues e Mello (2005) analisando *A Sogra*, de Terêncio, no tocante ao juízo de valor oriundo das palavras proferidas pelas personagens da citada obra assim se posicionam, “[...] habitam um universo ficcional que representa o contexto social romano do séc. II a. C. Deste modo, os valores compartilhados por essa sociedade serão os mesmos compartilhados por elas, ou seja, lhe serão contemporâneos”, Rodrigues e Mello (2005, p. 115). Não só nesse contexto de análise, mas em qualquer outro essa máxima se comprova.

As personagens de fato passam a habitar o mundo que por meio da enunciação se materializam, o qual passa a representar o contexto social que na obra encena o que de real é vivido. Mesmo que seja uma ficção, ainda assim se tentará criar uma cenografia que se configure em possibilidade de real a ser representado no âmbito enunciativo. Os valores morais que a sociedade compartilha são os mesmos que as personagens compartilham, e aquilo que os marginais criticam e atacam é também criticado e atacado no nível discursivo da obra literária. O caráter de contemporaneidade da sociedade e da obra apregoam o valor que o tempo representa. O tempo via contemporaneidade liga a sociedade e a obra, o texto ao contexto, o discurso ao 'condiscurso'¹¹ e esse elo valida o que o discurso rege.

¹¹ Entenda-se o termo “condiscurso” como um encapsulador dos elementos que circundam a “órbita discursiva” fundindo-se ou não. Não se busca necessariamente as fronteiras do que seja discursivo, mas o intercâmbio entre o genuinamente discursivo e o histórico, o cultural, o social, o linguístico, etc com que o discurso dialoga e traz como um de seus constituintes.

2.6.1 O emergir do sujeito de enunciação como niilista por meio das embreagens paratópicas

A emersão da entidade/parasita/sujeito não pode se dar no vazio. As enunciações se manifestam em discursos. Logo os discursos são lugares de enunciação. No momento em que o sujeito se constitui e se impõe como tal na cena de enunciação em que se instaura pode aprimorar seu *ethos*, de acordo com o que o terreno em que pisa oferta, para sua atualização. Há um leque de possibilidades ofertadas no processo de formação discursiva. A opção niilista é uma delas. Para intentar uma análise que conflua no sujeito niilista precisamos elencar critérios para o que caracterize um *ethos* niilista. Para isso, precisamos trazer à tona uma pequena discussão sobre esse movimento histórico, filosófico e principalmente literário que à baila da nomenclatura latina significaria o nada ou a busca pelo nada. A contextualização do termo possibilita vê-lo no tempo e no espaço das ideias humanas como algo muito mais pujante do que a simples busca pela negação do homem a ser resolvido pelo nadaísmo.

O niilismo, enquanto movimento atrelado ao pensamento russo foi modelado, segundo Pecoraro (2007, p. 47) como tendo uma forma positiva e construtiva, o autor ao trazer o pensamento de Alexandre Herzen, afirma que esse é um

[...] movimento de transformação e emancipação. O niilismo... é a “lógica sem estrutura”, é a “ciência sem dogmas”, é a “ incondicional obediência à experiência” e a aceitação das suas consequências, quaisquer que sejam, desde que surgidas da observação e requeridas pela razão. O niilismo não transforma “algo em nada, confundido com algo, é uma ilusão de ótica (grifos do autor)[...]

O funcionamento do pensamento lógico sem uma estrutura materializando tal pensamento torna a concepção contraditória, a lógica requer exatidão e a estrutura poderia dar ao conceito de niilismo exposto delimitações. Mas o niilismo escapa a delimitações. Uma ciência não dogmática representa transmutação estado constante de mudança, o que provocaria ao próprio termo niilismo mudança significativa inconstante. Se o dogma petrifica aquilo que o constitui, o niilismo ao buscar a experiência incessante não possibilita a estabilização de nada. O nada será sempre algo que nunca poderá ser tido como nada e que nunca poderá ser estável, pois a experimentação constante torna a forma, o dogma e a estrutura em si, inconstante. Haverá sempre a ilusão de que o que é visto é o que de fato existe quando o que de fato existe não é estável, portanto, o algo confundido com um nada, na verdade é a transmutação de si próprio provocada pela experiência científica.

As palavras, os termos que permitem a propagação da imagem do sujeito nos moldes do que é considerado niilismo funcionam como embreagens paratópicas, ou seja, palavras que

remetem a elementos tanto da língua quanto do mundo cujo valor se dá por meio do evento enunciativo que provoca sua existência, conforme Maingueneau (2014a). Se é possível falar de tipos de Paratopia, e no tocante a isso Maingueneau (2014a) cita as de identidade, espacial, temporal e linguística, são nas palavras que se apregoam tais características, ao tempo em que inserem o sujeito analisado, é por meio de tais palavras que as ações que o constituem por meio da enunciação formadora de seu *ethos*, que identificaremos as marcas niilistas.

Ao apontar ou remeter a lugar, espaço, tempo, por meio do que profere, as palavras funcionam como embreantes que constroem a imagem do sujeito de enunciação. A tessitura discursiva formada deixa transparecer em si ao mesmo tempo a criação literária e sua inspiração no real, no mundo. De um modo geral e didático um tanto quanto perigoso, poderíamos dizer que, por meio dos embreantes paratópicos, o sujeito pode forjar-se no discurso, marcar sua presença no que materializa discursivamente por meio de seus atos enunciativos e ao fazê-lo por tabela traz para a cena da enunciação sequelas do mundo físico. Metaforicamente, ao utilizar-se do linguístico, o sujeito adentra na atmosfera do real como um cometa que ao atingir a terra. Ele é ao mesmo tempo um corpo estranho e fundido na superfície. É de fora, mas habita o mundo.

Maingueneau (1996b) entende o texto enquanto crivado de lacunas e enquanto proliferador, ou seja, ao mesmo tempo em que deve ser preenchido pelo leitor permite a este fazer uma filtragem no intuito de selecionar uma interpretação pertinente ao que está *apriori* no cerne do texto. A bifurcação expansão-filtragem se daria no entorno do léxico. Para Maingueneau (1996b, p. 44), o texto é “[...] uma trama de indicações esparsas que reivindicam a cooperação interpretativa.” Assim sendo, o léxico, conforme Maingueneau (1996b, p. 45), “[...] abre para uma constelação de unidades semânticas, nem que seja em virtude da estrutura sêmica dos termos [...]” Uma palavra constituinte do léxico, não comporta todo o sentido que nela orbita, mas permite que por meio dela o próprio sentido se expanda e a res-signifique ampliando sua carga semântica.

As palavras reivindicam ao interlocutor, aquele que está fora do texto e que nele emerge, uma ponte que liga a enunciação discursiva ao meio externo. Desse modo, o léxico ao se expandir remete ao que estamos chamando de embreantes, termos que ligam ao se expandirem o mundo presente na obra literária ao mundo externo com quem ela paratopicamente anda ao lado incessantemente, pois é no léxico que os embreantes se materializam. Os elementos abertos pela expansão do léxico e que são filtrados pelo co-enunciador levantam outra questão sobre a qual Maingueneau (1996b) se debruça, o tópico,

que ele define como sendo um conjunto de significações abertas pela interação gerada entre texto e leitor.

As tramas que o léxico abre ou que o leitor ativa, segundo Maingueneau (1996b), vêm à tona porque o leitor precisa sempre fechar um sentido dentro de um percurso interpretativo coerente. Maingueneau (1996b) diz que muitas vezes um título combinado com o conhecimento que se tenha do gênero em que ele vem manifesto é suficiente para que se compreenda o tópico a que remete, o que auxilia o percurso da leitura por restringir drasticamente as expansões por meio das quais o leitor deverá explorar para construir sentido.

Maingueneau (1996b) apresenta a categoria *falar de si* para tratar do escritor que transgredir uma lei do discurso, especificamente a lei da informatividade que seria como se num dado momento de sua enunciação ele abrisse um parêntese para explanar sobre algo que aparentemente não é pertinente à compreensão do tópico a que intenta remeter mediante o discurso. No interlocutor, aqui no leitor, despertam inferências que buscam tornar coerente o suspeito 'devaneio' do escritor, como por exemplo.: “Ele é consagrado? Se sim, ainda que eu não entenda, o que está dizendo, ainda que parece descontextualizado, deve fazer sentido, tem que fazer sentido, tem que está contextualizado, ou seja, eu crio um *ethos* positivo à figura do autor da escrita.

Maingueneau (1996b) apregoa que provavelmente, ao conceber o autor de um 'devaneio' como renomado, provavelmente o leitor atribuirá à sua imagem e ao seu texto um caráter irônico. Maingueneau (2013) ao tratar da informatividade diz que não se deve falar para não dizer nada, pois, todo enunciado deve dizer informações novas aos seus destinatários. Entretanto, é a situação de enunciação, o contexto em que se diz algo a alguém que deverá ser levado em conta. Nesse ponto estão presentes os subentendidos e se alguém fornece algum enunciado que aparenta ausência de informação é porque esse enunciado está transmitindo não informação referente ao tópico, mas um novo conteúdo. Ao falar de si, o autor transgredir uma lei uma lei do discurso, mas cria uma categoria discursiva.

O Homem do Subsolo fala de si até quando fala dos outros, ele se diz autor de um diário, de suas notas, de suas memórias (conforme a tradução) e conforme se verá adiante, transgredir a lei da informatividade pois ao se considerar um “homem de bem” falará de si mesmo. Vale ressaltar que ao tratar dessa categoria, Maingueneau analisa os *Ensaio de Montaigne*, e esse autor como Maingueneau expõe afirma que (MONTAIGNE *apud* MAINGUENEAU, 1996b, p. 144): “[...] sou eu mesmo leitor, o assunto do meu livro[...] não é motivo para que empregues tuas horas de lazer com assunto tão frívolo e tão vão[...] Os autores comunicam-se com o povo por alguma marca particular e estranha[...]”. Maingueneau

(1996b) apregoa que o falar de “um si” deve anular a própria transgressão pelo fato de ser essa uma reivindicação universal.

Mesmo que se pense que quando um EU fala de si está transgredindo uma lei do discurso, ao falar de si esse EU está apresentando a um TU informações que embora pareçam irrelevantes são o próprio tópico. Se o título *Memórias do subsolo* remete naturalmente a um falar de si a informação não pode transgredir a própria máxima de que as memórias pertencem ao sujeito de enunciação que se posiciona enquanto o autor do que se dispõe à leitura. O leitor que se incomodar que deixe de ler, mas não é esse o propósito que a ânsia de escrever quer atingir nele. À primeira vista, todas as informações, até mesmo as irrelevantes, como uma apresentação de um livro não são dadas ao leu, cumprem propósitos de informatividade. Aquilo que aparentemente destoa da coerência discursiva tem uma função, quer seja dramática, irônica, cômica, patética, etc, a qual Maingueneau (1996b) acredita cumprir a função de lembrar ao espectador/leitor/coenunciador o liame genérico que caracteriza o texto que se materializa.

Maingueneau (1996b, p. 183) apregoa que “Se a representação espontânea quer que o texto seja subordinado a seu criador como o efeito à sua causa, a literatura mostra-nos que a obra age sobre seu autor, que o ato de enunciação transforma o enunciador”. Utilizando-se de Montaigne, Maingueneau (1996b) diz que o autor ao se utilizar do livro é por ele também usado. Quando Dostoiévski escreve as *Memórias do subsolo* e de início distancia-se no prólogo do Homem do Subsolo e diz que tanto o personagem quanto as memórias que profere são fictícios, separa o emblema de autor Dostoiévski da insígnia de enunciador do narrador personagem de *Memórias do subsolo*. A obra literária age sobre o autor que age sobre ela e nesse processo o enunciador segue se transformando em sujeito de narração e entidade narradora.

Assim com Montaigne deu a si o projeto de pintar-se, o Homem do Subsolo deu a si o projeto de falar de si, enunciar-se a si mesmo. Ele é um EU um "objeto a ser descrito e a instância descritora" (op. Cit). É entidade que se metamorfoseia em parasita da sociedade e sujeito que enuncia seu parasitismo. Maingueneau (1996b) trata ainda sobre as heteronímias de Fernando Pessoa, as quais assemelhamos, ao Homem do Subsolo, de Dostoiévski. Se Pessoa atribui aos seus heterônimos (pseudo-personagens) a assinatura de parte de suas obras essa, “esquizofrenia pseudonímica” de seu processo de criação ao distanciá-lo da autoria o aproxima do mundo que a enunciação emaranha para a obra. Como salienta Maingueneau (1996b) ocorrem no paradoxo literário “[...]embaralhamentos de hierarquias de ordens variadas: se o efeito volta em direção à causa, se o exterior está no interior, o continente no

conteúdo[...]”(op. Cit), um caos marca a ordem do discurso permitindo que as ideias de sua organização proporcionem a própria reflexão sobre o lugar ocupado pelos participantes da cena de enunciação.

Há ainda que se considerar dois pontos levantados por Maingueneau (1996b). O mundo da obra e o paradoxo da fênix. No que concerne ao primeiro, o autor afirma que o mundo real que o autor, que aqui definiremos como narrador e/ou enunciador/sujeito de enunciação, só é instituído de fato pelo mundo que a obra legitima por meio da enunciação. Esse mundo que nós pretendemos analisar dentro do discurso literário, concebido como o lugar da enunciação é assim bifurcado por Maingueneau (1996b, p. 184), tomando “[...] como o mundo representado pela obra e como o mundo que ela constrói através de sua clausura. Longe de ser visado por um discurso transparente, o mundo é, portanto “imitado” por esse próprio discurso. A obra, de certo modo, deve “ser” o universo que supostamente representa”. Cada um desses mundos está ao mesmo tempo separado e ligado um ao outro.

Embora direcionemos nossa análise ao mundo que se representa na obra, não tiramos de vista o fato de que esse mundo só pode fazer sentido se for relacionado ao que há lá fora dele. O mundo literário se enclausura como um reino medieval se emuralha. Essa é sua defesa, isto é o que lhe garante a sobrevivência. As delimitações que o livro que suporta o discurso e que abriga seu gênero, sua tipologia é uma caixa de pandora que permite a liberdade e os perigos conjuntamente. O discurso literário traz as mazelas e as belezas para seu núcleo, para sua órbita. As críticas e as tentativas de conscientização, as investidas contra o normativo que o Homem do Subsolo enuncia não estão soltas daquilo que Dostoiévski permitiu que o escritor das memórias visse.

A obra e os discursos literários são ao mesmo tempo um mundo a parte e um pouco da parte externa que interiorizam. Para Maingueneau (1996b), a obra revela um mundo por meio da materialidade de sua enunciação que, segundo ele, “O que se chama “o universo de uma obra” brinca com a separação tranquilizadora entre a enunciação e o mundo. A obra só fala de algo além dela mostrando-se presa ao que deveria descrever, abre-se fechando-se sobre si” (MAINGUENEAU, 1996b, p. 186). Os embreantes como temos insistindo são o elo em quebra constante e em incessante reconstrução, a teia da aranha, que permite a transmissão do mundo para a obra e da obra para o mundo. O discurso literário ao mesmo tempo em que abre uma fissura para que o embreante passe do mundo para a enunciação literária, o que permite que a obra fale para o mundo por ínfimos segundos fechando-se novamente em si para que todo o seu conteúdo não extravase e seu quê de liquefeito não se esvaia.

Outro ponto instigante que Maingueneau (1996b) traz é o que ele chama de “paradoxo da fênix. Por meio dele Maingueneau (1996b, p. 187) acredita que “[...] a enunciação da obra recusa o próprio conteúdo que exhibe”. Associando esse pensamento à análise que fazemos, observamos esse ponto no Homem do subsolo, que embora se construa por meio da enunciação que elabora, recusa o *ethos* que ele mesmo constrói. Enquanto o Homem do subsolo se mostra e sua imagem é belamente grotesca, seu niilismo aflora de sua fala. Como Maingueneau (op. Cit) apregoa, “o autor triunfa através do próprio fracasso[...]”. O fracasso que o Homem do Subsolo diz ser sua vida mostra-se por meio da narrativa um primoroso emaranhado enunciativo, uma estética verbal que se equipara em grandeza ao fracasso de vida representado na cena de enunciação que o Homem do Subsolo nos faz assistir.

Conforme Maingueneau (1996b, p. 187):

[...]Não é que a literatura necessite de fato apresentar universos dilacerados ou absurdos, já que existem muitas obras que cantam a harmonia, mas o paradoxo, por uma espécie de passagem ao limite, sublinha o efeito de qualquer trabalho criativo. Quando uma obra dá a ver o espetáculo dos clichês ou dos propósitos frívolos, mostra com isso mesmo também a originalidade e a necessidade da enunciação que os anima e organiza[...]

A passagem ao limite de que (Maingueneau, 1996 b) fala está relacionada com a morte do escritor e o nascimento do autor. O paradoxo da fênix representa de certo modo, a eternização da figura que transcende o plano físico, escritor, aquele que põe suas mãos sobre o branco e o pigmenta pela escrita fazendo com que o antes não enunciado seja visto enquanto fragmentos da enunciação, atingindo o plano do autor enquanto autoridade, fiador que permite legitimar seu dizer. Morre o escritor fica sua obra, ou nos termos foucaultianos, seu monumento, para a posteridade e sua escrita é o sublinhado de uma vida, de um mundo paralelo ao real que o contempla.

O Homem do subsolo, como se verá, não canta a harmonia do mundo, a crítica. Não consegue escapar dos clichês cristalizados para enunciar suas críticas à desrazão. Ele é frívolo, frio e tenta mostrar aos outros sua impenetrabilidade quando na verdade o olhar dos outros é o que mais provoca dor em seu *ethos* que ele próprio inferioriza. Em seu discurso, ele, assim como as Memórias de além-túmulo que Maingueneau (1996b) analisa é o lugar “[...] onde a destruição do Antigo Regime, as reviravoltas da Europa, os amores perdidos, em suma, o trabalho da morte representado no enunciado é resgatado surdamente pelo domínio de uma escrita, selo do gênio de seu autor, a consciência do túmulo e do berço[...]”(op. cit.).

O Homem do Subsolo vê a morte da desrazão e de tudo que corrói a alma humana, “os velhos hábitos” como a salvação da humanidade. A quebra da ordem, as revoluções necessárias a uma nova ordem, a morte de uma era sombria encoberta pelas crenças deve dá lugar a uma outra iluminada pela ciência. O niilismo representa esse pensamento e o sujeito de enunciação, embora não se etiquete niilista, constrói seu *ethos* nesses moldes.

O *ethos* niilista que pode emergir de uma premissa que se diga positivista, não está ancorado na obediência, mesmo que seja obediente, mas no modo como ele, por meio de sua enunciação mostra-se como um sujeito que sente vontade de experimentar algo que não o mostre como o que aparenta ser. Se o sujeito é mal e assim se mostra pelo *ethos* discursivamente, o que é importante é identificar o que ele nos diz pelo discurso. Ou seja, sendo mal e praticando maldades, o sujeito intenta uma altivez, como se verá, que embora não consiga camuflar a maldade, vive dentro dos preceitos e normas sociais, mesmo não conseguindo sustentar-se nelas.

A vertente não positivista do niilismo, especificamente no âmbito russo, apregoa por seu turno o dogmatismo e a rebeldia. Como diz Volpi (2012, p. 37):

[...] convencido do imperativo de negar a qualquer preço, de prosseguir de qualquer modo, mesmo entre ruínas e escombros. Renegava, assim, o passado e condenava o presente, incapaz, porém, de abrir-se a uma configuração concreta e positiva do futuro. Sua proposta era o individualismo, a frieza do utilitarismo, não cínica nem indiferente, mas radical e coerente ao sustentar a rebelião da *intelligentsia* contra o poder e a cultura dominantes[...]

O que se espera de um niilista bem como da modelagem de um *ethos* niilista é que siga mesmo que não o faça à risca. O sujeito manifestante de uma ideologia nos moldes niilista deve negar um estado de coisas que vivencia se considera que ele não é o estado de merecimento. Ao ir contra o passado e o presente, mostra instabilidade de seu pertencimento. Há nisso uma espécie de Paratopia. Defensor da inteligência acima de tudo e contestador dos moldes culturais e do poderio simbolizado pelos costumes da elite que ele sustenta já de modo consciente, o *ethos* deve elevar-se com uma espécie de acionamento que só pode se tornar visível através da embreagem paratópica, ou seja, das marcas discursivas que materializam por meio de enunciados os caracteres do sujeito que o configuram como niilista.

Conforme se verá, adiante, o nosso objeto de análise, mescla essas duas orientações já expostas do niilismo. Ao se seguir esta última premissa do pensamento niilista cumpre-se a um preceito ideológico, ou seja, os dogmas que legitimam a rebeldia devem ser seguidos pelos membros do movimento revolucionário ou terrorista, a terminologia que encapsulará o niilismo vai depender do ponto de vista levantado, se entendido pelo prisma czarista a

preferencia seria o ultimo termo, se pelo prisma dos niilistas seria o primeiro termo o encapsulador do niilismo.

2.6.2 O máximo e o mínimo da embreagem paratópica

A embreagem paratópica pode ser vista ainda sobre duas perspectivas que por tabela, convertem-se uma na outra, a saber: as posições mínima e máxima. Ao tratar dessas posições Maingueneau (2014a) o faz direcionando-as à inscrição do escritor. Aqui a fazemos direcionando tal terminologia ao sujeito enunciador. Sinônimas respectivamente de superior e inferior as posições mínima e máxima são, como diz Maingueneau (2014a) por natureza "potencialmente paratópicas."

As posições mínima e máxima são simbólicas e escapam a qualquer tentativa de instauração tópica social. Um modo de exemplificar a ambivalência da dicotomia mínima/máxima basta apreciar uma personagem com título de nobreza cuja conduta social é de pária. A personagem transita de um limite ao outro livremente sendo estável e, portanto, paratópica.

A ambivalência pode ser associada com a noção de valor saussuriana em que um signo tem valor pelo que o outro signo não é. Há o duplo na ambivalência da posição mínima/máxima o que atesta a Paratopia não só como posição, mas como situação instável, incomoda. O fato de uma personagem poder ir de uma posição a outra atesta que um parasita pode tornar-se sujeito e um sujeito pode ocupar a posição de pária, portanto, ser parasita.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA DO *ETHOS* DO SUJEITO DE ENUNCIÇÃO NIILISTA E DAS TOPIAS PELAS QUAIS TRANSITA

A presente análise congrega a discussão constante nos dois capítulos teóricos que embasam este trabalho. Os acontecimentos que apresentamos a seguir são gerados pela personagem inominada, protagonista da obra que constitui o nosso *corpus*. O sujeito a emanar a ideologia niilista apresenta diversas características como as citadas alhures de sofrimento, desespero, e morte que andam juntas com ideias de salvação e redenção, apresentando-se polarizado. Os estudos de Memórias do subsolo, dentre os quais os de Bakhtin (2013), tendem a chamar o narrador-personagem de “homem do subsolo”. Nós atribuímos ao sujeito de enunciação a denominação “Homem do Subsolo” no intuito de balizar nossa análise com uma palavra que represente sua subjetividade. A seguir reportamos uma pesquisa prévia sobre Memórias do Subsolo, feita por Bakhtin (2013), na qual filtramos da apresentação a alguns dos aspectos relacionados ao Homem do Subsolo. Desse modo, partimos da análise feita por um russo sobre uma obra cujo autor também é russo para, posteriormente, apresentarmos a perspectiva bakhtiniana ampliada sob o jugo de outros pressupostos teóricos.

3.1 Preâmbulo analítico: as *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski por um prisma bakhtiniano

Bakhtin (2013) discorre criticamente sobre a 'poética de Dostoiévski'. Nos ateremos aqui especificamente sobre à discussão envolvendo *Memórias do Subsolo*, que Bakhtin diz tratar-se de um *Icherzählung*¹² de tipo confessional, pois a ideia inicial de Dostoiévski era intitular a obra “Confissão do Subsolo”. Bakhtin (2013) acredita que de fato a obra em apreço é uma “autêntica confissão”, mas não em sentido pessoal, ou seja, não é Dostoiévski quem faz as confissões. O que é possível notar no próprio prólogo, no qual o autor russo evidencia um total distanciamento da subjetividade presente em suas memórias.

Conforme Bakhtin (2013, p. 263), “não se trata de um documento pessoal, mas de uma obra de arte”. Nessas memórias que Bakhtin (2013) aglutina com a palavra 'confissão', o que mais chama a atenção é o diálogo que o Homem do Subsolo estabelece que parte de um si, de um EU extremo que não permite que nenhuma palavra seja firmemente homogênea, as

¹² Palavra do alemão substantivada que significa a narrativa escrita em primeira pessoa. Por isso Bakhtin a relaciona a confissão.

palavras se dissolvem e são absorvidas numa circularidade incessante do EU ao mesmo tempo em que não se decompõem no outro. O Homem do Subsolo sempre se antecipa em relação ao efeito de sentido que suas palavras possam gerar no interlocutor. O tom de sua voz muda de modo incessantemente incômodo que se harmoniza com o enredo que sua narrativa tece. Ele é duplo, ambivalente, intempestivo, volátil. Ele entra em choque com o outro, mas não deixa que seu embate saia de seu corpo.

Na verdade, a polêmica dele é com o interior de sua própria subjetividade, com a imagem que ele próprio acredita estar criando de si e dissimula não se importar com a imagem que sua enunciação repercute no outro, quando no fundo é só isso que lhe importa. A posição incômoda que o homem do subsolo ocupa se espalha em sua narração. O inimigo do Homem do Subsolo não é o outro, o TU em si, mas aquele *ethos* angustiante que ele acredita ter criado no outro e que dissimuladamente apregoa não lhe importar. O Homem do subsolo tem rompantes de personalidade que fervilham em seu EU e, assim como 'nem tudo que reluz é ouro', quando se fala dessa personagem emblemática, 'não é a primeira impressão a que fica'.

Ele desconstrói incessantemente sua fala, seu tom de 'vozes' é um lugar de disputa, de combate. O que ele diz é também o que ele nega. Aqui está o nadismo de seu nihilismo prévio. Como afirma Bakhtin (2013, op. cit), “É característica a gradação do tom negativo (para contrariar o outro) sob influência de reação antecipável do outro. Semelhantes quebras levam sempre a um amontoamento de palavras exprobatórias que se intensificam cada vez mais, ou, em todo caso, de palavras indesejáveis para o outro [...]” O *ethos* atrai para sua órbita o sujeito de enunciação, uma sucessão de caracteres negativos e isso provoca no outro ao mesmo tempo ojeriza e contemplação.

O outro pode-se perguntar tanto sobre o porquê de alguém ter tanta coragem em dizer o que diz quanto o porquê de alguém mostrar-se tão deplorável com tanto despudor. Quando o Homem do Subsolo, por meio de sua teia enunciativa, intenta contrariar o outro, ele o faz porque, embora diga o contrário, quer impactar o TU com quem dialoga. Ele quer estapear aquilo que o enoja, e mesmo que não pretenda literalmente provocar a mesma sensação no outro, ao menos o tornará conhecedor do que ele já tem em sua consciência. O exprobatório, o repreensivo Homem do Subsolo acusa os que não levantam o pescoço, para ele, os seres míticos e místicos da caverna de Platão, são seres reais e pelo jeito não é com esses que o sujeito de enunciação quer dialogar, mas com os que se não são como ele, ao menos acham igualmente estranhas às estranhezas da sociedade da qual o tal Homem contempla com nojo de dentro de seu subsolo.

Bakhtin (2013) vê na polêmica interior do Homem do Subsolo, no seu modo exasperado de falar, no tom sarcástico, recriminador, dissimulado e acusador de seu dizer a presença de um TU invisível que se determina por meio do estilo com o qual o sujeito de enunciação fala de dentro de si para o outro que não consegue ver o modo como ele, o EU se veem nem o modo como veem o outro. O Homem do Subsolo antecipa sempre que pode algo que prevê naquele com quem dialoga, para ele, o outro nunca irá compreendê-lo e diz a este TU que ele, EU, compreende.

Como é impossível ao outro habitar no mesmo lugar que EU, é possível ao TU tornar-se EU se eu sair do lugar e ele tornar-se em EU da enunciação, O Homem do Subsolo fala por ele e pelo ser no mundo que não é o dele. Por isso sempre antecipa o que os pretensos co-enunciadores podem vir a dizer. O que Bakhtin (2013) chama de réplica antecipada, que segundo ele são constantes nos finais dos parágrafos e, embora se tornem mais raros, estão lá cumprindo a função de antecipar a réplica do outro que não pode retrucar, pois só o Homem do Subsolo tem voz, é dele a confissão, o outro tem que ouvir, mesmo que calando não consinta. Segundo Bakhtin (2013, p. 265),

[...] Essa antecipação é dotada de uma peculiaridade estrutural *sui generis*: tende para o infinito. A tendência dessas antecipações resume-se em manter forçosamente para si a última palavra. Esta deve manifestar plena autonomia do herói em relação ao ponto de vista e à palavra do outro, sua absoluta indiferença ante o pensamento do outro e a avaliação do outro. O que ele mais teme é que venham a pensar que ele se arrepende diante do outro, que ele pede perdão ao outro, que ele se submete ao juízo e avaliação, que a sua autoafirmação necessita da afirmação e do reconhecimento do outro. É nesse sentido que ele antecipa a réplica do outro. Mas é precisamente por essa antecipação da réplica do outro e pela resposta a esta réplica que ele torna a mostrar ao outro (e a si mesmo) a sua independência em relação a ele. Teme que o outro possa imaginar que ele lhe teme a opinião. Mas com esse medo ele mostra justamente a sua dependência em relação à outra consciência, sua incapacidade de tranquilizar-se na própria autoafirmação. Por meio de seu desmentido ele está justamente confirmando que quis desmentir, e isso ele mesmo o sabe. Daí o impasse em que caem a autoconsciência e o discurso do herói[...]

A réplica da qual o próprio sujeito de enunciação é porta-voz deixa imbricada em si uma continuidade resultante da ânsia de dar continuidade à sua fala. Fecha-se um pensamento sempre inconcluso, tem-se a última palavra e, no entanto inicia-se um novo ciclo em espiral no intuito ou de adentrar na introspecção ou de emergir na superficialidade em que se propagam as palavras e seus sentidos emanados. Por meio de seu poder 'simbólico', ele, o Homem do Subsolo, torna-se o herói todo poderoso, o verbo era o Homem do subsolo. Por meio de suas verbalizações ele impõe seu poder frente ao outro.

Ao calar o outro tomando seu turno, replicando antecipadamente o que acredita que TU falaria, ele tenta camuflar o que acaba por trazer à tona, seus medos. Embora negue

precisar do outro, não faz outra coisa senão utilizar-se do silêncio que o Eu impõe a TU para preencher agressivamente as lacunas da política do silêncio local que ele mesmo impõe. Eu precisa de TU para lançar sobre este aquilo que sua formação discursiva e ideológica propaga por meio da enunciação. O Homem do Subsolo precisa que o outro reconheça que o que ele diz não pode ser contestado, senão por ser axiológico, ideológica ou argumentativamente incontestável, ao menos pelo fato de que não dá ao outro a oportunidade de também dizer.

Ao mesmo tempo em que o sujeito de enunciação intenta criar para si, por meio de seu discurso, um *ethos* autossuficiente por isso mostra-se indiferente ao que ele próprio e somente diz ver do que nos outros é mais pensamento seu do que deles acaba-se por trair-se em defender para si um rosto. Ao cobrir seu rosto com o lençol curto deixa ficarem expostas as pernas que ele mais queria esconder. O Homem do Subsolo tem medo da opinião do outro, e, ao tentar mostrar indiferença quanto ao que este TU possa pensar, acaba por dizer o contrário, tanto se preocupa com o que este outro pode pensar dele que só faz sublinhar essa preocupação a cada vez que tenta camuflá-la com ironia e indiferença.

Para se desvencilhar do problema que é para o Homem do Subsolo ver o outro consciente de sua incompletude, de sua insegurança e assim progredir com seu discurso, o sujeito de enunciação estanca na defesa do *ethos* que procurou construir e sobre ele lança todas as suas forças no intuito de estancar discursivamente a ferida, a fissura que se abriu na sua imagem. Frisa bem sua pedância e acaba com isso descortinando sua fraqueza. Quando o Homem do Subsolo pensa que dissimula sua fortaleza de tijolos queimados revestindo seu *ethos*, na verdade ele mostrou por trás do reboco que sua estrutura é revestida de adobe, que cru como é e estando descoberto, pode se desfazer na primeira intempérie.

Bakhtin (2013) entende a polêmica interior do herói, Homem do Subsolo, como um conflito que ele estabelece “com o outro e consigo mesmo” que para Bakhtin gera (2013, p. 266) “[...] um diálogo sem fim no qual uma réplica gera outra, a outra gera uma terceira em (movimento perpétuo), e tudo isso sem qualquer avanço”. O *perpetuum mobile*, movimento perpétuo de que Bakhtin (2013) fala é adaptável ao que Maingueneau (2014a) considera garantidor da escrita literária, é um andar para frente no intuito de ter paz e o que representa essa paz é o termino de uma obra, de uma angustiante obra que enquanto não acabar deixará seu autor inconstante, paratópico, transitando sem lugar fixo como as mãos transitam na escrita.

O Homem do Subsolo demonstra muitas vezes raiva em ter que se ater a determinadas explicações, a informatividade presente em seu discurso o incomoda e isso vem materializado nas vezes em que ele mostra-se não preocupado com o que mais o preocupa, a opinião dos

outros. Para Bakhtin (2013), em *Memórias do subsolo*, mais do que em qualquer outra obra de Dostoiévski, a busca incessante da finitude do diálogo, não consegue se dar e reconhecer o caráter precário que a incompletude dialógica apresenta de maneira, “[...] tão notória e abstratamente nítida, pode-se dizer, francamente, numa forma tão matemática” (BAKHTIN, 2013, p. 266).

De fato o quilate com que a premissa dialógica e angustiante estabelecida pelo Homem do Subsolo consegue aflorar no discurso é quase palpável e suas medidas são quase um *pi*, um infinito, ou seja, sua ambivalência, sua insistência em não dá ao outro a oportunidade de falar, sua antecipação da réplica daquele que ele não permite falar não finda com o ponto final de suas memórias, este ponto apenas nos fecha as portas na cara pois o subsolo que esse homem, esse sujeito de enunciação habita é um buraco negro, não tem fundo, é infinito e ele seguirá caindo e esbravejando eternamente a fim de que, embora não mais lido seu discurso continue ecoando além das linhas que seu enunciado propaga e que o discurso delimita.

Bakhtin (2013) considera o discurso do Homem do Subsolo voltado para uma deselegância do seu estilo em que os critérios artísticos e/ou estilísticos adquirem uma lógica especial. Desse modo, conforme Bakhtin (2013, p. 267):

[...] Seu discurso não sobressai, nem pode sobressair, pois não tem diante de quem sobressair. Não se basta ingenuamente a si mesmo e ao objeto, está voltado para o outro e para o próprio falante (no diálogo interior consigo mesmo). Seja num ou noutro sentido, o que ele menos quer é sobressair e ser “artístico” na acepção comum desse termo. Em relação ao outro, ele procura ser deliberadamente opaco, para “contrariar” a ele e aos seus gostos em todos os sentidos. Mas ele também ocupa a mesma posição em relação ao próprio falante, pois a relação consigo mesmo está indissolivelmente entrelaçada com a relação com o outro. Por isso a palavra é ressaltada cinicamente, calculada cinicamente, embora com esforço. Ele tende para o insano, sendo a insânia uma espécie de forma, uma espécie de esteticismo, se bem que com marca inversa[...]

O Homem do Subsolo, diz não se importar com o que o outro pensa, sempre o cala tomando seu turno de réplica, até quando se reporta ao outro o faz por meio de seu eu interior e do outro que ele imagina que intenta contra-argumentar suas convicções. O discurso do sujeito de enunciação está interessado no sujeito enunciador, naquele que fala e para o outro com quem este EU fala. Bakhtin (2013) vê esse EU mostrar-se opaco, justamente para que o outro veja por meio de se EU as fragilidades que ele tenta esconder por meio de sua opacidade, de sua camuflagem, de sua nebulosidade.

Enquanto destabilizador de ideias pré-construídas, de doutrinas que são seguidas, o Homem do Subsolo é consciente das mazelas que escravizam os homens de seu tempo e

argumenta contra elas. Por conta disso, as ataca por meio do outro que ele vê como um seguidor aguerrido e mantenedor da inconsciência. Em tudo que o outro faz e naquilo em que este acredita o Homem do Subsolo só enxerga os defeitos, por conta de sua relação inconvenientemente e incomodamente estabelecida com o outro, o sujeito de enunciação se utiliza das palavras enquanto instrumentos bélicos que rechaçam o outro que não é como ele, que é forte e inconsciente em sua fortaleza.

Para mostrar ao outro o mundo de erros em que ele está submerso, o Homem do Subsolo mostra um *ethos* cínico, um cinismo que Bakhtin (2013) considera dissimulado e forçoso, pois para ele o sujeito de enunciação atinge o grau de cinismo com um esforço, que nós consideramos aqui sobre-humano. Bakhtin (2013) também considera o cinismo do Homem do subsolo como uma característica estética desse que enuncia e esse caractere que mostra o sujeito insano por não ser comedido é sua forma, seu modo de viver num mundo que ele acusa vai ser sempre contra ele.

A análise que fazemos não pode se furtar em seguir pelos meandros abertos por Bakhtin. Algumas das assertivas asseveradas por Bakhtin (2013) serão comparadas com as nossas constatações na análise que apresentamos a seguir. Não há melhor norte do que a bússola exposta de um russo, na Rússia, analisando outro russo. *Memórias do Subsolo* é um discurso literário que aflorou na Rússia, seu eco se propaga na tradução que nos serve de vislumbre ou do reflexo opaco que o português permite apresentar daquele original *Zapíski iz Podipólia*.

Se o termo **zapíski** foi traduzido em português por meio de três palavras diferentes é porque esse termo surtiu efeitos colaterais diferentes em seus tradutores, **zapíski** repercutiu em português em **notas**, **diário** e **memórias** e agora a polivalência desse termo se propaga no que nos vem do que de Bakhtin nos chega por seu tradutor, ou seja, mais que Zapíski, Bakhtin prefere o que, segundo ele, Dostoiévski primeiro queria, **vriêmnya**, isto é, confissão.

Bakhtin (2013) diz que na escrita de Dostoiévski encontramos as buscas intelectuais e espirituais, além da inexequibilidade desta última, o que de fato é notável. O Homem do Subsolo tem uma necessidade tão grande de ser notado nem que para isso precise incomodar, provocar um mal estar tal qual o que ele sente. O que Bakhtin (2013) traz à tona por meio da passagem em que o Homem do Subsolo compara o incômodo que sabe provocar no outro com um dor de dente. Por meio dessa metáfora, demonstra seu cinismo, seu desinteresse para como o incômodo que provoca no outro.

Se antes ele não conseguira calar o outro que habita o outro com quem dialoga, aquele TU que possui um EU interior com ânsia de falar, mas que o EU Homem do Subsolo silencia,

agora o sujeito de enunciação parece levantar o troféu da vitória argumentativa que silencia o seu outro por meio do incômodo que seu cinismo traz ao público. Se o Homem do Subsolo sabe que não beneficiará o outro contando-lhe suas mazelas, ao menos sarcasticamente o incomodará com elas e o outro não pode se furtar de ouvi-las, não pode tapar os ouvidos frente aos gemidos de dor da vida do Homem do Subsolo que, dono da cena que impõe ao outro vislumbrar, se deleita com o desprazer que provoca no que lhe é alheio.

Bakhtin (2013) diz que a dor de dente de que o Homem do Subsolo fala é uma paródia exageradamente cínica. O discurso orienta toda essa enunciação, é o pastor do rebanho, pois o sujeito de enunciação confessa por meio de seu cinismo que a orientação, o discurso está impondo tanto ao enunciador quanto no interlocutor, a confissão do Homem do Subsolo intenta, para Bakhtin (2013, p. 268):

[...] destruir sua própria imagem no outro, denegri-la no outro, como última tentativa desesperada de libertar-se do poder exercido sobre ele pela consciência do outro e abrir em direção a si mesmo o caminho para si mesmo. Procura destruir em si qualquer vontade de parecer herói aos olhos dos outros (e aos próprios)[...]

O caráter do Homem do Subsolo é tão destrutivo que ele pretende explodir até mesmo o seu próprio positivismo caso ele exista. Ele demonstra que nada do que está estabelecido em seu tempo é digno de valoração. Sua angustia desenfreada em ver-se vinculado àquilo de que quer se desvencilhar o assola. O que o assombra é o *ethos* que constrói de si para que o outro não o contemple. Mais importante do que o consentimento do outro é que o outro não se veja nele e busque algo que os transcende, não queira ser sem o que é nem o que o Homem do Subsolo é, mas aquilo que intenta ser. Ao invés de um herói, o outro se vê diante de um anti-herói, diante da imperfeição a ser superada. Não estamos diante do Super-Homem de Nietzsche, mas de seu protótipo, em um ego extravagante que não é suportado nem pelos outros nem por si próprio.

Bakhtin (2013) não concebe uma definição objetiva do Homem do Subsolo que não traga em si exagero e escárnio, muito embora esse sujeito esteja sempre a procura de uma vereda discursiva que lhe proporcione uma constituição intelectual lúcida, entretanto para ele tal caminho só pode ser percorrido por meio do cinismo e da insanidade. Bakhtin (2013) apregoa que o Homem do Subsolo nem se liberta nem reconhece a força que o outro exerce sobre ele e, embora aja no intuito de rechaçá-lo nem isso consegue fazer. Ele quer esmagar a própria imagem sem intenção de criar outra com os destroços do velho e ao querer “pregar uma peça no outro” intenta impor seu discurso no dele.

Bakhtin (2013) atribui ao discurso do Homem do Subsolo uma característica peculiar e que está presente nas obras de Dostoiévski como um todo, a evasiva. Por meio dela o enunciador se utiliza de subterfúgios e com isso distancia-se de qualquer atributo que lhe imponha um caráter categórico em seu dizer. Não é a toa que a própria construção do *ethos* do Homem do Subsolo se dá por meio de diversos percalços. A evasiva é para Bakhtin (2013, p. 269):

[...] o recurso usado pelo herói para reservar-se a possibilidade de mudar o sentido último e definitivo do seu discurso... Esse possível “outro” sentido, isto é, a evasiva deixada, acompanha como uma sombra a palavra. Pelo sentido, a palavra com evasiva deve ser a última e como tal se apresenta, mas em realidade é apenas a penúltima palavra e coloca depois de si um ponto condicional, não final[...]

A evasiva deixa latente a ambivalência, o caráter duplo da enunciação que o Homem do Subsolo propaga e divulga por meio dos enlaces discursivos que tece. A palavra é 'física', portanto pode encobrir quando passa pela luz algo com sua sombra no momento em que o outro olha para o ponto em que sua sombra se instaura. Esse ponto está encoberto pela evasiva, nele o sentido primeiramente instaurado pode escapar e um outro se instaurar sem que se perceba a alternância, sem que se comprove a mudança.

Por meio da instabilidade que a Paratopia impõe ao discurso, a evasiva constitui a própria transmutação da palavra que, enquanto embreante pode remeter agora a uma dada coisa e em um novo agora a uma coisa dada. O sentido salta o ponto final por meio do que a palavra poderia ter sido e que não foi. A evasiva da palavra permite que o *ethos* do Homem do Subsolo permaneça inconstante e ao mesmo tempo estruturado, pois as palavras não se alternam ao mesmo tempo.

Bakhtin (2013) vê na evasiva uma definição final que nunca é finita de si mesmo. Embora o Homem do Subsolo menospreze o outro precisa da apreciação contrária ou não deste para constituir sua imagem, e ao confessar ou condenar-se intenta o elogio e o reconhecimento do outro de sua imagem seja ela positiva ou negativa. Para Bakhtin (2013, 270), “Condenando a si mesmo, ele quer e exige que o outro lhe conteste a definição de si mesmo e deixa uma evasiva para o caso de o outro concordar de repente com ele, com a sua auto definição, com a sua autocondenação, e não usar do seu privilégio com o outro”.

O caminho mais fácil é falar mal de si, construir um *ethos* negativo na esperança de que o outro o desminta. Construir uma imagem positiva de si mesmo demanda muito tempo, muito esforço, no entanto para desfazer uma bela imagem, basta que um elemento feio solte aos olhos para que os abutres os extirpem para fora. Se o outro concordar com a destruição que EU faz de si a evasiva entra em cena deixando que a ironia entre e contracene com o TU lhe contradizendo.

O sujeito de enunciação não precisa usar seu privilégio com o outro caso a evasiva, a palavra posta antes mesmo da encenação começar cumpra seu papel, desse modo o EU não precisará novamente censurar aquele que precisa de sua autorização, o TU, para falar. Se o outro vier pelo caminho imprudente de com o sujeito rechaçar a imagem que somente esse pode rechaçar, a zombaria e o escracho do Homem do Subsolo voltam à cena e ele irá dizer a seu outro que não se fez compreender, tratará o outro com desprezo e o lançará em fora de cena enquanto lança sobre ele a insânia e o cinismo que a evasiva proporciona.

Bakhtin (2013) diz que por meio da evasiva toda a auto definição, aqui todo o *ethos*, das personagens se torna flexível, maleável e com um livre arbítrio para trilhar um polo positivo ou negativo na constituição de sua imagem. Para ele, o discurso das personagens não se fixa nas personagens, mas em cada instante, o que Bakhtin considera semelhante à adaptação de um camaleão sempre pronto para mudar a cor e o ultimo sentido do seu discurso. Como já dissemos, a evasiva traz à tona a ambivalência, a duplicidade do Homem do Subsolo e, como afirma Bakhtin (2013, 271), “A evasiva deforma profundamente sua atitude em face de si mesmo. O herói não sabe de quem é a opinião... a afirmação... seu juízo definitivo: não sabe se é a sua própria opinião, arrependida e condenatória, ou... a... do outro por ele desejada e forçada que o aceita e absolve”.

O embate dialógico se dá ao mesmo tempo entre o Homem do Subsolo e seu EU interior e entre um desses dois e o outro exterior que ele não permite que fale. O sujeito de enunciação se deforma e reforma constantemente por meio da porta evasiva que suas palavras não fecham e, com isso, provoca um conflituoso e emaranhado ato enunciativo em que ele nem sabe de quem são as ideias de que os partícipes do ato que o tem como protagonista e centralizador do dizer nem como lidar com elas. Não há possibilidade de atribuir a uma evasiva um juízo de valor unânime, incontestável, isso vai contra a natureza de abertura dela própria.

O que a evasiva proporciona é justamente que na 'cápsula' da enunciação se abra uma fissura e por meio dela adentre um raio de luz, uma fisga que permite uma ínfima iluminação, uma linha que liga o mundo da enunciação ao mundo real e por meio dele, como grãos de poeira, os embreantes se tornem visíveis enquanto trocam informações e 'mercadorias' com o exterior. Aos embreantes em si, não importa de quem é a autoria das ideias, isso importa e angustia o sujeito de enunciação, eles apenas ligam o serviço que o Homem do Subsolo 'contrata', e embora não saiba de onde vem o que defende a busca, escavando, surta nessa ânsia curiosa que o condena por meio da confissão que este EU próprio faz, é o próprio Homem do Subsolo que por meio da dualidade da evasiva que anda junto com a palavra de

modo siamês se condena e se absolve de qualquer culpa ou inocência, como o camaleão essa ambivalência será escolhida de acordo com as circunstâncias que o discurso traz à tona.

Bakhtin (2013) vê o mesmo diálogo que o Homem do Subsolo trava consigo ser travado com seu outro de modo desesperado porque, conforme Bakhtin (2013, 271) “[...] não pode fundir-se até o fim consigo mesmo em uma voz monológica única, mantendo totalmente a voz do outro..., pois,... sua voz deve ter ainda a função de substituir a do outro”. Se o sujeito de enunciação se fundir completamente com seu EU, provocará sua própria síncope e com isso permitirá que o outro ocupe o lugar do EU, o caráter egocêntrico do Homem do Subsolo o faz tomar sempre a voz do outro antecipando-se a qualquer brecha discursiva que permita a um TU replicar o que ele diz. Assim, embora estabeleça uma existência além da sua “[...] não pode deixar de falar sozinho” (BAKHTIN, 2013, p. 272), pois se o fizer também abrirá espaço para que o outro se instaure como EU no lugar dele. Bakhtin (2013), diz ainda que, embora o discurso do Homem do Subsolo possa ser “mecanicamente” interrompido não pode ser “organicamente” concluído, pois o estilo discursivo é por meio das evasivas infinito.

3.2 O *ethos* niilista do Homem do Subsolo

O Homem do Subsolo dá a seu *ethos* uma imagem feia compensada pela aguda inteligência. Bakhtin (2013), embora não trabalhe com essa categoria, apregoa que o sujeito de enunciação, por meio da interferência e a dissonância de vozes penetra o corpo do sujeito de enunciação enchendo-o de autossuficiência que atinge o pedantismo e o egocentrismo. Sobre o Homem do Subsolo, preceitua Bakhtin (2013, p. 272) que este “[...] odeia seu próprio rosto[...] sente nele o poder do outro sobre si, poder das suas apreciações e opiniões. Ele mesmo olha para seu próprio rosto com os olhos do outro[...] esse olhar do outro se funde dissonantemente com seu próprio olhar e cria nele um ódio[...] pelo próprio rosto”. O fato de ver em si a imagem que o outro tem dele o faz odiar a si mesmo.

Conforme se verá na análise, o descontentamento do sujeito com a sua aparência é afagada pela inteligência e consciência perante os demais. Concordamos com Bakhtin (2013) no sentido em que, ao mesmo tempo em que o Homem do Subsolo torna seu discurso sobre si desagradável, se contenta com ele por considerar sua inteligência mais importante que seu aspecto físico. Bakhtin (2013) considera o herói de *Memórias do subsolo* um ideólogo. Este é de fato um dos caracteres que configuram seu *ethos*. Há nele um complexo de inferioridade que somente sua ideologia niilista, contestadora dos padrões de beleza e de feiura, de apatia ou de ação tem o remédio para a salvação da humanidade.

Bakhtin (2013) encontra no discurso ideológico, em que nós buscamos marcas niilistas, do Homem do Subsolo o mesmo que encontra no discurso deste sobre si mesmo. Conforme Bakhtin (2013, p. 273),

[...] Suas palavras sobre o universo são veladas e abertamente polêmicas; e polemizam não somente com outras pessoas, com outras ideologias, mas também com o próprio objeto do seu pensamento – o universo e sua organização. No discurso sobre o universo também soam para ele como que duas vozes, entre as quais ele não pode encontrar a si próprio e o seu universo, posto que até o universo ele define com evasivas. Assim como o corpo se tornou dissoante aos seus olhos, tornam-se igualmente dissonantes para ele o universo, a natureza, a sociedade. Em cada ideia sobre eles há uma luta entre vozes, apreciações, pontos de vista. Em tudo ele percebe antes de mais nada a vontade do outro, que predetermina a sua[...].

As ideias estacionadas no tempo devem ser remexidas. Aquilo em que o Homem do Subsolo está imerso é o mesmo de que ele quer se desvencilhar. Ao mesmo tempo em que ele fecha os sentidos que lança sobre suas palavras, as torna polêmicas, pois, vão de encontro tanto contra ele e outras pessoas quanto contra o pensamento e as ideologias das quais compartilha. O sujeito de enunciação polemiza para desestabilizar o que está estabelecido.

Suas explanações se dão por meio das evasivas, ou seja, estão abertas a interpretações outras que ele tem o poder de silenciar ao tirar do outro a possibilidade de falar quando fala consigo mesmo, excluindo o TU da cena da enunciação. Tudo que mantém alguma ordem é alheio ao Homem do Subsolo. As ideologias que sobrevoam o EU, o sujeito de enunciação, o Homem do subsolo são vozes que o inquietam e que o tornam inquietante e contestador.

Em torno de seu instável ponto de vista há tantos outros a lhe perturbarem o juízo que lhe dão um *ethos* insano amenizado por um caractere irônico o qual ele lança sobre o outro para aplacar a vontade desse prevendo sua réplica que não é tanto mais que a própria réplica silenciada pelo medo que o Homem do Subsolo tem de perder a vez no 'trono' por meio do qual enuncia e silencia. Seu corpo, como todo o mundo e a sociedade que o rodeiam, são disparidades, incoerências que devem ser também porque seu corpo as é.

Para Bakhtin (2013), o Homem do Subsolo entrelaça seu discurso sobre o discurso ideológico que predica, ou seja, ao falar sobre seu incômodo, ao deparar com a “ordem universal” traz à tona a representação de uma ideologia que também vai contra essa ordem estabelecida e que deve ser atacada, destruída para que as pessoas possam pensar com sua própria consciência e não com a que lhes é imposta. O contrário, ele vê na vontade do outro, sempre complacente, obediente, e isso ofende o Homem do Subsolo que, inconformado com o estado de coisas em que o outro se encontra, o rechaça. Bakhtin (2013) vê ainda o fato de que ao não conseguir impingir sobre o outro, com todos os subterfúgios que uma evasiva proporciona, sua visão de mundo, sua paixão pelo discurso ideológico que defende, o Homem do Subsolo constrói na verdade um discurso uno cujo percurso permite que ele chegue a si mesmo e por meio de seu próprio EU chegue em seu universo particular, em sua subjetividade. Desse mundo interior, o sujeito de enunciação recrimina veementemente tudo o que a ordem externa e alheia aos seus próprios seguidores impõe. Para Bakhtin (2013, p. 274), o Homem do Subsolo não fala sobre, mas “com o universo”, seu discurso, como aponta Bakhtin (2013, p. 274):

[...] é integralmente um discurso-apelo. Para ele, falar significa apelar para alguém; falar de si significa apelar via seu discurso para si mesmo, falar de outro significa apelar para o outro, falar do mundo significa apelar para o mundo. No entanto, ao falar consigo mesmo, com o outro, com o mundo, ele apela simultaneamente para um terceiro: olha de esguelha para o lado, para o ouvinte, a testemunha, o juiz... Esse tríplice apelo simultâneo do discurso e o fato de ele desconhecer geralmente o objeto sem apelar para ele criam aquele caráter excepcionalmente vivo, intranquilo, agitado e, diríamos, obsessivo desse discurso... O que antes de tudo se faz é reagir diante dele (o discurso), responder-lhe, entrar no seu jogo; ele é capaz de perturbar e tocar quase como o apelo pessoal de um homem vivo[...]

O homem do Subsolo apela para instâncias superiores ou inferiores a ele. Precisa validar seu discurso apelando para o outro e para si mesmo no intuito de que o efeito de sentido de seu discurso incuta nos outros a concordância e, caso não consiga, escapa da risada pela evasiva aberta, sua saída de segurança. O ato de falar é um ato de apelo em que sempre se intenciona fazer o outro aderir ao ponto de vista levantado ou ao que o exposto tenta encobrir. Quando um EU fala para um TU rege essa fala um chamamento, um vocativo que parte de um EU profundo que intenta adentrar em um TU raso. A trindade que permite a validação do discurso parte do EU, do TU e do ELE, do assunto, é nesse sentido que não se fala do mundo, mas para o mundo, para o EU, para o outro, pois é esse que não sou EU quem vai socializar meu pensamento e torná-lo uma “verdade”. Não é o mundo que me atribui um *ethos*, mas é com o mundo que eu construo meu *ethos*. Não é do assunto que eu falo, é sobre o assunto que eu falo, é sobre o tópico discursivo que eu argumento.

Falando “niilisticamente” sobre caracteres marcadores do sujeito como niilista, este apresenta termos que podem lhe enquadrar como tal. Se não for possível incutir no outro as ideologias com as quais compartilha, o Homem do Subsolo não logrará êxito ao falar para o outro. Como o Homem do Subsolo, embora algumas vezes aparente falar do outro, não faz mais que falar para o outro, no intuito de lhe tornar lúcido como ele acredita ser. O discurso apela para o outro assim como o sujeito também o faz em uma busca angustiante pela adesão e, com isso, manifesta, na visão de Bakhtin (2013), a agitação e a vitalidade do mesmo. É como se uma entidade incorporasse um ser do mundo que contemplou de longe sem poder intervir em sua vida e, agora, via ideologia consciente, tenta impor a mesma no outro desse que era TU e agora é EU sujeito e EU interior do sujeito.

A entidade consegue adentrar no jogo do discurso por meio da cena de enunciação em que o sujeito e seu outro contracenam. Nos lances de inconsciência do EU, a entidade se apossa de seu EU, expõe resquícios de ideologia que o sujeito ao voltar à cena acredita serem plenamente seus, mas que na verdade são dele e da entidade que por ele também emana.

Para Bakhtin (2013), no mundo de Dostoiévski não há nada concreto, há apenas sujeitos. O concreto está no mundo real, no mundo que a enunciação anuncia por meio do discurso materializado, o que existe de fato são sujeitos que proferem seus pensamentos e ideias de que compartilham por meio do discurso-apelo, um discurso que encontra-se com outro discurso, ou seja um “discurso sobre o discurso” que se volta para o “discurso”. Nesse discurso o *ethos* se impregna de marcas que o instauram e dentro desse *ethos* está o sujeito de enunciação, cuja imagem niilista é acionada pela palavra, pelas evasivas, pelas embreagens que o reconfiguram paratopicamente, que não lhe deixam em paz, que o deslocam sempre

para frente e o remetem para traz. No momento em que a imagem da frente falhar, haverá a deixa do passado para contradizer o futuro que poderá ruir todo o *ethos* e sua imagem sempre frágil.

3.2.1 Marcas discursivas do niilismo

Iremos enveredar inicialmente pelas marcas discursivas do niilismo, ou seja, as palavras, as emblemas paratópicas por meio das quais é possível enxergar as pontas textuais que caracterizam o *ethos* enquanto niilista. Para tanto, devemos identificar nas SD os pontos que dão abertura para a identificação daquele que fala ou que enseja tornar-se um ser de fala.

Iniciamos lançando nosso olhar sobre a SD3, pois se o niilismo remete inicialmente e irremediavelmente ao nada, ou a obsessão pelo nada nessa SD a fala do Homem do Subsolo lateja uma constatação: a de que ele, após narrar sua vida chega à constatação de que não chegou a ser nada: [SD3> Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau]: nem bom nem canalha, nem honrado, nem herói nem inseto.]. Associando essa SD com SD1 elencamos uma outra marca niilista a de negar tudo, até mesmo aquilo em que se acredita: [SD1> **Creio que** sofro do fígado...sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso)]. O termo em negrito é uma emblema que nos diz que ele suspeita de algo, estar doente do fígado, porém mesmo assim, não pretende se tratar.

A consciência de que possa sofrer do fígado só vai até o ponto do tolerável, de respeitar a medicina, mas isso não significa que ele queira ajudá-la. O Homem do Subsolo não é a favor nem contra nada, pelo menos é o que deixa transparecer neste momento, simplesmente dúvida de toda verdade pia. Para ele a medicina deve ser vista com desconfiança assim como tudo o mais.

Na SD13, o Homem do Subsolo incorpora uma outra característica niilista a de ser um “mestre da suspeita”, como Pecoraro (2007) denomina alguns teóricos niilistas. Os atributos desses mestres da suspeita é desmistificar, desmascarar aquilo que é imposto em termos de sentido. As finalidades nem sempre são o que aparentam ser e devem ter suas “verdades” descortinadas. A presença do Homem do Subsolo massifica essa premissa niilista e ele o faz ao falar de si mesmo, atingindo um nível mínimo: [SD13>Para vós, eu já não sou o herói, que anteriormente quis parecer, mas simplesmente um homem ruinzinho, um chenapan. Bem, seja! Estou muito contente porque vós me decifrades...]. Porém, o Homem do Subsolo não parte do nada para desvelar seu *ethos*. Ele deixou pistas cujo melhor indício é a ironia: [SD1> Dizeime: de que pode falar um homem decente, com máximo prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim.]. O ar orgulhoso de sua voz nesta passagem demonstra o contrário de uma pretensa decência.

Ele amplifica sua consciência. Além de seu *ethos* corpóreo apresenta uma carga de consciência que atinge a massa ao tempo em que pela agudez de sua consciência se distancia da dita massa: [SD 29>Eles, pelo contrário, eram todos embotoados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho.] Aquilo que poderia ser tido como uma normalidade só atinge os outros. O ELES distancia o Homem do Subsolo da massa e até mesmo aqueles com quem ele fala. Ele enquanto nihilista já percebe as correntes e amarras que prendem os “normais” aos ditames sociais. Entende a finalidade da mesmice nas roupas dos outros. Por trás dela está uma moral civilizatória que deve ser atacada, arruinada. Ele já o sabe porque é “cultivado”. Entretanto para os outros isso que o Homem do Subsolo não mais existe está imbricado nos outros que ele contempla de longe por medida de segurança. A embreagem dos “carneiros” cai muito bem. Ela marca os outros no discurso.

O pastor do rebanho do qual o Homem do Subsolo também faz parte sem a ele pertencer de fato, por ter consciência dos fatos e ser a inconsciência dos outros a mantenedora da cadeia silenciosa sem contestação. Ele desmistificou e desmascarou essa “verdade”, mas seu egoísmo não o deixa falar aos outros sobre ela. Os outros devem descobrir sozinhos e sozinhos sair de suas cavernas. Assim o temor platônico de que a massa o chame de louco ou o mate por ser diferente não o abala. O subsolo é um abrigo seguro de onde ele tudo vê sem ser notado.

A seguir, o Homem do Subsolo materializa discursivamente essa premissa: [SD29> É possível que eu fosse o único em toda a repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo, e talvez tivesse essa impressão justamente porque era cultivado.]. Para o Homem do Subsolo, não existe mais inocência, ele foi poluído, intoxicado pela consciência que os “cultos” adquirem. Aquilo que gerações de seguidores de dogmas e condutas sociais sacralizaram e que garantia a estabilidade de todo um sistema de coisas foi descortinado pelo homem do Subsolo. Entretanto saber das amarras não é suficiente para deslocar-se pelas “topias”. Ele próprio se conscientiza disso, conforme se vê a seguir: [SD3> Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha, nem honrado, nem herói nem inseto. Agora vou vivendo meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso – que para nada serve – de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem]. A inteligência aguda desprovida de outros poderes “simbólicos” não é suficiente para tornar-se alguém. O consolo dele é saber. Entretanto, a embreagem -que para nada serve- acrescenta separando-se do cerne de sua discussão que saber a “verdade” das coisas não é suficiente para destroná-la e desestabilizar o estado de coisas no qual se vive.

Voltando para o estalo de consciência de sua situação e dos demais o Homem do Subsolo se dá conta de que é um escravo, embora em um patamar diferente do que os demais ocupam, ele sabe o que é: [SD29>Mas não se tratava apenas de impressão; isto se dava na realidade: eu era um covarde e um escravo]. Nele já não há inocência, nem ilusões. Ele só era um escravo porque era um covarde. Nesse ínterim o Homem do Subsolo novamente atinge o mínimo com as embreagens que aciona discursivamente. Dentro desse seu não pertencer a nada, o Homem do Subsolo transita paratopicamente entre sub-lugares, entre sub-posições. Embora seja um escravo, se desloca do pertencimento aos demais escreve por ser consciente. Porém ele ao se igualar, sem querer fazê-lo, atinge um máximo quando diz: [SD 30>Digo-o sem qualquer acanhamento. Todo homem decente de nossa época é e deve ser covarde e escravo. É essa a condição normal. Estou profundamente convicto disso. Ele assim foi feito e para tal fim ajustado].

Assim sendo, se todos os homens decentes são escravos e ele na SD1 já se caracterizou, embora ironicamente como decente, então ele se coloca entre os demais que também são decentes. Essa embreagem, no entanto, desmorona parte de seu *ethos* que se desloca desse máximo e volta ao mínimo quando diz:[SD30>E não só na época atual, em consequência de algumas circunstâncias fortuitas, mas, de um modo geral, em todos os tempos, o homem decente deve ser covarde e escravo.]. Para o Homem do Subsolo a escravidão humana é um ponto garantidor da “ordem natural”. Os homens decentes existem para que a ordem seja perpetuada e mantida. Se eles não fossem decentes tudo desmoronaria. [SD30>É essa a lei da natureza para todos os homens decentes sobre a terra. Tal é a saída única e sempiterna.].

A quebra desse paradigma seria um nihilismo agudo: [SD30>Mostram-se corajosos unicamente os asnos e seus abortos, mas também estes apenas até determinado obstáculo. Não vale a pena sequer prestar-lhes atenção, porque não representam absolutamente nada.] É assim que um Zumbi não passa de asno teimoso para o pensamento elitizado. Luta muito, até o fim e é vencido pelo poder hegemônico erguido sobre o “o sangue, suor e as lágrimas” do corpo daqueles que sofrem. [SD30> Mesmo que suceda a algum deles mostrar-se corajoso frente a algo, mesmo que não se console nem se apaixone com isto, de qualquer modo, há de se acovardar diante de outras coisas]. Esse caráter sempiterno da razão da escravidão está imbricado em todo o sustentáculo do poderio dos que mandam. Isto faz com que o terreno para uma mudança próxima seja sempre arenoso demais para edificar algo. Não se deve fundar nada para não correr o risco de ter esse fundamento como um dogma, uma nova verdade inabalável. Não se deve prestar atenção aos medíocres, eles não estão na história

oficial. Por esse motivo, o *ethos* do Homem do Subsolo começa a descambar para os atributos negativos que constituem os que mandam. Os atributos de Cleópatra, Átila e Stienka Rázin.

Os que mandam nos escravos são os inescrupulosos, os dignos de nota e apreciação: [SD15> Notastes acaso que os mais refinados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados, diante dos quais todos aqueles Átilas¹³ e Stienka Rázin¹⁴ não valem um caracol.]. Entretanto, o Homem do Subsolo suspeita até mesmo dessa maldade que aparenta apreciar. Ele acredita que os tiranos de seu tempo, não sejam percebidos por estarem em demasia na sociedade: [SD15>...e se eles não soltam aos olhos com a mesma nitidez de Átila e Stienka Rázin, é justamente porque são encontrados com demasiada frequência, são por demais comuns, e já não chamam a atenção.]. Se a agudez analítica é uma marca niilista, o Homem do Subsolo a representa com maestria. Há um conflito entre a consciência e o que fazer com ela. O fato de notar tanto sobre o humano e ser impotente para mudar o estado de coisas em que vive torna o Homem do Subsolo um verificador das repetições amplificadas do passado no presente. Ele fala sobre a banalidade da barbárie: [SD16> se o homem não se tornou mais sanguinário com a civilização, ficou com certeza sanguinário de modo pior, mais ignóbil que antes. Outrora ele via justiça no massacre e destruía, de consciência tranquila, quem julgasse necessário; hoje, embora consideremos o derramamento de sangue uma ignomínia, e mais ainda que outrora. O que é pior? Decidi vós mesmos]. Ele ataca por meio do discurso todo um imobilismo exacerbado presente na cegueira frente ao que rodeia a tudo e a todos.

Mesmo considerando a crueldade algo abominável, o ser humano continua a praticá-la, segundo o Homem do Subsolo, com mais frequência e mais banalidade que antes, pois, outrora isso era fazer justiça, era o certo a ser feito. Por fim, ele questiona se é menos correto praticar algo por considerar justo ou praticar mesmo sabendo ser injusto. Esse questionamento do Homem do Subsolo leva a mais uma característica niilista: a do imobilismo da sociedade e dos valores que ela tanto defende em prol da moral e dos bons costumes. O imobilismo parte dele próprio que, consciente do que vivencia, tomado por uma morbidez física pratica a complacência corpórea mesmo que subjetiva e abstratamente seja contra ela. O Homem do Subsolo questiona os valores do homem que ele também é.

[SD 17> Dizem que Cleópatra[...] gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões. Direis que isto se deu numa época relativamente bárbara; que ainda vivemos numa época bárbara, porque (sempre de um ponto

¹³Tirano que governou um dos maiores impérios da história da humanidade, conhecido como paradigma de crueldade foi chamado de Praga de Deus.

¹⁴Tirano e revolucionário russo contrário ao regime tsarista torturado e esquartejado vivo.

de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios;]. De fato ele mesmo comprova sua tese: [SD2> Fui um sujeito maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso[...] Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto a qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém. Conseguia isto quase sempre.]. Uma SD atesta a outra. A barbárie é vista como tal ou não a depender do ponto de vista. Neste caso o conflito entre épocas que compartilham de um mesmo elemento unificador, a maldade atemporal que assola a humanidade.

Novamente, o Homem do Subsolo eleva-se ao máximo e diminui-se ao mínimo por meio das embreagens que materializa discursivamente. A maldade de um ser tende a atingir alguém que, em dada circunstância, esteja abaixo dele. Assim foi com Átila, Stienka, com o Homem do Subsolo. A humilhação que eles fizeram enquanto algozes em outros é a representação do poder que tinham imposto aos que a eles estavam submetidos devido aos valores que todos compartilhavam e do qual é fundamental que aqueles encontrados na base devem ter como verdade, dogma, para que a ordem estabelecida não seja demolida. O niilista não se curva diante de nada nem de ninguém. Não reconhece nenhuma autoridade, abomina qualquer princípio dogmático. Por conta disso um escravo não poderia ser niilista, pois é pelo fato de crer em autoridades, dogmas e castas que ele continua onde está e mantém seus “donos” na frágil e tirana zona de conforto que habitam às custas da inconsciência da maioria.

Se na SD16 e na SD17 o Homem do Subsolo fala sobre a escravidão enquanto amarra mantenedora da morbidez humana, na SD 4 diz com mais veemência que em SD15, SD16 e SD17. Ele diz como deve ser um homem de sua época para tornar-se alguém além do esperado: [SD4> Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter, e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada.]. Não se entenda tudo o que o Homem do Subsolo diz a ferro e fogo. Quando ele fala de ausência de caráter enquanto necessidade, ele diz que se deve libertar de grilhões, de amarras e viver preso a “moral” é uma espécie de limitação da qual o ser humano deve se desvencilhar para atingir a consciência. Ao quebrar os critérios de mal e bem, de Deus e diabo, pode-se ir além. Esse ar desesperado é um temor de que a possibilidade de salvação pelo conhecimento se esvaia.

O Homem do Subsolo adentra em uma discussão em que a ciência passa a ser vista como uma possibilidade de salvação: [SD17> Mesmo atualmente, embora o homem já tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época bárbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo que lhe é indicado pela razão e pelas ciências.]. A evolução

da humanidade é encaminhada pela Ciência. A razão possibilitada pela ciência é a luz, nela está todo o ato heroico para abandonar o já ocorrido, o já corroído. Na Ciência não pode haver espaço para a pregação dogmática. É o domínio do conhecimento que deve servir de locomotiva do desenvolvimento tardio e necessário da humanidade. O Homem do Subsolo não é esse ser que almeja, mas aquele que se sacrifica ao acusar os que também não o são. Ele não foi o radical racional, não chegou a tanto. Por conta disso não atingiu o niilismo pleno de um Zaratustra. Aquele Homem ficou em seu Subsolo, Zaratustra desceu de seu sotão para estar entre os comuns e levar-lhes a luz e, ainda que estes quisessem permanecer na caverna, fez sua parte no mundo “físico, enquanto que o Homem do Subsolo quiz fazer a sua no mundo de enunciação em que se camuflou.

Segue dizendo: [SD18>Mas, apesar de tudo, estais absolutamente convictos de que ele há de se acostumar infalivelmente a fazê-lo, quando tiver perdido de todo alguns velhos hábitos e quando o bom senso e a ciência tiverem educado e orientado completa e normalmente a natureza humana.]. A crença do Homem do Subsolo está na ciência e no abandono do velho que deve ser posto fora para que algo de novo venha, seja lá o que for. O que se busca é um mundo sem invenções ou revestimentos ao que de fato existe no mundo. Desse modo, o Homem do Subsolo fala na amarras sociais que poderiam ser quebradas com o uso da razão: [SD47>Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós.]. O Homem do Subsolo questiona o artificialismo, em que as pessoas preferem objetos à vida simples, sem necessidade de ser explicada a qualquer custo. Uma vida que deve ser vivida se revestimentos teóricos. Para o Homem do Subsolo, a modernidade torna a vida complexa demais para ser vivida: [SD47> Chegamos a tal ponto que a “vida viva”, autêntica é considerada quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor. E por que nos agitamos às vezes, por que fazemos extravagâncias? O que pedimos? Nós não o sabemos.]. No fundo, embora considere a vida mais autêntica, aquela original, a verdadeira **vida**, o Homem do Subsolo percebe que o ser humano em si, não a deseja, não a quer. Ele prefere a vida irreal que cobre a verdadeira, não está preparado para descortinar toda a burocracia que o cerca e lhe dá razão de ser, o mantém ocupado sem pensar na finitude de sua própria existência. Para o Homem do Subsolo, nós não sabemos o porquê de nos incomodarmos de vez em quando, mas no fundo sabemos, nós só não queremos saber o que ele já sabe. Estamos acomodados com nossas tarefas diárias que consideramos necessárias a manutenção de algo, para não nos sentirmos descartáveis. A vida dos livros e do entretenimento desvia o olhar humano para as coisas reais que estão no mundo que nos rodeia.

Ela nos distrai. Satisfaz nossa vontade de “esquizofrenia”, de tentar ser muitos em um só, de dizer polifonicamente. Vemos por meio desse tipo de vida a nossa própria sendo encenada nos outros, nos irrealis que nos representam e que pensamos serem melhores que nós mesmos.

O Homem do Subsolo adentra nesta áurea nefasta de constatações e nos apresenta mais uma saída do subsolo de sua alma com uma lucidez aguda: [SD48> Será pior para nós mesmos se forem satisfeitos os nossos extravagantes pedidos. Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desarmai a qualquer um de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante pediremos que se estenda novamente sobre nós a tutela.]. A maldade humana está em uma rixa com o “Ser Humano”. O que aplaca essa rixa são as normas civilizatórias que já vem arraçadas no ser no momento em que ele surge no âmbito social que o cercará e cerceará todas as suas tentativas de se sobrepor ao grupal. Só é possível a uma pequena parcela da submergir da massa. A maioria será dragada pela mesmice, pelo infortúnio de pertencer a comodidade dos que pensam pouco. As coisas da vida não são mais simples porque devem se tornar complexas para que a maioria não se conscientize da fragilidade que reveste os vitrais da pirâmide social que nos governa. Esse conhecimento para o Homem do Subsolo é tenebroso demais e pode causar sequelas naqueles que não estão acostumados e não saberão lidar com tamanho arbítrio.

As marcas discursivas do niilismo não cessam de brotar do discurso do Homem do Subsolo. Ele é quem cansa de nos falar. Ele critica a civilização. A vida que viver o que o espírito anseia. A cultura intenta manifestar a natureza antes que na luta entre ambas uma vença. Em tudo pulsa uma **vida** frágil, simples e poderosa que se esconde de nós mesmos, pois nós assim como ela suspeitamos de tudo e de todos. Tenta derrubar os mitos, a religião que para o Homem do Subsolo põe amarras, correntes em sujeitos vivos que não ousam ir contra, enunciar contra aquilo que ele tanto critica: [SD49>E no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos. De modo que eu talvez esteja ainda mais “vivo” que vós.]. O Homem do Subsolo diz por nós, tenta por meio de evasivas antecipar os pensamentos de pretensos debatedores.

Por ser questionador do estado de coisas em que se vê posto, ele acredita que se coloca em um máximo comparado a seus interlocutores que estão em um mínimo. Seu paradoxalismo, sua inconstância, sua paratopia, no entanto o desmente o tempo todo, pois ele volta a se inserir entre os normais por meio da embreagem presente [SD49>Olhai melhor!

Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos; não saberemos a quem aderir, a quem nos ater, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que menosprezar.]. É como se o mundo estivesse dilacerado e o Homem do Subsolo visse isso.

Os outros só veem água onde também há sangue. As perguntas agem como partículas em busca de seu todo que fora fragmentado, demolido. A estabilidade das respostas cedeu lugar para a instabilidade das perguntas. O núcleo ainda existe, mas em sua órbita os transeuntes não desejam construção alguma, apenas evasivas, incompletudes. Mais interessam os questionamentos do que as feitura de respostas que também estarão, caso venham, desconstruídas e arruinadas, para o novo, por ora o que se contempla e a indescritível sensação do nada posto em lugar daquilo que desmoronou. Se preceitos como o de Deus forem como afirmam os niilistas mais calorosos uma invenção ou, como diz Pecoraro (2007), ao tratar de Dostoiévski e suas personagens, uma invenção ou um artifício, uma falsidade que o próprio homem criou para que se viva sem se matar, não é possível saber, de fato o que é o vivo, mas pela ciência é constatável que estamos vivos. Além disso, só se enxerga a névoa densa do desconhecido que deve ser penetrado. Para o Homem do Subsolo, o ser precisa de coisas para manter-se pensando em tudo que não seja essência, o que interessa é a matéria que nos permite ver ou sentir o invisível.

Busca-se pela Ciência o bem estar que materializa tudo, que tudo explica e continua-se a viver daquilo que não mais uma igreja, uma fé predica, mas que outra instância tão idolatrada quanto, senão mais, aquilo que para que ela surgisse e imperasse precisou ser demolido. Não é que o nada do niilismo seja de fato o nada, mas a possibilidade de numa busca incessante por tudo o que concebe o humano, se chegue no cerne de tudo. Em algum ponto da infinitude de possibilidades deve haver algo que não seja possível decifrar, mensurar, apalpar, atingir, mas que, porém, não se possa dizer que não existe. Essa questão acaba por alimentar todas as ciências, todas as religiões.

A busca incessante pelo tudo pode ser a mesma busca incessante pelo nada. Porém, para o Homem do Subsolo esse, caminho pode não ter fim e quem ousar seguir por ele pode não voltar. Os questionamentos que ele levanta aclaram essa visão. Ao se perder de vista o que sempre vimos, veremos confusão e caos no que antes era equilíbrio. No entanto, ir além do conhecido sempre foi arriscado, ao tempo que também sempre foi a prática da humanidade que mais lhe deu conhecimento, gerando inúmeras mitologias para explicar aquilo que não se conhecia. Afinal, depois de descobertas algumas verdades que os mitos explicavam, como a

inexistência de abismos nos mares do fim do mundo, as mitologias abrigaram-se nas artes e serviram a outros propósitos como aprimorar a narrativa e a argumentação humana.

O Homem do Subsolo questiona-se sobre as amarras sociais que não permitem que a potência humana seja atingida: [SD50> Para nós é pesado, até ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, *próprios*; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram.] A degradação humana para o Homem do Subsolo resulta na desonra e o próprio ser humano sente vergonha de ser apático frente as constatações de sua existência e de sua própria afeição pela limitação que lhe pesa.

Parece ser necessário um ato heroico diário para ser autêntico, para Ser no mundo, soa como um fado pesado demais para a maioria e por mais que se busque pela potência do ser humano, ela jamais existiu, porque o homem nos moldes da autenticidade, o Super-homem, nunca foi mais que desejo de existir porque já se nasce fraco e com pouco tempo a ser vivido: [SD50>Somos natimortos, já que não nascemos de pais vivos, e isto agrada cada vez mais. Em breve inventaremos algum modo de nascer de uma ideia.]. É difícil alcançar esse raciocínio do Homem do Subsolo, afinal, como se nasce de pais mortos? Será que a vida que só tem valor é a nossa própria e os próprios pais sedem vez para que nós protagonizemos as cenas a partir do momento em que estamos no mundo deixando para nós mesmos apenas a atuação de coadjuvantes? Para ele não somos gente porque nosso corpo e nosso sangue não vem de nós. São parte de nossos pais.

Como ser autêntico genuinamente se a matéria que nos constitui não é de fato nossa. Os pais não estão vivos niilisticamente porque quando nascemos eles já nos apresentam a um mundo em que apenas “vegetam”, eles já seguem normas, eles não estão no nada, na desconstrução, não operam no vazio. Para ser autênticos, na visão do Homem do Subsolo é preciso nascer de pais vivos, no sentido de que eles não nos repassarão nada, o que é impossível. Os pais vivos vivem a **vida viva**.

A mais autêntica forma de existência, descortinada, sem amarras, sem complexidade em seu vislumbre. Os pais são os primeiros a algemar os filhos às normas de conduta social nas quais foram moldados. Ilusoriamente ou não o fato de sair aos seus agrada e não é visto com bons olhos ao Homem do Subsolo. Ele espera. Seu desejo é de que as pessoas saiam de ideias. Elas nascem com uma originalidade que é deturpada pelos preceitos. Para o Homem do Subsolo somente assim poderão nascer seres autênticos, que terão transcendido o mar de falácias que infectam a humanidade e mantém seu sempiterno estado de coisas. É esse ser resultante de partes de outros seres, o ser que não sai das entranhas das ideias, da

subjetividade o responsável pela valorização dos objetos que adornam seu mundo enquanto o atrofiam, ao mesmo tempo em que lhe dão comodidade para continuar a se atrofiar ou a descobrir o que ainda é nebuloso.

A autenticidade, para o Homem do Subsolo, seria uma preocupação essencial no ser humano, no entanto a praticidade objetiva tem ceifado toda a carga vital da subjetividade que permitiria a ele atingir a potência. Entretanto, o apuramento humano é o responsável pela modernidade.

O próprio Homem do Subsolo representa aquilo que o niilismo teme, contentar-se com seu próprio prazer sem preocupar-se com as consequências que isso venha a trazer no outro como foi verificado: [SD2>sentia prazer um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém[...] Na maioria dos casos aparecia ente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes]. Ele se mostra como um hedonista. Mesmo tendo a possibilidade de ajudar alguém preferia não fazê-lo pois isso lhe dava prazer. Era também especialista no que fazia: [SD2>Não aceitava gratificações; no entanto, devia premiar-me ao menos desse modo.], porém, desprovido de outros atributos que o fizessem ascender, não saía do mínimo enquanto funcionário público lhe restando praticar maldades com seus solicitantes.

O niilismo é inquietante. Critica a civilização provocando um mal estar que busca a laceração: [SD13>Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir.]. O Homem do Subsolo não cabe em si mesmo. Não aguentou esperar e se revela. Ele quer continuar a falar e tentando esconder sua face desgasta-se demais. Seu propósito é desmistificar, desmascarar toda uma conjuntura social, histórica e cultural em que está imerso e quer, sem poder, se desvencilhar. Se seu propósito é dizer o que de fato as coisas são torna-se necessário sair de si e dizer quem é, mostrar-se: [SD13>Pois não durmais, senti vós também que estou com dor de dentes.]. A metáfora da dor de dentes extrapola a dor física e adentra naquilo que o Homem do Subsolo possa estar sentindo.

A dor de saber o que sabe sobre si de dentro do subsolo enquanto vê os outros lá fora na ilusão que ele também quer visitar. A dor da consciência é comparada a dor de dente porque não passa sem que a raiz do problema seja arrancada. O Homem do Subsolo se pergunta sobre a civilização. Para ele esta só dá às pessoas sensações, não chega a ultrapassar isso: [SD14> A civilização elabora em nós apenas a multiplicidade de sensações e... nada mais.]. A artificialidade reside naquilo que para o Homem do Subsolo seria a ilusão de ótica. A civilização em si é doce e amarga, porém o verdadeiro sabor do doce e do amargo são intragáveis para as pessoas e precisam ser disfarçados, suavizados para que a carga do viver não seja tão pesada para aqueles que levam a elite nas costas.

O que se tem em grande quantidade são sensações, o imaginário alargando luz e ofuscando os olhos dos muitos para que os poucos possam desfrutar do máximo enquanto aqueles dividem o mínimo entre si: [SD14>E, através do desenvolvimento dessa multiplicidade, o homem talvez chegue ao ponto de encontrar prazer em derramar sangue. Bem que isto já lhe aconteceu.]. A artificialidade, a ficção, o entretenimento em si, se baseia na desgraça alheia. Ver o outro chorar, cair, perder, morrer, provoca em nós sentimentos, sensações que talvez não seriam os mesmos se estivéssemos vivendo o que vivenciamos da vida dos outros.

Não é que o homem **talvez** venha a encontrar prazer em ver sangue de outrem derramado, ele “já” sente e sempre sentiu, a diferença é o grau com que isso ocorreu. O pão e circo é carreado pela civilização por onde ela passa travestindo-se de entretenimento, rituais, esportes, enfim, o propósito sempre é suavizar o peso da vida tornada difícil e complexa para que a **vida viva** desapareça de nossas vidas, enquanto mantém sobre ela a vida de plástico e de ilusão.

3.2.2 O *ethos* transmutador do parasita em sujeito

Iniciamos este tópico com uma assertiva oriunda da discussão feita até o momento a respeito do que tratamos sobre o *ethos*, a saber: o *ethos* não veste o ser na linguagem, mas o corpo que o reveste. Entretanto, até que o *ethos* possa agir sobre o sujeito possibilitando-lhe a ação na enunciação por meio do discurso este passa por um processo de transmutação em que sai de uma instância que chamamos de “entidade” que pretende e sente uma ânsia por enunciar. Esta instância está na enunciação e lança ideologias no mundo a fim de que possa fisgar um corpo para estar entre os enunciadores. A entidade atinge a instância discursiva e nela se abriga enquanto parasita, um ser sem fala legitimada que, uma vez margeando o âmbito social, pode pretender tornar-se sujeito de enunciação. Ao atingir a instância discursiva, o parasita começa a nutrir-se desta e a revestir-se de um *ethos* que lhe possibilitará o corpo por meio do qual poderá proferir materialmente o discurso.

Para adentrar na instância enunciativa e começar a constituir-se por imagens, o parasita utiliza como estratégia etérea a tendência de parecer verdadeiro para os outros que passarão a dar-lhe atributos que ele não possui, mas que precisa ter para que os outros o contemplem. É como se este ser, o parasita, fosse desprovido de membros para andar entre os outros e colher o arsenal imagético de que precisa com as mãos e a voz que também lhe faltam. Só resta a ele apelar à “plateia” de transeuntes para que eles tragam até ele aquilo de que precisa para poder transitar por meio do discurso. Assim ele ganha um *ethos* prévio, improvisado que ele passará a aprimorar por meio de caracteres.

O parasita precisa chamar atenção sobre si para que os outros o notem. Ele pertence a um grau mínimo quanto às embreagens paratópicas. Nos atendo ao Homem do Subsolo podemos notá-lo instável entre os pertencimentos, ou seja, no nível máximo ele ocupa a posição de sujeito de enunciação, no mínimo a de um pária que não é notado. Mas, nem mesmo nos lapsos em que se encontra no nível máximo ele consegue chegar legitimar-se, a estabilizar-se, a ocupar seu lugar. Ele não possui lugar. O Homem do Subsolo vê Liza, uma prostituta por quem se apaixona, como um parasita em um grau no que ele já foi, numa conjuntura diferente, e a olha de um patamar que para ele está acima dela: [SD37> Agora você é jovem, bonita, viçosa, e por isto obtém bom preço. Mas, depois de um ano nesta vida, não será a mesma, vai murchar[...] - em todo o caso, daqui a um ano seu preço vai cair-prosseguir com perversidade. - Vai passar daqui para alguma parte mais baixa, para uma outra casa. Depois de um ano mais, irá para uma terceira, cada vez mais baixo, e, daqui a uns sete anos, terá chegado à Siênaia, a um porão. E assim ainda seria bom.]. Para o Homem do

Subsolo, a tendência dos que não são nada para a sociedade, é descerem para servirem aos mais baixos que nela marginalizam.

Todo o diálogo se passa em um prostíbulo em que a mulher é comparada com uma mercadoria que com o tempo de uso tende a se desvalorizar. O estar à margem da sociedade, o ser parasita, é materializado pela inserção da personagem Liza, na visão do Homem do Subsolo, que tenderá a descer cada vez mais ao subsolo da sociedade que a Sennaia representa. O *ethos* que o sujeito de enunciação cria para a personagem Liza é constituído por embreagens que materializam ao mesmo tempo a mesma e o acontecimento que cerca a cena de enunciação, ou seja, o *ethos* que o Homem do Subsolo traz para tornar Liza visível, traz também a possibilidade da cena que representa o acontecimento que possibilita a existência do diálogo.

O Homem do Subsolo vê Liza como uma escrava, que entregou sua liberdade. A ilusão de que o aluguel do corpo é uma forma de dispor de capital financeiro para viver na sociedade é vinculada à prisão e a dependência financeira. [SD38> Quanto a você, começa como escrava. Sim, escrava! Você entrega tudo, toda a vontade. E depois há de querer romper esta corrente, mas não é possível: ela irá emaranhá-la cada vez com mais força. Assim é esta maldita corrente. Eu a conheço.]. Com sua prática, Liza, na visão do Homem do Subsolo, não vive, vegeta na sociedade, é excluída dela pelos que dela usufruem ao tempo que a afastam de qualquer pertencimento à sociedade oficial: [SD38> Mas diga-me: certamente, você já tem dívida com a patroa?], A convicção de que ela já deve à patroa comprova a metáfora da corrente inquebrável da dependência, Liza, para o Homem do Subsolo, será “sugada” pela ganância dos “patrões” até que já não sirva, e desça cada vez mais ao subsolo, aos porões de Sennaia. Ele subestima a inteligência de Liza, afirmando que não falará de outras coisas porque ela não entenderia, com isso, ampliando gradativamente o estereótipo de inferioridade feminina, o que ele faz de modo perverso. O *ethos* que o Homem do subsolo constrói para si vai configurando-se com características de maldade, se há humor ele é ácido.

Quando se pensa que o Homem do Subsolo irá redimir-se eis que ele acrescenta mais verdades pesadas demais para um ser que não é como ele: [SD39> Talvez eu seja ainda pior que você. Aliás, ceguei aqui bêbado – apressei-me, no entanto, a justificar-me. - Ademais, um homem, de modo nenhum, é exemplo para uma mulher. Os casos são diferentes; embora eu me emporcalhe todo, aqui não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora, desapareço. Sacudo a roupa e sou já um outro homem.]. A materialidade discursiva emergida nas SD intenta manifestar os estereótipos de sujeitos que estão à margem da sociedade em virtude dos papéis sociais que desempenham. O Homem do Subsolo se diferencia de Liza. Ele

pode descer ao nível dela, mas a recíproca não é verdadeira. Ele diferencia-se enquanto homem dela, dizendo que apesar de estar (sujo) pode se limpar já ela por mais que o tente, não passará de uma (suja). Os estereótipos vão tendendo à segregação da mulher. Enquanto tenta mostrar um caráter sincero e honesto, o Homem do Subsolo, enquanto sujeito de enunciação e personagem, atrai para si características de vilania, de maldade, de perversidade. O Homem do Subsolo está indo sujar-se no Subsolo que Liza habita, mas pode sair dessa baixeza e limpar-se.

Ocorre uma quebra de expectativa do Homem do Subsolo. Ele cria que Liza tivesse menos valor moral que capital, se assim fosse ela ocuparia o mínimo e ele o máximo: [SD42>-Adeus-disse ela, encaminhando-se para a porta. De repente, corri até ela, agarrei-lhe a mão, abri-a, coloquei ali... e tornei a fechá-la[...]. Entretanto, não é o que ocorre, não foi com palavras dela que a embreagem mostra a instabilidade do Homem do Subsolo, mas com as próprias palavras dele ao se dar conta de que estava sempre abaixo de Liza: [SD44>Detive-me junto à mesa, ao lado da cadeira sobre a qual ela estivera sentada, e fiquei olhando com ar estúpido para a frente, cerca de um minuto se passou; de repente, estremeci todo: bem diante de mim, sobre a mesa, vi... numa palavra vi uma nota amassada, azul, de cinco rubros, aquela mesma que, um minuto antes, eu fechara em sua mão]. Quando ela deixou o dinheiro e levou consigo seu caráter deu provocou no Homem do Subsolo um grande mal estar. O de saber que o caráter que falta nele sobra em Liza. [SD43>Mas eis o que posso dizer com certeza: cometi esta crueldade, ainda que intencionalmente, mas não como o coração, e sim com a minha cabeça má. Esta crueldade era tão artificial, mental, inventada, *livresca*, que eu não a suportei um instante sequer:], **livresca** em itálico pode sinalizar para o fato de que o Homem do Subsolo havia lido algo do tipo em um livro e tentou imitar sem o êxito *livresco*. A fala de Liza é sempre um resquício, é sempre um “permissionismo” que parte do Homem do Subsolo, ele é quem anuncia e enuncia por ela. Entretanto, mesmo sendo o detentor da voz, não vence Liza, pois não consegue enunciar sem que nesse mundo ela esteja presente, mesmo sendo ela a essência de todo o dizer propagado e constituinte da enunciação literária materializada.

O Homem do Subsolo polemiza para desestabelecer o que está estabelecido. Suas explicações se dão por meio das evasivas, ou seja, estão abertas a interpretações outras que ele tem o poder de silenciar ao tirar do outro a possibilidade de falar quando fala consigo mesmo, excluindo o TU da cena da enunciação. Tudo que mantém alguma ordem é alheio ao Homem do Subsolo. As ideologias que sobrevoam o EU, o sujeito de enunciação, o Homem do subsolo são vozes que o inquietam e que o tornam inquietante e contestador. Em torno de seu instável ponto de vista há tantos outros a lhe perturbarem o juízo que lhe dão um *ethos*

insano amenizado por um caractere irônico com o qual ele lança-se sobre o outro para aplacar a vontade desse prevendo sua réplica que não é tanto mais que a própria réplica silenciada pelo medo que o Homem do Subsolo tem de perder a vez no 'trono' por meio do qual enuncia e silencia.

Seu corpo como todo o mundo e a sociedade que o rodeiam são disparidades, incoerências que devem ser também porque seu corpo as são. O sujeito que faz emergir um *ethos* que o constrói é entendido como um esquema corporal composto do acontecimento que o cerca. O percurso enunciativo nas traduções apregoa a marcação desse sujeito composto em camadas sucessivas lançadas pelo *ethos* gerado no nível discursivo que se manifesta como um Eu. O sujeito contraposto aos que ele faz emergir pelo discurso que propaga tem voz e corpo nas cenas de enunciação que deixa aflorar.

Quando ele dá corpo enunciativo a uma prostituta, a um funcionário público, a seu servo, a um militar etc., faz com que seu discurso seja habitado por diversas vozes, provoca a percepção de existência na obra de pessoas do mundo real cuja reflexão provocada pela obra literária traz à consciência. No intuito de provocar uma metamorfose que anule a visibilidade parasitária que lhe confere o status de parasita, a entidade que habita o discurso literário e pretende tornar sua enunciação aceitável, para, por meio dela propagar sua ideologia, ver no lugar discurso literário, um suporte que não suportará plenamente seu dizer e nem permitirá que tal entidade comprometa a estabilidade do próprio discurso sob pena de comprometer o caráter constituinte que o legitima.

No momento em que as vozes de personagem e narrador se mesclam, ocorrem no âmbito discursivo, é emblemático, pois, ao identificar-se com a personagem por meio de suas enunciações, ocorre uma espécie de sedução por meio de signos, o que para Maingueneau (2014a) provoca uma embreagem que integra personagem e narrador ao discurso.

No tocante ao que fazemos nesse trabalho, a personagem principal também mescla sua voz ao discurso com tanto afinco que adentra nele, nutre-se dele, habita nele e materializa-se também enquanto personagem que em sua pretensiosa insignificância significa a grandeza dos outros em detrimento a própria. Porém ao fazer isso, toma para si a responsabilidade de enunciador. O que lhe faz suprir as próprias pequenices ao permitir-se falar delas. A partir das considerações acima, podemos com Maingueneau (2014a), conferir ao parasita uma característica: a de ser acusado de improdutividade, por conta disso, é praticante do parasitismo. No entanto, deve desvincular esse caráter de si no momento em que emerge como sujeito.

O Homem do Subsolo mostra um *ethos* instável. Em uma primeira tentativa de mostrar-se discursivamente ele apresenta-se [SD1> Sou um Homem doente... Um Homem mau. Um Homem desagradável. Creio que sofro do fígado... sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina.]. Ele intenta surtir efeito em seu interlocutor. Sua primeira tentativa de construção imagética é negativa. Entretanto, o fato dele iniciar de tal forma sua descrição apresenta outro lado, ele tenta enxergar em suas características uma normalidade, intenta honestidade. Dessa forma, o interlocutor que ler as características que o narrador substantiva, materializa começa a construir uma imagem, um *ethos* desta entidade que não está fisicamente marcada, mas que mentalmente começa a ser representada a partir dos elementos textuais que traz consigo.

A representação, enquanto mecanismo instável, ao progredir em seus propósitos tende a atualizar a entidade. O Homem do Subsolo progride seu *ethos*, substantiva-se pelas embreagens como doente, mau, desagradável, supersticioso, instruído. Os três primeiros termos se complementam, ele com eles intenta construir um *ethos* de maldade, o referente homem é recategorizado por termos que constroem uma imagem pejorativa.

A embreagem **supersticioso** soa também pejorativa, enquanto que **instruído** soa positivamente. Entretanto, para o Homem do Subsolo a instrução o mantém longe do médico, ele apesar de respeitar a medicina prefere ter cautela e quem lhe dá a cautela é a superstição. No quesito doença, portanto, o Homem do Subsolo prefere seguir a superstição em detrimento da instrução. A instrução para o Homem do Subsolo é como uma arma para a superstição, mas com ele o quesito doença não é argumento suficiente para desvencilhá-lo do pensamento 'retrógado'.

A progressão da construção imagética vai trazendo outras características que ampliam o *ethos* do Homem do Subsolo: ele recategoriza seu *ethos* de funcionário maldoso, grosseiro, arrogante e ignóbil. Estas embreagens aglutinadas em suas margens permitem entender a intenção do Homem do Subsolo em trazer para si a imagem de alguém mal, [SD2> Já faz muito tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho agora quarenta, agora... Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso.] Podemos ver nisso o quanto a construção do *ethos* contribui para a significação da tessitura textual, haja vista que ao mesmo tempo em que progride em sua caracterização imagética, contribui para o entendimento de quem seja o sujeito inonimado e para criar tal identidade em que o sujeito não se preocupa em construir positivamente, mas pelo contrário, apresenta termos pejorativos, os adjetivos o desqualificam para o que a conduta moral ocidental considera padrões positivos a serem almeçados.

O Homem do Subsolo não se incomoda com a repercussão do *ethos* que constrói para si nos outros, mas em construir, ao mesmo tempo em que se preocupa, quando em determinados momentos justifica o porquê de tomar determinadas atitudes e não outras como é verificado a seguir: [SD2> (É um mal gracejo, mas não vou tirá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso, mas agora, percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei, de propósito!). A polidez emerge, o sujeito toma consciência do que escreveu e do propósito do que manifestou textualmente, porém, ao verificar o que discursivamente pode significar sua materialidade textual, resolve deixar como estava, segundo ele **de propósito**. Essa sequência permite verificar a incômoda barreira entre texto e discurso como uma relação de entremeios (ORLANDI, 2014) cuja fronteira é instável por se encontrar em terreno arenoso. Além disso, parece que uma espécie de força pretende expelir esse **mal gracejo** e o Homem do Subsolo tem consciência disso, mas insiste em dizê-lo, mesmo que ponha entre parênteses o dito. O enunciado está entranhado no discurso contra a vontade deste. Vemos nisso um risco do Homem do Subsolo voltar ao patamar de parasita e ser expelido do discurso. É como se a enunciação posta entre parênteses não tivesse sido bem aceita pelo lugar de enunciação. Mas o Homem do Subsolo já está constituído enquanto sujeito de enunciação e não é mais tão fácil expulsá-lo como era enquanto ainda estava lá abrigado como um parasita discursivo que apenas soltava palavras soltas. Ele agora emana de si discursos legitimados que por meio dele se propagam. Ele já não é improdutivo discursivamente, pois já produz discursos atribuídos a si.

No nível textual, aqui entendido como o da materialidade linguística (suscintamente no contexto), verifica-se linearmente a contradição no nível do dizer, ou seja, há no nível textual, duas sequências ou cadeias significativas distintas: uma, em que o sujeito toma consciência de que sua construção não terá uma repercussão positiva em seus supostos alocutários e outra, que se sobressai pela atitude do mesmo em deixar a contradição marcada textualmente. O que transparece é que houve em um nível “pré-textual”, de “pré-publicação”¹⁵ uma oportunidade de utilizar-se de polidez, mas que não foi aproveitada, pois o *ethos* discursivo que vem sendo desenvolvido no decorrer da progressão textual não envereda para o lado positivo, mas para o pejorativo em sua constituição. Assim, a progressão textual vai tentando abarcar a carga significativa do nível discursivo sem obter êxito, como se a escrita quisesse acompanhar a fala, o texto quer acompanhar o discurso, mas está fadado a no

¹⁵ O que em crítica genética pode ser tomado como processo de criação, que suscintamente engloba todas as etapas de elaboração de uma obra literária que se dão antes de o livro tornar-se público enquanto produto. Para um maior aprofundamento vide PINO, Claudia Amigo e ZULAR, Roberto. Escrever sobre escrever: introdução à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

máximo materializá-lo, eis aí a relação textual e discursiva, a imbricação em que um elemento necessita do outro. Toda a segunda interpretação se deu em um nível discursivo, mas não pode aflorar sem partir do nível textual. Assim, em meio às placas tectônicas do texto e do discurso existe uma tentativa fadada à demolição perene de separar as duas, sendo que é do entrave, do choque entre ambas que se faz emergir a onda sísmica do sentido.

A entidade confessa não possuir características heroicas, mas ao assumir tal discurso, deixa aflorar um outro, o de que intencionava sair como herói. Ao perceber que suas atitudes, as narradas, não condizem com a postura que se espera de um herói, resolve ficar com o *ethos* que já vem sendo textualmente materializado: [SD13>Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir. Pois não durmais, senti vós também, a todo instante, que eu estou com dor de dentes. Para vós já não sou um herói, que anteriormente queria parecer]. A entidade quer manifestar-se como uma dor de dente, quer imprimir no alocutário o efeito de sentido que uma dor de dentes causa em uma pessoa. Para tal materializa-se como um anti-herói, como alguém que inquieta, que faz mal ao coração, que não deixa ninguém dormir, que faz sentir dor. Ele também afirma: [SD13> não me respeito. Pode por ventura um homem consciente respeitar-se um pouco sequer?]. A entidade, aqui já é discursiva e textualmente materializada como homem, taxa-se com a embreagem **homem consciente** e contrapõe esse *ethos* ao de quem se respeita, apresentando senão um equívoco ao menos contradição em seu *ethos* o que repercute na própria tessitura textual discursiva. Isso talvez resulte da polifonia conflituosa entre a entidade, que já perde força para a consciência do parasita que já está materializando-se por meio do *ethos* em sujeito de enunciação que já testa sua capacidade de calar seus outros EUs subjetivos. Isto provoca no leitor uma barreira a ser superada que traz como consequência a progressão na leitura no intuito de procurar entender o que está sendo dito. A indagação traz o alocutário à cena da enunciação, ou seja, a validação da enunciação mediada pela pergunta feita pelo narrador passa para o leitor do texto a confirmação ou não do exposto.

O parasita toma enfim para si mesmo o embreante que melhor o reveste, o termo estável e instável, o **subsolo**. E como tal a entidade já utilizou em outros momentos a palavra homem, a junção dos dois termos resulta em homem do subsolo. [SD25> O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo! Embora eu tenha dito que realmente invejo o homem normal até a derradeira gota da minha bÍlis, não quero ser ele, nas condições em que o vejo (embora não cesse de invejá-lo. Não, não, em todo o caso, o subsolo é mais vantajoso!)] A entidade se tornou homem e o homem se referenciou como um subsolo.

A âncora passa a ser homem do subsolo que se recategorizou por diversos outros embreantes até chegar na terminologia própria, a saber: Homem do Subsolo, e este recategoriza-se como o da inércia consciente, a inércia é uma profundidade de espírito que leva tanto a consciência quanto ao afastamento do comum que é o homem normal, invejado pelo Homem do Subsolo, aquele que lhe dá consciência do estado real das coisas em detrimento da inserção social que o tornará um sujeito sobredeterminado pelas instâncias de dominação. Entre o social com amarras de consciência e o isolamento social com direito a livre consciência, o Homem do Subsolo prefere o segundo, por ser **mais vantajoso**.

O Homem do Subsolo é tanto narrador quanto personagem. Ele se mostra em dois eixos e neles é possível identificarmos as embreagens que integram o sujeito de enunciação no ínterim que vai da instância narrativa à cena de enunciação. [SD37> - Algum dia você morrerá, e morrerá que nem a defunta de hoje. Ela era... também uma moça... morreu tísica]. As vozes de narrador e personagem, ambas atribuídas ao Homem do Subsolo, se manifestam no discurso. [SD42> - Adeus-disse ela, encaminhando-se para a porta]. A voz do outro é sempre ínfima no decorrer do discurso. Apenas o Homem do Subsolo tem o domínio da oratória. Só dele saem enunciados dignos de nota. Após as vozes ecoantes que conseguem ser ouvidas de outros que não ele o que volta não é o silêncio, mas a polifonia do Homem do Subsolo. Ele sempre se reitera ao discurso.

O Homem do Subsolo está em um lugar que seria considerado um não-lugar para a sociedade. Nele é possível falar muito mais do que ele falaria estando na sociedade em si. Nesse lugar, ele é superior por poder entrar e sair quando quiser. A defunta não pode sair de lá. Só seu corpo já sem valor. Todos são parasitas. Tanto o são que Liza quase não pode falar. Somente o Homem do Subsolo, detentor de uma voz e um corpo pode enunciar.

A defunta enquanto assunto torna-se um parasita também que serve assim como Liza de realce para o próprio homem do subsolo. Ao trazê-las a cena de enunciação ele realça a si mesmo enquanto silencia a elas com seu elaborado discurso que fecha as possibilidades de retaliações. A defunta é o pária que o Homem do Subsolo vê em Liza no futuro. O Homem do Subsolo mescla-se em todas as cenas de enunciação. Ele as constitui. Quando traz a minúscula presença da voz de Liza logo em seguida se impõe sobre ela e torna-se em personagem até que dela só reste o que ele diz sobre. O Homem do Subsolo deseja ser digno de apreciação. O *ethos* age nele para revestir-lhe camuflando qualquer vestígio do parasita que aglutinou a entidade que quis o que somente o sujeito de enunciação pode, dizer.

Os outros não devem passar de assuntos. Liza, a defunta que ele compara a ela são membros da comunidade de miseráveis que Maingueneau (2001; 2014a) acredita não estarem

em nenhum lugar. O Homem do Subsolo acredita que pessoas assim, ainda que demonstrem altivez e honra como Liza: [SD30>Mesmo que suceda a algum deles mostrar-se corajoso frente a algo, mesmo que não se console nem se apaixone com isto, de qualquer modo há de se acovardar diante de outras coisas], por conta disso os parasitas, a não ser que atinjam a estatura de sujeitos de enunciação, serão como os que teimam em continuar vivendo em um mundo que não deixou lugar para eles. A teimosia de tais pretensos seres se mostra semelhante a dos asnos, também teimosos, mas segundo o Homem do Subsolo: [SD30>apenas até determinado obstáculo. Não vale a pena sequer prestar-lhes atenção, porque não representam absolutamente nada]. Não é a toa que o Homem dá voz para alguns. É regra discursiva que um sujeito só pode se marcar efetivamente por meio do diálogo, pois ele enquanto detentor da imagem e da voz oficial é o sujeito de enunciação, os demais apenas lhe realçam o *ethos*.

O Homem do Subsolo pretende agir como um mediador entre aqueles que sofrem, Liza, e a maior divindade, o conhecimento. Por conta disso expõe a Liza o que de fato é a vida dela, vida esta que ela não pode alterar, ela já é escrava dos desejos alheios, dos dele inclusive. [SD38> -Ai de você: isto é que é uma corrente! Você nunca mais há de comprar a sua liberdade. Assim tem de ser. É o mesmo que vender a alma ao diabo]. Liza está presa a uma vida que não é a sua. Deverá servir à patroa do prostíbulo até que não sirva mais e desça cada vez mais, afundando sem cessar até que dela não reste mais nem a lembrança de sua existência. Ela veio para servir aos que estão lá para serem servidos. O prostíbulo é um sub-lugar para os parasitas. Nesse sub-lugar os que tem luar na sociedade dos valores morais podem encontrar os que são desprovidos de residência própria, os sem lugar no mundo. Destes só o que aflora no mundo legítimo é o que se ouve dizer dos que como o Homem do Subsolo podem transitar entre lugares outros além do seu. O Homem do Subsolo não que se ver refletido no outro, mas dizer que vê tudo o que o outro é, mesmo na opacidade do vidro que recobre sua subjetividade que ele contempla com ojeriza.

Os governados e os governantes são os habitantes do mundo social. Os serviços são os não habitantes, como Liza, um parasita. Ela e os governados marcam o lugar dos governantes. O Homem do Subsolo em outras esferas de poder constituinte da sociedade ocupa todos esses lugares sem fixar-se em nenhum deles, por isso afirma: [SD3> Não consegui chegar a nada, nem bom nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado, nem herói nem inseto]. Ele tanto está no mundo a vegetar quanto a transitar. Embora não tenha chegado a nada transitou por todos os lugares que sua agudez crítica foi capaz de desnudar. Seu *ethos* tentou travestir-se de todos os caracteres que pudessem camuflá-lo para

tentar atingir o lugar do bom, do ruim, mas nenhum desses lugares deu a ele possibilidade de fazer-se uno já que os vários que nele não cabem transbordam e mostram-se incessantemente sem que ele possa se controlar. Por isso explode e desvenda imagetivamente mantendo o cerne de sua subjetividade no subsolo inalcançável para os demais.

O *ethos* está endereçado ao corpo que constitui por meio do discurso. Para adentrar nesse aspecto etéreo, é necessário ver o que se processa na caracterização do *ethos*, ou seja, de que modo o sujeito se manifesta “como voz e corpo enunciante”, o que para Maingueneau (2014b) permite validação do discurso, bem como a progressão da imagem do próprio sujeito. O Homem do Subsolo já não é suficientemente acobertado por nenhum ente ou parasita, pois precisa impor-se enquanto detentor de um corpo que sofre as ações do tempo. Sua idade, seus gostos e o tom de sua voz, bem como os elementos que validam o seu dizer devem agir para que seu *ethos* se imponha na instância discursiva que lhe valida a enunciação.

3.2.3 O *ethos* do Homem do Subsolo

A voz e o corpo são elementos que constituem a incorporação que Maingueneau (2014b) considera essenciais para que o *ethos* consiga persuadir ao se mostrar mesmo que a enunciação não permita ao *ethos* a explicitude plena e incontestável do que se mostra pelo discurso. Ao menos o vislumbre etéreo com caracteres niilistas pode ser percebido no Homem do Subsolo através das embreagens que ele materializa em seu discurso. A fonte enunciativa que particulariza a imagem de si do Homem do Subsolo é o niilismo e este representa uma embreagem sem que ela se explicita no discurso, porém, implicitamente o niilismo impregna o sujeito de enunciação de tal modo que, fica praticamente incontestável sua veia niilista, enquanto que o tom niilista diz de quem sai o niilismo aflorado via embreagens: [SD1> Dizei-me: de que pode um homem decente, falar com o máximo prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim] Embora carregando seu discurso de ironia, o Homem do Subsolo pretende mostrar-se positivamente. O Homem do Subsolo tenta construir um *ethos* atribuindo à sua enunciação a característica que a embreagem **decente** pode significar com acréscimos de cinismos em sua constituição.

O Homem do Subsolo seleciona todo um conjunto de dizeres que revestem sua subjetividade e para legitimar seu discurso esse sujeito de enunciação precisa de um fiador que o fará “extrapolar a dimensão vocal” e adentrar nos meios físicos e psíquicos que Maingueneau (2015) acredita serem necessários para que o orador atinja a coletividade com seu discurso. O Homem do Subsolo é uma personagem e um orador. A ele são atribuídas as enunciações. O fiador dá ao sujeito de enunciação “a postura, o modo de falar, de estar no espaço físico” sem as quais não é possível transitar paratopicamente para que o auditório o contemple enquanto enuncia. Embora o Homem do Subsolo pareça ser o próprio fiador de seu discurso, traz à tona algumas personalidades históricas: [SD15> Os mais refinados sanguinários... não saltam aos olhos com a mesma nitidez de Átila e Stienka Rázin... porque são encontrados com demasiada frequência], [SD17> Cleópatra (desculpai este exemplo da história romana) gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões].

Com embreagens como **Átila**, **Stienka** e **Cleópatra** ele legitima as assertivas que propaga. Por meio delas ele traz para a cenografia na qual se encontra e constrói enunciativamente, mundos outros atraídos para o seu próprio mundo de enunciação que advém da história sendo esta geralmente usada para justificar o presente e prevenir o futuro, pois a ela é atribuído o registro do já vivido. O Homem do Subsolo (como Dostoiévski) é

defensor da esclavofilia, por conta disso pede desculpas pelo exemplo da história romana. Ele antecipa a queixa de seu interlocutor em potencial (um russo) ao não admirar o estrangeiro, que em momento algum deve servir de exemplo para aqueles que devem ser o exemplo. Entretanto, são eles os fiadores daquilo que o Homem do Subsolo apresenta para desconstruir, a maldade humana sempre relativa ao contexto histórico em que se vive: [SD17> (sempre de um ponto de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios] Os fatos da vida que o Homem do Subsolo vê de longe atestam a permanência da barbárie no tempo em que enuncia. Cleópatra, Átila, Stienka Rázin perpetuam tais condutas porque elas não são deles e podem ser vistas à frente ou atrás do tempo em que o Homem do Subsolo se constitui em sujeito de enunciação e ele garante isso, são seus fiadores.

A corporalidade do Homem do Subsolo, seus traços físicos associa-se aos construtos sociais valorizados reformulam o *ethos*, atualizando-o. Entretanto, o Homem do Subsolo zomba de tais caracteres, ele não aguenta vesti-los por muito tempo, ironiza as construções sociais que molduram o *ethos*. Quando ele disse [SD1> De que pode falar um homem decente, com máximo prazer?] já havia desmoronado antecipadamente toda essa imagem de decência a que volta para poder responder a sua própria pergunta [SD1> Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim]. As embreagens materializam no nível textual a vestimenta que ele acredita ser a sua: [SD2>Tenho agora quarenta, agora]. Ele traz para si uma aparência que acredita não possuir nada de positivo, que ele abomina: [SD4>Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral]. Com estas embreagens o Homem do Subsolo justifica toda sua desfaçatez em praticar os mais abomináveis atos contra os que ele vê abaixo de si. Em sua época, ser um homem de quarenta anos é ter respeito pela idade e pela vivência de mundo. Ele, no entanto, vê no atributo idade a possibilidade de fazer o que sente pelo fato de que deve ser respeitado pela idade que possui: [Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas.] Para um niilista o mundo é hipócrita e conservador porque é dominado pelos anciões. Para ele os anciões desencorajam qualquer tentativa de inovação. O novo é o nada a ser imposto frente ao velho para com virilidade empurrá-lo desfiladeiro abaixo.

Como diz Volpi (2012), o niilismo deve ser vivido sem profetas nem salvadores, pois é o demônio que tece as teias da existência. As barbas longas e brancas são marcas do tempo e do acúmulo de experiência e sabedoria que para um niilista para nada servem e não devem ser respeitados por isso. Para ele, os anciões são canalhas e imbecis: [SD5>Vou dizer isso na cara de todos os anciões respeitáveis e perfumados, de cabelos argênteos!] eles são os senadores,

os sêniores, senhores respeitáveis e corruptos que governam o mundo sem a obrigação de respeitar ninguém.

O Homem do Subsolo incorpora a raiva que vemos emanarem das embreagens que ele materializa até a exaustão. O tom de sua voz apresenta um *ethos* que anseia pelo desmoronamento da moral civilizatória que escraviza a todos tolhendo qualquer tentativa de ir contra aquilo que está estabelecido canônica e dogmaticamente e contra os quais força alguma pode se contrapor pelo bem da “ordem e do progresso” humano. Entretanto, “o demônio de São Petersburgo” vocifera de seu subsolo tudo aquilo que deve ser ouvido pelos que ainda tem força para iluminar as trevas que tomaram conta do mundo e que precisam desobscurecer o solo para que brotem ideias rejuvenescidas ancoradas na razão. O que o Homem do Subsolo intenta ao mostra-se em *ethos* é que seu discurso adentre na comunidade e que seus membros comecem a aderir a ele. É necessário que os sentidos se espraíem, impregnem o mundo físico que este ser de enunciação semi-habita.

O Homem do Subsolo vai até a exaustão em seu discurso, parece que ele não quer deixar nada de fora, que dizer tudo no pouco tempo que lhe resta, quer eternizar-se nas memórias que ele escreve, quer perpetuar-se em um *ethos* nihilisticamente consciente. O Homem do Subsolo é resultado de um construto histórico, ou seja, ele repercute em seu discurso, questionamentos que sua época vivencia. Os dilemas que ele nos apresenta são fruto de seu natural ato de andar para frente enquanto olha para trás premeditando e lançando palavras por onde transita para que elas digam nos outros o que ele crê. Ele busca a garantia de verdade sobre o que diz no que consegue repercutir nos outros.

O Homem do Subsolo já não consegue suportar sozinho todo o fardo de consciência que se apoderou de seu corpo, de sua mente, e precisa se desfazer dele, desse mal demoníaco que o domina, fruto de sua consciência sobre o que o cerca: [SD5> Vou dizê-lo na cara de todo mundo! Tenho direito de falar assim, porque eu mesmo hei de viver até os sessenta! Até os setenta! Até os oitenta!... Um momento! Deixai-me tomar fôlego...] Por isso ele explode, por isso ele procura angustiadamente falar sem ouvir os outros. O tom de voz do sujeito de enunciação também diz algo sobre ele. Sua honestidade e sinceridade atuam como virtude no discurso, pois sua verdade “nua” nos convence. Esse gancho de verdade torna o *ethos* honesto para com o enunciador fazendo com que seus interlocutores se sintam mais seguros em ir com ele. Os enunciados, seus fiadores e o sujeito garantem a passagem das ideologias com as quais o Homem do Subsolo concorda adentrem no mundo físico dos seres corpóreos. Nesse sentido, é ele já um fiador do discurso que enuncia, pois tenta persuadir o outro, convencê-lo a seguir com ele por um caminho de raciocínio desvinculado de misticismos que cegam o

humano: [SD28>Temia, também, a ponto de adoecer, tornar-me ridículo, e, por isto, adorava como um escravo a rotina em tudo o que se relacionava com as coisas exteriores;] Ele já se mostra consciente de quem é, um ser sem ilusões, mas ainda preso a amarras que lhe mantém em um sistema e mostra com um exemplo de si mesmo o que é um homem que ele não quer que exista. Assim, ele leva seu interlocutor a se alinhar com a movimentação dele próprio e de seus valores que historicamente põem a todos em seus compartimentos. Mas ao contrário de todos o Homem do Subsolo sabe que está sendo um joguete. Que é parte de toda uma massa de manobra mantenedora de um sistema podre e hipócrita de que ele sente ojeriza.

O ser social é historicamente inserido em conjunturas que o limitam a cumprir uma tarefa, a exercer uma função social que vicia e aliena e o Homem do Subsolo enxergava em sua posição de homem do cotidiano, de homem comum e burocrata, aquele que segue uma rotina linear e não consegue se desvencilhar dela por que se tornou um escravo do sistema que lhe suga as forças da juventude, pois ele era ainda jovem enquanto o sistema lhe adestrava:[SD26> Naquele tempo, eu tinha apenas vinte e quatro anos. Minha vida já era, mesmo então, desordenada e sombria até a selvageria]. O mundo do Homem do Subsolo vai saltando aos olhos de seu co-enunciador que deve acreditar ser o mesmo mundo em que se encontra. Se ocorrer de seu alocutário aderir ao discurso, o Homem do Subsolo poderá se tornar referência de consciência atribuindo a si o papel de fiador de outros que compartilhem suas ideias. Se outros ao defenderem as ideologias que o Homem do Subsolo desobscureceu e o chamarem para legitimar o que dizem e ele dizer ser verdade o que eles disseram logrará êxito.

O que o sujeito de enunciação intenta é convencer pela verdade com que profere seus argumentos por meio de uma espécie de instrumento que carrega uma realidade desprovida de ilusões de ótica. Se seus pretensos concordantes passarem a seguidores o que era convencimento passará a manipulação e ele terá apenas substituído o que ataca. [SD38> Quanto a você começa como escrava, Sim, escrava!... E depois há de querer romper esta corrente, mas não é mais possível.] Desse modo, o Homem do Subsolo tenta mostrar conhecimentos que as pessoas no fundo já tem em si, mas que precisa ser enunciado por este Eu que ele já possui para que ambos compartilhem e conscientizem-se do que vivem o que para Eggs seria o mesmo que “aconselhar para o verdadeiro”. No intuito de dar o toque de consciência o Homem do Subsolo atíça Liza a se dar conta de que ele está certo: [SD38> Mas diga-me: certamente, você já tem dívida com a patroa? Bem se vê!] Ele próprio se antecipa e com uma evasiva traz à tona a resposta.

Segundo ele: [SD28> entregava-me amorosamente à vida cotidiana e comum e do fundo da alma assustava-me ao notar em mim alguma excentricidade]. A embreagem **excentricidade** representa qualquer emersão de questionamento de sua consciência, qualquer comportamento que fosse incomum à normalidade em que ele acreditava estar submerso. Para ele, era normal reprimir seus sentimentos, salvaguardá-los em sua própria subjetividade: [SD28> E como poderia deixar de ser assim? Eu era doentemente cultivado, como deve ser um homem de nossa época]. Um homem de sua época, culto e não revolucionário usaria sua agudez para adentrar no sistema e usufruir de todos os luxos, entretanto o Homem do Subsolo, em algum momento, seguiu por um percurso diferente.

Ele ergueu-se em seu inconsciente e viu que todos ao seu redor estavam curvado a algo, às normas e que ele era um deles. Percebeu que juntamente com eles sustentava um luxo descomunal das elites, dos que têm lugar fixo na sociedade. Isso o revoltou. Sua cultura foi uma doença resultante do uso incorreto de um antídoto que até aquele momento serviu de veneno e que ele usaria a partir de então como remédio. Ele não seria mais como um homem de sua época. Porém, antes de revoltar-se, começou a fazer experiências desastrosas no intuito de saber se poderia atingir o ápice que sustentava. [SD27> Um homem decente cultivado não pode ser vaidoso sem uma ilimitada exigência em relação a si mesmo e sem desprezar, em certos momentos, até o ódio]. O ódio que o Homem do Subsolo teve que controlar foi o de descobrir sua função entre os “normais”.

Como ser culto, ele deveria saber lidar com as emoções, mesmo que seu Eu estivesse envolto a imensas revoltas internas. Entretanto, suas experiências de ascensão e elevação de postura frente aos outros foram fadadas ao fracasso [SD27> Mas quer desprezando, quer colocando as pessoas acima de mim, eu baixava os olhos diante de quase todos que encontrava. Fiz até umas experiências: tolerarei sobre mim o olhar deste aqui, por exemplo? E era sempre o primeiro a baixar os olhos. Isto me torturava até o enfurecimento]. O *ethos* do Homem do Subsolo neste ponto é de consciência e inércia e embreagens como **ódio** e **enfurecimento** mostram-se como possibilidades de revolução subjetiva. Ele se preocupava doentamente com a imagem que os outros teriam dele: [SD28> Temia, também, a ponto de adoecer, tornar-me ridículo, e, por isto, adorava como um escravo a rotina]. Portanto, antes de se conscientizar, o Homem do Subsolo quis parecer “normal”, inserir-se no contexto que os outros compartilhavam. Sentir-se membro do mundo de ilusões do qual ele depois perdeu a vontade de pertencer.

Desse modo, o Homem do Subsolo, enquanto sujeito de enunciação, não é um ser estável. Ele transita por todo o discurso que enuncia fazendo idas e voltas, lembrando de

coisas esquecidas e as inserindo nem que precise fazê-lo forçosamente nos espaços de memória discursiva¹⁶ que pretende preencher a qualquer custo, ou seja, . Ele possui um *ethos* escritural, ele é um guardador de memórias, está escrevendo suas recordações, assumindo a função social de um escritor que adentra o subsolo para das janelas ver a vida e narrá-la. Ele não fala no mundo porque preferiu a clausura, prefere escrever sobre o mundo no qual já não se sente mais inserido. O que lhe resta é a enunciação para dizer. Mesmo tendo a chance de se reescrever no discurso prefere não o fazer: [SD2> (é um mal gracejo, mas não vou tirá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso; mas agora percebo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei, de propósito!)] Uma imagem de escritor sai das embreagens **escrevi-o pensando...** e **não o riscarei...** mostra que todo o discurso do Homem do Subsolo não se dá no mundo físico, mas naquele mundo psíquico que por meio dele se propaga enunciativa e discursivamente sem pertencer plenamente a nenhum deles.

A cenografia que o Homem do Subsolo instaura é dupla, pois ele se desloca de um grau mínimo, derrotista e negativo a um outro ancorado no nível máximo, positivo, afirmativo que como Maingueneau (2014a) defende são apresentados em uma cronografia, o momento de enunciação e uma topografia, o luar de enunciação. Assim sendo a cenografia delimita seu lugar de manifestação discursiva. Desse modo o sujeito de enunciação mostra-se real porque cria em sua cenografia os elementos da realidade, em que os seres físicos encenam suas vidas em um outro mundo, o da enunciação.

O Homem do Subsolo, enquanto escritor se inscreve, porque também participa daquilo que narra de modo vivo e pujante, ele ilude o leitor, o interlocutor, que se convence de que aquilo que não é real no seu mundo, mas o é em um outro em que a escrita lhe permite ler, pois em seu mundo os estados de coisas, com já dissemos alhures “transcendem qualquer impossibilidade”. O espaço que o Homem do Subsolo cria em sua enunciação são sempre pouco ocupados e ele é sempre seu maior ocupante. Parece que seu desejo é transparecer seu vazio por meio dos espaços em que transita: [SD42> - Adeus-disse ela, encaminhando-se para a porta. De repente, corri até ela até lá, agarrei-lhe a mão, abri-a[...] E, no mesmo instante, me virei e corri o quanto antes para o outro canto a fim de não ver, pelo menos...]. A ação representada pela embreagem **correr** mostra a vida no âmbito enunciativo em que o Homem

¹⁶ Charaudeau e Maingueneau (2014, p. 325) falam a respeito de memória discursiva enquanto ligada ao “aumento progressivo dos saberes compartilhados pelos interlocutores no decorrer de uma troca”. Além disso atribuem uma dicotomia que eles chamam de dupla memória, uma externa e outra interna. A primeira vinculada a formações discursivas anteriores, a segunda, gerada ou criada no decorrer do tempo, é criada a partir de enunciados produzidos anteriormente, mas que pertencem à mesma formação discursiva, ou seja, são “filhos da tradição” que aos poucos vão criando sua própria tradição.

do Subsolo e Liza transitam e contracenam com ações e sem falas. Nem mesmo ele naquele instante fala, os dois apenas agem.

Liza age e fala ao dizer **Adeus**, o Homem do Subsolo, no entanto, apenas age ao correr, agarrar a mão de Liza e abrir sua mão. Nos deparamos frente a diversas ações do Homem do Subsolo, que no entanto, naquele instante não fala, apenas age. O que é incomum, já que ele sempre silencia as vozes dos outros que traz para suas cenas de enunciação. Desta vez, a voz foi dada a Liza, mesmo que tenha proferido apenas uma palavra **Adeus** a cena enunciativa foi dela.

Novamente o Homem do Subsolo apresenta-se como um memorialista, um escritor:[SD42> Quis, ainda há pouco, mentir, escrever que eu fizera aquilo sem querer, não sabendo o que fazia, fora de mim, por tolice. Mas não quero mentir e, por isto, digo francamente que abri a mão dela e coloquei ali... por raiva.] A embreagem **escrever que eu fizera aquilo sem querer** nos permite perceber a possibilidade que o Homem do Subsolo sempre tem de esconder-nos o que viveu apagando e reescrevendo sua versão dos fatos, mas parece querer mostrar-se honesto para seus interlocutores.

Ao tratar da diferença dada ao *ethos* no âmbito dos tipos discursivos Maingueneau (2008) afirma que no discurso literário enquanto tipo discursivo permite em seu domínio outros tipos discursivos abominam. Uma escrita mais científica intenta dissecar seu objeto, torná-lo massantemente esclarecido, enquanto que o discurso literário permite o dizer mais despretensioso e desregrado, menos preso a amarras. O discurso literário não intenta explicação, mas reflexão. É o que se identifica nas *Memórias do Subsolo*. Aproximamos aqui o Homem do Subsolo e Zaratustra. Para Maingueneau (2014a), a personagem de Nietzsche desvencilha-se do que marca o discurso filosófico e para nós a personagem de Dostoiévski se afasta do que seria explicitamente filosófico ou existencialista para abrigar-se nas vestimentas do discurso literário. O sujeito de enunciação adentra em uma tonalidade discursiva que lhe proporciona a flexibilidade de que o *ethos* precisa para dizer como quer dizer e não como o recato e a ciência preconizam.

O discurso literário, além de tipo discursivo, é um mundo enunciativo paralelo ao mundo real e, este mundo lança sobre o físico as sensações que se chocam nele, os efeitos de sentido, que podem sensibilizar aqueles que habitam fora do mundo literário que tenta refletir. Nesse mundo impregnado de ideologias dispostas a serem lançadas fora, jogadas no mundo real, o sujeito de enunciação se deixa por vezes influenciar por ideologias podendo aderir ou não ao que lhe é compartilhado. Nesse ínterim, Maingueneau (2014a) acredita que o interlocutor, o leitor do discurso literário participa fisicamente do mundo da enunciação.

Imaginando um vidro embaçado no momento da leitura, este vidro separa dois mundos, o do discurso literário e o do mundo real, dos dois lados existem personas (personagens no discurso literário e pessoas no mundo real) que se veem sem serem vistas tentando interferir nos mundos paralelos que não apalpm, mas ensejam sentir. O diferencial é que a aura do discurso literário intenta incutir nas pessoas as sensações que estas não sentem por não se deixarem levar enquanto que no mundo físico as pessoas que espionam o *ethos* mostrado das personagens apenas os contemplam.

As entidades do discurso literário não têm corpo físico e compensam a ausência desse atributo com a agudez consciente que o mundo físico inibe por conta das sensações mundanas e carnaís que lhes cega a subjetividade. Algumas personagens literárias percebem estarem sendo vistas e tal como o Homem do Subsolo fazem questão de mostrar ao seu leitor que lhes percebem. [SD13> Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir] O *ethos* do Homem do Subsolo quando enuncia se mostra eufórico e pretende impor-se como verdadeiro, como uma fonte de verdades. Para ele tanto faz sair com uma imagem positiva ou negativa, sua ânsia é enunciar. [SD13> Para vós, eu já não sou o herói, que anteriormente quis parecer, mas simplesmente um homem ruinzinho, um chenapan.] Desse modo o Homem do Subsolo se constrói enquanto um ser desinteressado com a imagem que por meio do discurso que profere possa estar vestindo-lhe. A esta altura o corpo enunciante só se preocupa com a chance que tem de dizer para o outro. Se ao dizer o que acredita serem verdades aparente maldade para ele pouco importa. [SD13> Bem seja! Estou muito contente porque vós me decifrades...] A partir do momento em que o *ethos* mostra-se despreocupado com a imagem que possa incutir nos outros, o Homem do Subsolo, emerge o embreante **me decifrades** e agora, já decifrado, poderá dizer sem precisar se preocupar com outra coisa além de enunciar. Com diz Maingueneau (2014a), o discurso ao tomar corpo coloca-se a si próprio no discurso em que passara a encarnar a verdade que sairá de si em enunciação por meio da incorporação desse Eu que vos fala.

Pensando o *ethos* dentro da esquematização proposta por Adam (2014), precisamos atrair para o esquema da argumentação seus outros dois constituintes: o *pathos* e o *logos*. Não queremos aqui aprofundar esses outros dois conceitos e só os apresentaremos naquilo em que se mostrarem necessários a explicação do *ethos*. Ao focar-se em um dos três elementos da tríade argumentativa interfere-se, conforme já dissemos, na composição, no estilo e na verbalização, pois ela está circunscrita entre seus constituintes. Por meio da argumentação, o locutor sempre intenta apaixonar e desse modo tende a iludir ou persuadir seu interlocutor.

A palavra serve de embreante para que o *ethos* do enunciador crie uma imagem de si no discurso e por meio dela aja racionalmente elaborando argumentos tendenciosamente incontestáveis que resultem em persuadir os interlocutores. A construção argumentativa do Homem do Subsolo representa bem esses elementos: [SD15> Notastes acaso que os mais refinados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados...?] O Homem do Subsolo se afasta de qualquer imagem que impõe uma verdade imposta, ao utilizar-se do embreante **notastes**, ele apenas aponta o fato ao seu interlocutor incutindo nele a ideia de que está lhe mostrando um dado inquestionável, desse modo, cumprindo a função do *logos* e espera como resultado persuadir seu interlocutor a pensar como ele, apaixonando-o pela nova verdade por meio de procedimentos retóricos, cumprindo assim a função do *pathos*.

A atividade discursiva sempre resulta em uma esquematização discursiva que, conforme já apresentamos, Adam (2014) entende aglutinar a um só tempo enunciado, texto e discurso. A enunciação é um processo que produz enunciados. Os termos enunciado, enunciação e texto orbitam a esquematização discursiva. O discurso é uma fonte de remissões, ou seja, ao direcionarmos nosso olhar a um dado discurso vemos ramificações que congregam com outras instâncias discursivas. Temos desse modo um “microuniverso” em que o autor se dedica a escolher os aspectos que irá representar em seu discurso para aquilo que pretende referenciar para ver repercutido em suas enunciações. [SD25> Embora eu tenha dito que invejo o homem normal até a derradeira gota da minha bÍlis, não quero ser ele, nas condições em que o vejo]. As embreagens que constituem a sequência **Embora...** nos dizem que em outro lugar de seu discurso o Homem do Subsolo disse invejar o homem comum que é referenciado como digno de sua inveja, entretanto, **embora o inveje** não quer ser o objeto de sua inveja.

Essa SD nos permite identificar o *ethos* de um ser conflituoso que escolhe pontos representativos de sua imagem ambivalente. Assim, mesmo onde poderíamos identificar contradições, choques discursivos incoerentes, vemos ainda o Homem do Subsolo a nos explicar que o conceito de “inveja” é tão ambivalente quanto qualquer outro vocábulo em que pese ou se instaure uma embreagem. Os acionamentos nunca são unívocos. O Homem do Subsolo deixa latente a beleza do que é normal e descortinado, daquilo que vive o que é a vida. Porém, não quer ser inocente, desconhecedor de tudo que está escondido pela ignorância desse dito homem normal. Do Subsolo, ele tudo vê e questiona.

O *ethos* niilista do Homem do Subsolo é uma constante. Ele é sanguinário, ignóbil, massacrante: [SD16> se o homem não se tornou mais sanguinário com a civilização, ficou com certeza sanguinário de modo pior, mais ignóbil que antes. Outrora ele via justiça no

massacre e destruía, de consciência tranquila, quem julgasse necessário.] Mostra-se enquanto metamorfoseado e atualizado ao que se predica certo ou errado. A ideia de certeza muda conforme as circunstâncias e o *ethos* metamorfoseia-se sem mudar. Anda a favor das correntes que impõem a moral sobre os sujeitos. O *ethos* é construído enquanto adaptável às condições de vida social. Se o que é normal em dada época é a ignonímia, o sujeito é ignóbil, se em uma época posterior a mesma pratica é defendida o sujeito é justiceiro.

Como se vê o sujeito em si nem sempre precisa se mover para ser taxado enquanto ignóbil ou justiceiro. O próprio modo como o seu *ethos* o molda trazendo até ele uma época ou outra modifica sua inserção:[SD16> hoje, embora consideremos o derramamento de sangue uma ignonimia, e mais ainda que outrora. O que é pior? Decidi vós mesmos]O sujeito é menos deslocado do que contextualizado. O *ethos* se encarrega de caracterizá-lo e tal caracterização pode lhe atribuir marcas de alguém do século XVIII ou do século XXI. O fato de dizer-se corriqueiramente que alguém está além de seu tempo, por versar sobre coisas que não são versáveis em dada época comprova isso. Dostoiévski versou sobre uma temática alheia a ele e em seu processo de escrita construiu para o sujeito de enunciação de seu discurso literário um *ethos* niilista sem sê-lo ele próprio.

O próprio discurso literário tido como cânone tem tal denominação pelo fato de vencer a época e poder ser recontextualizado sem que sua materialidade discursiva seja abalada, o que Maingueneau (2014a) denomina embreante ou embreagem paratópica, por marcar o enunciado no discurso. É a obra quem abala o tempo e por isso ela se torna perene enquanto o tempo é mutável. O sujeito niilista não necessariamente emerge na mesma época para todas as pessoas. Ele depende do modo como os leitores o recepcionam. Enquanto o sujeito é implícito o *ethos*, mostra-se explícito, e suas características marcadas na embreagem enunciativa que no discurso espera serem encontradas.

Quando o Homem do Subsolo crê em algo pretende em que o outro também creia no intuito de provocar adesão ao seu ponto de vista. Primeiramente, ele mostra aos seus interlocutores um fato distante dele e do seu outro indefinindo a origem do que é dito: [SD17> Dizem que Cleópatra... gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas]. Pelo que emana dos enunciados por ele proferidos não é ele quem diz, são outras pessoas distantes. A seguir ele acrescenta uma característica do ser de quem se fala, a de sentir prazer com a dor e o sofrimento alheio: [SD17> deleitando-se com seus gritos e convulsões] Ele novamente se distancia do que é dito pois não é ele quem acrescenta esse fato, são as pessoas que dizem o que Cleópatra fazia.

Depois ele antecipa o que seu interlocutor poderá dizer contra seus argumentos: [SD17> Direis que isto se deu numa época relativamente bárbara], mas ele está apenas nos apresentando fatos passíveis de comprovação ou de refutação. Não é ele quem diz, somos nós, seus interlocutores quem acreditamos nisso. [SD17> embora o homem já tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época bárbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo que lhe é indicado pela razão e pelas ciências.] Este último pensamento, embora se misture com os demais para que provoque um compartilhado de opiniões, é dito pelo próprio Homem do Subsolo crendo que nós concordamos, mas só depois de ter feito com que nós concordássemos com seus argumentos e aderíssemos ao ponto de vista por ele aberto. Desse modo, o *ethos* tenta convencer seu interlocutor pelos argumentos que mostra. Seu intuito é que ele e quem o ouve creiam em uma mesma opinião. Se seu interlocutor deve acreditar, crer, que seu ponto de vista é o adequado porque é o lógico, racional e portanto deve ser seguido.

O Homem do Subsolo, embora se desvincule, também apresenta um outro elemento agregador do *ethos*, a galanteria. Porém, aprimora mais um de seus lados, a honestidade e deixa cada vez mais de lado a arte de agradar. Por conta disso ele soa tanto desagradável quanto honesto. Parece que o Homem do Subsolo prefere sair antipático frente aos seus interlocutores se este for o preço a pagar por ser honesto. Se nos termos de Viala (2014) na galanteria o “erro deve ser contemplado” o Homem do Subsolo se mostra como um erro e se contempla: [SD3> Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha, nem honrado, nem herói, nem inseto] Quando Homem do Subsolo lança para fora de si tais palavras a ele próprio foi junto com elas.

As embreagens dessa SD fazem com que o sujeito de enunciação se veja enquanto um erro que para nada serve: [SD36> Provavelmente, considerava-me algo semelhante à mais ordinária das moscas]. Ao invés de metamorfosear-se em borboleta o Homem do Subsolo faz caminho inverso, vê-se como um inseto asqueroso. O embreante **mosca** (inspirou um Kafka) materializa discursivamente o sujeito de enunciação enquanto ser desprovido de beleza, de interesse, de apreciação. Ele mostra-se insignificante para com os demais. Neste ponto o Homem do Subsolo, mostra-se um “contra-galante”, pois não é ele quem é despreocupado de si mesmo, os outros é quem não notam sua presença.

Todavia, ao falar de si sempre se abre espaço para falar dos outros porque um EU não se auto sustenta, precisa de outros para fazer-se notado. O Homem do Subsolo contempla os outros pelo que lhes sobra (a inconsciência) e pelo que lhe falta (a mesmice). [SD29> Eles, pelo contrário, eram todos embotoados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho].

Ele não era como os demais que viviam predestinados a irem apenas até onde seus grilhões permitiam enquanto o Homem do Subsolo adentrava numa gana por conhecimento que eles sequer interessavam-se em saber que existia.

O caráter galante do *ethos* faz com que ele não queira ser notado e se camuflem enquanto os outros são contemplados. Nesse ponto, o Homem do Subsolo se torna galante contra sua vontade:[SD36> Encontrei ali mais dois colegas da escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos.]. De qualquer modo, o Homem do Subsolo burla a regra de que falar de si pode parecer tedioso e, por meio de um falar que o insere no assunto para dizer algo sobre o que é importante para os outros, se utiliza da eloquência. Assim o Homem do Subsolo, membro de um grupo seletivo de possuidores de “espírito” que defendem o “verdadeiro” que resiste sobre as complexidades.

Sobre tipos como o Homem do Subsolo as normas vigentes garantidoras da ordem se levantam a fim de desacreditá-los, deslegitimá-los, desencorajá-los e por fim calá-los para que a maioria das pessoas siga em sua rotina diária e inocente adormecida das verdades. Quando o Homem do Subsolo fala de si, está falando do mundo e do estado de coisas em que se encontra entre os perdidos. O espírito é o jeito de ser do sujeito de enunciação que em *ethos* se incorpora para proferir verdades nuas e cruas, mesmo que os outros, seus interlocutores, não estejam preparados para ouvi-las. Ele não veio para preparar terrenos, mas para dizer enquanto há tempo.

O Homem do Subsolo por meio de seu *ethos* enuncia o mundo subjetivo que existe nele enquanto que os outros apresentam modos de ser inalcançáveis com os quais ele discorda. A discriminação que ele sofre é latente, é de exclusão, de não ser notado pelos outros e isso o incomoda terrivelmente e o deixou extremamente introspectivo: [SD3>Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com um consolo raivoso – que de nada serve]. Travestindo-se em um caractere de pena o sujeito de enunciação pretende testar se o coenunciador se identifica com a imagem de si que propagou via discurso. Ele pretende emocionar seu interlocutor. Vendo em um campo de batalha, no intuito de provocar adesão a seu ponto de vista o Homem do Subsolo utiliza-se de diversos recursos retóricos para atingir seu intento.

Pode-se perceber que as mazelas e a salvação andam pelo mesmo luar, mediadas pela invenção necessária ao equilíbrio frágil e instável da sociedade. O discurso literário, entendido enquanto lugar, permite que o *ethos* do sujeito seja construído pela enunciação. O sujeito nihilista só é plenamente realizável quando o bem e o mal morrem da alma humana que

os abria, conforme Pecoraro (2007). A paratopia designa a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social, discursivo e enunciativo e implica o estatuto do locutor de um texto que decorre dos discursos que constituem o discurso literário, conforme salienta Maingueneau (2014a). O discurso literário, conforme dito, é um emaranhado de outros discursos que o constituem e ele enquanto constituinte impõe regras que o delimitam e o diferenciam dos outros discursos. Ele não permite tudo, mas dá ao sujeito niilista um modo de coexistir no mundo pelo discurso. O discurso literário permite que o sujeito marque-se discursivamente enquanto Homem do Subsolo, mas não autoriza a ideologia niilista em si.

3.3 O sujeito de enunciação niilista Homem do Subsolo

Neste tópico intentamos fazer um percurso da constituição do sujeito niilista. Para tanto, partimos de uma análise que vai da categoria de parasita até atingir o “status” de sujeito de enunciação niilista. Pretendemos observar como o *ethos* contriui para a transmutação da instância de parasita em sujeito de enunciação por meio das modificações da imagem que o locutor constrói de si por meio do discurso que profere.

3.3.1 O parasita niilista

Como um nômade, o Homem do Subsolo não se vê inserido em nenhum lugar e essa seria uma de suas atribuições de parasita que se exilia no subsolo não conseguindo atingir um lugar social e por conta disso segue margeando aquilo que não consegue atingir enquanto observa o *habitus* de homem normal que ele inveja e critica afirmando categoricamente não pretender possuir.

Entretanto, na cadeia parasitária há os parasitas dos parasitas e, se o Homem do Subsolo sê vê como um nada, logo como um parasita, vê outros como um nada que em uma escala hierarquica são menores que ele. Assim ele vê Liza e seu criado Apolón.

O parasita pode, além do exílio, se manifestar por meio de um espaço presente na sociedade oficial: [SD2> Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso.], SD2> Quando os solicitantes, com pedidos de informações se acercavam da mesa junto a qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém.]. O Homem do Subsolo apresenta-se enquanto um **funcionário público maldoso** e materializa discursivamente uma cenografia, um órgão público. As embreagens **mesa, junto à qual e me sentava** inserem-no em uma posição de poder da qual ele abusa como lhe convém, do poder a ele instituído. Estar atrás de uma mesa ou de um balcão, tidos enquanto lugares, permite ao interlocutor responder por uma instituição social, ser seu porta-voz, decidir agindo como parte física de um organismo que só pode ser acessado por meio de representantes legitimados como o Homem do Subsolo, o que lhes confere um status social que pode lhes subir a cabeça.

Entretanto, como ele mesmo diz, ele quase sempre conseguia magoar as pessoas: [SD2> Conseguia isto quase sempre. Na maioria dos casos aparecia gente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes]. Ele, no lugar de onde agia, não aparentava timidez, mas arrogância e maldade, porém, fora dali, não se achava digno de nota, ou melhor, não era notado pelos outros. A semanticidade da embreagem **gente tímida** somada a **solicitantes** atribui às pessoas

que ele humilhava o caractere de “pessoas humildes”, que para ele era natural serem tímidas, por serem inconscientes até certo ponto, da verdadeira função do Homem do Subsolo. Ali, enquanto trabalhava, ele não se sentia um nada, não se lastima nem se considera o inseto, a mosca que acredita ser aos olhos dos outros que frente a ele estão acima dele.

Em seu trabalho, o Homem do Subsolo se considerava um ser do mundo cuja função que exercia era digna de nota para os que lhe solicitavam. Porém, aos seus iguais, os **colegas de trabalho**, uma outra cenografia instaurava-se naquele espaço, já que: [SD26> No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que os meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até... pareciam olhar-me com certa aversão]. Parece que o Homem do Subsolo, na mesma instância discursiva vivia o máximo e o mínimo das embreagens paratópicas que o vinculam ao mundo: primeiro ele humilhava, aqueles que para ele eram parasitas, seres menores que precisavam de sua ajuda, depois ele era o humilhado por aqueles que deveria ver no mesmo patamar que a si próprio, já que executavam funções semelhantes às suas. Ele já é sujeito, mas não se sente como tal.

Para se sentir menos pequeno frente aos colegas de trabalho, prefere nos trazer suas impressões sobre eles no intuito de espriar os sentimentos que camuflava com os ataques enunciativos que lança sobre eles: [SD29> Eles, pelo contrário, eram todos embotoados entre si, como carneiros de um rebanho]. Com o embreante **Eles**, o Homem do Subsolo desvincula sua imagem da de seus colegas de trabalho e tenta colocar-se acima daqueles que antes via tentarem serem maiores que eles, quando usou a embreagem **aversão**. Se eles queriam tê-lo longe, o Homem do Subsolo só enxerga longe de si por não querer ser como eles, já que mostra quase um “pesar” pela mesmice que eles representam. Como observamos o Homem do Subsolo oscila entre lugares, mostrando-se um ser paratópico que se transmuta entre uma tendência em ser e deixar de ser para si e para os outros.

No trabalho, o Homem do Subsolo humilhava aqueles que estavam abaixo dele, mas, ao se desvencilhar daquele lugar deixava de ser notado: [SD36> Encontrei ali mais dois colegas de escola... Nenhum deles notou a minha chegada... Provavelmente, consideravam-me a mais ordinária das moscas]. O grupo de colegas que alega não ter dado por sua presença habita um lugar social que ele não atinge. O Homem do Subsolo os margeia, tenta adentrar em um âmbito que o expele, não tem prestígio, é esnobado e segue orbitando um macro-lugar que lhe recusa cada tentativa de inserção.

O que lhe sobra são resquícios que fazem com que ele tente algumas investidas que estão mais nele e em sua ânsia de ser notado do que no outro que simplesmente não o nota, o pisoteia, choca-se contra ele como se andasse cortando uma brisa. Desse modo, o Homem do

Subsolo se instaura em suas *Memórias do subsolo*, o é por meio delas que ele será notado. Ao tempo em que nos diz, ele se alimenta de nutrientes que o discurso literário oferta. No momento em que ele tiver voz, corpo e habitar no discurso literário, quando ele já é capaz de dizer e de ser ouvido passa a legitimar seu discurso. Antes de escrever suas memórias ele não existia, sua consciência não nos era apresentada e ele parasitava em um submundo que nós só podemos saber existir porque ele materializou enunciativamente.

O lugar da consciência é inóspito, por conta disso, as ideologias se lançam sobre o mundo corpóreo na ânsia de repercutirem em algum ente físico. O Homem do Subsolo se lança a uma vaga de dizer. Em nossa metáfora dos planetas, dita no item 2.1 dissemos que era impossível habitar o sol e este sol é a consciência, mas que não era impossível habitar um planeta, e este planeta é o discurso literário por meio do qual diversas gamas de consciência disparam sobre os interlocutores. O Homem do Subsolo alimenta-se dessas gamas de consciência para enunciar. Mas para poder enunciar, praticar a ação que constituirá seu discurso, este Homem do Subsolo investe em uma empreitada imagética, que lhe dará um corpo inserido em lugares devido ao fato de não ser possível a ele se estabilizar em nenhum. O dilema se apresenta como uma questão identitária que repercute na subjetividade do sujeito de enunciação que se confunde entre ser um parasita ou um sujeito. A oscilação de sua imagem representa isso. Por conta disso, o vemos às vezes se depreciando, indo de encontro com o mínimo que as embreagens paratópicas que ele enuncia evidenciam, e, por outras vezes, ele adentra em caracteres que o reconfiguram o *ethos* ao fazer emergirem embreagens paratópicas que o levam ao máximo.

Com ancoragens paratópicas é que o Homem do Subsolo nos diz que o parasita é um asno e um aborto que somente ao atingir o nível do dizer torna-se sujeito e só torna-se sujeito porque se submeteu, porque foi covarde e escravo como vemos na SD26. Para atingir o ponto do dizer, o parasita deve agir como um covarde e um escravo. Submetendo-se ao poder do outro para atingir o patamar do outro e aí sim revelar-se não como subalterno, mas como ser de voz, corpo enunciante.

Submetendo-se aos olhares dos outros, ele se mostra submisso aos caprichos dos ditames sociais que questiona e critica. Era assim que, na visão de Maingueneau (2014a), como já discutimos, eram considerados também parasitas, eles eram patrocinados por nobres e em troca de “bajulações” podiam produzir sua arte. Dostoiévski inclusive, como já discutimos, foi um exemplo disso.

O Homem do Subsolo vive o dilema de ser parasita ou sujeito de enunciação. Seu ato de querer desvincular-se da ideia de parasita que o persegue e emergir digno de nota pode ser

apresentado na SD23 em que ele abre uma deixa de que fez algumas experiências, testes em que tentou disputar com outros um lugar de notoriedade frente a outra pessoa, [SD27> Fiz até algumas experiências: tolerarei sobre mim o olhar deste aqui por exemplo? E era sempre o primeiro a baixar os olhos. Isto me torturava até o enfurecimento.] dentre suas tentativas ele apresenta um episódio ocorrido no qual ele cria que um oficial teve um atrito com ele: [SD31> Logo de início, um policial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse]. Ocorre o primeiro encontro entre o Homem do Subsolo e o inimigo que ele criou para si. O imobilismo característico do niilismo é representado pelo Homem do Subsolo que para ser notado pelo outro, entra em seu caminho. Eis um acontecimento com repercussões. O acontecimento histórico é o encontro entre dois sujeitos, este encontro é discursivamente descrito.

O Homem do Subsolo é o autor das memórias, portanto, rememora fatos ocorridos em que ele estava envolvido. É como se o fato por ele narrado fosse uma perversão sofrida. O que ele enuncia em seu discurso é um ponto de vista, por ele atualizado, cujo tecido discursivo é desenvolvido com ele no papel de vítima, entretanto, o discurso outro não fica completamente apagado, pois o esquecimento 2, enunciativo, emerge em alguns pontos discursivamente marcados. Não foi o oficial quem teve atrito, o discurso do Homem do Subsolo carrega uma sensação ilusória, a de que ele é vítima, quando na verdade, do lado do outro sujeito, que não teve vez em contar sua parte, seu ponto de vista, é apagado pelo sujeito com vez e voz. O fato de não revidar a provocação emerge discursivamente como uma afronta.

O sujeito narrador das memórias parece esquecer dos outros discursos possíveis (propositadamente), como por exemplo, do que emerge a partir do narrado e que tende a entender que não houve atrito, nem pode-se dizer que ocorreu indiferença. Enquanto que a interpretação que o Homem do Subsolo fez do acontecimento foi negativa, não há em sua descrição dos fatos elementos que indiquem a existência do atrito. Ele começa a deteriorar a imagem do cavalheiro como modo de conseguir apoio em sua causa: [SD32> Até pancadas eu teria suportado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse.]. O ponto mais insuportável para o Homem do Subsolo está apresentado pelas embreagens **não me notasse** Ele obstruiu sua passagem para que ele dissesse algo, agisse de um modo que visse quem estava na sua frente. [SD32> Oh, se aquele policial fosse dos que concordam em lutar em duelo! Mas não, era exatamente dos tais cavalheiros (aí, há muito desaparecidos!) que preferiam agir com tacos de bilhar ou, a

exemplo do tenente Pirogóv, de Gógol, com o apoio das autoridades]. O Homem do Subsolo intenta frustradamente com as embreagens **agir com o apoio e das autoridades** construir uma imagem de covardia de seu inimigo.

Ele o compara, de certa forma, aos bárbaros, não vê barbárie em duelos, mas vê em brigas com tacos de bilhar que são para ele uma ignominia. Enxerga covardia no outro. Ele não aceita ser tratado com educação, a educação é vista como o fato de não ser notado, de ter sua existência ignorada. Por conta disso, o Homem do Subsolo buscará um confronto quase esquizofrênico com seu inimigo: [SD33> De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, franzi o sombrinho e... chocamo-nos com força, ombro contra ombro! Não cedi um Vierchók e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada: mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje!] Como característica niilista desta SD podemos aflorar a dissolução de valores cujas consequências repercutem no Homem do Subsolo. Interessante notar o modo como o sujeito de enunciação apresenta a ideia de certeza. Ela é manifesta como incerta, não perene, assim como o niilismo vê a realidade, tal como é nada é perene.

Quando faz emergir pelo seu discurso o enunciado arrastado pela embreagem **estou certo**, na verdade, seu dizer é resultado de uma autocorreção do dito. Ele tenta frisar que o outro fingiu não ter visto o ocorrido, ele retifica seu discurso, antes tido como certo, depois como provável. Parece que o que ele acredita ser o que referencia, é, na verdade, fruto de sua imaginação e o inimigo criado, fosse de fato alguém que não sabe nada do que se passa. Percebe-se no nível discursivo materializado uma espécie de disputa interpretativa. Os sentidos que o Homem do Subsolo tenta impingir não são os que afetam quem ler. Por mais que ele levante, via embreagens, material discursivo para se embasar, não faz mais que trazer o discurso outro, contrário a suas interpretações sobre o que discute e que somente o contradiz.

Como vimos, o Homem do Subsolo não logra êxito em sua tentativa de mostrar-se vitorioso no embate que ele acredita trazer com outro, mas que de fato ele trava consigo mesmo, com sua ânsia de desvencilhar-se da instância parasitária daqueles que ninguém nota. Nesse ponto, ele traz à tona a [SD30> Mostram-se corajosos unicamente os asnos e seus abortos, mas também estes apenas até determinado obstáculo. Não vale a pena sequer prestar-lhes atenção, porque não representam absolutamente nada]. A embreagem **até certo ponto** apresenta o lugar em que o Homem do Subsolo almeja chegar com seu embate “monológico”, ele pretende se ver enquanto ocupante de um lugar na superfície. [SD34> Está claro que sofri golpe mais violento; ele era mais forte. Mas não era isto o que importava. O que importava era que eu atingira o objetivo, mantivera a dignidade, não cedera nem um passo, e,

publicamente, me colocava ao nível dele, do ponto de vista social]. Com as embreagens **ombro a ombro** na SD33, o Homem do Subsolo afirmara que o encontro entre ele e seu inimigo havia sido de igual para igual. Mas, na SD34, ele apresenta outras embreagens que acionam outro entendimento: **sofri o golpe mais violento**, o que ocasiona uma contradição e, ele tenta remediar seu ato falho.

Para compensar sua **perda**, afirma que se colocou no mesmo nível do inimigo do ponto de vista social. Percebemos desse modo que o Homem do Subsolo precisa crer para ser, ou seja, ele precisa acreditar que vencendo uma briga com um ente considerado social ele conseguirá adentrar no patamar que o vencido se encontra posicionado e desta forma terá lugar social legitimado. Neste ponto, novamente, o esquecimento número 2. A enunciação do Homem do Subsolo aflora outro discurso, que poderia ter passado despercebido ao leitor. Ele demonstra sentimento de despeito e inferioridade para com seu inimigo e publicamente pode vir a ser considerado um igual.

A opacidade da língua reflete-se no nível discursivo, porém eleva a este nível elementos que, embora não sejam explicitamente marcados, dentro do contexto em que são produzidos, atribuem ao discurso características niilistas, isto é, o fato de que o discurso não é transparente, não é pressuposto suficiente para que os sujeitos que o recebem não possam ver o que se esconde em termos de efeito de sentido sobre a camada opaca que todo discurso possui.

A seguir, o Homem do Subsolo arremata sua luta: [SD35> Voltei para casa vingado de tudo. Me estado era de arrebatamento. Triunfara, e ia cantando árias. Italianas. O oficial foi depois transferido não sei para onde, já faz uns quatorze anos que não o vejo. Por onde andaré agora meu caro amigo? Em quem estará pisando?]. Fica bastante visível, o caráter unilateral da rixa do Homem do Subsolo. Ele afirma ter voltado para casa vingado. Trata seu inimigo como amigo. E se pergunta sobre seu paradeiro. O Homem do Subsolo, nunca esqueceu o oficial que o tratou com indiferença. Este por outro lado em todo o percurso discursivo narrado, em momento algum parece ter motivos suficientes para remoer qualquer fato deste acontecimento histórico para o Homem do Subsolo. Entretanto, embora queira com seu “ato heroico”, após sua batalha introspectiva consigo mesmo que ele precisou incorporar ao oficial toda a raiva que tinha em si mesmo, não atinge a estabilidade da subjetividade e continua a ser um tender a ser que por ora tem direito a enunciar seu discurso ainda que instavelmente. Para que ele pudesse atingir o nível do oficial os outros como este teriam que considerá-lo por unanimidade como um membro de seu grupo, o que não ocorrerá. Isto faz com que o Homem do Subsolo, na instância de parasita, continue tentando ser um ser de enunciação. O parasita é

um ser líquido e sem forma própria revestido de tendências imagéticas que resguardam sua substância. Porém, como este ainda cria para si um *ethos* “intragável”, pois os outros não pretendem se ver nele, ainda não atingiu a instância subjetiva e pode desintegrar-se ainda com facilidade, pois seu *ethos* ainda está em processo de estabilização.

A confusão de identidade do Homem do Subsolo confunde a própria fronteira entre ele enquanto personagem enquanto escritor de suas memórias. Embora estejam imbricados um no outro, por vezes, o discurso literário intenta exibir uma imagem de mero locutor, e por outras a de um ser que, parasitário, distante de tudo e de todos almeja atribuir a si a função de escritor. [SD2> Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso; mas agora percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei de propósito] Ele se desloca pelo discurso literário buscando nele elementos que o instaurem enquanto ser de enunciação. Quando ele mostra sua voz em contato com um outro ente, não é conosco que ele fala, mas com este outro que instaura no discurso e mantém o diálogo, porém isto é insuficiente e ele atrai para este centro revitaliza sua narrativa um outro, aquele que observa a tudo, que está sendo convidado a dar vista no processo enunciativo que se materializa em suas vistas.

O interlocutor se vê posto na cenografia, na cena de enunciação que aflora do discurso que o Homem do Subsolo joga sobre seu interlocutor: [SD37> Em todo o caso, daqui a um ano seu preço vai cair]. Neste ponto, é com Liza que o Homem do Subsolo fala, porém, a seguir ele abre uma deixa e olha para o lado, nos vê observando e nos assusta com o fato de saber que está sendo contemplado, ele está olhando para o auditório quando diz: [SD37> - prossegui com perversidade-], entretanto, o Homem do Subsolo não dá a este outro a chance de intervir, isto não é um chamamento para que o outro adentre nas ações, se houver uma intenção outra, é a de que o outro, saiba de sua impotência em intervir no destino daqueles que estão na cena de enunciação. Neste mundo paralelo, o Homem do Subsolo sabe do poder que possui, e, por este motivo, considera o subsolo muito mais vantajoso do que o mundo do homem normal. Com a embreagem **prossegui com perversidade**, ele se mostra para os outros que não podem revelar ao seu interlocutor a verdadeira face dele. As personagens não se bastam, elas se completam em seus discursos e nas suas ideias que resvalam naqueles que os veem em ação.

O Homem do Subsolo fala quase ininterruptamente de seus remorsos e é isso que ele apresenta quando nos fala sobre homem que ele inveja, mas não quer ser: [SD6> Um homem direto, é que eu considero um homem autêntico, normal, como o sonhou a própria mãe carinhosa, a natureza, ao criá-lo amorosamente sobre a terra. Invejo um homem desses até o

extremo da minha bÍlis. Ele é estúpido, concordo, mas talvez o homem normal deva mesmo ser estúpido, sabeis? Talvez isto seja até muito bonito.]. O **Eu** é movido pelo remorso de não ter chegado a ser e está, por conta disso, em constante crise consigo mesmo.

Ele segue sendo paratopicamente/paradoxalmente uma oscilação entre sujeito de enunciação, está aí no nível enunciativo/discursivo e parasita, está aí em um nível de competição entre as personagens, ou seja, o Homem do Subsolo apresenta-se enquanto parasita quando se compara a humanidade que ele representa pela linguagem em suas memórias, quando ele se desvincula de um nível mundano e atinge a enunciação, se mostra como sujeito detentor de uma voz que lhe permite dizer por meio dela toda a realidade que impregna bela, feia e duramente a todos. Seu discurso tenta dar conta justamente disso, da “feitura” que cerca o “belo”.

A embreagem **homem direto** representa aquilo que ele inveja, o que vive a **vida viva** sem complexidade. Ele é o homem natural descortinado. Se seria o natural que ele se tornasse nômade em algum ponto ao se sedentarizar perdeu uma característica e desvirtuou a **mãe carinhosa**. Se o homem seguia o curso natural, com sua consciência evoluída, passou a direcionar aquela que o gerou e hoje a remodela a seu bel prazer. Não há mais o nômade, pois ele deixou de transitar e agora é humano e social. Se descaracterizou, mas o homem social já foi o nômade. O nômade é também o responsável pela existência do parasita que lhe circunda e almeja se tornar sujeito.

A estupidez humana de que o Homem do Subsolo fala, reside naquilo que lhe falta e sobra no outro que ele distancia de si. O parasita mendiga atenção, o homem social precisa dar esmola para se ver acima do desvalido. Isto é uma estúpida característica da humanidade sem a qual só teríamos utopia, todos com tudo e ninguém sem nada. Para que o desprovido sinta alguma ânsia de viver precisa desejar ter o que o outro tem de sobra. O Homem do Subsolo se sente feliz em saber que nesse homem normal falta consciência e isto o torna estúpido. Este homem normal é bárbaro de consciência tranquila e mantém as mazelas do mundo. Porém ele o faz por não saber que de fato o que pensa ser consciência é uma ilusão criada para que haja um equilíbrio mantenedor do estado de coisas em que se encontra.

O Homem do Subsolo enxerga a hipertrofia do contrário ao homem normal e isto satisfaz sua insuficiência, sua inveja logo se transmuta ao perceber que falta algo neste homem que sobra no Homem do Subsolo: [SD7>Se tomarmos, por exemplo, a antítese do homem normal, isto é, o homem de consciência hipertrofiada, o homem saído naturalmente, não do seio da natureza, mas de uma retorta(já é um misticismo, senhores, mas eu suspeito isto também), o que se verifica, então, é que este homem de retorta a tal ponto chega a ceder

terreno para sua antítese que a si mesmo se considera, com toda a sua consciência hipertrofiada, um camundongo e não um homem]. O homem contrário ao normal é torto, inconsciente e, por isso, o Homem do Subsolo atribue a tal homem de retorta a alcunha que o embreante **camundongo** lhe confere. Este camundongo, que vive no meio mais rústico possível, habita um buraco, a ele são inacessíveis todos os bens de consumo que cercam o homem normal.

O homem de retorta está na periferia do homem normal e o Homem do Subsolo transita entre as duas realidades lançando-se sobre elas. Este homem de retorta não é consciente de que o dito homem normal o utiliza como sustentáculo, também não percebe que é sugado pelo fato de ser ignorante de todo o estado de coisas que ele não vive enquanto sobra fartura no homem normal. A sensação que ele tem é de que o que ele vive é o suficiente a ser vivido. Seu estado de privações o assemelha aos outros animais que apenas subexistem com o que conseguem extrair da natureza. Ele vegeta enquanto o homem normal vive. A identidade niilista começa a tomar corpo do parasita protótipo de Homem do Subsolo, que nunca foi um camundongo porque embora privado do que o homem normal tem de sobra nunca lhe faltou consciência do que era e do que não era. A identidade niilista aflora no discurso literário que o Homem do Subsolo materializa, pois o discurso legitima a enunciação.

O modo como o sujeito insere-se no discurso literário depende das condições que o próprio discurso, enquanto constituinte, permite. O discurso permeia todo o enunciado e é ele que permite que o sujeito emane algo de ideológico pelo seu enunciado. Percebe-se com isso uma suposição que parte de uma assertiva validadora da enunciação, constituinte e contribuinte do que é dito, a defesa do niilismo, daquilo que é apregoado enquanto conduta aconselhada pelo sujeito, alojado no discurso. *Memórias do subsolo* é habitado por um parasita niilista que constrói para si todo um cenário, frio e emoldura-se neste lugar, nutre-se dele, valida-se por ele que lhe dá permissão, sem contestar a absorção discursiva que sofre, mas cobra pelos nutrientes que disponibiliza para a geração do discurso que proporciona, tal como um locador cobra pelo aluguel a seu locatário.

O valor é o obscurantismo que o sujeito sofre devido o fato de o autor das memórias, o Homem do Subsolo, enquanto autoridade competente, escritor, tornar-se o dono do discurso. Roubar todo um pensamento, de apropriar-se do que é dito em seu território. Esse é o valor que o sujeito paga por não ser de todo transparente. Ele é penalizado pelo plágio socialmente validado que o escritor lhe acomete. A suposição distancia o comprometimento de quem enuncia quanto à validação do que é dito ao mesmo tempo em que o próprio enunciado que o

sujeito constrói, valida o dito antes de apresentar o que é suposto. É uma modalidade epistêmica por natureza.

No meio dos homens normais estão infiltrados os tiranos. Se Cleópatra, na SD17, foi apresentada como um exemplo extraído da História Romana e a História a traveste como uma personalidade idolatrada por muitos, o Homem do Subsolo desmascara a mesma por meio da mesma história, mostrando-a como a personificação de sanguinária que sentia prazer com o sofrimento alheio, como uma verdadeira personificação dos tiranos que nunca deixaram de existir. O Homem do Subsolo aproxima a história de Roma e do Egito à vida cotidiana que está repleta de tiranos, pois a época bárbara do Egito não passou, já que o ser humano não age como a Ciência indica e ainda não se desvencilhou da barbárie.

O sujeito e o parasita por meio do qual o Homem do Subsolo enuncia, troca de casca, metamorfoseia seu *ethos* continuamente, de modo que não é possível identificar o real momento, o real ponto em que ele deixa de ser um e passa a ser visto como outro. O máximo e o mínimo da embreagem paratópica permite que ele se desloque antes que se tire a foto do ponto exato em que este ente de enunciados passa a ser sujeito de enunciação. No entanto, como ele próprio deixa claro em sua construção discursiva esse momento há, pois ele ora se vê parasita, ora se vê sujeito e as marcas enunciativas ficam em seu percurso nos permitem vislumbrar o momento de enunciação em que o parasita niilista se transfigura em sujeito de enunciação niilista.

Embora não possamos fisgar o momento exato, como já dissemos alhures, as marcas discursivas que seu discurso deixa, ainda que momentaneamente à vista nos permite levantar uma tendência oriunda de sua enunciação. O parasita busca no homem que critica a razão e a Ciência e quando o Homem do Subsolo fala sobre isto não é o parasita mais quem está dizendo, mas o sujeito de enunciação. O parasita constata este fato, se espanta com ele e neste ponto põe a cabeça fora da água e vê a superfície. O que se vê fora são embreantes que sentem o externo ao mundo de enunciação ao mesmo tempo em que pelo *ethos* mostra-se aos que lá estão servindo de elo. O parasita está até o ponto em que não enuncia a entidade. O momento de emersão e de proferimento de discursos cabe ao sujeito de enunciação. Aquele que serve de espião e informa os primeiros fatos é o parasita.

3.3.2 A transmutação do parasita em sujeito niilista

Vejam agora como se processa a transmutação do ente tido como parasita que intenta legitimar-se enquanto sujeito de enunciação niilista. Já dissemos alhures que o parasita em si não quer ser notado, mas o Homem do Subsolo, na busca por ser visto, provoca as mais absurdas disputas a fim de ser notado pelos seus antagonistas, conforme vimos em 3.4.1 quando analisamos este acontecimento por meio de SDs como SD31 e SD32, dentre outras. Mas na instância da subjetividade que instaura um sujeito de enunciação ocorre o oposto. O *ethos* é o elemento que o sujeito de enunciação tem para dizer para um mundo aquilo que um parasita, desprovido de corpo, imagem, gestos, apenas balbuciava a fim de que um *ethos* começasse a ser configurado e o sujeito de enunciação niilista pudesse dizer algo entre nós.

Quando o Homem do Subsolo se vê livre de amarras como a de que deva ser verdadeiro, honesto, agradável e galante para que seus interlocutores queiram apreciar o que ele tem a dizer, e passa a mostrar-se como de fato é, acreditamos ser o momento mais autêntico de seu *ethos*. Para ele, o bem e o mal fazem parte de todos os seres humanos, por conta disso deve se mostrar como um ser ambíguo mesmo que corra o risco de que os outros não queiram mais ouvi-los. Nestes momentos temos seus momentos de fúria para apreciar. A dosagem do que seja bom e do que seja mal é o que o revela para os outros assim como revela a todos para todos.

Quando ele nos diz: [SD15> Notastes acaso que os mais requintados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados...], percebemos que o sujeito nos apresenta o niilismo entendido enquanto evento “ligado à realidade e à sua crise (existencialista). O niilismo é ético-metafísico. O mal e o bem rivalizam e o niilismo, assim como o Homem do Subsolo, não é nenhum deles, mas o fato de ver o óbvio na névoa. O Homem do Subsolo se inscreve de alguma forma no espaço social para proferir uma mensagem aceitável. O discurso literário, enquanto lugar, permite que o sujeito manifeste-se discursivamente a partir dele, que diga nele e por ele. Não existe um sujeito niilista que diga no discurso analisado explicitamente ser niilista, ele diz pelo enunciado, ele emerge pelo discurso gerado, constituído e cujas marcas niilistas são materializadas nele.

O niilismo não mostra-se como uma entidade, o sujeito niilista é possível, verossímil, provável de existir, porque o contexto do discurso o proporciona a possibilidade de existência. Entretanto, não é palpável, não é explícito, é revestido de uma ideologia que não pode ser outra, pelo que defende, senão a niilista. Aquela que entre escolher entre dicotomias como a

de bem e mal, de Deus e Diabo, escolhe a coerência que pode comprovar para ele a existência ou a negação de toda e qualquer dicotomia.

O sujeito niilista questiona a tendência humana de categorizar, dar nome às coisas, aos comportamentos, às associações feitas dos homens pelos homens. Questiona o critério de barbárie, que no correr do tempo muda como o homem muda. Apregoa que o que antes não chocava por não ser bárbaro em outro tempo aterroriza porque critérios socialmente estabelecidos assim impõem. Afirma que o que é corriqueiro deixa de chamar atenção, por ser comum. Para o sujeito de enunciação, aqui taxado como niilista o que torna algo normal é a frequência da prática, pois se muitos cometem atrocidades elas deixam de ser barbaras e passam à categoria de comuns e daí a valor moral ou prática social.

O Homem do Subsolo, enquanto ser corpóreo, constrói um *ethos* referenciando a idade. [SD2> Já faz muito tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho quarenta, agora...] Ele afirma ter, no tempo da enunciação que faz, quarenta anos. [SD35> O oficial foi depois transferido não sei para onde, já faz uns quatorze anos que não o vejo.] Ele remete a um fato de quando tinha vinte e quatro anos.

Parece que o Homem do Subsolo ao tratar de fatos passados intenta explicar o porquê de ter se tornado quem é, de quando era um parasita da sociedade: [SD26>Não me dava com ninguém, evitava conversar, e cada vez mais me encolhia em meu quarto... os meus colegas... me consideravam um tipo original... tinha... impressão... pareciam olhar-me com certa aversão.]. O Homem do Subsolo constrói um *ethos* introspectivo, de isolamento do convívio social. Mas ao dizer que era considerado por seus colegas um **tipo original** traz com essa embreagem a demonstração de uma certa satisfação em se taxar dessa forma, soa menos pejorativo. A seguir, afirma ter a impressão de que os colegas o tratavam com “aversão”. O próprio fato de emergir a embreagem **colegas** em detrimento de “amigos” materializa seu distanciamento quanto ao vínculo social que tinha com os outros.

Conforme a seguir: [SD36> Encontrei ali mais dois colegas de escola... Nenhum deles notou a minha chegada, o que é estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas], o Homem do Subsolo só reforça seu distanciamento, ele inclusive diz não ver seus colegas há anos e a reação deles é de estranhamento para com ele. O Homem do Subsolo se recharacteriza partindo do pressuposto do que acredita que seus colegas atribuem a ele, a embreagem **mosca**. [SD36> Nem mesmo na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá... pelo fracasso de minha carreira de funcionário... sinal evidente da minha incapacidade e insignificância.]. Os embreantes **fracasso**, **incapacidade** e **insignificância** servem como

peças utilizadas na montagem de um mosaico depreciativo, pejorativo que em conjunto constroem uma imagem do Homem do Subsolo de modo negativo.

O *ethos* do sujeito de enunciação não progride a menos que as peças selecionadas sejam linearmente defeituosas para os padrões sociais. Nesta SD, não existe 'tumulto discursivo', toda a enunciação cabe no texto, o texto suporta toda a carga significativa a que se propõe o discurso. Não há aqui nenhum abalo sísmico.

Ao contrário da estabilidade discursiva da SD36, a próxima não deixa a enunciação transcorrer sem tumulto: [SD46> ...um romance precisa de um herói, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida viva, todos capengamos, uns mais, outros menos.]. O Homem do Subsolo desconstrói sua novela, pois afirma ser um anti-herói, personagem característico desse gênero. O protagonista, ele mesmo, junta a si, por meio de embreagens, todos os traços de um anti-herói, ou seja, o *ethos* construído por ele é de um sujeito, conforme ele próprio se recategorizou durante toda a tessitura textual, doente, mau, desagradável, homem ruinzinho, chenapan, invejoso, avesso, mosca, fracassado, incapaz, insignificante etc. A negociação envolvida no processo de significação para a construção do sentido, embora seja negociada entre os interlocutores, parte sempre daquilo que se encontra materializado textualmente. Parece que no grupo dos que **capengam** o Homem do Subsolo está inserido no daqueles que **capengam** mais que outros.

O *ethos* do sujeito de enunciação niilista nos permite identificar a personalidade deste enunciador, isto é, do Homem do Subsolo cujo tom nos apresenta uma representação corpórea do ser que nos fala de uma instância subjetiva do dizer. Desse modo, o Homem do Subsolo intenta agir sobre seu coenunciador dentro da situação de comunicação em que se veem inseridos. O que sabe, aquilo em que crê, sua opinião o Homem do Subsolo supõe que seja ou que deva ser compartilhado pelos seus interlocutores.

Enquanto polifônico, o sujeito de enunciação niilista é, conforme Charaudeau e Maingueneau (2014), sobredeterminado, isto é, parcialmente livre para escolher dentre diversas possibilidades enunciativas, aquelas com as quais ele pretende formar um discurso, focalizando nesta formação aquilo que ele acredita ser validador de sua defesa de ponto de vista. Desse modo, o Homem do Subsolo apresenta em sua teia enunciativa saberes diversos, oriundos de seu caráter culto no intuito de evidenciar seu dizer. Assim ele apresenta o **homem da natureza e da verdade**, de Rousseau, por exemplo, para por meio de sua construção argumentativa, com o auxílio do dizer do outro, legitimar o seu dito.

Rousseau seria o fiador de uma verdade potencialmente mais amplificada que o Homem do Subsolo apresenta ao seu interlocutor: [SD8> Mas vejamos este camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que ele esteja ofendido (quase sempre está) e queira vingarse. Acumula-se nele, provavelmente, mais rancor que no *homme de la nature et de la vérité*.¹⁷]. Como vemos o Homem ancora-se no Homem da natureza e da verdade de Rousseau para amplificá-lo naquele homem normal e recai no homem camundongo que para ele é rancoroso em sua essência. Este homem é o Homem do Subsolo também, afinal de contas o rancor é uma embreagem que sua subjetividade aciona. [SD8> É possível que um desejo baixo, ignóbil, de retribuir ao ofensor o mesmo dano, ranja nele ainda mais ignobilmente que no *homme de la nature et de la vérité*, porque, este, devido à sua inata estupidez, considera sua vingança um simples ato de justiça;] Comparando esta SD com a SD32, a SD33, a SD34 e a SD35, nos deparamos com o próprio Homem do Subsolo vingando-se e tendo nesta vingança um ato de honra:[SD32> mas de modo algum poderia perdoar que ele ...não me notasse], [SD33> De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, franzi o sombrinho e... chocamo-nos com força...], [SD34> Está claro que sofri o golpe mais violento... mas não era isto que importava...] e [SD35> Voltei para casa vingado de tudo]. Assim é o Homem do Subsolo, está quase sempre ofendido com o que vem dos outros.

Se ele não range os dentes, **franze os sombrinhos**. Mas ele próprio ainda enquanto o camundongo, já de cabeça fria, nega que haja justiça de fato neste ato de vingança:[SD8>já o camundongo, em virtude de sua consciência hipertrofiada, nega haver nisso qualquer justiça]. Este camundongo é por fim a representação do próprio Homem do Subsolo. Há uma corparalidade neste animal que representa o choque da insignificância dele próprio. Ao falar do camundongo, ele fala de si mesmo e do choque de consciência que o atinge depois de mentir para si mesmo e tentar forçosamente acreditar que agrediu a alguém além de seu próprio ego. [SD8>já o camundongo, em virtude de sua consciência hipertrofiada, nega haver nisso qualquer justiça.]. Atinge-se, por fim, a própria ação, o próprio ato de vingança.

O ato de vingança ao ser atingido desmorona e desvela o ser que se camuflou por meio dele. O que o Homem do Subsolo revela é que enxerga a si mesmo, olhando para trás e vendo-o derrotado em meio às suas próprias ilusões. Ao desvelar uma verdade bem mais dura do que aquilo que ele tentou trazer à tona, o Homem do Subsolo não se mostra mais como

¹⁷ Conforme o tradutor Boris Schnaidermanem nota de rodapé da tradução que constitui nosso *corpus* de análise esta, citação foi retirada por Dostoiévski de um trecho das *Confissões de Jean-Jacques Rousseau*: “Je veux montrer à mês semblables un homme dans toda la vérité de la nature; et cet homme ce sera moi”(DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 22-23)

alguém que venceu seu outro dentro de si mesmo, mas como alguém consciente de que enganou a si mesmo e não conseguiu conviver com este fardo por muito tempo.

O parasita tentou mostrar a imagem de herói para poder enunciar e quando conseguiu enunciar deixou-se mostrar como de fato é, um ser improdutivo, incapaz. Entretanto, para continuar a exercer o direito de dizer deve afastar de si este caráter para emergir como sujeito. Porém ele ainda quer falar de si e para isto distancia dele próprio a imagem de derrotado, fazendo emergir um *alter ego* por meio da embreagem **camundongo**. O fato é que o sujeito já foi ouvido e o interlocutor já quer ouvi-lo para saber ao menos até onde ele vai.

O parasita não é o ser central do processo de enunciação que emerge discursivamente, porém é ao se colocar como um mesmo que a distância, que o sujeito de enunciação faz emergirem outras personalidades no discurso. É assim, por exemplo, que o Homem do Subsolo faz emergir uma personagem secundária como Apolón, seu criado, e com quem o Homem do Subsolo mantém rixas avassaladoras. Nos ateremos a uma SD que permite a nós identificarmos a órbita cujo centro é o sujeito de enunciação. Tendo um servo em sua casa, o Homem do Subsolo passa a ter um status que antes não detinha. Ele tem um parasita que tenta humilhar, mas que, em visão “vitimista” é quem o humilha. Esta é uma relação de poder conflituosa, uma disputa por legitimidade e governança que o Homem do Subsolo luta para ganhar e, como tantas outras lutas silenciosas externamente e tempestuosas subjetivamente estão fadadas ao derrotismo.

Não entendemos se Apolón é vítima ou algoz do Homem do Subsolo. O caráter duplo, o acionamento mínimo e máximo das embreagens paratópicas é um constante choque de pontos de vista que se apedrejam e obscurecem o caráter epistêmico que o Homem do Subsolo tenta mostrar. O problema da enunciação que chamaremos aqui de eclíptica, ou seja, como a voz do outro está encoberta pela sombra da enunciação do Homem do Subsolo, não temos acesso ao ponto de vista do outro, não conseguimos ver o outro encenar, pois do ELE da enunciação apenas temos o contorno que diz por meio da voz do próprio Homem do Subsolo que toma para si todos os papéis de uma peça, é que quando o Homem do Subsolo nos diz: [SD40> Naquela ocasião, apenas começaram as manobras habituais dos “olhares severos”, fiquei imediatamente fora de mim e, enfurecido, voltei-me contra ele. Mesmo sem aquilo, eu já estava por demais irritado.] nós não temos como ver Apolón agir, só nos resta o que o Homem do Subsolo nos diz e esperamos que ele se traia e nos conte sob outra égide aquilo que está camuflando de nós para que possamos nos ancorar em alguma embreagem no mar revoltoso das enunciações com as quais o sujeito de enunciação quer afogar os enunciatários que ousarem ver o que não devem, entender aquilo que ele não disse ao dizer.

Podemos perceber que [SD40> -Espere! - gritei enfurecido, quando ele se voltava lenta e silenciosamente, de mão para trás, a fim de se retirar para seu quarto. -Espere! Volte, ordeno-lhe! Devo ter vociferado de modo tão incomum que ele voltou e se pôs a examinar-me até com certa surpresa. Aliás, continuava a não dizer palavra, e isto justamente é que me enraivecia.], modo como o Homem do Subsolo constrói a narrativa até chegar nesta sequência argumentativa provoca no leitor a sensação de que seu empregado é insolente e de que ele, o Homem do Subsolo, lutava com todas as forças para colocá-lo em seu lugar de “serviçal”, porém não conseguia lograr êxito até este momento de enunciação, o que impressiona Apolón, o que ele nos permite atestar por meio da embreagem **até com certa surpresa**.

As embreagens marcadoras da insolência e do atrevimento que o Homem do Subsolo nos quer fazer crer que façam parte dos caracteres de Apolón [SD40> - Como se atreve a entrar no meu quarto sem pedir licença e a olhar-me deste modo? Responda! Mas depois de me olhar tranquilamente durante cerca de meio minuto, ele recomeçou a virar-se]. **Como se atreve e entrar sem pedir licença** fazem parte de um repertório sócio-cultural que remete à relação patrão-empregado em que este deve pedir licença antes de entrar no quarto de seu superior. Este fato, de acordo com o que o Homem do Subsolo nos diz é uma constante nas interações entre os dois. O corpo de Apolón diz tanto quanto os enunciados que saem do Homem do Subsolo.

Ao invés de responder às histerias de seu patrão, Apolón responde, age com gestos corporais que temos acesso por meio das avalanches enunciativas do Homem do Subsolo [SD40> Mas depois de me olhar tranquilamente durante cerca de meio minuto, ele recomeçou a virar-se.] Os gestos de Apolón, em contrapartida, não são as respostas que o Homem do Subsolo quer, desta vez ele pretende humilhar seu empregado e para isto precisa que ele fale, esta batalha deve ser travada com palavras: [SD40> Espere! - rugiu, correndo para junto dele. - Não se mova! Assim. Responda agora: por que veio me olhar!] Com a embreagem **Assim** o Homem do Subsolo nos mostra que conseguiu 'adestrar' Apolón.

No entanto, ao destravar a voz de seu empregado e de ter agido e dito o que tanto queria, o Homem do Subsolo não se contenta com o que ouve: [SD40> -Se agora o senhor tem alguma coisa para me mandar fazer, a minha tarefa é executar- respondeu, depois de um novo silêncio, ciciando baixo e espaçadamente, as sobancelhas erguidas, e tendo girado calmamente a cabeça de cima de um ombro para o outro, e tudo isto com uma tranquilidade aterradora]. Não era o que o Homem do Subsolo precisava para sair por cima de sua disputa.

Novamente, o sujeito de enunciação nos diz sobre Apolón o que detesta, suas respostas do modo como nos são mostradas demonstram cinismo. Apolón zomba dele, olha para o

Homem do Subsolo de cima para baixo, à frente de seu patrão o olha acima do ombro. Tudo é dito com calma e tranquilidade e isto aterroriza o Homem do Subsolo que novamente explode: [SD40> Não é isto, não é isto que estou perguntando a você, carrasco! -gritei, trêmulo de raiva.]. O contrassenso se impõe na relação dos dois.

O Homem do Subsolo chama Apolón de **carrasco**, está, no entanto, seria uma embreagem que acionaria um caractere não do empregado, mas do patrão, é este inclusive o que age para nossa vista com rudez e autoritarismo ao tempo que intenta frustradamente elencar atributos negativos, mínimos ao seu criado. [SD40> Eu mesmo vou dizer a você, carrasco, para que vem até aqui: está vendo que não lhe pago o salário; você mesmo, por orgulho, não quer se inclinar e pedir, e vem para me castigar com seus olhares estúpidos, para me atormentar, e você, carrasco, nem su-u-uspeita como isto é estúpido, estúpido, estúpido, estúpido, estúpido!] Por mais que intente, o Homem do Subsolo atrai para si as imagens de si que procura lançar sobre Apolón, ele faz emergir embreagens que atribuem a ele a alcova de carrasco, por exemplo, quando diz **não lhe pago o salário**.

O Homem do Subsolo quer ver seu empregado pedir o que lhe é de direito, pois esta, na visão dele, é uma maneira de humilhá-lo. O parasita, agora Apolón, serve para delinear os caracteres que pertencem ao Homem do Subsolo. Ao trazer Apolón para a cenografia que desenha por meio de seus enunciados, ele o coloca como centro das ações, ao descrever como Apolón se porta diante dele, é sobre seu criado que ele fala e não sobre si.

Desse modo, o assunto deixa de ser o Homem do Subsolo e passa a ser Apolón que se torna o centro irradiador da enunciação, a vítima das maldades do Homem do Subsolo que passa a categoria de algoz que atrai para seu empregado as mazelas que constituem seu *ethos* mau. Neste ponto, podemos indicar algo muito próximo do momento em que o parasita se torna sujeito de enunciação. Enquanto se veste de EU para falar do outro o Homem do Subsolo nos mostra seu *ethos* mais verídico ao mesmo tempo em que sai de cena enquanto parasita e ao falar sendo um EU se torna sujeito de enunciação. O Homem do Subsolo, porém, é um ser instável e se marca nas embreagens que profere trazendo à tona seu *ethos*. A instabilidade quanto à posição que ele ocupa se deve à polifonia presente em seu discurso em que vozes outras disputam incansavelmente por sua vez de falar neste lugar de enunciação que é o discurso literário *Memórias do Subsolo*.

O tom com que o Homem do Subsolo enuncia o mostra tenso ao falar com o outro que permitiu ter voz no discurso. Ele exclama, **vociferado, gritei, trêmulo de raiva**, é incisivo **estúpido, estúpido, estúpido, estúpido, estúpido!**e: [SD40> -Ouça! - gritei-lhe. - Aqui está o dinheiro, você vê: está aqui! (Tirei-o da mesinha.) Todos os sete rubros, mas você não os

receberá, não rece-e-berá até que venha respeitosamente, de cabeça baixa, pedir-me perdão. Está ouvindo?! - Isto não pode ser! - respondeu ele, com certa autossuficiência nada natural. - Pois será! - gritei. - Dou-lhe minha palavra de honra, será! - Mas eu não tenho que pedir perdão ao senhor – continuou ele, parecendo não notar sequer os meus gritos-, pois foi o senhor quem me chamou de **carrasco**, e eu sempre posso queixar-me disso na polícia do bairro] Ao passo que Apolón nunca altera seu tom de voz. Desse modo o Homem do Subsolo apresenta um *ethos* de desequilíbrio emocional ao passo que Apolón em não se alterar, não deixa de levantar suspeita quanto a sua real imagem.

O tom de sua voz, mediado pelo que o Homem do Subsolo nos permite ver, dá a Apolón um ar de cinismo e de sonso que irrita seu patrão A embreagem **carrasco** que o Homem do Subsolo atribui a fala de Apolón marcaria discursivamente tal cinismo. Por meio dela é possível criar toda uma representação de Apolón dizendo a palavra aspejada e gesticulando as aspas com suas mãos, novamente seu corpo diz muito mais sobre ele do que sua voz.

Podemos observar ainda como os olhares são uma constante nesta SD. As embreagens Assim, o restante do corpo de Apolón fala já que sua boca é silenciada pelo Homem do Subsolo. **olhares severos, examinar-me, olhar-me desse modo, para que veio olhar, as sobrancelhas erguidas e me castigar com seus olhares estúpidos** são de uma incidência persistente que nos fazem entender um modo de dizer que o Homem do Subsolo não suporta em Apolón que, por meio dos olhares consegue dizer aquilo que a voz cala pelo fato do Homem do Subsolo o amordaça o falar.

Com já dissemos alhures, existem inumeráveis possibilidades sendo ofertadas no processo de formação discursiva e entendemos que o niilismo é uma delas. Assim sendo, vemos insurgirem-se do Homem do Subsolo características que questionam uma leva de ideias e ideais humanos de modo pujante que extrapola a simples busca pelo nada. Assim sendo enveredamos agora pelas vertentes niilistas que vemos no Homem do Subsolo e que já discutimos no Capítulo 2.

O Homem do Subsolo apresenta um caractere que o enquadra dentro da premissa positiva e construtiva do niilismo quando se põe enquanto defensor da emancipação do ser humano por meio da desvinculação dogmática de todas as coisas. Ele busca uma vontade no homem que seja dele mesmo: [SD24> Como foi que imaginaram que ele, obrigatoriamente, precisa de uma vontade sensata, vantajosa? O homem precisa unicamente de uma vontade *independente*, custe o que custar essa independência e leve onde levar. Bem, o diabo sabe o que é esta vontade]. Mais importante que as consequências desta vontade independente é a

independência em si. Contanto, que a vontade própria seja adquirida pela razão e pela observação, o Homem do Subsolo está satisfeito.

Ao invés do nada propriamente dito, o Homem do Subsolo busca a impossibilidade de se chegar ao nada mais autêntico que desestabiliza qualquer dogma. As palavras permitem enquanto embreantes, a propagação do sujeito de enunciação pelo discurso. Desse modo o Homem do Subsolo atinge o mundo físico em que seu *ethos* de Homem do Subsolo se mostra quando as palavras proferidas se direcionam à construção que remete ao lugar, ao espaço e ao tempo.

Estas categorias constituintes da paratopia permitem a formação discursiva da criação literária que se materializa por meio das memórias que o Homem do Subsolo está escrevendo ao mesmo tempo em que nos diz que toda a criação literária se inspira nas categorias que estão no mundo real. É assim que ele se insere enquanto um EU em um lugar de enunciação que é afetado por um tempo. Assim ele traz para sua enunciação uma vontade que acredita que alguns tem no mundo físico, no mundo real: [SD24> Uma vontade que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isto constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido a qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos! E onde concluíram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade normal, virtuosa?] O Homem do Subsolo traz para seu discurso uma sequela da consciência que enxerga no homem real, do mundo físico, do niilista que busca a “ciência sem dogmas” que busca de modo incessante descortinar o que está por trás das ilusões de ótica que cercam o humano.

A inspiração do Homem do Subsolo o leva a tentar representar enunciativamente uma ânsia que reside ou que deva residir nos seres conscientes do mundo físico que são interlocutores em potencial. Ele traz para o discurso fragmentos da consciência que pretende ver repercutidas ou melhor propagadas no mundo real. O Homem do Subsolo não é real no mundo físico, pois ele é do mundo da enunciação, mas é um estrangeiro com voz no mundo palpável, o corpo estranho de que falamos alhures que habita o mundo por meio de suas enunciações.

O discurso que se propaga em texto literário é, conforme já vimos em Maingueneau (1996b), crivado de lacunas e deste modo seu interlocutor deve preencher os espaços no intuito de sentir seus efeitos de sentido. Para tanto, o léxico provoca o que Maingueneau (1996b) chama de expansão-filtragem, que devido ao fato de que uma palavra não suportar sua carga semântica completamente passa a se re-significar no intuito de expandir o sentido

repercutindo seu efeito no interlocutor. Desse modo, o enunciador, sujeito de enunciação e seu interlocutor servem como duas pilastras que sustentarão o elo entre o mundo de enunciação e o mundo real no qual ocorrem trocas significativas oriundas dos deslocamentos entre os embreantes em seu percurso “real-enunciativo” que constituem o tópico: [SD10> Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores, e cada vez acrescentará por sua conta outros pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação] podemos identificar por meio de alguns embreantes que o Homem do Subsolo fala de si próprio ao relacionarmos os embreantes com os presentes em outras SDs que juntamente constituem a tessitura discursiva, como por exemplo: [SD2> Já faz muito tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho quarenta, agora...], [SD28> Temia, também, a ponto de adoecer, tornar-me ridículo], [SD50> Mas chega; não quero mais escrever “do subsolo”] e [SD25> O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo!...Não, não, em todo o caso, o subsolo é mais vantajoso!]. Assim sendo, ao apresentar os embreantes, o Homem do Subsolo traz com eles um conjunto de significações abertas à interpretação que a interação dele com seu interlocutor fará com que ele não precise afirmar ser ele próprio o camundongo de que fala. O tópico é o Homem do Subsolo.

O Homem do Subsolo pratica diversas vezes aquilo que Maingueneau (1996b) chama de lei da informatividade quando abre parênteses para dizer algo que aparentemente não é necessário ser dito para que o tópico de que ele está tratando progrida e seja compreendido: [SD19>... a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que...], [SD21> O ruim (ainda sou eu que o digo) é que...] e [SD40>...carrasco!- gritei, trêmulo de raiva. - eu mesmo vou dizer a você] Este é um modo de testar se na visão do interlocutor ele se tornará alguém respeitável que por sê-lo pode transgredir uma lei do discurso com “devaneios”, pois, se tornar-se alguém consagrado seus leitores buscarão um sentido a fim de contextualizar suas evasivas enunciativas na conjuntura do que estiver sendo discutido.

É uma espécie de testagem daquilo que se está construindo pelo discurso, uma “conversação”. Com esta estratégia, o Homem do Subsolo nos mostra sua subjetividade, aquilo que não quer que seus interlocutores no mundo de enunciação percebam. Para nós, isto passa a ser visto como algo coerente com a imagem que ele quer passar de si.

Ao falar de si mesmo o Homem do Subsolo, como já dissemos transgride uma lei do discurso, do mesmo modo que o ser galante não deve falar de si mas dos outros. Entretanto, falar de si é, como nos diz Maingueneau (1996b), a forma “particular e estranha” com a qual o escritor tenta falar com os outros é algo inerente que todos os seres de enunciação reivindicam a si mesmos. O Homem do Subsolo ao falar do camundongo, fala de si mesmo: [SD11>Ele próprio se envergonhará, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter acontecido, e nada perdoará.] Com esse falar de si como se o tópico fosse um outro que não um EU, o Homem do Subsolo nos apresenta o próprio tópico discursivo de que está tratando.

Ao mesmo tempo em que o Homem do Subsolo se utiliza do gênero por meio do qual nos escreve, é também usado por esse gênero. O livro usa o enunciador para existir do mesmo modo que o enunciador usa o livro para nos escrever. Desse modo é que o Homem do Subsolo pretende falar de si enquanto se autoenuncia. Ele é o tópico descrito e a instância que se autodescreve. Vive uma metamorfose paratópica e se coloca em todos os lugares que pode, é narrador e é personagem, é tópico agindo por vezes como EU, como TU e como ele no discurso. Neste caos, conforme dissemos alhures, em que o discurso se ordena percebemos o lugar de enunciação e seus participantes.

O subsolo do Homem do Subsolo é sua clausura. Neste lugar, ele enquanto narrador e/ou enunciador/sujeito de enunciação age como um escritor das memórias que está compartilhando com seus interlocutores. Seu mundo de enunciação é legitimado pelo que a obra que ele nos escreve. Seu mundo real é para nós um mundo fictício do qual existem vestígios do nosso mundo e por identificarmos nele as marcas do mundo físico do qual fazemos parte é que ele nos atrai. O mundo da clausura do Homem do Subsolo imita o nosso por meio da verossimilhança. Assim sendo, a obra que o Homem do Subsolo nos escreve, devemos acreditar que seja um universo todo particular que quer nos representar. Se nós não acreditarmos nisso que ele quer nos passar, não será possível que de seu mundo nos diga algo.

Por conta disso, nos torna, identificados com as marcas de nosso mundo que ele traz por meio dos embreantes que ligam o mundo de enunciação e o mundo real que o Homem do Subsolo muitas vezes quer nos fazer crer que seja uma mentira que precisa ser desvendada por nós e para isso terce seu discurso no intuito de nos convencer sobre o que ele nos diz sobre nós mesmos. [SD48> Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desarmai a qualquer um de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante pediremos para que se estenda novamente sobre nós a tutela.] Lançando sobre nós suas verdades, sua consciência, o Homem do Subsolo quer nos

dizer que nosso mundo é repleto de amarras e nós estamos presos a elas. Nosso mundo está sendo representado no mundo do Homem do Subsolo.

Os embreantes transmitem para o mundo e voltam com algo do mundo para a obra:[SD48> Sei que talvez ficareis zangados comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: “fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer 'todos nós'"]. Ele nos disse e agora antecipa nossa réplica. Com isso ele crer que pode ter ofendido seus coenunciadores e estes podem não querer mais ouvi-lo.

O mundo literário está enclausurado, protegido do nosso, por isso lá existe toda essa consciência que falta em nosso mundo real e que lá sobrevive. Ele nutrindo-se das possibilidades enunciativas que o discurso literário proporciona recria um universo particular para a obra que nos escreve. O universo daquilo que o Homem do Subsolo nos diz é uma junção de enunciação e realidade. Quando ele nos diz por meio de sua enunciação que somos presos, deve trazer para nós essa consciência por meio de sua própria prisão, ou seja, em sua clausura, abrigado no discurso literário o sujeito de enunciação nos lança embreantes que levam consigo enunciados que por meio dos quais descrevem aquilo que nós somos para ele.

3.4 O cronotopo do sujeito de enunciação niilista Homem do Subsolo

Quando falamos em sujeito de enunciação niilista estamos dizendo que este sujeito tem uma enunciação que é também niilista do mesmo modo que a febre é um sintoma de gripe e também de resfriado. As embreagens levam tanto a um sentido quanto a outro. Tentamos aqui identificar os lugares que o Homem do Subsolo habita para enunciar e como o tempo da enunciação afeta este espaço ao atravessá-lo. De fato, o que nós podemos ver se deslocando no universo discursivo é um vislumbre, uma impressão de tempo no espaço de enunciação que entendemos instaurar o niilismo.

O Homem do Subsolo não nos dá o tópico discursivo de que trata, apenas nos permite vislumbrar o que fala a respeito deste tópico que é um lugar em si mesmo e no entorno do qual este sujeito de enunciação transita sem nele se instaurar plenamente. É como se houvesse um choque do qual nós só sentimos o efeito. As memórias do Homem do Subsolo são uma unidade ideológica é resultante de um feixe de fios condutores que podem levar a outros feixes.

O mais seguro é seguirmos a correnteza que o Homem do Subsolo nos indica e para isso andamos sobre as SDs. Assim, vemos uma movimentação dentro do discurso que este sujeito de enunciação nos apresenta: [SD8> Mas vejamos agora este camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que ele esteja ofendido (quase sempre está) e queira vingar-se]. É como se o Homem do Subsolo estivesse nos convidando a contemplar junto com ele uma personagem que depois constataremos ser ele próprio vivenciado por um outro ente. Percebemos o deslocamento deste ser caracterizado pelo embreante “**camundongo**” numa cenografia que o Homem do Subsolo molda aos nossos olhos.

Os embreantes **vejamos, agora, camundongo e ação** nos permitem vislumbrar o auditório contemplador, o tempo, o tópico e o movimento que acionam a cenografia em que somos colocados como espectadores e o agente **camundongo** que se movimenta pelos trilhos do sujeito de enunciação. [SD9> O infeliz camundongo já conseguiu acumular, em torno de si, além da torpeza inicial, uma infinidade de outras torpezas, na forma de interrogações e dúvidas; acrescentou à primeira interrogação tantas outras não resolvidas que, forçosamente, se acumula ao redor dele certo líquido repugnante e fatídico, certa lama fétida, que consiste nas suas dúvidas, inquietações e, finalmente, nos escarros – que caem em profusão – dos homens de ação agrupados solenemente ao redor, na pessoa de juízes e ditadores, e que riem dele a mais não poder, com toda a capacidade das suas goelas sadias]. As torpezas levadas

pelo tempo infringiram ao camundongo um acúmulo de questionamentos que o levaram a um estado de asco em virtude de sua hipertrofia de consciência.

Este camundongo é mostrado pelo Homem do Subsolo como motivo de gozação dos que são máximos, dos que são sadios. Nisto, o camundongo forja uma indiferença e se movimenta numa atitude que o inferioriza ainda mais. Se no ponto em que estava era possível contatar com os que são “vivos” que habitam o espaço limpo da superfície o lugar para onde o camundongo se direciona o distanciará cada vez mais do espaço das realidades pintadas e bem aparentadas. Seu cronotopo adentra rumo a uma introspecção que fede, por não contar com o recurso do perfume. Onde ele passa a se alojar caem os excrementos daqueles que dele riem.

Como nos diz Bakhtin (2014), a hostilidade faz parte da essência da constituição do discurso e é por meio dela que o camundongo se desloca no jogo enunciativo que o Homem do Subsolo molda para ele. Depois de ser vítima da hostilidade dos que representam o homem normal: [SD10> Naturalmente, resta-lhe sacudir a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para sua fendazinha. Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno.] A ideia que o Homem do Subsolo tenta nos passar é a de que devemos sentir pena do camundongo que está se movimentando no espaço que ele cria.

A cenografia nos é representada pelas embreagens **fendazinha** e **subsolo**, pois é lá naquele lugar que ele habita. Neste ponto, o Homem do Subsolo em si é visto como uma entidade sempiterna presente na cenografia em que encena e na narrativa que constrói por meio de sua enunciação. Depois de sofrer as ações do tempo que lhe permeia, o camundongo, que por não falar é também lugar onde repercutem suas amarguras, mente sem conseguir com sua mentira enganar a si mesmo, o que vemos nas embreagens **fictício desprezo** e **ele mesmo não acredita**.

Só temos como saber que o camundongo não acredita nos seus atos de indiferença para com as zombarias que sofre porque seu *alter ego* Homem do Subsolo as confessa por meio dessa embreagens e de outras mais que ele traz para arrematar sua defesa: [SD10> Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores, e cada vez mais acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com sua própria imaginação.] O tempo deixou suas marcas de rancor no camundongo.

O Homem do Subsolo olha para ele como se o contemplasse olhando para trás. Quando “cronotopicamente” se encontra em seu tempo de enunciação no mesmo lugar, o

subsolo que o outrora camundongo e hoje Homem do Subsolo se acha enunciando e sentindo o mesmo rancor amplificado, é possível perceber que a entidade que nos diz por meio da enunciação se metamorfoseia diversas vezes para enunciar.

Segundo Bakhtin (2014), o caráter impregnado de mentiras da língua nos mostra a desfaçatez do Homem do Subsolo ao falar de si por meio de um outro que ele criou com sua enunciação no nível discursivo literário. Percebemos o Homem do Subsolo atravessando duas instâncias espaciais e temporais: a enunciativa e a subjetiva. Na primeira ele se coloca como narrador que nos apresenta a cenografia e o ser que nela nos encena o que ele narra em um tempo presente. Os fatos ocorridos com o camundongo se deram no passado, pois o Homem do Subsolo é esse próprio camundongo nos dizendo no presente. Embora haja um tumulto quanto ao tempo de enunciação propriamente dito a embreagem [SD10> Há de lembrar, quarenta anos seguidos...] contrastada com [SD2> Tenho quarenta, agora...] nos auxiliam na identificação do ser que fala e do tópico de que se fala como sendo um só manifesto em seu outro.

[SD11> Ele próprio se envergonhará dessa imaginação, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter acontecido, e nada perdoará.] Ao dizer que se envergonhará no futuro o Homem do Subsolo admite que se envergonha no presente pois este futuro é o presente do tempo da enunciação em que enuncia par nós. Comparando a SD11 com [SD33> Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje], [SD34> mantivera a dignidade, não cedera nem um passo, e, publicamente, me colocava ao nível dele, do ponto de vista social] e [SD35> Voltei para casa vingado de tudo. Meu estado era de arrebatamento.] percebemos a falsidade presente nestas SDs sendo revelada naquela, o que se dá por meio das embreagens **se envergonhará dessa imaginação e inventar sobre si fatos inverossímeis**.

As palavras são vinculadas pelo Homem do Subsolo ao que Bakhtin (2014) chama de ideias efetivamente humanas. No contexto em que as SDs estão inseridas na tessitura do discurso que o Homem do Subsolo nos apresenta elas aparentam uma verdade que sai de nossa frente por meio de evasivas traiçoeiras que a inter-relação entre as próprias SDs nos permite combater. A cada choque enunciativo que provocamos os sentidos emanados do discurso do Homem do subsolo se ressignificam, pois ele as usa a seu bel prazer nos fazendo enganar quanto ao seu caráter, quanto ao seu *ethos* mostrado. Pois se as coisas não se deram de verdade isto não impede que pudessem ocorrer.

Devemos ter em mente que o que se dá no nível discursivo literário é apenas a encenação daquilo que não é real, mas que é passível de acontecer. Assim sendo, o uso que se faz de uma palavra está envolto em uma dissimulação que tenta representar o real. O tempo e o espaço em que a enunciação se instaura no discurso são a possibilidade de que a realidade efetiva seja vista na abstração representativa do discurso literário. Por meio do tempo e do espaço o Homem do Subsolo mostra-se niilista para seu interlocutor. Portanto, o tempo e o espaço são indissolúveis e aquele age sobre este de modo que os propósitos do espaço são atingidos pelas ações do tempo.

O espaço é medido pelo tempo. Dessa forma, se temos um sujeito de enunciação agindo no espaço sua imagem receberá as marcas deste tempo e reconfigurará seu *ethos* que estará emaranhado no tempo e no espaço, ou seja, no cronotopo que o caracteriza. Ainda seguindo pelos meandros do camundongo: [SD11> Possivelmente, começará a vingar-se, mas de certo modo interrompido, com miuçalhas, por trás do fogão, incógnito, não acreditando no direito nem no êxito da vingança e sabendo de antemão que todas estas tentativas de vindita vão fazê-lo sofrer cem vezes mais que ao objeto da sua vingança, pois este talvez não precise sequer coçar-se. No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com os juro acumulados em todo esse tempo e...]. A embreagem **possivelmente** nos dá a ideia de que aquilo que o Homem do Subsolo enuncia é uma conjectura do que possa ocorrer no futuro.

No presente de sua enunciação, ele já sente alguns destes sentimentos. O oficial, com quem ele diz ter tido um atrito na SD>33 age com indiferença até mesmo no momento do embate que o Homem do Subsolo acredita ter ocorrido entre os dois. Do mesmo modo na SD40, Apólon, seu criado, não se submete à sua tentativa de humilhá-lo. O que nos diz que suas tentativas de vingança foram frustradas e somente existiram ainda que por **miuçalhas**, por fragmentos, em sua introspecção que beira à esquizofrenia, à mania de perseguição. Com suas enunciações estamos diante daquilo que poderia ter sido real, mas que não saiu de sua mente fervilhante. Vemos o espaço se construir por meio do lugar onde se encontra o camundongo remoendo suas tentativas fracassadas de vingança.

Como prenúncio de que o tempo agirá sobre este ser, o tópico, o lugar onde recaem os rancores temos as embreagens **No seu leito de morte** que se avista no presente tanto do tópico, quanto do sujeito de enunciação, já que este está vivo assistindo à encenação daquilo que seria sua própria vida remoendo suas magoas juntamente com o camundongo que o personifica naquele momento de enunciação. Quando o Homem do Subsolo faz emergirem as embreagens como **lembrar tudo, juro acumulados e em todo esse tempo**, entendemos que a lembrança dele representa a impossibilidade de estar de realmente no tempo que tenta

retratar com o camundongo, sua saída é fazê-lo representar este tempo já transcorrido por meio de fotografias narradas na cena de enunciação. Os juro acumulados são uma ação do tempo, pois é por meio dele que se acumula tudo, inclusive mágoas. O primeiro elemento da terceira cadeia embreante **em** já nos faz entender a cadeia do cronotopo, pois remete a um lugar no tempo, inclusive é complementada por **todo esse tempo**.

O Homem do Subsolo adentrando no tempo e no espaço que dera ao camundongo que lhe interpretava sem voz, mas com gestos e ações, passa a mostrar seus questionamentos quanto à realidade de seu tempo. Ele, com o tom de apatia de seu discurso, retira-se do camundongo e lança sobre a própria humanidade as pequenices que antes eram dele e agora são de todos. [SD12>Mas é exatamente neste frígido e repugnante semidesespero, nesta semicrença, neste consciente enterrar-se vivo, por aflição, no subsolo, por quarenta anos; nesta situação intransponível criada com esforço e, apesar de tudo, um tanto duvidosa, em toda esta peçonha dos desejos insatisfeitos que penetram no interior do ser; em toda esta febre das vacilações, das decisões tomadas para sempre e dos arrependimentos que tornam a surgir um instante depois, em tudo isto é que consiste o sumo daquele estranho prazer de que falei.] O prazer pelo cômodo, pelo inalterável, a dissimulação por não ter sido outro, por não ter sido aquele vencedor das batalhas que nos foram postas e depois desfeitas é a representação do prazer que o Homem do Subsolo tem por estranho.

Ele nos diz por meio do cronotopo que no subsolo, o lugar de sua agonia e de sua **aflição** está na verdade, não consciente, mas em **semidesespero** em **semicrença**. Ele está enterrado vivo no subsolo, e este representa sua introspecção intransponível aos outros e que ele próprio teme descortinar para si. A morbidez do Homem do Subsolo que marca seu tempo nas **vacilações tomadas para sempre**, que marcam o tempo enquanto eterno e presente em tudo e em todos pelo seu caráter **sempiterno**.

A morbidez deve ser desmoronada dos caracteres que constituem o ser humano, na visão do Homem do Subsolo, mas ele diz que este é um pensamento nosso: [SD19>Estais convictos de que, então o Homem deixará por si mesmo de enganar-se deliberadamente e, por assim dizer, a seu pesar não há de querer separar a sua vontade dos seus interesses normais.]. Desse modo, o Homem do Subsolo vê uma possibilidade de desconstruir aquilo que possa ser um hábito mundano. É como se fosse dado um corpo, uma imagem, um *ethos* ao mundo como um todo, pois ao perspectivar sobre a natureza humana pode-se vislumbrar um estado de coisas diferente, um espaço-tempo que terá dado uma nova conjuntura ao ser que habitará o mundo, um ser consciente e que não mais se enganará quanto à realidade que o cerca.

Entretanto, para o Homem do Subsolo a nova roupagem do mundo acabará por adestrá-lo a novas regras: [SD19> Mais ainda: então dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza, de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com a natureza.] O discurso do Homem do Subsolo envereda para uma crítica contundente, que para ele seus enunciadores defendem, que não adianta pensar que a ciência irá “ensinar ao homem” no tempo futuro, pois, o mais provável é que por meio dela ele constate que não tem escolhas, pois a natureza torna o sujeito assujeitado, prezo às amarras sociais fazendo com que ele apenas se conscientize de que não pode se desvencilhar daquilo que está predestinado a executar.

É como se uma ideologia agisse no mundo em que os sujeitos são apenas **tecla de piano** ou **pedal de órgão** e a ideologia sim é a mão que executa o toque e o responsável pelo pedalar que proporciona o dizer. A natureza para aqueles a quem o Homem do Subsolo antecipa a fala, não pode ser modificada ao bel prazer do homem porque é ela quem o governa numa mecânica que não lhe cabe questionar, mas unicamente executar. Neste cenário o cronotopo não modifica o espaço das ações humanas nem o tempo em que elas transcorrem. Tudo está sendo governado pelo ponto natural em meio ao qual tudo está subordinado.

Com estas evasivas que diz terem saído da boca de outros e não da sua, o Homem do Subsolo torna a sincronia de palavras do outro em um todo grotesco emaranhado argumentativo com o qual é impossível concordar. Após nos “mostrar” o ponto de vista aberto pelo “outro”, o Homem do Subsolo passa a nos dizer o que para ele será de fato feito: [SD20> Consequentemente, basta descobrir essas leis e o homem não responderá mais pelas suas ações, e sua vida se tornará extremamente fácil.] O novo pensamento modelado pelas leis da natureza explicado pela ciência leva a um estado de mesmice que deverá dominar a humanidade e esta monotonia tornará tudo estável.

O Homem do Subsolo não faz profecias, mas baseado na história da humanidade e no estado de coisas em que está inserido. Consegue fazer conjecturas bem sucedidas que nos mostram muito do nosso tempo: [SD20> Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos, até 108.000, e registrados num calendário; ou melhor ainda, aparecerão algumas edições bem-intencionadas, parecidas com os atuais dicionários enciclopédicos, nas quais tudo estará calculado e especificado com tamanha exatidão que, no mundo não existirão mais ações nem

aventuras.] Para o Homem do Subsolo, a exatidão tornará a vida completamente previsível, tornando o ser humano refém das leis e só agindo com base nelas.

O teto da racionalidade é 108.000 e a humanidade não deve superar este número. É como se este número, como o *pi* servisse de base para alguma medida. Não somos mais lançados para frente por meio do protótipo artesanal, já se vislumbra uma racionalidade tecnicista que o Homem do Subsolo vê com desconfiança. O que se reflete na linguagem dele é uma amplificação do tempo no espaço que ele vê alterando a realidade que se aproxima. O conhecimento neste tempo futuro será selecionado tirando do humano a possibilidade de construir seu discurso, pois este já estará **pre-fabricado**, não haverá a necessidade de escolher pois as **enciclopédias já nos dirão “tudo”**, mas de fato somente saberão os feitores das enciclopédias, pois eles é quem selecionarão aquilo a que nós teremos acesso.

A ação do tempo, lançado para o futuro no espaço que o humano habita, é a influência do cronotopo. A exatidão tirará do humano o desejo de ser nômade, de desbravar o desconhecido. Ele deve se fixar em um espaço e sentir-se identificado com ele desse efeito “cronotópico” nasce todo o saudosismo e sedentarismo mantenedor da sociedade e de seus dogmas que seguirão sendo impostos até que o niilismo o questione, ataque e desmorone, mas esta é uma utopia que não é plenamente atingida nem pelo Homem do Subsolo que segue remexendo a “cronotopia” que nos apresenta e nos mostra o que já fez e o que fizeram com o tempo e com o espaço por meio da enunciação que vemos invadir e ser invadida pelo cronotopo. O que ele nos diz que aparecerá, de fato já está posto a sua frente e na nossa, desde que ponto não sabemos, mas a humanidade sempre se viu envolvida no cronotopo, pois sempre agiu no espaço e viu nas marcas que o tempo deixou a possibilidade de marcá-lo já que é impossível dominá-lo como faz com o espaço físico e com o lugar de enunciação por meio do qual age enunciativamente.

Para o Homem do Subsolo, a mesmice é responsável por uma grande carga de violência e barbárie que assola a humanidade, pois foi por monotonia também que os tiranos massacraram seus inferiores: [SD21>É verdade, porém: o que não se há de inventar por fastio! Realmente, os alfinetes de ouro são enfiados em seios também por fastio, mas tudo isso não teria importância.]. É necessário canalizar a raiva em algo, e é mais prazeroso se o canalizador, a válvula de escape seja uma pessoa, um gladiador, um lutador de boxe, um vilão de romance e o seu mocinho, os judeus, os bárbaros na visão de Roma, os negros da África, todos estes exemplos servirão de entretenimento para aplacar o fastio da humanidade do mesmo modo que para Cleópatra suas escravas serviam de deleite com seus gemidos para que ela sentisse algo que lhe tirasse o fastio.

O pior de tudo na visão do Homem do Subsolo, é a possibilidade dos que sentem a dor imposta pelos fastidiosos membros das castas superiores sentirem também prazer com os “**alfinetes de ouro**”, como uma Chica da Silva com seus semelhantes escravos. Assim a ideologia imposta é abrigada pelos que creem que a natureza molda o homem e suas condutas na terra e ele não pode modelar a sempiterna natureza, apenas deve seguir suas leis “naturais”. As invenções futuras virão da necessidade despertada pelo fastio humano. Elas intervirão no espaço social onde as relações humanas ocorrem e com o tempo provavelmente passarão à categoria de normas ou de condutas sociais legítimas ou, se não ao menos continuarão a serem praticadas como uma prostituição que se mantém no tempo em um sub-espaço desvalorizado e habitado por parasitas sociais visitados pelos membros da “corte”, da hipocrisia.

Assim, o cronotopo se faz presente em uma imbricada e indissociável relação entre sujeitos, tempo e espaço, aquele “Eu, aqui e agora” que já foi um “Ego, hic et nunc remodelado na linguagem pelo próprio tempo de sua enunciação [SD21> O ruim (ainda sou eu que o digo) é que as pessoas então talvez se sintam felizes com alfinetes de ouro. Pois o homem é estúpido, de uma estupidez fenomenal. Ou melhor, embora ele não seja de todo néscio, não há nada no mundo que seja tão ingrato.] Assim sendo, a possibilidade de que as vítimas dos carrascos e dos sentirem prazer no próprio sofrimento, sendo masoquistas em virtude de seus traumas se deve ao caráter que a embreagem **estúpido** traz à superfície.

O Homem do Subsolo desconstrói uma ideia que é um dos guias da humanidade e que de grande, de máximo passa a mínimo e vice versa. Com isso, ele falseia palavras livremente no intuito de elencar à sua argumentação a concordância de seu interlocutor que não discordará completamente de seu ponto de vista por mais que queira. O amor é o objeto de desconstrução do Homem do Subsolo.

Este sentimento humano pode ser paranoicamente deturpado e descambar para outras palavras, como obsessão, mas para o Homem do Subsolo é o amor, pois ele assim o concebe: [SD41> Mesmo em meus devaneios subterrâneos, não pude conceber o amor senão como uma luta: começava sempre pelo ódio e terminava pela subjugação moral; depois não podia sequer imaginar o que fazer com o objeto subjugado. E o que há de inverossímil nisso, se eu já conseguira apodrecer moralmente a ponto de desacostumar da “vida viva”, e haver tido a ideia de censurar Liza, de envergonhá-la com o fato de ter vindo a minha casa para ouvir “palavras piedosas”; mas eu mesmo não adivinharia que ela viera absolutamente para ouvir “palavras piedosas”; mas eu mesmo não adivinhara que ela não viera absolutamente para ouvir palavra de piedade, mas para me amar, pois para a mulher é no amor que consiste toda a

ressurreição; toda a salvação de qualquer desgraça e toda a regeneração não podem ser reveladas de outro modo] É na **vida viva** e somente nela, despretensiosa, que existe espaço para o amor, como o Homem do Subsolo a inveja, mas não a quer para si, este sentimento não é para ele, mas para os outros que ele prefere ter longe de si. O Homem do Subsolo ao tratar de seus subterrâneos se tem como um lugar onde o sentimento **amor** foi conceituado em um passado que ele tem encoberto por si mesmo.

O cronotopo é interessantemente apresentado por meio do tempo verbal da conjugação de **adivinhar** que aparece como **adivinharia** e como **adivinhara**. Essas emblemas transmitem duas significações distintas, a primeira de suposição e a segunda de certeza, entretanto ambas estão no passado, uma mais próxima do Homem do Subsolo que nos diz e a outra do Homem do Subsolo que vivenciou o momento de enunciação que nos mostra. Ambos não podem mais serem alterados. Assim é o cronotopo, não pode ser revisitado, apenas rerepresentado.

Há dois momentos de remorso do Homem do Subsolo, aquele que ele sentiu quando Liza foi visitá-lo sem segundas intenções, mas para **amá-lo** e um outro remorso, em que já tendo-a perdido, ele se conscientiza de que esteve errado quanto ao *ethos* que construiu dela para tratá-la com torpeza e estupidez. A ideia de amor do Homem do Subsolo toma corpo ao ser lançada no espaço e no tempo de enunciação e este corpo deturpa a palavra “amor” e seus sentidos que são reconfigurados para rumarem no percurso que o sujeito de enunciação pretende que seja seguido. Desse modo, é que, conforme dissemos alhures, “a palavra 'amor' é deturpada pelo que ama e diz amar”. O tempo passado entre o acontecimento narrado pelo Homem do Subsolo e o tempo em que ele aparenta estar é responsável pelo amadurecimento ou pelo apodrecimento da ideologia que ele tenta incutir na palavra, na emblema que significa “amar”. É o tempo que remodela o espaço e o sujeito que nele habita. O seu micromundo do Homem do Subsolo é provido de tempo e de espaço. Por isso ele existe, já que o EU precisa estar no lugar e estar no tempo que ele não consegue controlar para poder enunciar.

O tempo da enunciação não finda e o sujeito de enunciação tenta vencê-lo até que desiste do mesmo modo que Bakhtin (2014) vê o trabalho lutar e perder para o tempo. O dia encerra porque o espaço está em movimento e o tempo repercute nele do mesmo modo que o dia não consegue impedir que a noite caia sobre tudo. Nessa luta o tempo nasce e se prolifera sobre o espaço. O Homem do Subsolo, em sua ânsia por dizer no tempo que lhe resta, se cansa de tentar lutar contra quem não pode, mostra-se cansado de vegetar no subsolo e, por fim, explode: [SD50> Mas chega; não quero, mais escrever “do subsolo”... Aliás, ainda não

terminaram aqui as “memórias” deste paradoxalista”. Ele não se conteve e as continuou, mas parece-nos que se pode fazer um ponto final aqui mesmo.]. O cansaço se instaura sobre ele e o fastio o faz levantar-se e parar de enunciar para nós. No entanto, é impossível marcar um ponto final em um discurso, ele anseia ininterruptamente por lançar sentidos sobre os outros.

Não existem delimitações tênues que instaurem o término, por isso continuamos a dizer mesmo depois que o sujeito de enunciação que nos fala e que investíamos resolve por si parar de continuar a nos dizer. Ele não quer mais nos dizer nada, cansou de nós, parece que não somos mais dignos de assistir os seus rompantes. Porém, ele deixa aberta a possibilidade de continuar a rememorar fatos de sua vida por meio das embreagens **ele não se conteve e as continuou** só que não mais para seus interlocutores, as guardou para si e deixou neles a sensação de incompletude que o niilismo tende a impingir como marca.

A continuidade é uma marca do tempo, a enunciação foi “fechada”, barrada, mas continua a correr e sairá por outras comportas em outros homens do subsolo que esperamos virem à tona saindo de seu estado parasitário e emergem enquanto sujeitos de enunciação talvez com mais intensidade e mais explicitude do que este Homem do Subsolo, um ser embrionário do niilismo. Talvez este outro seja apresentador de Zaratustra que não será escutado do subsolo, mas do alto da montanha da consciência. O Homem do Subsolo nos deixa sempre alerta quanto à possibilidade do ser humano se reinventar niilisticamente. De ir e vir e alterar tudo, do equilíbrio dos dogmas à revolução das ideias que destituem seus doutrinários seguidores.

O fato é que o tempo não cessará de nos fazer sujeitos de enunciação nos espaços, nem de nos afastar do dito espaço para que nos conscientizemos da nossa poderosa razão tantas vezes mal aproveitada. Se houve a hipótese de existência do sujeito de enunciação descortinador, no mito da caverna, é sinal de que o existencialismo, este niilismo permeia a enunciação humana e sobre-humana desde sempre. No seu aparente tempo presente o Homem do Subsolo produziu para um porvir, repercutiu nos outros ideologias de outros que ele atualizou e pendeu tortamente para o futuro que a ele não pertence. Tudo o que é humano é mediado pelo tempo e espera a transcendência, a superação, a erupção da mesmice, e desse modo media-se a vida terrestre pelo tempo que as coisas e os seres duram até que o efeito irreparável, irremediável, inevitável do tempo haja sobre tudo e sobre todos, que ele torne as pessoas cansadas ainda que vivas.

3.5 As duas topias do Homem do Subsolo

Neste tópico, analisamos como o Homem do Subsolo se desloca entre lugares e tempos distintos em sua enunciação. Com isso, procuramos perceber como as noções de heterotopia e paratopia são verificáveis no discurso que o Homem do Subsolo habita enquanto escreve sobre si para seus interlocutores.

3.5.1 A heterotopia do Homem do Subsolo

Quando o Homem do Subsolo fala com seu interlocutor é como se ele, por meio desse ato, pudesse sair, se deslocar por outros lugares além daquele em que se encontra. Ao falar, ele se propaga no outro que passa a levar algo do que ele diz para os outros que o Homem do Subsolo não pode alcançar. Todas as suas incertezas passam a seguir andarilhas por outros lugares além do seu subsolo. O Homem do Subsolo tem consciência de que existem diversos lugares além dos que ele conhece, além dos que ele visita. Temos acesso a alguns dos cenários que ele nos apresentou por meio de sua grafia.

Estas cenografias nos fizeram adentrar em lugares como a repartição pública em que ele trabalhava, na casa em que ele e Apolón, no prostíbulo onde ele Liza, mas também pudemos vê-lo metamorfoseado em camundongo. Além disso, o Homem do Subsolo nos fez andar por épocas distantes da sua, ao falar de Cleópatra, nos fez sair momentaneamente de seu discurso literário e adentrar no *capote*, vislumbramos e ampliamos o *homme de la verité* de Housseau, enfim, foram diversas as “topias” que pudemos notar na enunciação do Homem do Subsolo, de algumas foram mostradas apenas uma ponta, como quando nos mencionou Átila e Stienka, mas as embreagens caminham sempre rumo ao que o enunciador pretende topicalizar.

Podemos verificar a heterogeneidade da topia que o Homem do Subsolo apresenta no decorrer de suas memórias. Sua heterotopia pode ser observada até no tempo, já que ele no lança para frente e para trás sem nos tirar de sua frente, de seu presente, mesmo se marcando no século XIX, nos mostra o passado, e predica com base no que já houve e no que há aquilo que poderá ser no transitar da humanidade. Desse modo ele age “atemporalmente”, posicionando nos três tempos ocupando espaços diversos em seu ato de enunciar.

Porém, o que o Homem do Subsolo diz ser a época dele e nossa, para nós, temporalmente já não é ou a dele ou a nossa. Ele se apresenta como: [SD4>Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura

eminentemente sem caráter], [SD30> Todo homem decente de nossa época é e deve ser covarde e escravo]. De fato, o Homem do Subsolo real e fisicamente não poderia ser um homem **de nossa época** que por meio desta embreagem manifesta, mas o restante da premissa que ele defende é atemporal. Nós podemos saber quais são as atribuições sociais do século XIX, pela enunciação que o Homem do Subsolo nos repassa no tempo e que perpassam o espaço dele e o eternizam. Como ele nos diz: [SD11>No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com os juros acumulados em todo esse tempo e...], suas memórias vem de todas as suas etapas de vida, estão impregnadas de todos os lugares que ele ocupou e o Homem do Subsolo precisa vencer a morte pela sua escrita. Ele quer que suas memórias levem para diante sua imagem, seu pensamento, sua vida.

Ele deseja que suas lembranças sejam vistas por nós, ao se aproximar de seu fim físico, ao ir de encontro com a morte suas lembranças se tornam cada vez mais pesadas, como um auseimer, que prefere remoer o já vivido, regatar o passado enquanto esquece de viver o presente que ainda lhe resta, esquecendo-se do que fez ontem e rememorando, a fim de resguardar, aquilo que se deu em seu passado. Antes que o mal do esquecimento o vença, o Homem do Subsolo segue com suas memórias tentando ser o mais honesto possível, mesmo que duvide da honestidade do falar de si e por isso haja com cinismo e desrespeito quando nos diz: [SD1> : Dizei-me: de que pode falar um homem decente, com máximo prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim]. E este falar de si será um escrever de si: [SD2> Escrevi-o pensando que sairia espirituoso], [SD2> não o riscarei de propósito]. As mazelas humanas que o Homem do Subsolo vivencia são intermináveis que ele prefere não ver ocultadas por palavras riscadas a serem substituídas por outras. Seu querer parecer honesto representa a vontade de não querer calar o que as palavras poderiam silenciar, sua angústia. Ao invés de apenas falar, o Homem do Subsolo precisa materializar-se por meio de palavras escritas, suas memórias precisam ser escritas para que se tornem indelévels.

O caminho discursivo do Homem do Subsolo é todo por uma memória que se eternize pela enunciação que faz o sujeito de enunciação realizar. A preço de que lama demonstrada, ou seja, submetendo-se a que imagens negativas, o discurso do Homem do Subsolo se sustenta para enunciar, por exemplo:[SD9> se acumula ao redor dele certo líquido repugnante e fatídico, certa lama fétida, que consiste nas suas dúvidas, inquietações e, finalmente, nos escarros – que caem sobre ele em profusão – dos homens de ação] e [SD12> em toda esta peçonha dos desejos insatisfeitos que penetram no interior do ser]. Suas inquietações não saíram dele, mas de seu tempo e ele as traz até nós por meio de sua escrita.

Na narrativa das memórias que o Homem do Subsolo atribui a si, ele pretende levar adiante as angústias e inquietações de seu tempo. Não fosse a escrita, como o homem do **século XIX** estaria nos falando como Homem do Subsolo nos fala. Ele se tornou perene e está vivo habitando o discurso literário a depender de algum leitor que abra o livro e depare com suas memórias vindas de um subsolo inalcançável e somente vislumbrável pela escrita atemporal em cuja “topia” é heterogeneamente instável.

Como nos diz Foucault (2009), o homem fala para e contra a morte. Assim sendo ele se eterniza na escrita porque sabe que não falará para sempre, mas poderá viver nas ideias que propaga. O Homem do Subsolo pretende se esconder no discurso literário de suas memórias no intuito de dominar algo que está imbricado no tempo, a ideia de finitude do que é material. Como uma obra não o é, pode se tornar um lugar de enunciação onde suas ideias poderão incutir as dúvidas que nele vivem e possam essas dúvidas progredirem nos seus interlocutores que serão seres de outras “topias”: [SD5> Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas]. Se pensarmos no século XIX, período em que a expectativa de vida era curta, ter quarenta anos era ser velho e portanto não ter perspectivas de futuro, portanto já era tempo de guardar suas memórias na escrita.

Porém, em uma época como a nossa, o século XXI, ter quarenta anos é ter maturidade suficiente para progredir, não é mais sinal de velhice. Mas o sentido do que o Homem do Subsolo nos disse com a SD5, ao ser recontextualizado nos remete à atualização dessa ideia pelo que a complementa: [SD5> Tenho o direito de falar assim, porque eu mesmo hei de viver até os sessenta! Até os setenta!]. O homem do Subsolo também disse em sua enunciação que iria transcender os quarenta anos no sentido que seria mais do que é um homem de quarenta anos e o faz, sua enunciação atingiu o século XXI e nós a contemplamos por meio da escrita dele.

Ao falar assim ele, utilizando-se de sua escrita, combate a morte de suas ideias. Quando ele atingir sessenta anos poderá atualizar seu discurso e dizer que os que vivem além dessa idade são o que ele apregoa serem os que vivem além dos **quarenta** como ele. O Homem do Subsolo utiliza-se da palavra para evitar a morte de seu dizer evitando seu esquecimento. Sua obra, suas memórias são atemporais porque as ideias que ele lança por meio delas o são e, muitas vezes, quando o sujeito de enunciação nos mostra uma ideia intenta ressignificá-la discordando dela: [SD45> Pois bem, eu podia esperar que ela fizesse isto. Podia mesmo? Não. Eu era a tal ponto egoísta, respeitava, na realidade, tão pouco as pessoas que não podia sequer imaginar que ela o fizesse.]. É como se o Homem do Subsolo abrisse

uma evasiva para nos dizer e depois escapasse pela própria negando o que afirmara um momento antes.

Desse modo, ele ruma não para fechar suas enunciações em um produto acabado, mas para direcioná-lo para uma formação que leve a construir seu ponto de vista enunciativamente movimentando-se em uma incompletude reconstrutiva que busca a ressignificação, a atualização em que o ponto inicial é tomado como base que lhe permita adentrar no interdito e emergir com uma nova versão que deverá ser apresentada ao interlocutor para que ele aderindo a ele o tome como uma assertiva válida.

O sujeito de enunciação se ancora em sua gênese, mas por saber que ela não o sustentará para sempre pelo fato de ele já ter avançado muito no tempo e no espaço por meio de suas enunciações. Por conta disso deve começar a fincar-se em outros territórios que o discurso literário possui para seguir progredindo. Embora o Homem do Subsolo não seja dono daquilo que faz tornar-se público, ou seja, do que ele deixa os outros, os seus leitores que não são tabulas rasas, mas sujeitos que compararão o que já sabem com o que ele os apresenta, tenta se recompor por meio da enunciação para que os outros o vejam com **bons olhos** ao menos em alguns momentos: [SD39> Talvez eu seja ainda pior que você. Aliás, cheguei aqui bêbado – apressei-me, no entanto, a justificar-me. - Ademais, um homem, de modo nenhum é exemplo para uma mulher] Com a embreagem **-apressei-me, no entanto a justificar-me-**, parece que o Homem do Subsolo nos olha com benesse e a seguir mudasse sua fisionomia e transparecesse um ar de maldade ao começar a falar com Liza depois de mirá-la.

Ele se justifica tanto para Liza quanto para seu leitor, nos fazendo ter uma expectativa que ele quebrará a seguir ao utilizar-se de uma evasiva desfazendo a imagem de que queria se redimir com Liza: [SD39> embora eu me emporcalhe todo, aqui não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora, desapareço.]. Ele pode se deslocar nos diferentes espaços, nas diferentes topias, porque ele é heterotópico, mas Liza, ao contrário está destinada a continuar no subsolo, mesmo que ela saia de onde está irá para um ponto mais obscuro ainda. O Homem do Subsolo engana seu interlocutor utilizando da poção de mentiras que se veem vinculadas às palavras e que nos fazem ver o ponto positivo ao passo que o enunciador apresenta o ponto negativo pelo uso que faz delas.

Percebemos também que o Homem do Subsolo diz que os outros pensam no homem enquanto sujeito que será ensinado, que entrará no jogo da Ciência e seguirá sendo guiado sem atingir uma autonomia e que fica a cargo da dita Ciência direcionar seu destino sem que ele tenha escolha, sem que ele possa se dar ao luxo de selecionar no que acredita. Este seria um sujeito sobredeterminado que o Homem do Subsolo não quer ser e portanto critica mesmo

invejando-o. Este sujeito será mero reproduutor das normas, dos ditames perpetuadores de seu *status quo* : [SD19> Estais convictos de que, então, o homem deixará por si mesmo de enganar-se deliberadamente e, por assim dizer, a seu pesar há de querer separar a sua vontade dos seus interesses normais.] Este sujeito tenderá a provocar sobre si o esquecimento fala que tentará camuflar ideologias que habitam nele calando-as em sua enunciação.

Desse modo, a origem de seu dizer é balizada pelo caráter científico dos seus ditos: [SD19> Mais ainda: então dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de tecla de piano ou de pedal de órgão;] As embreagens **tecla de piano** e **pedal de órgão**, nos trazem a ideia de que o homem é um ser assujeitado por meio do qual perpassam ideologias que o movimentam. Ele não tem vontade própria, simplesmente retoma aquilo que preexiste, os sentidos que já habitam o mundo simplesmente o utilizam para continuarem a dizer. Este tipo de sujeito é mera tecla de piano ou pedal de órgão porque é utilizado por outros para produzir, para reproduzir aquilo que não lhe pertence, os sentidos. [SD19> e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza, de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza]. Dentre as leis da natureza, estão as ideologias, indomáveis e implacáveis que repercutem no mundo por meio das enunciações que esse sujeito apenas articula e materializa “psicofisiologicamente” permitindo que outros a elas tenham acesso.

Posteriormente, o Homem do Subsolo nos faz entender no discurso dos outros, do qual ele se distancia, a existência do esquecimento número 2 que Orlandi (2006) chama de enunciativo. Comparando [SD21> É verdade, porém: o que não se há de inventar por fastio! Realmente, os alfinetes de ouro são enfiados em seios também por fastio, mas tudo isso não teria importância.] com [SD22> Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda a sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógada e zombeteira, e pusesse as mãos na cintura, dizendo a todos nós: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda a sensatez unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?!] percebemos que uma é consequência da outra.

O fastio gera a rebelião. O tópico visto na SD 22 é resultado do tópico da SD21, ou seja, o sujeito que manda a sensatez para o diabo não é a origem de seu dizer, ele resulta do fastio que o tecnicismo da ciência gerou e repercutiu nele. Ele traz à tona ainda que implicitamente um discurso já proferido, [SD17> Dizem que Cleópatra (desculpai-me este

exemplo da história romana) gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões.] isto significa que a revolução de hoje bem como o fastio que a resulta não é novo, mas sempiterno no tempo, apenas repercute em espaços diferentes, em sujeitos diferentes.

Da Roma ao Egito, esse desejo de divertimento, de sair da zona de conforto é acima de tudo humano e não tem apenas um sujeito como origem e, apenas retomam sentidos que já existem. Por isso se traz o exemplo da **história romana** para uma enunciação que se está materializando na Rússia do século XIX, enquanto Cleópatra viveu entre os anos 30 e 69 a.C. Se na época “bárbara em que Cleópatra viveu, o ato de enfiar alfinetes servia para ocupar o fastio dela, no tempo da enunciação do Homem do Subsolo eles servem para desestabilizar a ordem do critério e da norma. O ato de enfiar alfinetes se reinventa para ressignificar nas posições heterotópicas em que os sujeitos de enunciação utiliza-se das palavras para dizer o que acredita ser dito por ele.

O Homem do Subsolo diversifica incessantemente sua imagem e a dos que ele fala no intuito de trazer para a cenografia toda uma conjuntura de verossimilhança com o real ou ao que poderá ser real nos espaços que estas personagens ocupam para serem vistas em ação. Entretanto, por mais que ele queira sintetizar em palavras escritas que sejam esclarecedoras no intuito de se ver livre do enfadonho e solitário trabalho de escrever suas memórias, não faz mais que escrever e progredir discursivamente dialogando com mais ideias que participarão da tessitura de suas enunciações. As palavras são o meio que ele tem para falar do objeto no mundo que ele não consegue apalpar.

Porém, onde algo ideológico estiver sendo notado pelo humano também estará o signo a querer representá-lo e levá-lo para ser conhecido em outras topias. Percebemos, desse modo, que o caminho inverso ao do percurso de transmutação da entidade em parasita e o deste em sujeito pode ser notado quando o sujeito já esquecido de que não origina ideologias começa a se conscientizar de que existe algo além do real que lhe salta aos olhos, além do espaço físico que habita seu inconsciente e que não é somente dele, pertencente à introspecção mais aguda de sua subjetividade e que adentra no físico sem pertencer a ele, mas ao inconsciente que se materializa por meio da linguagem.

Desse modo, podemos identificar nas palavras a tentativa de dar corpo, som, voz, tom, massa física, cor, movimento, enfim, às ideias que pulsam na mente e isso é materializado na palavras que resultam de acionamentos, as embreagens, que estacionam momentaneamente no físico, as ideias oriundas das ideologias. Ao se buscar o inconsciente, torna-se necessário simbolizá-lo no real da língua(gem). Para isso, temos a enunciação discursivizada. Se

entendemos a ideologia como Bakhtin (2006), como um fenômeno, e este ou é ou resulta, como dissemos alhures, nas palavras que sendo absorvida em parte pelo signo sintetiza a ideia/ideologia sem poder abrigar tudo, mas podendo remeter ao que não está no físico mas nas ideias, estas ideias são exteriores a dita palavra.

Portanto, as palavras proferidas pelo Homem do Subsolo só são neutras porque não dizem nada além do que ele pretende particularizar com elas, no entanto, só o são até o ponto em que os interlocutores não questionarem seu uso inapropriado, neste ponto elas voltam à opacidade que caracteriza a heterotopia, pois deixam de preencher uma única função ideológica ao se resignificar em outros contextos de uso. Por isso, as evasivas são soluções momentâneas das contradições que permeiam o discurso. Quando a neutralidade falha perde terreno para a opacidade, mas no refratário das ideologias aquela cumpriu sua função, a de dizer uma coisa e não a outra que a contradiz em seguida.

A tentativa é sempre por tornar o uso da palavra neutro, para que se defenda um ponto de vista que seja compreendido, ao menos até que a onda de resignificações invada o dito em todos os lugares em que ele seja proferido. [SD20> Todos os homens serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos, até 108.00, e registrados num calendário]. Ao dizer que **todos os homens serão calculados**, o Homem do Subsolo busca a neutralidade dessas palavras em seu dizer, mas ele não é um homem calculado e critica os que são ou serão, com isto ele permite por meio da evasiva que a onda de resignificações deixe as palavras embaçadas, o que ele arremata ao dizer: [SD23> tudo precisamente porque o homem, seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, as vezes, decididamente se deve.]. Como se vê os efeitos de sentido surtidos nos interlocutores são antagônicos nas duas SDs a neutralidade das palavras proferidas na SD20 se esfrelam na SD23.

A multidão de “fios ideológicos” que, na visão bakhtiniana, tecem as palavras provocam a opacidade das mesmas, é como se a palavra antes de ser resignificada fosse neutra e ao receber ataques ideológicos que intentam abrigarem-se nelas para e heterotopicamente fossem perdendo a inocência de dizerem apenas uma coisa a cada vez que fossem usadas e passassem a dizer muitas coisas de uma só vez e desse modo o sopro de sentidos sobre elas lançado fosse o que ocasiona o efeito opaco que se lança sobre as palavras. Quando um dizer é resignificado significa que a sociedade está sendo modificada e isso repercute nos significados das palavras.

Para vermos as contradições do Homem do Subsolo, devemos atentar para os lugares nos quais ele se posiciona para propagar seus dizeres dentro do discurso literário. Para tornar essa. É nas cenografias representativas do mundo físico que ele enuncia e em sua pluralidade as palavras servem de elementos caracterizadores da heterotopia dos lugares em que o sujeito de enunciação niilista se propaga discursivamente. As embreagens tidas como a possibilidade de ver o dentro e o fora articulam o enunciado à situação de enunciação. Por meio delas, inclusive, o Homem do Subsolo troca, muda de posição dentro do espaço discursivo. Assim sendo um dêitico pode indicar a subjetividade do sujeito de enunciação que se coloca como um EU que se desloca entre os feixes de ideologias metamorfoseando-se enquanto propagador de enunciados tipo ou ocorrência. Considerando os primeiros como aqueles que decorrem do senso comum, que geram concordância, convergência, adesão imediatas, por meio de um estratagema do enunciador que se distancia do que apresenta para que a validação comprove-se por si.

Nesse ponto, o Homem do Subsolo apresenta um fato sobre o qual não haveriam argumentos contrários que pudessem desacreditá-lo de tão evidente que é:[SD17> Dizem que Cleópatra...gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas... Direis que isto se deu numa época relativamente bárbara; que ainda vivemos numa época bárbara, porque (sempre de um ponto de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios; que mesmo atualmente, embora o homem tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época bárbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo como lhe é indicado pela razão e pelas ciências]. O dêitico **isto** que a embreagem **Direis que isto** remete à informação dada anteriormente pelo enunciador.

O Homem do Subsolo, ao utilizar a embreagem **Direis**, nos diz que os outros irão dizer que estes fatos ocorreram no passado, numa época **bárbara** e que hoje estes fatos não estão passíveis de acontecer, desse modo, este tipo de pensamento em que o Homem do Subsolo não se inclui pertence ao pensamento corriqueiro do senso comum. Todos os outros que **direis** encapsula proferem este mesmo discurso. Referindo-se à mesma mensagem que a SD17, o Homem do Subsolo mostrará um ponto de vista contrário ao que os outros que fazem parte de um coletivo pensam por meio de um enunciado ocorrência que trará à tona a diferença entre sua subjetividade e a da coletividade: [SD22> Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda a sensatez futura, surgisse algum cavaleiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos na cintura dizendo a todos nós: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que

possamos viver de acordo com a nossa estúpida vontade?!] O Homem do Subsolo utiliza como dêitico o pronome **eu** por meio do qual se marca como sendo o “espantado”.

Ele se associa aos membros de uma conjuntura que compartilha da chegada do **cavalheiro** que diz a ele e aos outros, o que fica evidenciado com o pronome **nós**, um dêitico que soma EU com outros EUs, desse modo fazendo com que a subjetividade do sujeito de enunciação esteja inserida em um contexto. Ao contrário do enunciado tipo temos os enunciados ocorrência, nos quais o sujeito de enunciação se compromete com a verdade sobre o que diz quando faz com que sua subjetividade apareça no discurso enquanto um EU que fala. Como podemos ver, a cadeia enunciativa liga um EU a um TU, pois o Homem do Subsolo não pode validar seu dizer sem que os outros vejam o que está sendo dito e testemunhem ter visto como ele. A ideia de ciência é retomada pela ideia de sensatez que tende a dominar o ser humano pela razão.

Dentro da enunciação se encontram o EU e o TU que passam a dialogar e a ampliar o discurso e nessa ampliação discursiva, deslocam-se pelos espaços: [SD42> De repente, corri até ela, agarrei-lhe a mão, abri-a, coloquei ali... e tornei a fechá-la. E, no mesmo instante, me virei e corri o quanto antes para o outro canto a fim de não ver, pelo menos...], [SD39> embora eu me emporcalhe todo, aqui não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora, desapareço. Sacudo a roupa e sou já um outro homem], [SD31>Eu estava em pé junto à mesa de bilhar...ele precisou passar, tomou-me então pelos ombros e... tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse] e [SD10> Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa] nos mostram o Homem do Subsolo ora em sua casa, ora no prostíbulo, ora em um bar, ora em um lugar não fixo e paradoxal, o subsolo no qual ele escreve suas memórias enquanto contempla a si mesmo em sua memória, de cima e despreza o que vê ao tempo em que fala de si.

As cenografias representam os lugares que se materializam pela escrita que lança o Homem do Subsolo para frente e a olhar para trás, para os lugares que já andou, pelos espaços que já ocupou. O Homem do Subsolo e suas memórias são um voltar ao passado sem lá mais poder estar fisicamente, apenas pelo pensamento ele pode rememorar, jamais reviver o que já vivenciou. Na SD31, o Homem do Subsolo ocupa uma toquia e retirado dela posto em outra e mesmo assim a impressão que tem é de que não fora visto por aquele que ele considera um inimigo, é como se ele não tivesse deixado uma marca sua, como se fosse indiferente e o outro o visse apenas como um estorvo a ser tirado do caminho. Na SD39 ele se mostra

enquanto um ser que pode transitar entre lugares distintos, alguém possuidor de heterotopia, pode estar no prostíbulo porque tem esse direito, mas pode sair dele quando quiser, porque pode utilizar-se do livre arbítrio que os outros tiram dos que não representam nada de valor para a sociedade.

Na SD42, o Homem do Subsolo mostra-se se movimentando em um cômodo de sua própria casa, com agilidade e nervosismo, ele está acuado num espaço que é dele por direito, está incomodado com o “corpo estranho”, Liza, que o visita e que se ver livre dele. Na SD10, o Homem do Subsolo fala de si como se fosse um ELE, O camundongo é sua representação e esta habita o subsolo dos rancores e das mágoas e delas segue falando imergido nelas e afogando-se nelas em seu subsolo. Este é o ponto da subjetividade do Homem do Subsolo e nele só existe espaço para falar de si. Embora não profira um EU, traz sua subjetividade por meio dos embreantes **quarenta anos seguidos**. É nesta topia que ele lembra e escreve suas memórias. A relação espaço-tempo, evidencia o cronotopo da heterotopia em que o Homem do Subsolo movimenta-se paratopicamente. Se o camundongo é um substantivo ao tomar o EU para enunciar sobre o camundongo, o Homem do Subsolo não faz mais do que remeter pelo embreante **quarenta anos** a si mesmo.

Desse modo, nós teríamos uma relação entre EU e ELE, sujeito de enunciação e tópico discursivo tão enigmática quanto aquela que Maingueneau (1996b) diz existir entre as instâncias de escritor e narrador que ele compara, como dissemos alhures, às de Deus e Cristo. Não se pode ver ao certo se o camundongo está fora ou dentro da enunciação que o Homem do Subsolo produz por meio de seu discurso, mas como já apresentamos, vemos como Maingueneau (1996b) existe um “entre” que descarta a exterioridade imediata, ou seja, o camundongo se torna recontextualizado pelo embreante **quarenta anos** que insere tanto o camundongo quanto o Homem do Subsolo na mesma topia.

O Homem do Subsolo contempla, por meio do camundongo, aquele parasita sem voz nem vez que ele fora e só pode vê-lo utilizando a embreagem **quarenta anos** para servir de viga, de sustentáculo, que se coloca entre duas paredes permitindo que ele se veja no estado de assujeitamento que o camundongo representa enquanto ele escreve e descreve tal parasita, tal ser hipertrofiado, quando o “entre” com a pressão de suas paredes partir a viga, o sustentáculo ao meio metade dele cairá no discurso e será marcado pela embreagem que nos possibilita ver a quem o Homem do Subsolo dá a alcunha de camundongo. Ao tempo em que o Homem do Subsolo narra e descreve ele materializa suas memórias.

Na heterotopia do Homem do Subsolo ele se mostra ora como personagem, ora como escritor. Assim, podemos perceber como a relação tempo-espaço na narrativa que permeia o

discurso literário torna conflituosa e paradoxal este tipo discursivo, uma vez que a imbricação entre tempo e espaço torna o sujeito de enunciação inconstante, um habitante de diversos cenários, um viajante no tempo, um transeunte que não consegue se estabilizar por ter em si um quê de nômade que lhe caracteriza. Ele intenta evitar a morte das ideias para que elas continuem sendo propagadas em seu mundo de enunciação e espera também que alguém do além mundo físico e palpável após apalpar seu livro de memórias adentre nele por meio de sua enunciação e lance linhas discursivas dele para que elas fiquem nos outros e incuta neles suas duplicidades, inconstâncias e questionamentos. Desse modo, o Homem do Subsolo irá agir em outra topos e seguirá sendo cada vez mais heterotópico, habitará de modo nômade cada vez mais lugares, repercutirá em cada vez mais mentes inquietas e questionará cada vez mais e, em épocas outras se atualizará para que continue a dizer em outros tempos, em outros lugares aquilo que já foi dito e precisa ser revisto e ampliado pela humanidade. Portanto, ele se torna sempiterno.

3.5.2 A paratopia do Homem do Subsolo

Podemos ver certas embreagens remeterem a algumas tipologias paratópicas nas quais o Homem do Subsolo se enquadra. O EU do meu lugar que não existe disse algo para TU que já estava presente em você. O Homem do Subsolo pulsa ininterruptamente buscando a contradição da história para nos dizer que a humanidade é contraditória por natureza, pois a demagogia é um caractere humano. A razão é também uma confusão de ideias que pulsam na consciência humana daqueles humanos que pensam e questionam ininterruptamente. Se falta sangue sobra carne ou o contrário.

Tais embreagens podem ser identificadas mas SDs que apresentamos. Por exemplo a embreagem paratópica de identidade da [SD3> Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom, nem canalha, nem honrado, nem herói, nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias...] por meio de => chegar a nada<= que em sua elipse verbal (ser) serve de indicação do ser como sendo um caminho, um percurso. O que intenta, mas não tem lugar. O 'vir a ser' indica intentar chegar a se instaurar em um lugar. O 'ser' não chega a tornar-se um 'ser' pleno. Percebemos o caráter parasitário do Homem do Subsolo. Em sua fala há a ânsia de 'ser' pelo fato de lastimar-se em não ter chegado a 'ser'.

Na embreagem paratópica percebida na SD3 em =>nem bom nem canalha, nem honrado, nem herói, nem inseto<= entendemos que não há sujeito, no sentido de deixar de vegetar e passar a viver. Há o parasita que intentou ser sujeito. Não há o revestimento, a casca imagética sólida (*ethos*) que poderia servir de casulo para a metamorfose da lagarta (parasita) em borboleta (sujeito). A embreagem paratópica temporal =>Agora vou vivendo os meus dias<= indica que o tempo aqui é uma mescla de psíquico introspectivo em que ele se insere mesclado (vou vivendo), aparente(agora) e físico (dias). A subjetividade encapsula-se por meio do possessivo MEUS, por meio dele o sujeito se marca em palavras que resolvem a elipse do EU só, pois vem inserido no “mEUs”. Na embreagem linguística => em meu canto<= o EM remete a embreagem paratópica espacial. Percebemos a embreagem paratópica temporal [SD4> Sim, um homem decente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter... Esta é a convicção dos meus quarenta anos...Viver além dos quarenta é indecente...] em =>século dezenove<=, =>meus quarenta anos<= e =>viver além dos quarenta<= que o tempo é sobremaneira cronológico.

Em [SD28> adorava como um escravo a rotina em tudo o que se relacionava com coisas exteriores...] vemos => coisas exteriores<= o que é exterior ao sujeito enquanto algo presente no mundo em que este sujeito se marca, se posiciona para enunciar. São exteriores

coisas que ele desconhece ou que ele repudia por não conhecer. Assim [SD29> é possível que eu fosse o único em toda a repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo...]em => o único em toda a repartição<= o EU vê os outros como a mesma coisa, ou como representantes da mesma coisa. Os outros para o EU são a materialização da ignorância e do desconhecimento. Enquanto que o EU é o representante do que a cultura proporciona, a consciência.

A embreagem =>covarde e escravo<= lança o sentido de que somente EU tem consciência de que é escravo da burocracia de sua repartição, pois são os outros que ele diz serem os embotados e parecidos entre si. EU é o original. [SD30> E não só na época atual, em consequência de algumas circunstâncias fortuitas, mas de modo geral, em todos os tempos, o homem decente deve ser covarde e escravo. É esta a lei da natureza para todos os homens decentes sobre a terra. Estou profundamente convicto disso. Ele assim foi feito e para tal fim ajustado... Mostram-se corajosos unicamente os asnos e seus abortos, mas também estes apenas até determinado obstáculo.]. Em =>época atual<= e => ele assim foi feito e para tal fim ajustado<= o parasita é um paradoxo. O consciente não é o sujeito do mundo, sendo que é este o quem deveria ser justamente por ser o consciente. Seu *ethos* o mostra como pária e os outros como os sujeitos. Mas esses sujeitos são escravos da sociedade. Ele no subsolo está salvaguardado. Não está no mundo comum. Não pertence ao mundo em que transita.

Em =>em todos os tempos<= tempo e sociedade são paralelos ao modelarem o contexto. O tempo e o espaço são o contexto que recorta a conjuntura de que se fala. O sujeito posiciona-se no tempo e no espaço, ou melhor, no lugar de sua enunciação. Assim, => é esta a lei da natureza<= vemos o Homem do Subsolo dizer que na natureza dos homens está a covardia e a escravidão. Se eles assim se caracterizarem pelos conscientes (o Homem do Subsolo) pertencem ao natural. Pertencem à natureza. Na embreagem =>sobre a terra<= a terra é o lugar dos homens descentes e estes são os limitados, mas são os sem escrúpulos que dominam a terra. A pirâmide social é mantida pelos párias, nômades, os que margeiam a sociedade enquanto que os sustentados são os que habitam o olimpo, o topo, os escravocratas que impõem a covardia. Assim, em =>os asnos e seus abortos<= a coragem é critério de heroísmo, mas os asnos apesar de corajosos são párias que nada significam para a sociedade. Nem chegam a atingir o máximo. Não saem do mínimo. Não são notados, portanto, não existem.

O *ethos* niilista, que pode emergir, ancora-se no modo como ele, por meio de sua enunciação, mostra-se como um sujeito que sente vontade de experimentar algo que não o mostre como o que aparenta ser. O sujeito é mal e assim se mostra pelo *ethos* discursivamente.

Praticando maldades, o sujeito intenta altivez que embora não consiga camuflar a maldade, vive dentro dos preceitos normais sociais, mesmo não conseguindo sustentar-se nelas. O sujeito que mostre um *ethos* niilista segue dogmas mesmo que não o faça à risca. O sujeito manifestante da ideologia nos moldes niilistas nega um estado de coisas que vivencia se considera que ele não é o estado de merecimento.

Ao ir contra o passado e o presente, o Homem do Subsolo mostra a instabilidade de seu pertencimento. O sujeito de enunciação, tido como o Homem do Subsolo, é defensor da inteligência acima de tudo e contestador dos moldes culturais e do poderio simbolizado pelos costumes da elite que ele sustenta já de modo consciente. O *ethos* deve elevar-se, acionar-se, se tornar visível através da embreagem paratópica, das marcas discursivas que materializam por meio de enunciados os caracteres do sujeito que o configuram como niilista.

Paratopicamente, o Homem do Subsolo se distancia de todos os estereótipos que possam caracterizar os tidos por comuns que estão inseridos na sociedade e ele se afasta deles veementemente por meio daquilo que lhes falta, a consciência de saberem o que não são para os que ocupam lugares de prestígio e justamente o fato de não saberem é o que os mantém lá. Os excluídos para a marginalidade da sociedade criam para si uma órbita na qual passam a nutrir-se e que pode ser exemplificada pelos grupos sociais que compartilham identidades que os diferenciam de outros grupos. O Homem do Subsolo não pertence a nenhum desses grupos, mas identifica nos seus colegas de repartição uma situação estacionada no meio da qual ele se desloca para longe, pois vê neles semelhanças que não estão nele por mais que ele quisesse tê-las antes.

O lugar expelia a consciência de lá e ele como consciente não podia ocupá-lo. [SD26> No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até... pareciam olhar-me com certa aversão]. Desse modo, o Homem do Subsolo extravasa e segue sem lugar e tendo que abrigar-se no subsolo ele era diferente dos demais que tinham lugar lá por conta de sua “originalidade”, defeito para eles, qualidade para o Homem do Subsolo o que ele nos diz com uma carga irônica que lhe serve de evasiva, duplicidade, que dá margem para ao menos duas interpretações, ambas plausíveis. Ele não é aceito no grupo dos que trabalham com ele. Sua posição lá é, portanto instável e incômoda. No entanto, como temos insistido, não nos é dada a possibilidade de ver os outros seres que habitam o discurso literário Memórias do subsolo, temos aceso apenas a opacidade de suas existências que nos é dada pelo sujeito de enunciação.

Ele é a órbita de seu discurso, os demais apenas o circundam, mas tanto eles quanto o Homem do Subsolo compartilham algo, são os sem lugar na sociedade: [SD3> Não consegui

chegar a nada, nem herói nem inseto], [SD29> Eles, pelo contrário, eram todos embotoados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho. É possível que eu fosse o único em toda a repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo], [SD38> Quanto a você, começa como escrava. Sim, escrava! Você entrega tudo, toda a vontade. E depois há de querer romper esta corrente, mas não é mais possível: ela irá emaranhá-la cada vez com mais força. Assim é esta maldita corrente. Eu a conheço], [SD36> Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas], Com estas SDs, podemos identificar Liza, os colegas do Homem do Subsolo e ele próprio enquadrados na mesma marginalidade. Todos estão presos a amarras sociais que os impedem de adentrar em algum lugar de legitimação. Os colegas estão no âmbito da mesmice e da satisfação em serem parecidos entre si, formando um sub-grupo por meio do qual se identificam e expõem os que são como o Homem do Subsolo.

Seu grupo de colegas dos tempos de escola, o esnobam, considerando-o um inseto sem importância nenhuma para eles. Mas, ao ver Liza, encontra uma escravidão mais evidente do que em todos e por meio dela dá o arremate do não pertencimento dele, dela e de seus colegas de trabalho ao grupo do qual seus colegas de escola pertencem. Enquanto ser paratópico, ele se posiciona do grau máximo, acima dos outros, e, no mínimo, em que se vê abaixo de todos. Ele tenta ser o que os outros não são. Ele mesmo em sua marginalidade consegue ir e vir pois, como diz: [SD39> aqui não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora, desapareço]. Eles todos, porém compartilham uma característica mais geral que recobre a todos, a de estarem paratopicamente colocados em posições mantenedoras daqueles a quem ele também chama a atenção e diz que não se preocupem, porque mesmo que eles alarguem um pouco as correntes que prendem tudo e deixam a todos os paratópicos flutuando entre lugares sem serem puxados para a gravidade da legitimidade dos com lugar, dos que tem porto seguro para se ancorarem: [SD48> Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desarmai a qualquer um de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante pediremos que se estenda sobre nós a tutela]. Assim, o Homem do Subsolo apregoa ser consciente de que é assim como os demais, pois fala em um NÓS que o insere no grupo dos demais, é um pária sem lugar nem vez, mas, diferentemente dos outros, sabe de sua situação e detém para si o “dom da fala” por meio do qual acusa, incomoda do mesmo modo que o incomoda não ter lugar social digno.

Ele, deste modo, atravessa o discurso enquanto os outros apenas o realçam, seus coadjuvantes apresentam a nós o que ele vê de si neles. Eles são *personas non gratas*, paratópicas que não podem fixar-se na sociedade do mesmo modo que não podem fixarem-se

em seu discurso porque ele as repele por serem escravos de normas que permitem a exploração dos outros sobre os que não são ninguém. Por seu discurso perpassam a ideologia do opressor que infringe a paratopia aos oprimidos.

Verificamos o paradoxo do lugar que a paratopia engendra. Nem mesmo as palavras podem ficar presas, para significarem algo precisam se deslocar de um ponto fixo para um outro para atingir o outro com seu efeito. Até mesmo o uso das palavras é paratópico, por isso falamos em embreagens paratópicas, pois um dêitico pode ser visto em um ponto estático da escrita, mas remete a um já dito em outro lugar. Aquilo que não é possível falar fisicamente, pode ser dito na enunciação.

O que não é real ainda pode ser visto olhando para frente e acionando nossa vontade de deslocar para o futuro aquilo que almejamos no presente. É assim que o Homem do Subsolo lança para frente seu desejo de mudança: [SD22> Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, em meio a toda a sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos na cintura, dizendo a todos nós: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com nossa estúpida vontade?!] Não é no agora de sua enunciação que aflorará a sensatez que já habita o Homem do Subsolo, mas no futuro e é para ele que o sujeito de enunciação lança suas conjecturas.

Ele, enquanto EU marcado discursivamente, se desloca para ver algum revolucionário futuro buscando adeptos para desconstruir o dogmatismo e o normativismo que prendera, lá no futuro, a todos quando a ciência deixará de libertar pela consciência e escravizará pela lógica mais absurda que obrigará o ser humano a viver novamente sobre as regras e o julgo e um novo “paradeus”, a ciência e de seus sacerdotes, os cientistas. Nessa conjectura que nos lança ao vislumbre daquilo que esta para frente, o Homem do Subsolo se lança para traz por meio de seus usos verbais no intuito de não se tornar um profeta que prevê o futuro. O verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo é marca de sua subjetividade e por meio desse uso verbal ele se afasta de qualquer ideia de certeza daquilo que ele prevê que acontecerá no futuro, nas expectativas de suas conjecturas.

Para ele, a tendência é sempre de esperar por um messias que reformará enquanto volta às origens. Alguém que contradiz os ditames que a tradição impôs ao Homem em tábuas de pedra enquanto lhe mostra a essência do escrito que já vale mais que a palavra proferida e o proferimento da essência pode profanar o dito por meio de um dizer que não cabe mais no que está escrito em si. Esse ser vindouro que o Homem do Subsolo não identifica como

alguém nobre, parece que sairá dos comuns, ele é apenas alguém que se ergueu entre os que estão sentados, hipertrofiados e levantou as cabeças deles um por um fazendo-os ver e irem com ele para um outro lugar vendo-se em outro tempo que já há muito não é o mesmo das escrituras que ele sempre seguiram: [SD22> Isto ainda não seria nada, mas lamentavelmente ele encontraria sem dúvida alguns adeptos: assim é o homem.]. Este ser será aquilo que uma outra personagem saída da escrita de Dostoiévski propagará em *Crime e castigo*, um outro discurso literário, e que chamará de extraordinário, aquele que está acima das leis, acima do bem e do mal que já não existirão e que é o contrário do ordinário, do proletariado, dos párias.

Os extraordinários são os Napoleões, os Átilas, os Césares que tudo podem e nada abala seus pertencimentos. Não é o Homem do Subsolo um extraordinário, mas é ele quem o vislumbra em um tempo vindouro. Este ser ainda não real, mas provável será o guia de um outro patamar humano que sairá do status parasitário e adentrará uma outra instância. Estes seres paratópicos se deslocarão, sabotarão toda a normalização de um sistema que entrará em putrefação. A negociata que eles travarão será entre o status quo e o adentramento em outro estado, tempo, espaço desvinculado de amarras e heterogêneo. A paratopia terá uma heterotopia porque não se habitará apenas um lugar já que todos os lugares serão habitáveis.

Os espaços legitimadores do dizer serão de alternância porque: [SD23> o homem seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, *decididamente se deve*]. A embreagem =>decididamente se deve<= sublinhada é uma evasiva que remete, dentro da conjuntura em que emerge, tanto ao desejo de fazer com que os outros possam transitar e ocupar espaços do dizer como nômades, quanto o desejo de ocupar e tornar-se proprietário de dado espaço do dizer corrompendo aquilo que originou a própria revolução que levantou os olhos e combateu a hipertrofia mental do ser humano, ou seja, se ao “bel-prazer” ele se ergueu sua vantagem é poder ocupar um lugar legítimo e “decididamente” se deve, mesmo que este ato retire dos outros o mesmo direito que ele toma para si e recomeça a hierarquizar o que corroe com seu levante.

Desse modo, para ele não será mais proveitos a paratopia muito menos a heterotopia que dela repercute. A vantagem será a aparente 'estabilidade' do lugar que agora é dele e a destruição de qualquer heterogeneidade do lugar. Será justamente isto, a estabilidade, que perpetuará o ocupante do lugar e mais ainda o próprio lugar que vencerá a morte e vencerá o tempo real por meio do tempo aparente que por meio do dogmatismo se perpetuará no mundo. Somente enquanto houver instabilidade é que existirá paratopia, pois no momento em que seu

oposto se sobrepõe, ela se dissipa no âmbito da legitimidade e passa a margear a legitimidade que ajudou a criar.

O lugar onde o Homem do Subsolo se inscreve lhe oportuniza proferir as mensagens acima e dá a elas o caráter de aceitáveis. Somente se pondo enquanto memorialista é que o Homem do Subsolo pode escrever memórias. Ele não tem um lugar verdadeiro porque ele reside em um subsolo que não pode ser legítimo. Ele nem é da sociedade nem do campo literário, mas e ao falar sobre esse não-lugar em que se encontra é que ele escreve e por meio de suas enunciações produz o discurso. No momento em que ele diz que não chegou a ser nada, para dizê-lo terá que enunciar e sua angústia materializará a escrita a qual teremos acesso. O Homem do Subsolo só habita o lugar subsolo ou qualquer outro enquanto enuncia e, no momento em que silenciar será destronado dele.

Quando o Homem do Subsolo fala do mundo que ele instaura quando fala do camundongo, por exemplo, ele se oculta dele falando sobre o ELE, o tópico, o assunto de sua enunciação que não é mais que de si mesmo. [SD8> Mas vejamos agora este camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que ele esteja ofendido (quase sempre está) e queira vingar-se.], [Voltei para casa vingado de tudo. Meu estado era de arrebatamento], [SD2> Tenho quarenta, agora] e [SD10> Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado... Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa...]. O Homem do Subsolo, enquanto delocutor, está afastado da cenografia que cria por meio de sua enunciação. Entretanto, o mundo de enunciação que vem à tona em suas enunciações não o camufla por completo e o revela já em outro lugar e em outra instância, se antes ele falava sobre, agora ele é o sobre o que falava.

Ele é o tópico. O delocutivo intentava possibilitar a cena e o elocutivo buscava garantir a fala do sujeito de enunciação. A embreagem **Mas vejamos agora este** distancia o Homem do Subsolo da imagem que ele quer implantar no discurso, o camundongo é um pária. Com esta distância com relação ao tópico discursivo ele garante a constituição da cena de enunciação, mas ao “trair-se” nos dizendo sua idade com a embreagem **tenho quarenta, agora** ele nos diz ser o camundongo que criou, pois foi ele quem voltou para casa **vingado de tudo** e é ele quem vai lembrar de tudo **quarenta anos seguidos**. Como percebemos, a cena de dissimulação, a tentativa de mentir do Homem do Subsolo não se sustentou, pois ele acabou por se revelar para nós ao se deslocar da função de narrador para a de personagem. Os papéis ocupados por este sujeito de enunciação paratópico os desvendaram ao tempo em que ergueram seu discurso.

O tempo continuará fluindo para frente e o Homem do Subsolo continuará fluindo para trás, contra a corrente, por meio de suas memórias. Ele demonstra cansaço e impaciência para com seu processo criador. Percebe ser impossível marcar a linha do tempo se se perder ou ficar para trás e correr o risco de não mais emergir por meio das embreagens por meio das quais anseia a liberdade e a escrita é sua corrente e para acabar com a escrita ele precisa enunciar até o ponto final e nessa angústia ele se desloca em sua enunciação. Os rastros de seu processo criador são as embreagens: [SD50> Mas chega; não quero mais escrever do “subsolo”... Aliás, ainda não terminam aqui as “memórias” deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer um ponto final aqui mesmo.] Ao dizer **Mas chega; não quero mais escrever “do subsolo”** ele dá um rastro do que será o fim de seu processo criador, mas ao dizer **Aliás, ainda não terminam aqui as “memórias”** nos informa que o rio de suas enunciações continuará fluindo, ele é quem irá emergir, voltar à superfície, respirar.

Como nos diz Maingueneau (1996b), se o escritor não pode fazer mais do que fugir para frente para sair do mundo de enunciação e levar seu discurso para o físico, percebemos que o enunciado busca unir o real à ficção que a obra literária materializa. O literário pretende um mundo próprio e o **subsolo** é este mundo, porém o Homem do Subsolo, ao atingir tal intento, enquanto paratópico, deseja desvencilhar-se dele e voltar à superfície que olhou do subsolo e tentou representar pela sua obra, por meio da mimese. O Homem do Subsolo pretende voltar a, “existir como vida” ao livrar-se de suas memórias. Ele fez seu **ponto final**. Nos moldes de Rosa (2013), dizemos que o discurso literário, aqui as *Memórias do subsolo*, serve de lugar onde a existência, para nós o niilismo, é desenvolvido. O embrião, parasita, se alimenta do discurso literário, se desenvolve e atinge o status de sujeito de enunciação.

O Homem do Subsolo está em um mundo irreal, pois é uma ficção e, por meio da mimese representa o mundo que vê do subsolo e quando acaba esta representação, volta à superfície, ao convívio social, e, como afirmam Rodrigues e Mello (2005), por meio das enunciações das personagens, os valores que a sociedade compartilha são os mesmos que representam na instância do discurso literário e, sendo assim, tornam-se contemporâneos. Desse modo, as ideias que fervilham no Homem do Subsolo são as mesmas que a sociedade russa do século XIX vivenciam. Ainda que ele esteja ficcionalizando o real, é esta ficção que dele se propaga quem nos permite ter acesso ao pensamento que se espraia na contemporaneidade.

Dentro da premissa paratópica, percebemos o que Maingueneau (1996b) chamou de paradoxo literário, depois denominou paratopia, ou seja, dentro deste paradoxo ocorrem

embaralhamentos de diversos parâmetros oriundos da instabilidade do lugar de enunciação de modo que não é possível saber fidedignamente em que ponto estaríamos diante do que seria o interior e o exterior à obra, nem o que seria de fato o continente e o conteúdo, pois na ordem do discurso existe um caos no qual não é possível identificar o ponto exato em que os participantes, bem como as instâncias estão na cena de enunciação. Assim as fronteiras entre mundo real e o mundo da obra geram que Maingueneau (1996b) chama de paradoxo da fênix. O primeiro mundo seria aquele que é representado pela obra enquanto que o segundo seria aquele que se constrói na tentativa de representação do real. Este mundo da obra é um “devaneio” que resulta em um universo particular daquele mundo que “supostamente representa”. Assim sendo, as diferenças e delimitações entre o real e o imaginário são a garantia da sustentação enunciativa do discurso literário, ou seja, o mundo real já existe e, portanto o mundo do discurso literário não pode ser exatamente como ele, mas transcender aquilo que este não pode.

Existe uma elasticidade no mundo de enunciação que ao avançar sobre o real se retrai trazendo consigo algo deste mundo outro nos fazendo perceber uma espécie de imbricação entre dois espaços, um palpável e outro imaginável que poderá ser palpável se deixar de imitar e passar a ser imitado pelo real. Quando o Homem do Subsolo atinge sua transcendência nos faz perceber que muitas das impressões que temos por verdade não são mais que tentativas enganosas de pensarmos já termos atingido uma instância de consciência que não é mais que vislumbre, que ainda não saiu do livro que o próprio homem materializa para se enganar e não contatar com o real, com a **vida viva**:

As SDs a seguir, conforme veremos, nos permitem fazer diversas observações: [SD47> Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor], [SD49> Olhai melhor! Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos, não saberemos a quem aderir, a quem nos ater, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que desprezar] e [SD50> Para nós é pesado, além ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, próprios; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram.]. Por meio destas SDs, diversos fios interpretativos se propagam incutindo em nós vários efeitos de sentido. Percebemos, por exemplo, que discurso literário dá ao homem que considera a vida como um fardo a possibilidade de adentrar em outro mundo.

A fissura que o literário abre na consciência daqueles que o contemplam no real permite a eles questionarem o que são, em que lugar estão de fato e muitas vezes estes por medo de saber o que é o vivo prefere se enclausurar no mundo que fala do próprio mundo que eles habitam. O discurso literário serve para tornar opaca qualquer imagem que deturpe aquilo que já está posto, nada mais é mais real nem mesmo a **vida viva**, pois esta está impregnada de sujeiras que agora são vistas porque o sujeito de enunciação já poluiu o mundo real de questionamentos sobre tudo. Aquele sujeito real já não se vê como um ser autêntico, mas como um ser feito e refeito que se desloca e não tem lugar. A paratopia humana já não é abstrata, saiu dos livros e está entre nós como sempre esteve, mas agora nós a vemos e nos assustamos com ela. Todos em algum ponto se ausentam do convívio social para fazerem algo que precisa sair de sua própria subjetividade, uma pesquisa, um projeto, um discurso literário.

O deserto do profeta é o subsolo do Homem do Subsolo e é o topo da montanha de Zaratustra, é também o monte das oliveiras de Cristo, assim como é o Monte Sinai do profeta. Nesses lugares distantes da agitação, nestas clausuras insurge por meio do humano aquilo ele já não consegue ter em si, precisa dizer tudo o que puder no tempo que lhe resta daquilo sobre o qual pensou sobre tudo o que pensou. A paratopia após este ponto precisa encontrar um ponto, uma tribuna na qual o sujeito de enunciação possa proferir seu discurso por vinte ou minutos, inserindo-se no tempo, no espaço para ser visto, ouvido, avaliado pelos legítimos, deve entrar na história para o futuro. O fruto de sua reclusão será uma obra, sempre de memórias que deverá explicar algo da vida prática, real, da **vida viva** mais autêntica e que depois de tanta consciência ele não poderá mais viver, pois já foi violado pela consciência e já não tem espaço em si para inconsciência. Ele sabe que não existe mais originalidade em nenhuma instância, tudo é um composto de diversas tentativas de camuflar a essência.

Os atos de acordar, trabalhar, comer e dormir afundam a **vida viva** na névoa e só nos permitem ver ondulações mecânicas. Para saciar o ócio nos alimentamos de entretenimento, vamos atrás da vida livresca, porque ela não nos sangra, sangram os seres fictícios que nela habitam e repetem-se sem jamais se repetirem de fato, enquanto ao redor dos seres humanos reais todo um tumulto de corpos se movimenta, no mundo do discurso literário uma horda de vozes incutem ideias que passam por ele e adentram seu mundo. Se o entretenimento for tirado abruptamente é bem provável que ele surte porque não aguentaria o fardo que já carrega enquanto pensa ser leve ao ver o mesmo fardo sobre uma personagem.

A paratopia é uma transcendência que nos mostra as idas e vindas de ideias que se eternizam, pois mesmo que o Homem do Subsolo não queira mais falar, mesmo que ele morra, suas memórias ficam cravadas no discurso literário *Memórias do Subsolo*. Ele não pertence a

nenhum lugar, mas fala de vários, em três dimensões temporais. O Homem do Subsolo é sempiterno assim como o são suas enunciações, e como tal transita por tantos lugares, adentra em tantos tempos, repercute em tantos sujeitos que já não pertence ao século XIX, nem precisa sair de seu subsolo para contemplar o mundo real, pois agora é este real que o assiste.

Considerações finais

O discurso literário analisado, *Memórias do subsolo*, foi tido nesta pesquisa enquanto o emanar do niilismo na materialidade discursiva em apreço, cujos acontecimentos não mostraram-se, por meio das embreagens, nem óbvios nem transparentes. O sujeito de enunciação manifesta-se enquanto niilista sem dizer que o é ao passo que o niilismo não é apresentado explicitamente por nenhuma palavra “niilismo”. Entretanto, as características niilistas, como apresentamos por meio das embreagens paratópicas transbordam do discurso e emergem por meio dos enunciados que o Homem do Subsolo lança sobre seus interlocutores e, com isso constroem um *ethos* com atributos marcadamente niilistas.

A descrição das SDs analisadas mostrou o niilismo, abrigado no discurso literário atravessado da ideologia niilista que caracterizou o período em que a obra foi publicada, o século XIX, desembocando em uma interpretação niilista identificada pelas embreagens. A materialidade discursiva manifestada nos dados que compõem o *corpus* reflete a defesa da ideologia niilista mostrada pelo *ethos* que o sujeito de enunciação constrói de si de modo empírico, isto é, sem necessidade de nomenclaturas metalinguísticas, fato que contribui tanto para a nulidade terminológica do niilismo quanto para sua manifestação ideológica através de características que nosso aporte teórico atribui ao niilismo.

As recategorizações feitas pelo Homem do Subsolo são muitas vezes negativas. O texto visto como o suporte do discurso, que, às vezes, o comporta, às vezes, não o suporta, e nesse não suportar obriga o alocutário a buscar fora dele a construção/produção dos sentidos para o texto materializado, também é o ponto de atrito com os discursos nele presentes.

O *ethos* se aproxima da imagem prévia que os interlocutores tem do tópico discursivo e as categorizações do Homem do Subsolo constroem uma imagem de si que permite a progressão textual rumo a um fechamento simbólico, o da significação sempre res-significada. Toda vez que o *ethos* atribui a si uma característica ele se referencia e cada referência feita atribui ao sujeito de enunciação uma imagem nova que res-significa o mesmo pela enunciação, pela construção do *ethos*, pela referenciação. O que renova, atualiza o sentido ao tempo que o constrói.

O *ethos* analisado foi também visto como um artifício para a retomada do sentido bem como para a possibilidade de progressão imagética constituinte do discurso. A imagem, ou seja, o *ethos* é referenciada por meio das recategorizações que as embreagens paratópicas trazem à tona. Desse modo, nossa análise resultou na identificação do sujeito enquanto ocupante de uma posição tópica em que seu discurso é aceitável no espaço que permite que o

dizer seja dito, ganhando força pelo lugar de onde o sujeito de enunciação sai e instaurando-se no âmbito sócio-histórico em que propaga a si próprio, pela ausência do “Eu sou niilista” é possível que o Homem do Subsolo diga todas as críticas que tem a fazer sobre a sociedade e a humanidade, pois se dissesse “Eu sou niilista” poderia ser expelido pelo discurso que lhe oportuniza a tribuna do dizer por meio das críticas sobre si mesmo e sobre os outros. Dessa forma, este trabalho observa que o sujeito de enunciação vive, nos termos de Maingueneau (2014a), de seu parasitado, o discurso literário, buscando nele os elementos necessários para fazer emanarem seus posicionamentos, suas convicções.

Conforme salienta Maingueneau (2014b), no discurso literário o *ethos* desempenha um papel de primeiro plano e visa instaurar mundos que ele torna sensíveis por seu próprio processo de enunciação. A participação do corpo enunciante por meio do imaginário está em primeiro plano. O sujeito de enunciação niilista manifesta-se discursiva e enunciativamente enquanto centro de radiação de sua “doutrina” alojando-se em um discurso literário que o abriga e nutre, dentre outros aspectos, com a possibilidade de dizer por meio de si para os outros.

O contexto acaba permitindo ao discurso significar além do próprio texto, mas a não ser que se ancore no real materializado no nível textual em apreço, o discurso não pode significar niilismo. A construção do sentido que chega a alcançar o discursivo mostra-se, depois de todo o exposto como sendo maior que o texto. Porém, se constrói sobre o texto até que transborde dele e seja compreendido discursivamente em efeitos de sentido.

No intuito de provocar uma metamorfose que anule a visibilidade parasitária do pertencimento que lhe confere o status de parasita, a entidade do plano ideológico pretende inculcar neste parasita que habita o discurso literário, o desejo de enunciação que permita tornar suas enunciações aceitáveis para por meio delas propagar suas ideologias neste lugar de enunciação, o tipo discursivo discurso literário, um suporte que não suportará plenamente seu dizer e nem permitirá que algo externo a si comprometa a estabilidade do próprio discurso sob pena de comprometer o caráter constituinte que o legitima o dizer. O momento em que as vozes de narrador e personagem se mesclam no âmbito discursivo identifica o Homem do Subsolo vivenciando suas memórias ao passo que nos fala delas, o que para Maingueneau (2014a) integra personagem e narrador ao discurso.

Pela presente análise, vimos que as marcas discursivas do niilismo percebidas por meio das embreagens paratópicas sublinham o niilismo fazendo com que o parasita se metamorfozeie via *ethos* em sujeito de enunciação niilista ao atingir a instância do dizer enquanto Homem do Subsolo. Nesse processo de deslocamento no tempo e espaço que

caracterizam a enunciação torna-se visível o cronotopo que faz do Homem do Subsolo um ser atemporal pelos espaços que ocupa, visita e revisita ao deslocar-se enunciativamente pelos espaços que o discurso literário representa por meio da escrita de suas memórias. A defesa da diversidade tópica e da instabilidade do pertencimento, da perenidade da ocupação do lugar, do púlpito erguido na enunciação literária faz com que o sujeito de enunciação aproveite até a exaustão a possibilidade de dizer e vença a morte corpórea adentrando na eternidade das ideias que suas enunciações pode permitir.

A tendência pela topia que tenta ser revestida pelo tempo, pela heterogeneidade e pelo paradoxal mostra a instabilidade e a impossibilidade de homogeneidade, o que se reflete nas múltiplas vozes que permeiam o discurso literário oriundas da subjetividade inquietante do Homem do Subsolo. Por isso achamos oportuno analisá-lo por meio das topias, ou seja, vê-lo permeado pelo tempo que age no espaço em que ele circula e percebe oscilações que vão do já ocorrido e rumam para o que pode voltar a ser, nisto temos o cronotopo. Vemos o Homem do Subsolo, também consciente de que por adentrar e por sair dos espaços que suas cenografias montam e desmontam por meio de suas enunciações, consciente de que é impossível habitar um só lugar para dizer e sair do nível mortal, ou seja, é pelo deslocamento, é habitando diversas topias que se atinge a transcendência, infiltra-se nos diversos lugares.

Por fim, o Homem do Subsolo, consciente da impossibilidade de vencer o tempo, de vencer a morte, de estabilizar-se para sempre, entende que não tem lugar fora de seu “subsolo” e precisa dizer isto para os outros, porque o que vê em si também está nos outros. Nossa análise entende que a paratopia é um atributo de todos e apenas sua instância social diferente, ou seja, os lugares sociais em que o sujeito se vê não lhes garante a estabilidade, a perenidade, e isto é um caractere que o Homem do Subsolo entende como sempiterno. Ao se deslocar pelas topias, o Homem do Subsolo marca-se como um niilista que, desloca-se até em si mesmo ao sair de uma instância de parasita e atingir status de sujeito mostrando-se niilista pelas embreagens com que constrói seu *ethos*. Por meio da enunciação, constrói um discurso que atravessa o tempo cronológico e chega até nós.

O *ethos* do Homem do Subsolo tem atributos niilistas marcados no discurso literário que suas memórias nos dizem. Ele transita por lugares distintos, heterogêneos e instáveis mostrando-se atemporal, diz enquanto EU, no aqui e no agora sem estar fixado em nenhum lugar e, por isso, seu discurso mostra o *ethos* de um sujeito de enunciação que se encontra em um cronotopo heterotópico e paratópico, o que pudemos mostrar pelas embreagens paratópicas caracterizadoras da imagem de si que o sujeito de enunciação constrói para seu *ethos* que em seus deslocamentos mostra-se do máximo ao mínimo em seu pertencimento.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. Imagens de si e esquematização do orador: Pétrain e De Gaulle em junho de 1940. in AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévsk*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CERVONI, Jean. *A enunciação*. Cap. 3: a enunciação. São Paulo: Ática, 1989.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHOSTAKOWSKY, Paulo. *História da literatura russa: desde as origens até os nossos dias*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- CRUZ, Talita Mochiute. Notas sobre o anti-herói em Dostoiévski e em Beckett in VASSOLER, Flávio Ricardo (org.). *Dostoiévski e Bergman: o niilismo da modernidade*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 93-106.
- DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. *Uma análise funcional da modalidade epistêmica*. São Paulo: Alfa. 40: 151-173, 1996.
- DISCINI, Norma. *Ethos e estilo*. in MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Lucina (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-53
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. p. 89. Campinas, SP: Pontes 1987.
- EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2012.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. p. 411-422. In. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio. In: *O Futuro de uma Ilusão: O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1931.
- GUIRADELLI, Lisângela A. SANTOS, Aparecida Cássia Oliveira dos. *A modalidade deôntica nas bulas de remédios*. 2010. (págs. 47-64). dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4039269.pdf. acesso em: 08/06/2015.
- KOCH, Igedore Grunfeld Vilaça et ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEMONS, Tércia Montenegro. *Gota d'água: um discurso retextualizador de Medéia*. Tese de doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos* in MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2014a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação* in AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014b.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 121.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MELLO, Renato de. & RODRIGUES, Sérgio Henrique. As instâncias enunciativas em A sogra, de Terêncio. In: MELLO, Renato de. (Org.). *Análise do discurso & literatura*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso da FALE-UFMG, 2005.
- MOURA, João Benvindo de. *Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-974H6D>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- MOURA, João Benvindo de. *O Piauí é aqui: a construção de imagens e os efeitos patêmicos em editoriais do jornal Meio Norte*. *Revista do GELNE*, v.12, n.1, 2010: Disponível em: http://www.gelne.org.br/Site/RevistaGelne/revistas.php?acao=conferir_revista&revista=10>. Acesso em: 08 nov. 2016.
- MOURA, João Benvindo de; MELLO, Renato. Argumentação e discurso em editoriais. In: ALVES FILHO, Francisco. *et al.* (Org.). *Investigações linguísticas interinstitucionais: léxico, texto e discurso*. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 11-56.
- NEVES, Janete dos Santos Bessa. *Corre voz no jornalismo do início do século XIX. Estudo semântico-enunciativo do Correio Brasiliense e da Gazeta de Lisboa*. Cap. 6. Jundiá-SP: Paço Imperial, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 34-45.
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 21-22.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 18-57.
- PECORARO, Rossano. *Nilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ROSA, Ismael Ferreira. *Procesos de subjetivação e percursos de sentiduralização na discursividade literária de Lygia Fagundes Telles*. Tese de doutorado. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2013.
- SALLES, Cecília de Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004. p. 19.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- VIALA, Alain. A eloquência galante: uma problemática da adesão. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.
- VIEIRA, José Magno de Sousa. Aspectos de formação da duplicidade discursiva do sujeito apático em *Como nossos pais*, de Belchior. In: MOURA, João Benvindo de; BATISTA

JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). *Discurso, memória e inclusão social*. Pipa Comunicação: Recife, 2015.

VOLPI, Franco. *O nihilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ANEXOS

| SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS | |
|------------------------|---|
| SD1 | [...] Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado... ... sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso)... Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais... Dizei-me: de que pode falar um homem decente, com o máximo prazer? Resposta: de si mesmo. Então, também vou falar de mim [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 15-18). |
| SD2 | [...] Já faz muito tempo que vivo assim: uns vinte anos. Tenho quarenta, agora... Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso. Não aceitava gratificações; no entanto, devia premiar-me ao menos desse modo. (É um mal gracejo, mas não vou tirá-lo. Escrevi-o pensando que sairia muito espirituoso; mas agora, percebendo que apenas pretendi assumir uma atitude arrogante e ignóbil, não o riscarei, de propósito! Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto a qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém. Conseguia isto quase sempre. Na maioria dos casos aparecia gente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 15-16). |
| SD3 | [...] Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha, nem honrado, nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso – que para nada serve – de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17) |
| SD4 | [...] Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter; e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada. Esta é a convicção dos meus quarenta anos. Estou agora com quarenta anos; e quarenta anos são, na realidade, a vida toda; de fato, isso constitui a mais avançada velhice. Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17) |
| SD5 | [...] Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas. Vou dizer isso na cara de todos os anciães respeitáveis e perfumados, de cabelos argênteos! Vou dizê-lo na cara de todo mundo! Tenho direito de falar assim, porque eu mesmo hei de viver até os sessenta! Até os setenta! Até os oitenta!... Um momento! Deixai-me tomar fôlego... [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17) |
| SD6 | Um homem direto, é que eu considero um homem autêntico, normal, como o sonhou a própria mãe carinhosa, a natureza, ao criá-lo amorosamente sobre a terra. Invejo um homem desses até o extremo da minha bÍlis. Ele é estúpido, concordo, mas talvez o homem normal deva mesmo ser estúpido, sabeis? Talvez isto seja até muito bonito. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 22) |
| SD7 | [...] Se tomarmos, por exemplo, a antÍtese do homem normal, isto é, o homem de consciência hipertrofiada, o homem saído naturalmente, não do seio da natureza, mas de uma retorta (já é um misticismo, senhores, mas eu suspeito isto também), o que se verifica, então, é que este homem de retorta a tal ponto chega a ceder terreno para a sua antÍtese que a si mesmo se considera, com toda a sua consciência hipertrofiada, um camundongo e não um homem. [...] |

| | |
|------|--|
| | (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 22) |
| SD8 | [...] Mas vejamos agora este camundongo em ação. Suponhamos, por exemplo, que ele esteja ofendido (quase sempre está) e queira vingar-se. Acumula-se nele, provavelmente, mais rancor que no <i>homme de la nature et de la vérité</i> . É possível que um desejo baixo, ignóbil, de retribuir ao ofensor o mesmo dano, ranja nele ainda mais ignobilmente que no <i>homme de la nature et de la vérité</i> , porque, este, devido à sua inata estupidez, considera sua vingança um simples ato de justiça; já o camundongo, em virtude de sua consciência hipertrofiada, nega haver nisso qualquer justiça. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 22-23) |
| SD9 | [...] O infeliz camundongo já conseguiu acumular, em torno de si, além da torpeza inicial, uma infinidade de outras torpezas, na forma de interrogações e dúvidas; acrescentou à primeira interrogação tantas outras não resolvidas que, forçosamente, se acumula ao redor dele certo líquido repugnante e fatídico, certa lama fétida, que consiste nas suas dívidas, inquietações e, finalmente, nos escarros- que caem sobre ele em profusão- dos homens de ação agrupados solenemente ao redor, na pessoa de juízes e ditadores, e que riem dele a mais não poder, com toda a capacidade das suas goelas sadias[...] (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 23) |
| SD10 | [...] Naturalmente, resta-lhe sacudir a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para sua fendazinha. Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores, e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação[...] (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 23) |
| SD11 | [...] Ele próprio se envergonhará dessa imaginação, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter acontecido, e nada perdoará. Possivelmente, começará a vingar-se, mas de certo modo interrompido, com miuçalhas, por trás do fogão, incógnito, não acreditando no direito nem no êxito da vingança e sabendo de antemão que todas estas tentativas de vindita vão fazê-lo sofrer cem vezes mais que ao objeto da sua vingança, pois este talvez não precise sequer coçar-se. No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com os juros acumulados em todo esse tempo e...[...] (DOSTOIEVSKI, 2009, p. 23-24) |
| SD12 | [...] Mas é exatamente neste frígido e repugnante semidesespero, nesta semicrença, neste consciente enterrar-se vivo, por aflição, no subsolo, por quarenta anos; nesta situação intransponível criada com esforço e, apesar de tudo, um tanto duvidosa, em toda esta peçonha dos desejos insatisfeitos que penetram no interior do ser; em toda esta febre das vacilações, das decisões tomadas para sempre e dos arrependimentos que tornam a surgir um instante depois, em tudo isto é que consiste o sumo daquele estranho prazer de que falei. Este prazer é a tal ponto sutil, e a tal ponto às vezes inapreensível à consciência, que as pessoas um pouquinho limitadas ou mesmo simplesmente as denervos fortes não compreenderão dele nem um pouco sequer[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24) |
| SD13 | [...] Eu vos inquieto, faço-vos mal ao coração, não deixo ninguém dormir. Pois não durmais, senti vós também, a todo instante, que estou com dor de dentes. Para vós, eu já não sou o herói, que anteriormente quis parecer, mas simplesmente um homem ruinzinho, um chenapan. Bem, seja! Estou muito contente porque vós me |

| | |
|------|--|
| | decifrares... Os meus gracejos, senhores, são naturalmente de mau gosto, desiguais, incoerentes, repassados de autoconfiança. Mas isto realmente ocorre porque eu não me respeito. Pode porventura um homem consciente respeitar-se um pouco sequer?[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 27-28). |
| SD14 | [...] O que suaviza, pois, em nós a civilização? A civilização elabora no homem apenas a multiplicidade de sensações e... absolutamente nada mais. E, através do desenvolvimento dessa multiplicidade, o homem talvez chegue ao ponto de encontrar prazer em derramar sangue. Bem que isto já lhe aconteceu[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36) |
| SD15 | [...] Notastes acaso que os mais refinados sanguinários foram quase todos cavalheiros civilizados, diante dos quais todos estes Átilas e Stienka Rázin não valem um caracol, e se eles não saltam aos olhos com a mesma nitidez de Átila e Stienka Rázin, é justamente porque são encontrados com demasiada frequência, são por demais comuns, e já não chamam a atenção[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36) |
| SD16 | [...] se o homem não se tornou mais sanguinário com a civilização, ficou com certeza sanguinário de modo pior, mais ignóbil que antes. Outrora, ele via justiça no massacre e destruição, de consciência tranquila, quem julgasse necessário; hoje, embora consideremos o derramamento de sangue uma ignomínia, e mais ainda que outrora. O que é pior? Decidi vós mesmos [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36-37) |
| SD17 | [...] Dizem que Cleópatra (desculpai-me este exemplo da história romana) gostava de cravar alfinetes de ouro nos seios de suas cativas, deleitando-se com seus gritos e convulsões. Direis que isto se deu numa época relativamente bárbara; que ainda vivemos numa época bárbara, porque (sempre de um ponto de vista relativo) ainda hoje se cravam alfinetes em seios; que, mesmo atualmente, embora o homem já tenha aprendido por vezes a ver tudo com mais clareza do que na época bárbara, ainda está longe de ter-se acostumado a agir do modo que lhe é indicado pela razão e pelas ciências [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 37) |
| SD18 | [...] Mas, apesar de tudo, estais absolutamente convictos de que ele há de se acostumar infalivelmente a fazê-lo, quando tiver perdido de todo alguns velhos hábitos e quando o bom senso e a ciência tiverem educado e orientado completa e normalmente a natureza humana [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 37) |
| SD19 | [...] Estais convictos de que, então, o homem deixará por si mesmo de enganar-se <i>deliberadamente</i> e, por assim dizer, a seu pesar não há de querer separar a sua vontade dos seus interesses normais. Mais ainda: então, dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza, de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.37) |
| SD20 | [...] Consequentemente, basta descobrir essas leis e o homem não responderá mais pelas suas ações, e sua vida se tornará extremamente fácil. Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos, até 108.000, e registrados num calendário; ou melhor ainda, aparecerão algumas edições bem-intencionadas, parecidas com os atuais dicionários enciclopédicos, nas quais tudo estará calculado e especificado com tamanha exatidão que, no mundo, não existirão mais ações nem aventuras. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 37) |

| | |
|------|--|
| SD21 | [...] É verdade, porém: o que não se há de inventar por fastio! Realmente, os alfinetes de ouro são enfiados em seios também por fastio, mas tudo isso não teria importância. O ruim (ainda sou eu que o digo) é que as pessoas então talvez se sintam felizes com alfinetes de ouro. Pois o homem é estúpido, de uma estupidez fenomenal. Ou melhor, embora ele não seja de todo néscio, não há nada no mundo que seja tão ingrato. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 38) |
| SD22 | [...] Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda a sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos na cintura, dizendo a todos nós: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?! Isto ainda não seria nada, mas lamentavelmente ele encontraria sem dúvida alguns adeptos: assim é o homem. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.38-39) |
| SD23 | [...] E tudo isso devido à mais fútil das causas, à qual, parece, quase nem valeria a pena referir-se: tudo precisamente porque o homem, seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, <i>decididamente se deve</i> (isto já é uma ideia minha) [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.39) |
| SD24 | [...] Uma vontade que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos mais absurdos, nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isto constitui aquela vantagem das vantagens que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido à qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos! E de onde concluíram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade normal, virtuosa? Como foi que imaginaram que ele, obrigatoriamente, precisa de uma vontade sensata, vantajosa? O homem precisa unicamente de uma vontade <i>independente</i> , custe o que custar essa independência e leve onde levar. Bem, o diabo sabe o que é essa vontade... [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.39) |
| SD25 | [...] O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo! Embora eu tenha dito realmente invejo o homem normal até a derradeira gota da minha bÍlis, não quero ser ele, nas condições em que o vejo (embora não cesse de invejá-lo. Não, não, em todo caso, o subsolo é mais vantajoso!) [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50-51). |
| SD26 | [...] Naquele tempo, eu tinha apenas vinte e quatro anos. Minha vida já era, mesmo então, desordenada e sombria até a selvageria. Não me dava com ninguém, evitava até conversar, e cada vez mais me encolhia em meu quarto. No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que os meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até – tinha esta impressão continuamente – pareciam olhar-me com certa aversão. Vinha-me à mente: porque ninguém, além de mim, sente ser olhado com aversão? [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 55-56). |
| SD27 | [...] Um homem decente cultivado não pode ser vaidoso sem uma ilimitada exigência em relação a si mesmo e sem se desprezar, em certos momentos, até o ódio. Mas quer desprezando, quer colocando as pessoas acima de mim, eu baixava os olhos diante de quase todos que encontrava. Fiz até algumas experiências: tolerarei sobre mim o olhar deste aqui, por exemplo? E era sempre o primeiro a baixar os olhos. Isto me torturava até o enfurecimento [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 57). |

| | |
|------|--|
| SD28 | [...] Temia, também, a ponto de adoecer, tornar-me ridículo, e, por isto, adorava como um escravo a rotina em tudo o que se relacionava com coisas exteriores; entregava-me amorosamente à vida cotidiana e comum e do fundo da alma assustava-me ao notar em mim alguma excentricidade. E como poderia deixar de ser assim? Eu era doentemente cultivado, como deve ser um homem de nossa época [...](DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 57). |
| SD29 | [...] Eles, pelo contrário, eram todos embotoados e parecidos entre si, como carneiros de um rebanho. É possível que eu fosse o único em toda a repartição a ter continuamente a impressão de ser um covarde e um escravo, e talvez tivesse esta impressão justamente porque era cultivado. Mas não se tratava apenas de impressão; isto se dava na realidade: eu era um covarde e um escravo [...](DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 57). |
| SD30 | [...] Digo-o sem qualquer acanhamento. Todo homem decente de nossa época é e deve ser covarde e escravo. É essa a condição normal. Estou profundamente convicto disso. Ele assim foi feito e para tal fim ajustado. E não só na época atual, em consequência de algumas circunstâncias fortuitas, mas, de modo geral, em todos os tempos, o homem decente deve ser covarde e escravo. É essa a lei da natureza para todos os homens decentes sobre a terra. Mesmo que suceda a algum deles mostrar-se corajoso frente a algo, mesmo que não se console nem se apaixone com isto, de qualquer modo, há de se acovardar diante de outras coisas. Tal é a saída única e sempiterna. Mostram-se corajosos unicamente os asnos e seus abortos, mas também estes apenas até determinado obstáculo. Não vale a pena sequer prestar-lhes atenção, porque não representam absolutamente nada [...](DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 57-58) |
| SD31 | [...] Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.62) |
| SD32 | [...] Até pancadas eu teria suportado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse... Oh, se aquele policial fosse dos que concordam em lutar em duelo! Mas não, era exatamente dos tais cavalheiros (ai, há muito desaparecidos!) que preferiam agir com tacos de bilhar ou, a exemplo do tenente Pirogóv, de Gógol, com o apoio das autoridades[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.63) |
| SD33 | [...] De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, fanzi o sombrolho e... chocamo-nos com força, ombro contra ombro! Não cedi um Vierchók e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje! [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 69) |
| SD34 | [...] Está claro que sofri golpe mais violento; ele era mais forte. Mas não era isto que importava. O que importava era que eu atingira o objetivo, mantivera a dignidade, não cedera nem um passo, e, publicamente, me colocava ao nível dele, do ponto de vista social[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.69-70) |
| SD35 | [...] Voltei para casa vingado de tudo. Meu estado era de arrebatamento. Triunfara, e ia cantando árias italianas. O oficial foi depois transferido não sei para onde, já faz uns quatorze anos que não o vejo. Por onde estará agora meu caro amigo? Em quem estará pisando?[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.70) |
| SD36 | [...] Encontrei ali mais dois colegas de escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois |

| | |
|------|--|
| | fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas. Nem mesmo na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá... deviam desprezar-me pelo fracasso de minha carreira de funcionário... era um sinal evidente da minha incapacidade e insignificância[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 75). |
| SD37 | [...] – Algum dia você morrerá, e morrerá que nem a defunta de hoje. Ela era... também uma moça... morreu tísica[...] – Mas por que vou eu morrer? – E então?! Agora você é jovem, bonita, viçosa, e por isto obtém um bom preço. Mas, depois de um ano desta vida, não será a mesma, vai murchar. [...] – Em todo o caso, daqui a um ano seu preço vai cair – prossegui com perversidade. – Vai passar daqui para alguma parte mais baixa, para uma outra casa. Depois de um ano mais, irá para uma terceira, cada vez mais baixo, e, daqui a uns sete anos, terá chegado à Siênaia, a um porão. E assim ainda seria bom[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 106) |
| SD38 | [...] Quanto a você, começa como escrava. Sim, escrava! Você entrega tudo, toda a vontade. E depois há de querer romper esta corrente, mas não é mais possível: ela irá emaranhá-la cada vez com mais força. Assim é esta maldita corrente. Eu a conheço. Agora não falo de outras coisas. Talvez você nem me compreendesse. Mas diga-me: certamente, você já tem dívida com a patroa? Bem se vê! – acrescentei, embora ela não me tivesse respondido, mas apenas ouvisse em silêncio, com todo o seu ser. – Aí tem você: isto é que é uma corrente! Você nunca mais há de comprar a sua liberdade. Assim tem de ser. É o mesmo que vender a alma ao diabo...[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 108) |
| SD39 | [...] A desgraça será se, além disto, aparecer-lhe alguma doença, bem, digamos uma fraqueza do peito... se você apanhar um resfriado ou alguma coisa no gênero. Com a vida que vocês levam é difícil curar uma doença. Se ela se agarrara a você, poderá não largá-la mais. E então você vai morrer.[...] Talvez eu seja ainda pior que você. Aliás, cheguei aqui bêbado – apressei-me, no entanto, a justificar-me. – Ademais, um homem, de modo nenhum, é exemplo para uma mulher. Os casos são diferentes; embora eu me emporcalhe todo, aqui não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora, desapareço. Sacudo a roupa e sou já um outro homem[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 106-108) |
| SD40 | [...] Naquela ocasião, apenas começaram as manobras habituais dos “olhares severos”, fiquei imediatamente fora de mim e, enfurecido, voltei-me contra ele. Mesmo sem aquilo, eu já estava por demais irritado. - Espere! – gritei enfurecido, quando ele se voltava lenta e silenciosamente, de mão para trás, a fim de se retirar para o seu quarto. – Espere! Volte, ordeno-lhe! Devo ter vociferado de modo tão incomum que ele voltou e se pôs a examinar-me até com certa surpresa. Aliás, continuava a não dizer palavra, e isto justamente é que me enraivecia. - Como se atreve a entrar no meu quarto sem pedir licença e a olhar-me deste modo? Responda! Mas, depois de me olhar tranquilamente durante cerca de meio minuto, ele |

| | |
|------|---|
| | <p>recomeçou a virar-se.</p> <p>-Espere! – rugi, correndo para junto dele. – Não se mova! Assim. Responda agora: para que veio olhar!</p> <p>-Se agora o senhor tem alguma coisa para me mandar fazer, a minha tarefa é executar – respondeu, depois de um novo silêncio, ciciando baixo e espaçadamente, as sobranceiras erguidas, e tendo girado calmamente a cabeça de cima de um ombro para o outro, e tudo isto com uma tranquilidade aterradora.</p> <p>-Não é isto, não é isto que estou perguntando a você, carrasco! – gritei, trêmulo de raiva. – Eu mesmo vou dizer a você, carrasco, para que vem até aqui: está vendo que não lhe pago o salário; você mesmo, por orgulho, não quer se inclinar e pedir, e vem para me castigar com seus olhares estúpidos, para me atormentar, e você, carrasco, nem su-u-uspeita como isto é estúpido, estúpido, estúpido, estúpido, estúpido!</p> <p>Recomeçou a voltar-se em silêncio, mas eu o segurei.</p> <p>-Ouça! – gritei-lhe. –Aqui está o dinheiro, você vê: está aqui! (Tirei-o da mesinha.) Todos os sete rubros, mas você não os receberá, não rece-e-berá até que venha respeitosamente, de cabeça baixa, pedir-me perdão. Está ouvindo?!</p> <p>Isto não pode ser! – respondeu ele, com certa autossuficiência nada natural.</p> <p>-Pois será! – gritei. – Dou-lhe a minha palavra de honra, será!</p> <p>-Mas eu não tenho do que pedir perdão ao senhor – continuou ele, parecendo não notar sequer os meus gritos -, pois foi o senhor quem me chamou de “carrasco”, e eu sempre posso queixar-me disso na polícia do bairro[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 131-132)</p> |
| SD41 | <p>[...] Mesmo em meus devaneios subterrâneos, nunca pude conceber o amor senão como uma luta: começava sempre pelo ódio e terminava pela subjugação moral; depois não podia sequer imaginar o que fazia com o objeto subjugado. E o que há de inverossímil nisso, se eu já conseguira apodrecer moralmente a ponto de desacostumar da “vida viva”, e haver tido a ideia de censurar Liza, de envergonhá-la com o fato de ter vindo a minha casa para ouvir “palavras piedosas”; mas eu mesmo não adivinharia que ela não viera absolutamente para ouvir “palavras piedosas”; mas eu mesmo não adivinhara que ela não viera absolutamente para ouvir palavras de piedade, mas para me amar, pois para a mulher é no amor que consiste toda a ressurreição; toda a salvação de qualquer desgraça e toda regeneração não podem ser reveladas de outro modo. [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.142)</p> |
| SD42 | <p>[...] – Adeus – disse ela, encaminhando-se para a porta. De repente, corri até ela, agarrei-lhe a mão, abri-a, coloquei ali... e tornei a fechá-la. E, no mesmo instante, me virei e corri o quanto antes para o outro canto a fim de não ver, pelo menos...</p> <p>Quis, ainda há pouco, mentir, escrever que eu fizera aquilo sem querer, não sabendo o que fazia, fora de mim, por tolice. Mas não quero mentir e, por isto, digo francamente que abri a mão dela e coloquei ali... por raiva[...]</p> |

| | |
|------|---|
| | (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 143) |
| SD43 | [...] Veio-me à mente fazê-lo quando eu corria de um canto a outro do quarto e ela estava sentada atrás do biombo. Mas eis o que posso dizer com certeza: cometi esta crueldade, ainda que intencionalmente, mas não com o coração, e sim com a minha cabeça má. Esta crueldade era tão artificial, mental, inventada, <i>livresca</i> , que eu mesmo não a suportei um instante sequer: a princípio, corri para o canto, a fim de não ver, e depois, presa de vergonha e desespero, precipitei-me atrás de Liza Abri a porta. Do apartamento e me pus a prestar atenção[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 143) |
| SD44 | [...] – Liza! – gritei, mais alto. Ela partira. Voltei pensativo para o meu quarto. Uma sensação terrivelmente penosa me dominava. Detive-me junto à mesa, ao lado da cadeira sobre a qual ela estivera sentada, e fiquei olhando com ar estúpido para a frente, cerca de um minuto se passou; de repente, estremeci todo: bem diante de mim, sobre a mesa, vi... numa palavra vi uma nota amassada, azul, de cinco rubros, aquela mesma que, um minuto antes, eu fechara em sua mão. Era aquela nota, outra não podia ser, não existia outra em casa. Quer dizer que ela tivera tempo de jogá-la sobre a mesa, no instante em que eu corra para o outro canto[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 143-144) |
| SD45 | [...] Pois bem, eu podia esperar que ela fizesse isto. Podia mesmo? Não. Eu era a tal ponto egoísta, respeitava, na realidade, tão pouco as pessoas que não podia sequer imaginar que ela o fizesse. – Não suportei aquilo. Um instante depois, como um insano, corri a vestir-me, joguei sobre mim o que pude, às pressas, e corri velozmente em sua perseguição. Ela não tivera ainda tempo de percorrer trezentos passos quando saí para a rua[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.144) |
| SD46 | [...] desacostumando-me de tudo o que é vivo por meio de um enraivecido rancor no subsolo, por Deus que não é interessante: um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados <i>intencionalmente</i> todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 145-146). |
| SD47 | [...] Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor. E por que nos agitamos às vezes, por que fazemos extravagâncias? O que pedimos? Nós não o sabemos[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 146) |
| SD48 | [...] Será pior para nós mesmos se forem satisfeitos os nossos extravagantes pedidos. Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desarmai a qualquer um de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante pediremos que se estenda novamente sobre nós a tutela. Sei que talvez ficareis zangados comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: “Fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer ‘todos nós’. Mas com licença, meus senhores, eu não me estou justificando com este <i>todos</i> [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.146) |

| | |
|------|--|
| SD49 | <p>[...] E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos. De modo que eu talvez esteja ainda mais “vivo” que vós. Olhai melhor! Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, vamos perder-nos; não saberemos a quem aderir, a quem nos ater, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que desprezar[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 146)</p> |
| SD50 | <p>[...] Para nós é pesado, até, ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, <i>próprios</i>; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram. Somos natimortos, já que não nascemos de pais vivos, e isto nos agrada cada vez mais. Em breve, inventaremos algum modo de nascer de uma ideia. Mas chega; não quero mais escrever “do Subsolo”... Aliás, ainda não terminaram aqui as “memórias” deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer um ponto final aqui mesmo[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 146-147)</p> |